

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS - UNISANTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
EDUCAÇÃO



DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**Valores Estéticos da Arquitetura Escolar  
como Símbolos Republicanos: um Portal  
para a Historiografia da Educação no  
Litoral Paulista**

GILSON BRAGA

SANTOS – SP

2025



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS - UNISANTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
EDUCAÇÃO

GILSON BRAGA

**Valores Estéticos da Arquitetura Escolar como Símbolos  
Republicanos: um Portal para a Historiografia da Educação  
no Litoral Paulista**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Saul.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina de Menezes.

SANTOS - SP

2025

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação  
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

---

B813m Braga, Gilson

2024 Valores Estéticos da Arquitetura Escolar como Símbolos Republicanos: um Portal para a Historiografia da Educação no Litoral Paulista. / 2025 Gilson Braga; Orientador: Alexandre Saul, coorientador: Maria Cristina de Menezes. – 2025

358 f.;  cm

Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Santos – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, 2025.

1. Historiografia da educação. 2. Cultura material escolar. 3. Valores estéticos. 4. Símbolos republicanos. 5. Arquitetura escolar republicana. I. Universidade Católica de Santos. II. Título. III. Pereira, Maria Aparecida Franco, Saul, Alexandre e Menezes, Maria Cristina de.

CDU: Ed. 1997 – 37(043.2)

---

Maria Rita C. Rebello Nastasi – CRB – 8/2240

## FOLHA DE APROVAÇÃO – DEFESA

Nome: Gilson Braga

Título: Valores Estéticos da Arquitetura Escolar como Símbolos Republicanos: um Portal para a Historiografia da Educação no Litoral Paulista.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos para obtenção do título de doutor em Educação.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Alexandre Saul – Universidade Católica de Santos – UNISANTOS  
Orientador

---

Prof. Dr. Ricardo Costa Galvanese – Universidade Católica de Santos - UNISANTOS  
Membro interno

---

Prof. Dr. Augustin Escolano Benito – Centro Internacional de la Cultura Escolar –  
CEINCE  
Membro externo

---

Prof. Dr. José Carlos de Melo – Universidade Federal do Maranhão – UFMA  
Membro externo

---

Pe. Dr. Alexander Marques da Silva - Mitra/Cúria Diocesana de Santos  
Membro externo



## **DEDICATÓRIA**

Dedico o meu trabalho a dois modelos de educadoras que foram significativas na minha vida: minha mãe e Prof.<sup>a</sup> Catharina Martins Braga (in memoriam), que me inspirou através da sua dedicação e da sua simplicidade, fazendo-me admirar o exercício do professor; a saudosa e eterna orientadora Prof.<sup>a</sup> Cida Franco (in memoriam), jeito carinhoso que todos a chamavam, sua forma de educar transcendia as relações institucionalizadas, exercendo praticamente um sacerdócio dentro da educação.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Primeiramente agradeço a Deus, pela graça concedida na minha saúde física, emocional, mental e espiritual, pois sem uma delas não teria condições de desenvolver qualquer ação na minha vida. Sou grato também a minha família, pelo apoio e incentivo de construir, desenvolver e manter os sonhos que foram conquistados por mim.

Agradeço ao Centro Paula Souza que me garantiu o afastamento de cinquenta por cento das aulas atribuídas para a pesquisa e o desenvolvimento desta tese, através do programa de incentivo institucional para capacitação de professores.

A Etec Dra. Ruth Cardoso – comunidade escolar, representada por direção, coordenação, professores, funcionários, alunos – ex-alunos e familiares que me proporcionaram informações e envolvimento diretamente com o objeto de pesquisa.

Aos amigos que colaboraram diretamente ou indiretamente, que estavam presentes nos momentos de desespero e tensão neste processo. A todos os amigos das disciplinas cursadas em conjunto, colegas de turma, grupo de pesquisa e professores no período do Mestrado e Doutorado que ocorreu desde 2017 a 2024 do PPGE da UniSantos, lugar em que fui acolhido, respeitado, incentivado a retomar minha vida de pesquisador.

Aos professores pesquisadores do PPGE da UniSantos em particular os de História e Historiografia da Educação Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Jr (orientador de mestrado), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Franco Pereira (primeira orientadora do doutorado) e Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira, pelas contribuições muito significativas, que deram uma amplitude para minha formação enquanto pesquisador, assim como para a investigação deste trabalho.

Aos PPGEs – FE-Unicamp, FE-USP, IEB-USP e Unifesp, por me permitir cursar disciplinas como aluno especial em seus programas; contribuindo substancialmente

através dos professores, alunos e pesquisadores apresentando-me novos olhares sobre Memória e Cultura Escolar, História e Historiografia da Educação.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa: Prof. Dr. Augustin Escolano Benito – Diretor del Centro Internacional de la Cultura Escolar – CEINCE, Prof. Dr. José Carlos de Melo – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Pe. Dr. Alexander Marques da Silva - Mitra/Cúria Diocesana de Santos e o Prof. Dr. Ricardo Costa Galvanese – Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, contribuíram para o desenvolvimento e os ajustes necessário para depósito e defesa desta tese.

Em especial a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Franco Pereira (in memoriam) que me acolheu como orientando, me proporcionou desenvolver um trabalho prazeroso e em conjunto; sempre respeitando e valorizando características da minha formação e trajetória de vida - incentivando, agregando e potencializando novos conhecimentos através das orientações, dicas, amizade, carinho e respeito.

Em particular aos professores: Prof. Dr. Alexandre Saul (Coordenador) do PPGE – UniSantos (Orientador) – (Professor da Linha de Pesquisa: “Políticas e práticas de formação de professores” e Coordenador do Grupo de Pesquisa: Currículo e Formação de Professores: Diálogo, conhecimento e justiça social) e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina de Menezes – (Coordenadora do CIVILIS, Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania) do PPG – FE/Unicamp (Coorientadora), me acolheram carinhosamente como orientando de forma generosa e dispostos para desenvolver em parceria uma tarefa difícil – dar continuidade nas orientações para a realização da minha tese.

“... me esforcei para compreender a sabedoria, bem como a loucura e a insensatez,  
mas aprendi que isso também é correr atrás do vento.”

Eclesiastes - 1: 17

## RESUMO

BRAGA, Gilson. **Valores Estéticos da Arquitetura Escolar como Símbolos Republicanos: um Portal para a Historiografia da Educação no Litoral Paulista**. 2025. 358 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, Santos, 2025.

Esta pesquisa se propõe investigar os símbolos e os valores estéticos inseridos na arquitetura escolar republicana, que se apresentou na passagem do século XIX para o século XX, como um meio na produção dos saberes para a comunidade caíçara. O objeto de investigação é o atual edifício escolar da Etec Dra. Ruth Cardoso no município de São Vicente/SP; esse edifício escolar traz nele mesmo, um percurso historiográfico significativo para educação; que ocorre desde sua implantação e construção da “Escola do Povo” (1893-1898), sua transformação no Primeiro “Grupo Escolar de São Vicente” (1913) e suas sucessivas mudanças no decorrer do século XX. Se os grupos escolares foram designados para unificar um projeto educacional na implantação da república brasileira; podemos acreditar que a cidade burguesa cafeeira do litoral paulista, buscou civilizar e educar a comunidade caíçara; através da estética e dos símbolos utilizados: no projeto, por padronização, na inserção e da utilização: do edifício, do mobiliário e do uniforme escolar; com preceitos de controle, disciplinarização e higienização. A fundamentação teórica buscou explorar as contribuições de diversos autores em relação a diferentes aspectos relacionados à pesquisa. Dentre eles destacam-se: Viñao Frago com Escolano Benito (2001) - panorama espanhol e Faria Fº - panorama nacional (2014), que sinalizam questões subjacentes à arquitetura escolar e seu papel na construção da identidade e da experiência educacional dos indivíduos. Tais autores ajudam a abordar as questões relacionadas ao espaço físico da escola, sua influência na formação educacional e cultural, bem como sua relevância como objeto de estudo nesta pesquisa. A metodologia adotada é de caráter exploratório de cunho qualitativo e bibliográfico referente ao tema e aos assuntos abordados nesta investigação, o que possibilitou o



mapeamento de diferentes fontes: como documentos particulares e públicos: escritos e iconográficos, matérias publicadas na imprensa escrita e virtual, angariados nos acervos dos arquivos existentes na região da Baixada Santista. O processo de investigação buscou qualificar os valores estéticos e apresentar as características dos símbolos republicanos conectados à arquitetura escolar e assim entender as relações sociais, políticas, econômicas e culturais atuantes na região, e suas especificidades com a comunidade caiçara. O processo de análise permitiu identificar como as sensibilidades, emoções e afetos do ideário republicano constituiu o modelo de escola primária no litoral paulista; não apenas como uma produção material, mas também um grande portador de símbolos expressos na produção de conhecimentos; o que exigiu um olhar mais atencioso para o assunto, algo que é além da materialidade; porque é também um grande portador de significados.

**Palavras-chave:** Historiografia da educação, Arquitetura escolar republicana, Valores estéticos, Símbolos republicanos e Sentidos e sensibilidades.

## ABSTRACT

BRAGA, Gilson. **Aesthetic Values of School Architecture as Republican Symbols: a Portal for the Historiography of Education on the São Paulo Coast.** 2025. 358 f. Thesis (Doctorate in Education) – Catholic University of Santos, Santos, Santos, 2025.

This research aims to investigate the symbols and aesthetic values inserted in republican school architecture, which appeared at the turn of the 19th century to the 20th century, as a means of producing knowledge for the caçara community. The object of investigation is the current school building of Etec Dra. Ruth Cardoso in the municipality of São Vicente/SP; this school building brings within itself a significant historiographical path for education; which has occurred since its implementation and construction of the “Escola do Povo” (1893-1898), its transformation into the First “Grupo Escolar de São Vicente” (1913) and its successive changes throughout the 20th century. If the school groups were designed to unify an educational project in the implementation of the Brazilian republic; We can believe that the bourgeois coffee city on the coast of São Paulo sought to civilize and educate the caçara community; through the aesthetics and symbols used: in the project, through standardization, in the insertion and use: of the building, furniture and school uniform; with precepts of control, discipline and hygiene. The theoretical foundation sought to explore the contributions of different authors in relation to different aspects related to research. Among them, the following stand out: Viñao Frago with Escolano Benito (2001) - Spanish panorama and Faria Fº - national panorama (2014), which highlight issues underlying school architecture and its role in the construction of individuals' identity and educational experience. These authors help to address issues related to the physical space of the school, its influence on educational and cultural formation, as well as its relevance as an object of study in this research. The methodology adopted is of an exploratory nature of a qualitative and bibliographic nature regarding the theme and subjects covered in this investigation, which made it possible to map different sources: such as private and public documents: written and iconographic, materials

published in the written and virtual press, collected in the existing archive collections in the Baixada Santista region. The investigation process sought to qualify the aesthetic values and present the characteristics of republican symbols connected to school architecture and thus understand the social, political, economic and cultural relations operating in the region, and their specificities with the caiçara community. The analysis process made it possible to identify how the sensibilities, emotions and affections of republican ideology constituted the primary school model on the coast of São Paulo; not only as a material production, but also a great bearer of symbols expressed in the production of knowledge; which required a more attentive look at the subject, something that is beyond materiality; because it is also a great carrier of meaning.

**Keywords:** Historiography of education, Republican school architecture, Aesthetic values, Republican symbols and Senses and sensibilities.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Representações da vida social (1972) .....                                                                                                                             | 15 |
| Figura 2: Representações da vida escolar (1971 e 1972) .....                                                                                                                      | 16 |
| Figura 3 - Representações da vida religiosa, cívica e cultural (1972) .....                                                                                                       | 17 |
| Figura 4: Representações da vida escolar, social, cultural e artística (1976) .....                                                                                               | 18 |
| Figura 5: Desejo inocente .....                                                                                                                                                   | 19 |
| Figura 6: Fachadas das Escolas em Santos/SP (1981 – 1982) .....                                                                                                                   | 20 |
| Figura 7: Fachada dos Edifícios (trabalho e estudo): “Mantenedora” SVSL (Sociedade Visconde de São Leopoldo) e Colégio do Carmo em Santos/SP .....                                | 21 |
| Figura 8: Edifício da FAUS e Atelier da FAUS (Atividades Práticas) .....                                                                                                          | 22 |
| Figura 9: Três Edifícios Escolares “Atividade Profissional” .....                                                                                                                 | 22 |
| Figura 10: Correlações das Temáticas Abordadas na Tese .....                                                                                                                      | 40 |
| Figura 11: Planta e Perspectiva Interna do Espaço Religioso .....                                                                                                                 | 29 |
| Figura 12: Planta e Perspectiva Interna do Espaço do Teatral .....                                                                                                                | 30 |
| Figura 13: Planta e Perspectiva Interna do Espaço Escolar - Sala de Aula .....                                                                                                    | 31 |
| Figura 14: Documentos Oficiais: Ata de Implantação da Escola do Povo (1893) – Anuario Escolar SP (1909/1910) – Diário Oficial (Implantação da Etec Dra Ruth Cardoso - 2009) ..... | 47 |
| Figura 15: Reportagens de diferentes períodos históricos da escola - “Escola do Povo” e “Grupo Escolar de São Vicente” .....                                                      | 49 |
| Figura 16: Iconografia angariada de Jornais e Impressos Comemorativos .....                                                                                                       | 55 |
| Figura 17: Antiga Escola do Povo 1915 - Edifício Escolar 1905 – Grupo Escolar de São Vicente – 1923 .....                                                                         | 59 |
| Figura 18: Representação Gráfica (Desenho): Armazém Secos e Molhados - “Escola do Povo” - Igreja da Matriz em São Vicente .....                                                   | 62 |
| Figura 19: Painéis Cronológico e Iconográfico do Edifício Escolar .....                                                                                                           | 64 |
| Figura 20: Pinturas: Ponte Pênsil - São Vicente/SP e Praia do Gonzaguinha - Morro dos Barbosas Postais: Praia do José Menino e Praia do Gonzaga .....                             | 65 |
| Figura 21: Representação da cultura caiçara .....                                                                                                                                 | 66 |

|                                                                                                                                                                                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 22: Iconografia Gráfica Impressa: “Escola do Povo” / IV Centenário do Descobrimento do Brasil – Antão de Moura.....                                                                          | 67  |
| Figura 23: Mapa: A Vila de São Vicente – 1876 (Ministério da Marinha – Planta Hidrográfica – Barra e Porto de Santos – Barão de Teffé).....                                                         | 69  |
| Figura 24: Jules Martin; O mapa de Santos “detalhado” e croqui do centro de São Vicente .....                                                                                                       | 70  |
| Figura 25: Mapa lúdico Ilustrativo; Mapa do Centro de São Vicente - 1852 e Loteamento - séc. XIX.....                                                                                               | 71  |
| Figura 26: Reprodução da Fachada (N. 1) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo .....                                                                              | 78  |
| Figura 27: Reprodução da Planta (N. 2) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo .....                                                                               | 79  |
| Figura 28: Reprodução do Corte (N. 3) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo .....                                                                                | 80  |
| Figura 29: Planta da “Escola do Povo” com ampliação do “Grupo Escolar S. Vicente” .....                                                                                                             | 82  |
| Figura 30: Reconstituição e Reprodução Gráfica em Perspectiva da “Escola do Povo” (Escola Adaptada ao Armazém) em 1893.....                                                                         | 85  |
| Figura 31: Reconstituição e Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea do (Edifício Escolar) “Escola do Povo” em 1898 .....                                                                  | 85  |
| Figura 32: Reconstituição e Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea do (Novo acréscimo construtivo ao Edifício Escolar existente) “Grupo Escolar de São Vicente” (O Grupão) em 1913 ..... | 86  |
| Figura 33: Desenho Representativo da Fachada e Perspectiva Aérea Sucessivas Denominações no Decorrer do Século XX.....                                                                              | 86  |
| Figura 34: Localização Geográfica do Estado de São Paulo, Baixada Santista e Ilha de São Vicente .....                                                                                              | 98  |
| Figura 35: Desenhos de Jules Martin, 1878 (Mapa de Santos – com legendas, fachadas dos principais edifícios e um pequeno desenho esquemático do centro de São Vicente).....                         | 99  |
| Figura 36: Vila de São Vicente – Século XVIII .....                                                                                                                                                 | 102 |

|                                                                                                                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 37: Vista panorâmica de dois ângulos da Igreja da Matriz e seu entorno – 1903 .....                                                                                                        | 104 |
| Figura 38: Praia de São Vicente sentido Santos – momentos distintos da paisagem – sem e com a intervenção humana “arruamento” .....                                                               | 105 |
| Figura 39: Mudança significativa na paisagem – “Praia do Itararé” – mesma paisagem a natural (animais e natureza) e a transformada (arruamento, loteamento, iluminação pública e transporte)..... | 106 |
| Figura 40: Escola do Povo (Diferentes Registros Iconográficos) .....                                                                                                                              | 137 |
| Figura 41: Reprodução da Paisagem da Escola do Povo - Igreja da Matriz e o entorno .....                                                                                                          | 138 |
| Figura 42: Duas imagens distintas representando a edificação (possível) Escola do Povo próxima da Igreja da Matriz .....                                                                          | 139 |
| Figura 43: Recorte do Cabeçalho do Registro da Ata “Secretaria da Escola do Povo” (constituição da Escola do Povo – datado em 03.01.1893) .....                                                   | 141 |
| Figura 44: Armazém “Secos e Molhados” do século XIX no Brasil e A Merceria 1930 – São Vicente .....                                                                                               | 143 |
| Figura 45: Representação Gráfica (Planta e Perspectiva) da Reconstituição do Armazém Secos e Molhados adaptado para a Escola do Povo .....                                                        | 149 |
| Figura 46: Edifícios Escolares em Santos (séc. XIX e XX) - Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, Grupo Escolar Barnabé e Instituto Dona Escolástica Rosa.....                                         | 153 |
| Figura 47: Características Estéticas e Simbólicas do Edifício Escolar da Escola do Povo em Campinas com a proposta da Escola Modelo Anuário 1907/1908 .....                                       | 156 |
| Figura 48: Fachada do Edifício Escolar “Escola do Povo” – Eixo de Simetria (lado direito é simétrico ao lado esquerdo) .....                                                                      | 160 |
| Figura 49: Características estilísticas ornamentadas do conjunto do Edifício Escolar – Escola do Povo .....                                                                                       | 164 |
| Figura 50: Composição do pórtico de entrada superior do Edifício Escolar .....                                                                                                                    | 165 |
| Figura 51: Características estéticas e simbólicas de diferentes edifícios .....                                                                                                                   | 167 |
| Figura 52: Diferentes tipos de frontões triangulares e suas respectivas características estéticas e classificação .....                                                                           | 168 |

|                                                                                                                                                                                            |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 53: Edifício Escolar “Escola do Povo” - composição do Frontão na fachada e seus ornamentos simbólicos .....                                                                         | 170 |
| Figura 54: Edifícios Escolares – escadaria em duas partes.....                                                                                                                             | 172 |
| Figura 55: Características Arquitetônicas de Edifícios – escadaria circular .....                                                                                                          | 173 |
| Figura 56: Estrutura de um telhado de 4 águas – telha francesa e a composição do telhado na representação gráfica em perspectiva do edifício escolar .....                                 | 175 |
| Figura 57: Reconstituição – 1ª Possibilidade da Planta do Edifício Escolar no ano de 1898 .....                                                                                            | 179 |
| Figura 58: Reconstituição – 2ª Possibilidade da Planta do Edifício Escolar no ano de 1898 .....                                                                                            | 180 |
| Figura 59: Configuração de projetos desenvolvidos em diferentes décadas do período em estudo.....                                                                                          | 183 |
| Figura 60: Tipologia das Plantas com pátios internos nos projetos para os Grupos Escolares do Estado de São Paulo – (seis distintos modelos de espaços escolares).....                     | 187 |
| Figura 61: Planta do Edifício Escolar do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente – 1911 .....                                                                                                | 188 |
| Figura 62: Primeira Reprodução de Possibilidade para o Acréscimo do Grupo Escolar com o Pavimento Térreo do Edifício Anterior .....                                                        | 190 |
| Figura 63: Segunda Reprodução de Possibilidade para o Acréscimo do Grupo Escolar (com maior número de salas) com o Pavimento Térreo do Edifício Anterior ....                              | 191 |
| Figura 64: Reprodução Gráfica (Plantas, Fachadas e Perspectivas) do Edifício Escolar da Escola do Povo – 1898, ao lado com acréscimo do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente – 1911 ..... | 193 |
| Figura 65: Representações da Cultura Caiçara do século XX: pesca na Praia Grande 1940 - Annita Mafalitti e menino jogando tarrafa – década 70 .....                                        | 196 |
| Figura 66: Símbolos, Valores Estéticos e Modelos de Escola Republicana no Brasil (Quadro de Pedro Bruno e Escola Caetano de Campos) .....                                                  | 197 |
| Figura 67: Ideário Republicano no Litoral Paulista: Rui Barbosa – Jornalistas “Diário de Santos”, Benedito Calixto e elite paulista e vicentina “crianças da elite” .....                  | 198 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 68: Características da População do Litoral (Miscigenação – em sua maioria indígenas e negros “escravos”) – “Crianças – Convívio Social” .....                                                                                                               | 200 |
| Figura 69: Representação Simbólica da Supremacia Branca em detrimento aos negros escravos .....                                                                                                                                                                     | 201 |
| Figura 70: Contrastes Sociais – Relação Trabalho Idealizado pela Política Republicana e Trabalho Subsistência da Comunidade Caiçara.....                                                                                                                            | 203 |
| Figura 71: “Cultura Caiçara” - Tradicional Residência Caiçara - Relação do Trabalho Comunitário .....                                                                                                                                                               | 204 |
| Figura 72: Assentamento Tradicional da Comunidade Caiçara e Trabalho Comunitário – Século XIX.....                                                                                                                                                                  | 205 |
| Figura 73: Celebrações do Convívio Social Republicano em Santos - Carro funerário e Inauguração da Monumento Praça da Independência.....                                                                                                                            | 207 |
| Figura 74: “Escolarização Urbana” – Homogeneidade Prática Cultural de Civilidade no Ambiente Urbano – Comportamento “Forjado” da Criança em relação a Cidade .....                                                                                                  | 208 |
| Figura 75: “Desconexão ao Ambiente Urbano” – Comportamento Natural das Crianças com o espaço em transformação .....                                                                                                                                                 | 208 |
| Figura 76: Relações de Apropriação da Sociedade Burguesa nos Espaços da Comunidade Caiçara.....                                                                                                                                                                     | 210 |
| Figura 77: Santos: Contrastes - 1875 – Pacata Vida do Caiçara e 1919 – Efervescência da Belle Époque Santista .....                                                                                                                                                 | 211 |
| Figura 78: Contrastes de Utilização no Meio Ambiente.....                                                                                                                                                                                                           | 213 |
| Figura 79: Contrastes de Utilização no Meio Ambiente – Traços Coloniais X Traços Republicanos.....                                                                                                                                                                  | 214 |
| Figura 80: Ambiente Construído X Ambiente Natural: O visual do cenário construído, prevalece o mar e o horizonte natural - Monumentalidade do Edifício Escolar (primeiro plano) no Projeto Urbanístico Republicano, idealizado por políticos e elite cafeeira ..... | 216 |
| Figura 81: Vista Panorâmica da Cidade de São Vicente.....                                                                                                                                                                                                           | 218 |
| Figura 82: Meio de Transporte – São Vicente – Santos.....                                                                                                                                                                                                           | 218 |
| Figura 83: Edifício Escolar – Instituto Dona Escolástica Rosa .....                                                                                                                                                                                                 | 220 |



|                                                                                                                                                                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 84: Edifício da “Recebedoria de Rendas” em Santos 1902 e o Edifício da “Escola do Povo” em São Vicente – 1902 (municípios vizinhos da Ilha de São Vicente) .....                                           | 221 |
| Figura 85: Relações das Crianças “Burguesas” com os Artefatos Cenográficos Republicanos.....                                                                                                                      | 223 |
| Figura 86: “Brincadeiras” “Sentidos e Afetos” das Crianças em São Vicente – (relações sociais com adultos, crianças burguesas e com os familiares pescadores) .....                                               | 225 |
| Figura 87: Santos - A Cidade Rica Cidade Portuária do Café.....                                                                                                                                                   | 229 |
| Figura 88: Paisagem natural do município de São Vicente .....                                                                                                                                                     | 230 |
| Figura 89: Contraste - Sociedade Burguesa - Banho de Mar (adultos e crianças) – Comunidade Caiçara – Pesca de Arrastão .....                                                                                      | 231 |
| Figura 90: Hierarquia Social no Espaço Escolar (disposição entre alunos e professor no edifício escolar) e econômica (representado por roupas e calçados) .....                                                   | 235 |
| Figura 91: Comunicados Jornais sobre as Aulas Inaugurais da Escola do Povo – 1893 .....                                                                                                                           | 238 |
| Figura 92: Reportagem jornalística – Pedra Fundamental do Edifício Escolar .....                                                                                                                                  | 239 |
| Figura 93: Início das Obras do Edifício Escolar.....                                                                                                                                                              | 240 |
| Figura 94: Reportagem – Auxílio do Governo Estadual para Escola do Povo – (Denúncia – Falsificação de Documentos, Contratos) .....                                                                                | 240 |
| Figura 95: Recortes do Relatório Técnico para Tombamento do Edifício Escolar ..                                                                                                                                   | 243 |
| Figura 96: Reportagem da unificação das escolas do município no edifício Escola do Povo .....                                                                                                                     | 244 |
| Figura 97: Reconhecimento do Grupo Escolar de São Vicente pelo Governo Estadual .....                                                                                                                             | 245 |
| Figura 98: Certificado de Conclusão do 4º Ano – Grupo Escolar de São Vicente - em 20.12.1926 - aluno Silvério Pandozzi Júnior .....                                                                               | 246 |
| Figura 99: Profa. Dona Marietta (1º Ano) e Profª Dona Alzirah Becker – (3º e 4º Ano) (1937-1938) - Certificado de Conclusão do 4º Ano – Grupo Escolar de São Vicente - em novembro/1938 – aluna Neyde Tadeu ..... | 247 |

|                                                                                                                                                                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 100: Reportagens do Jornal “A Tribuna” – Diferentes Décadas – 04.08.1963 (Edison T. Azevedo) – 13.06.1989 (Adamastor Amado Stoffel) – 26.07.2004 (Luiz Gomes Otero).....                                           | 248 |
| Figura 101: Registros (Reportagens) anexados – solicitação de tombamento em 17.08.2004 – IHGSV (Fernando Martins Lichti).....                                                                                             | 249 |
| Figura 102: Implantação da Etec Dra. Ruth Cardoso, Tombamento Municipal e Estadual do Edifício Escolar.....                                                                                                               | 250 |
| Figura 103: Encerramento do ano letivo das escolas públicas de São Vicente, em 10.12.1904, na esquina da rua XV de Novembro com rua Jacob Emmerich - Intendente Salvador Leal e o Inspetor Literário Militão Azevedo..... | 254 |
| Figura 104: Professor e Maestro Antônio Pedro de Jesus - Banda Infantil da Escola do Povo .....                                                                                                                           | 260 |
| Figura 105: Evento Social Escolar Período Republicano .....                                                                                                                                                               | 264 |
| Figura 106: Comemoração dentro do Edifício Escolar – Composição das professoras com as alunas escolarizadas com os ornamentos e estéticas simbólicos do Ideário Republicano .....                                         | 267 |
| Figura 107: Comemoração dentro do Edifício Escolar – Composição dos Alunos Escolarizados com os Ornamentos e estéticas simbólicos do Ideário Republicano .....                                                            | 268 |
| Figura 108: Cultura Caiçara – Representação Iconograficamente de Forma Pitoresca .....                                                                                                                                    | 270 |
| Figura 109: Cultura Caiçara: aprendizagem das crianças com adultos – diversos espaços geográficos da região (pesca, pecuária, agricultura...) .....                                                                       | 273 |
| Figura 110: Primeiros processos de exploração da Cultura Caiçara – participação da criança no processo de segregação infantil e Vida Urbana – Infância juntos aos conflitos de segregação social e urbana .....           | 275 |
| Figura 111: Exclusão Escolar.....                                                                                                                                                                                         | 282 |
| Figura 112: Edifício Escolar – 1º Grupo Escolar de São Vicente (Grupão) – Antiga Escola do Povo .....                                                                                                                     | 284 |
| Figura 113: A criança e o aluno: características visivelmente excludentes - vestimenta e acessórios da criança caiçara e do aluno escolarizado .....                                                                      | 285 |

|                                                                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 114: Reconstituição: Escola do Povo (1893) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado .....               | 286 |
| Figura 115: Reconstituição: Escola do Povo (1898) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado .....               | 287 |
| Figura 116: Reconstituição: Grupo Escolar de São Vicente (1911) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado ..... | 287 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |                                                                           |
|------------|---------------------------------------------------------------------------|
| BDTD       | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações                                |
| Capes      | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior               |
| Etec       | Escola Técnica Estadual                                                   |
| Liame      | Laboratório de Informação, Arquivo e Memória Educação na Baixada Santista |
| PPGE       | Programa de Pós-Graduação em Educação                                     |
| UNISANTOS  | Universidade Católica de Santos                                           |
| UniSantos  | Universidade Católica de Santos                                           |
| FE-Unicamp | Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas                |
| FE-USP     | Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo                        |
| IEB-USP    | Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo             |
| Unifesp    | Universidade Federal do Estado de São Paulo                               |
| CEINCE     | Centro Internacional de la Cultura Escolar                                |
| UFMA       | Universidade Federal do Maranhão                                          |
| EEPG       | Escola Estadual de Primeiro Grau                                          |
| FACOS      | Faculdade de Comunicação de Santos                                        |
| SVSL       | Sociedade Visconde de São Leopoldo                                        |
| FAFIS      | Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Santos                         |
| FAUS       | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos                            |
| ECA-USP    | Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo                |
| FAU-USP    | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo         |
| IPHAN      | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional                    |

|            |                                                                                                       |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CONDEPHAAT | Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo |
| CONDEPHASV | Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico de São Vicente                     |
| NEPHArqE   | Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar                                      |
| UFPR       | Universidade Federal do Paraná                                                                        |
| RIDPHE     | Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico-Educativo                 |
| CIVILIS    | Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania                     |
| CME/USP    | Centro de Memória da Educação                                                                         |
| UDESC      | Universidade do Estado de Santa Catarina                                                              |
| UFSC       | Universidade Federal de São Carlos                                                                    |
| UFPeI      | Universidade Federal de Pelotas                                                                       |
| UNB        | Universidade de Brasília                                                                              |
| UFAC       | Universidade Federal do Acre                                                                          |
| CPS        | Centro Paula Souza                                                                                    |
| CODESAVI   | Companhia de Desenvolvimento de São Vicente                                                           |
| Unirio     | Universidade do Rio de Janeiro                                                                        |
| UERG       | Universidade do Estado do Rio de Janeiro                                                              |
| Unesp      | Universidade do Estado de São Paulo                                                                   |
| UFES       | Universidade do Estado do Espírito Santo                                                              |
| CEETEPS    | Centro de Educação Tecnológica “Paula Souza”                                                          |
| IHGVS      | Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente                                                       |
| FAMS       | Fundação Arquivo e Memória de Santos                                                                  |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1: Pesquisa dos Estudos Correlatos da Tese – Artigos, Dissertações e Teses (1997 – 2021)..... | 16  |
| Tabela 2: Linhas, Grupos e Projetos de Pesquisa – (História da Educação - Arquitetura Escolar) ..... | 21  |
| Tabela 3: Fontes Documentais (Arquivos, documentos e assuntos).....                                  | 43  |
| Tabela 4: Municípios, Instituições e Verbas - 1907 .....                                             | 256 |
| Tabela 5: Municípios, Instituições e Verbas - 1908 .....                                             | 256 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                   |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Memorial Pessoal .....</b>                                                                                                                     | <b>14</b>  |
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                        | <b>29</b>  |
| <b>1.1 Arquitetura Escolar - Valores Estéticos – Símbolos Republicanos – Estudos Correlatos .....</b>                                             | <b>14</b>  |
| <b>2. CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>                                                                                                               | <b>27</b>  |
| <b>2.1. Investigação nos arquivos e acervos.....</b>                                                                                              | <b>35</b>  |
| <b>2.2. Documentos escritos.....</b>                                                                                                              | <b>46</b>  |
| 2.2.1. Jornais Impressos.....                                                                                                                     | 48         |
| <b>2.3. Documentos Iconográficos .....</b>                                                                                                        | <b>50</b>  |
| 2.3.1. Fotografias.....                                                                                                                           | 58         |
| 2.3.2. Desenhos, Pinturas e Gravuras.....                                                                                                         | 62         |
| 2.3.3. Mapas, Croquis e Projetos Arquitetônicos.....                                                                                              | 68         |
| <b>2.4. Tratamento das fontes.....</b>                                                                                                            | <b>83</b>  |
| <b>3. MEMÓRIA E CULTURA MATERIAL ESCOLAR – IDEÁRIO REPUBLICANO .....</b>                                                                          | <b>88</b>  |
| <b>3.1. Memória e Cultura Material Escolar.....</b>                                                                                               | <b>89</b>  |
| <b>3.2. Ideário Republicano .....</b>                                                                                                             | <b>91</b>  |
| 3.2.1. Materialização dos Símbolos Republicanos .....                                                                                             | 94         |
| 3.2.2. Valores Estéticos Republicanos .....                                                                                                       | 95         |
| <b>4. LITORAL PAULISTA – A ILHA E A CIDADE DE SÃO VICENTE – A CULTURA CAIÇARA.....</b>                                                            | <b>97</b>  |
| <b>4.1. Contexto histórico e geográfico – Processo de urbanização: organização, transformação e contrastes na cidade e região litorânea .....</b> | <b>98</b>  |
| <b>4.2. Cultura caiçara x ideário republicano .....</b>                                                                                           | <b>108</b> |
| 4.2.1. Reflexões.....                                                                                                                             | 114        |
| <b>5. O EDIFÍCIO ESCOLAR “ESCOLA DO POVO – “PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE SÃO VICENTE” .....</b>                                                      | <b>115</b> |

|                                                                                                                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>5.1. Panorama da arquitetura e espaço e currículo escolar Republicano.....</b>                                                                                 | <b>115</b> |
| 5.1.1. Características da Arquitetura e do Espaço Escolar.....                                                                                                    | 118        |
| 5.1.2. Influência da Arquitetura no Currículo Escolar .....                                                                                                       | 121        |
| <b>5.2. Implantação da Escola do Povo (1898) .....</b>                                                                                                            | <b>128</b> |
| 5.2.1. Primeira Escola.....                                                                                                                                       | 136        |
| <b>5.3. CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DA “ESCOLA DO POVO” (1898) .....</b>                                                                                               | <b>151</b> |
| 5.3.1. Características Arquitetônicas (Estéticas e Simbólicas) do Edifício Escolar – “Escola do Povo” .....                                                       | 159        |
| <b>5.4. TRANSFORMAÇÃO NO ANTIGO EDIFÍCIO - TRANSIÇÃO PARA "GRUPO ESCOLAR DE SÃO VICENTE" (1913).....</b>                                                          | <b>184</b> |
| 5.4.1. Características Arquitetônicas (Estéticas e Simbólicas) das transformações do Edifício Escolar – “Grupo Escolar de São Vicente” .....                      | 186        |
| <b>6. ANÁLISE CRÍTICO - REFLEXIVA .....</b>                                                                                                                       | <b>195</b> |
| <b>6.1. Origem da cultura caiçara – Proposta do ideário republicano .....</b>                                                                                     | <b>196</b> |
| 6.1.1. Os contrastes sociais sensoriais entre a cultura caiçara (criança caiçara) e o ideário republicano .....                                                   | 210        |
| <b>6.2. O edifício escolar como parte do cenário urbano republicano no litoral paulista.....</b>                                                                  | <b>215</b> |
| 6.2.1. Conflitos sociais entre vida republicana e a vida caiçara - diferentes interesses sobre o ato de aprender .....                                            | 224        |
| 6.2.2. Evidências nos registros dos professores - motivos da baixa frequência escolar das crianças caiçaras.....                                                  | 226        |
| 6.2.3. Panorama excludente das crianças caiçaras no processo de escolarização.....                                                                                | 232        |
| <b>6.3. Denúncia através dos registros da Escola do Povo – Grupo escolar de São Vicente (1893-1913) .....</b>                                                     | <b>234</b> |
| 6.3.1. Idealização e Implantação da Escola do Povo (1893-1898) - Registro: documentais oficiais e jornais impressos - interesse da Elite Burguesa Vicentina ..... | 237        |
| 6.3.2. Característica Estética e Simbólica do Edifício Escolar - Projeto Arquitetônico Original ou Pastiche do Ideário Republicano? .....                         | 241        |
| 6.3.3. Registros diversos - divulgação e difusão dos Valores Estéticos e Simbólicos para Cultura Escolar .....                                                    | 246        |



|                                                                                                                                                         |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>6.4. O edifício escolar – elementos simbólicos e estéticos – exercício nas sensibilidades e afetos na criança/aluno no período republicano .....</b> | <b>251</b> |
| 6.4.1. Manter o Ideário Republicano - Investimento do Governo Municipal e Estadual.....                                                                 | 253        |
| 6.4.2. Processo de Escolarização Republicana - Sensibilidades e Afetos nas Comemorações Cívicas e Festividades Sociais (criança/aluno).....             | 261        |
| <b>6.5. Grito de resistência da comunidade caiçara (crianças) para o ideário republicano implantado no litoral paulista .....</b>                       | <b>270</b> |
| 6.5.1. Cultura Caiçara - característica física, relações sociais, modos de morar, meio ambiente, trabalho comunitário e subsistência .....              | 271        |
| 6.5.2. Segregação Social - Elite Burguesa Vicentina - Apropriação, Exploração e Transformação do Ambiente Litorâneo para Ambiente Urbano .....          | 274        |
| 6.5.3. Conflitos e contrastes sociais na cultura caiçara: luta pela vida, ambiguidade moral e (in) justiça .....                                        | 276        |
| 6.5.4. Cultura Caiçara (miscigenação) - Festas religiosas e Folguedos .....                                                                             | 279        |
| 6.5.5. Processo de Aprendizagem da Criança Caiçara .....                                                                                                | 280        |
| 6.5.6. Denúncia - Exclusão da Criança Caiçara do Ambiente Escolar Republicano.....                                                                      | 281        |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                                                    | <b>290</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                                  | <b>293</b> |

## Memorial Pessoal

Compreender que a escrita do meu "memorial pessoal" não implicaria necessariamente em me distanciar completamente do meu eu interior foi uma revelação valiosa. O texto "A operação historiográfica" de Certeau (1982), levou-me a entender a intrínseca ligação entre o pesquisador e o contexto vivenciado. Em vez de uma desconexão, a escrita do meu memorial pessoal, tornou-se uma oportunidade de exploração profunda e reflexiva da minha trajetória como pesquisador.

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com um lugar (CERTEAU, 1982, p. 56).

Nesta escrita, tentei muitas vezes associar memórias e lembranças, para que quando as duas palavras aparecerem no texto, apresentem também uma conexão com a minha narrativa pessoal, o que me fará compreender melhor como as minhas experiências passadas influenciam o meu presente.

"As crianças sabem dissociar o que é verdadeiro do que é "de mentirinha". Os adultos as vezes se perdem..." (Camargo, 1998, p. 71). A minha infância é recordada através de conexões emocionais desenvolvidas nas minhas memórias escolares, despertando sentimentos de nostalgia, alegria e melancolia. Esses lampejos me levaram a reflexões sobre o passado e o presente, proporcionando uma compreensão mais profunda de mim mesmo. Ao preparar o material, encontrei-me diante de um conjunto de fotografias da minha infância sobre: festas juninas,

aniversário na escola, eventos diversos. Pretendo apresentar essas lembranças de forma cronológica através de tópicos e imagens simbólicas que serão capazes de trazer para a minha memória muitas representações estéticas da vida escolar.

**Infância em Iguape/SP (1972):** A minha mente e o meu olhar para a vida, quando criança, tinha uma única preocupação, a de brincar. Considerava a minha cidade, a minha casa bonita e agradável”, pois aquele lugar que vivia e me relacionava, me propiciava um ambiente de liberdade e de descobertas. Não identificava o valor histórico patrimonial da cidade, como também não me importava com a carência de saneamento básico no município e alimentação a base de peixe e farinha de mandioca. As (Figuras: 1, 2 e 3) representam a minha vida social em Iguape/SP no ano de 1972 até 1976.

Figura 1 - Representações da vida social (1972)



Fonte: Acervo Pessoal (1972), IBGE - Antonio Teixeira Guerra (1958) e Iguape: Nossa História - Roberto Fortes (1960) – (2023)

“A minha escola, é grande e bonita”, percebia que todas as crianças se sentiam orgulhosas em estudar nela, como também não víamos a hora de nos encontrarmos para brincar e bagunçar. Sentíamos também que algumas professoras eram mais afetuosas do que outras. Éramos recebidos, e orientados para nos organizar em fila no pátio central, para cantar o Hino Nacional e, logo após aquele momento solene, éramos direcionados para a sala de aula.

Esse olhar lúdico, que eu tinha pela cidade, transpassava para escola, intitulada como U.I de 1º Grau “Vaz Caminha”. Não identificava o valor histórico e arquitetônico do edifício escolar republicano, como também não entendia que vivíamos aquele período caótico na política brasileira - estávamos na ditadura militar. Sendo assim, todos os símbolos e os valores estéticos dos eventos cívicos evidenciavam e incentivavam o respeito e o poder da política naquele momento histórico.

Figura 2: Representações da vida escolar (1971 e 1972)



Fonte: Acervo Pessoal (2023), Rosane Costa (1971), Cesar A. Santos de Abreu (1972) – (2023)

Figura 3 - Representações da vida religiosa, cívica e cultural (1972)



Fonte: Roberto Fortes (2023), Gazeta Caiçara - Rafael Peroni (2025), Marco Franco (1966), José Rubens de Oliveira Fortes (dec. 70) – (2023)

Para Burke (1992), “lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes. Nem as recordações nem as histórias nos parecem objetivas”. Para ele a escrita do passado é uma representação intencional de quem a escreve, já que as lembranças e as histórias não são objetivas.

**Infância em Santos/SP (1976):** A mudança de escola afetou minha percepção de estética e ambiente escolar, passando de um edifício com arquitetura republicana para um com características modernas. Apesar de não compreender os conceitos de arquitetura, senti uma mudança negativa no ambiente, assim como na relação social com a nova cidade, que parecia impessoal aos meus olhos infantis.

**Escola Espiritualista “Ordem e Progresso” e EEPG “Visconde de São Leopoldo” em Santos/SP:** As amigas eram formadas na escola através de afinidades, mas a falta de oportunidades para brincar dificultava a sociabilização. A



lembrança mais marcante foi a relação com uma professora rigorosa e afetuosa. Durante os ensaios dos cantos e hinos cívicos, sua rigidez era evidente, mas também demonstrava carinho. Os ensaios eram solenes, exigindo atenção e postura, com todos de pé ao lado dela enquanto tocava no belo piano. As (Figuras: 4, 5, 6, 7 e 8) representam a minha vida social em Santos/SP no ano de 1976 até 1993.

Figura 4: Representações da vida escolar, social, cultural e artística (1976)



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

A importância das experiências significativas na formação educacional e seu impacto no desenvolvimento emocional e social são refletidos na combinação dos conceitos de Walter Benjamin (1994) “pobreza e experiência”. Sua análise contribui para a compreensão da riqueza de experiências que influenciou na construção da minha identidade, me ensinando para adaptação aos novos ambientes.

**Adolescência e juventude em Santos/SP (1981):** Suprir uma necessidade social (acadêmica) e econômica, articular uma nova atividade social (estudo e trabalho). Faço aqui uma analogia apresentando um trecho do livro Cazuza de Viriato Corrêa e Renato Silva (1971), quando abordam sobre a euforia da criançada ao chegar na cidade "o circo de cavalinhos". A vontade dos meninos estudantes de se envolverem com o circo era tão forte que eles aceitavam o trabalho de um menino trabalhador, acreditando que estariam mais próximos do circo.

Havia um moleque chamado Parafuso encarregado de lavar os cavalos e de estender os tapetes na pista à hora do espetáculo. Para mim e para os meus companheiros ele era mais que um príncipe. Quantas vezes ao vê-lo lavando os cavalos à beira do rio, não amaldiçoei a sorte que me fizera menino de escola, em vez de me ter dado a felicidade de ser na vida, um Parafuso! (CORRÊA, 1971, p. 90).

Figura 5: Desejo inocente



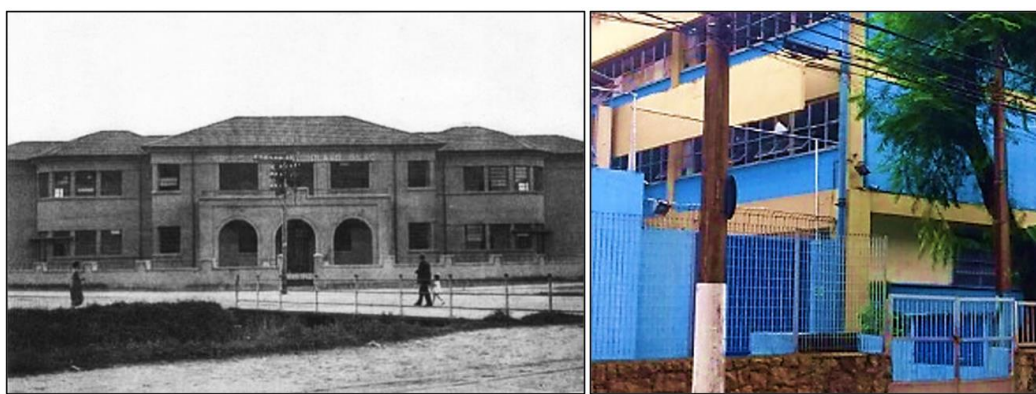
Fonte: Cazuza - Renato Silva (1971)

Correlacionando minha história com o texto e a ilustração acima, meus amigos desejavam ter uma atividade remunerada, acreditando que ela traria benefícios que não os tinham, pensando apenas no produto - dinheiro e na possibilidade de adquirir bens. Além dessa percepção referente aos meus amigos, o detalhe mais importante neste período foi o processo de adaptação e adequação às novas relações sociais e suas diversidades.

**Escola Municipal Olavo Bilac (1981) e Escola Estadual Marquês de São Vicente (1982):**

Este processo no meu desenvolvimento escolar já entendia as relações espaciais do edifício escolar e seu entorno, incluindo desde o percurso até a escola, a permanência até a fadiga dos espaços, e ainda a conexão ou não com novos alunos (colegas) e professores. Tais percepções me levaram a entender que mesmo dentro do ambiente escolar, havia diferentes interesses de quem os frequentava.

Figura 6: Fachadas das Escolas em Santos/SP (1981 – 1982)



Fonte: Waldir Rueda, João Paulo de Castro – (2023)

A cultura escolar dos anos 80 trouxe o que eu chamaria de "um processo neurótico" nas práticas de ensino, aprendizagem e padrões de avaliação; persegue "anos a fio" a vida da maioria dos professores e alunos por meio da memória coletiva involuntária. Até hoje, é possível observar o quanto aquele momento reflete nas ações dos agentes envolvidos por meio de suas repetições.

**Trabalho - FACOS da SVSL e Colégio do Carmo (1982):** Nesse momento da minha vida, trabalhei em uma gráfica na Faculdade de Comunicação de Santos, onde tive acesso ao ambiente universitário e conheci professores notáveis que moldaram a história da região. Eles foram modelos de educadores e profissionais, contribuindo para a formação de futuros profissionais na região do litoral paulista e Vale do Ribeira. Mesmo com dificuldades financeiras, havia em mim o desejo em



estudar a área de artes. Com o apoio de familiares e dos professores, ingressei no antigo “colegial” (Ensino Médio) com uma bolsa de estudos para o curso técnico de Desenhista de Publicidade. O curso me proporcionou o aprendizado da técnica de desenho, comunicação, estética e arte.

Figura 7: Fachada dos Edifícios (trabalho e estudo): “Mantenedora” SVSL (Sociedade Visconde de São Leopoldo) e Colégio do Carmo em Santos/SP



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

Meu interesse pelas artes, me levou a cursar Arquitetura e Urbanismo na FAUS (entre 1987 e 1993), no momento em que percebi a ligação direta da formação com as Ciências Humanas e Sociais. É um campo de estudo que abrange as relações entre as pessoas e seu ambiente, incluindo desenho, arte, estética, decoração, arquitetura, urbanismo, paisagismo e planejamento de projetos. Envolve conhecer estilos, períodos históricos e materiais de construção para edificar bens materiais.

Figura 8: Edifício da FAUS e Atelier da FAUS (Atividades Práticas)



Fonte: José Maria Macedo Fº, e UniSantos (2023)

Após concluir o curso de Arquitetura e Urbanismo e pedir demissão da UniSantos, realizei meu desejo de conhecer pessoalmente os estilos das obras de arte e as características da arquitetura europeia. Morar em Londres entre 1994 e 1996, me levou a vivenciar diferentes culturas e aprender novas línguas. Além de começar minha carreira como arquiteto e urbanista após minha volta para o Brasil, recebi um convite para ser professor na "Etec Adolpho Berezin" em Mongaguá, SP. A escolha de minha nova atividade profissional me permitiu pesquisar, aprender e ensinar. A (Figura: 9) representa através dos edifícios escolares, minha atividade profissional como professor em Mongaguá/SP (1996), em Santos/SP (1997) e em São Vicente/SP (2008) desde o ano de 1996 até 2025.

Figura 9: Três Edifícios Escolares "Atividade Profissional"



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) e Prof. Ademir Pires (2011) – (2023)

**Trajetória Profissional e Acadêmica – Professor e Arquiteto Pesquisador em Patrimônio Histórico.** Ao adotar o papel de professor como atividade profissional primordial, resolvi pesquisar ideias relacionadas às práticas e didáticas para a educação profissional, o que me levou a cursar uma Especialização em Didática e Aprendizagem para o Ensino Profissionalizante. Em conjunto com a formação de professor, dei continuidade na minha formação acadêmica estudando outras questões que considerava relevantes: ECA-USP – temas relacionados a Artes Cênicas-Cenografia, especificamente Processo Histórico da Arquitetura Cênica (Cenografia e Figurino); FAU-USP – diversos temas e assuntos pertinentes à História da Arte e da Arquitetura, Restauração e Patrimônio Histórico. Isso resultou no meu interesse por Patrimônio Histórico, que se encontra presente desde então na minha trajetória profissional.

Em consequência disso, fui convidado para desenvolver um projeto de restauração do Conjunto Arquitetônico da Igreja e Convento do Carmo, resultando em um capítulo de um livro do IPHAN. Iniciei uma especialização em Restauração e Patrimônio Histórico, o que ampliou meu olhar crítico sobre a materialidade e estética de edifícios antigos e novos, e suas relações com os usuários.

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Minha experiência com projetos de Arquitetura Religiosa e Cênica Teatral, além do trabalho como professor com a vivência dentro do ambiente escolar, revelou semelhanças entre as três categorias. Questões sobre convenções no uso do espaço, símbolos explícitos e implícitos, intencionalidades ao projetar os espaços e o comportamento das pessoas no uso desses espaços. Tais reflexões me incentivaram a investigar assuntos referentes a “Historiografia da Educação,

Patrimônio Histórico, Cultura Material e Imaterial, Arquitetura (Estética e Símbolos), Espaço Escolar, Ambiente e seu entorno”.

**Trajetória Acadêmica – Pesquisador em Historiografia da Educação – “Mestrado”** - Os primeiros contatos com pesquisa em “historiografia da educação”, em que eu poderia tratar arquitetura escolar também como objeto de investigação e pesquisa em educação, ocorreram sob as orientações do Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Jr. (Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e História<sup>1</sup>), após o ingresso no Mestrado do PPGE da UniSantos. Nos encontros com o Grupo de Pesquisa pude entender que educação está diretamente ligada às relações sociais. Esse exercício viabiliza a compreensão dos fenômenos educacionais, evitando assim o chamado educentrismo<sup>2</sup>.

São processos históricos em que as relações sociais definem grupos e setores sociais considerados como passíveis de serem educados. Se as concepções, as formas, as propostas educacionais são históricas, então a compreensão da sua história não poderia restringir-se aos limites escolares, isolando a educação das relações com o econômico, o geográfico, o social e o cultural (KUHLMANN JR; LEONARDI, 2016, p. 210).

O estudo de Viñao Frago e Escolano (2001), retrata bem o meu percurso investigativo sobre o espaço escolar, me incentivando a investigar os fenômenos educacionais, em que pude perceber que temas e assuntos relacionados à

---

<sup>1</sup> Grupo de Pesquisa: Educação, Sociedade e História: Considera-se que a educação está situada no interior da sociedade e não referida a instituições, legislação ou concepções pedagógicas vistas de forma isolada. As análises tratam de questões relacionadas à historiografia educacional, à educação de crianças e jovens, à infância e à história da ciência, com maior ou menor aproximação aos temas estudados: o Estado e as políticas públicas; as formações sociais (envolvendo relações internacionais, congressos, grupos religiosos, ligas e associações); a organização e a administração dos sistemas educacionais; as divisões etárias; as propostas e a implantação de instituições educacionais, em diferentes modalidades (creches, jardins de infância, grupos escolares, escolas isoladas, parques infantis, etc.) e em diferentes sentidos e aspectos (patrimônio cultural, política educacional, concepções educacionais, etc.), considerando as articulações locais, regionais, nacionais e internacionais.

<sup>2</sup> Kuhlmann Jr; Leonardi – História da Educação no Quadro das Relações Sociais, 2016.

arquitetura escolar, podem agregar e contribuir para uma pesquisa de Historiografia da Educação e diretamente à Educação propriamente dita; o que resultou no ano de 2019, na defesa da dissertação de mestrado intitulado “Um monumento para a educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913”.

[...] o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos. No quadro das modernas teorias da percepção, o espaço-escola é, além disso, um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 6).

Dessa forma, não teria como dizer que a pesquisa sobre arquitetura escolar não é pesquisa sobre educação, considerando como as pessoas vivem, se desenvolvem e se relacionam nesse espaço materializado, bem como o papel que o edifício escolar desempenha na vida da comunidade escolar.

**Trajetória Acadêmica – Pesquisador em Historiografia da Educação – “Doutorado”** - No 2º semestre de 2020, ingressei no Curso de Doutorado do PPGE da UniSantos, no Grupo de Pesquisa do Liame<sup>3</sup>, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Franco Pereira (Prof<sup>a</sup> Cida Franco)<sup>4</sup>, interessado em pesquisar

---

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa: Liame – Laboratório de Informação, Arquivo e Memória Educação na Baixada Santista: instituído em novembro de 2006 por alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Católica UNISANTOS. Tomando a região metropolitana da Baixada Santista como objeto de estudo, seus objetivos incluem a coleta, classificação, ordenamento e arquivamento de materiais e informações sobre a cultura escolar, suas instituições e seus sujeitos, visando a preservação deste patrimônio e a divulgação desta memória. Para cumprir seus objetivos, o “Liame” mantém estreitas relações com a comunidade acadêmica, junto aos cursos de Graduação de onde provêm seus pesquisadores, e com a comunidade em geral, de onde coleta seu material de estudo. Tomando a região metropolitana da Baixada Santista como objeto de estudo, os objetivos do laboratório incluem coleta, classificação, ordenamento e arquivamento de materiais e informações sobre a cultura escolar, suas instituições e seus sujeitos. Com isso, o Liame busca a preservação e a divulgação da memória desse patrimônio.

<sup>4</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Franco Pereira (20.07.1937 - 27.03.2022): Conhecida carinhosamente por quem a conhecia (Prof<sup>a</sup> Cida Franco). Doutora em História Social, mestre em História Econômica, especialista em História do Brasil e graduada em Filosofia, Pedagogia e História. Docente da UNISANTOS desde 1973. Foi docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e do Curso de História. Pesquisadora, deixou dezenas de artigos científicos e capítulos de obras publicados, dezenas de orientações entre Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), dissertações e

historiografia da educação com temas norteadores da Memória Escolar e Cultura Material (Arquitetura e Espaço Escolar) dos primeiros grupos escolares implantados na região entre Santos e São Vicente. Para desenvolver a pesquisa, foi necessário, conhecer mais pesquisadores de História e Historiografia da Educação; e assim, em conjunto e acordo com a orientadora, pesquisamos quais as disciplinas ofertadas, que eu poderia me matricular como aluno especial em outros Programas de Pós-Graduação<sup>5</sup>. Viñao Frago e Escolano (2001), pesquisadores que nortearão esta tese, apresentam a importância, na relação do pesquisador com a busca para novas respostas e aprendizado com a pesquisa. No convívio com outros grupos e linhas de pesquisa (professores e alunos), conheci novas fontes bibliográficas, diferentes aspectos, olhares e possibilidades de investigação, o que marcou sensivelmente

---

teses, além de participação em aproximadamente 200 bancas de qualificação e defesa. Em 15 de maio de 2015, recebeu a Comenda do Mérito Acadêmico, durante os festejos pelo Jubileu de Ouro do curso de História da UNISANTOS. Sua última obra como organizadora foi “Santos na modernidade capitalista (1870-1930): novas abordagens e releituras de velhas fontes”, ao lado do doutorando em Educação Luiz Henrique Portela Faria, publicada em 2019. “Mulher: Leitora, autora, formadora” também foi organizada pela professora Cida Franco, ao lado do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira, e lançada em 2017. Foi autora das obras “Paróquia Nossa Senhora de Pompéia: 80 anos de Evangelho e Vida”, em 2006, e “Santos nos caminhos da Educação Popular (1870-1920), em 1996. Foi uma das responsáveis pela criação da Cátedra Padre Waldemar Valle Martins, em homenagem ao primeiro reitor da UNISANTOS, falecido em 2004. Em 28 de agosto de 2018, durante a instalação, ela proferiu discurso sobre a vida de padre Waldemar, lembrando de sua presença marcante na região, desde o colégio Canadá, organização da Paróquia do Senhor dos Passos, até presidência da ABESC – Associação Brasileira de Escolas Católicas.

<sup>5</sup> Disciplinas cursadas em diferentes universidades: 1 – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - FE194 - Seminário Avançado I - Diálogos sobre memória, história e educação das sensibilidades na formação docente - Profa. Dra. Adriana Carvalho Koyama - 1º Sem / 2021. 60hs (créditos: 04). 2 – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - EDF5128 - Os “intérpretes” da nação e a educação no espaço ibero-americano: perspectivas comparadas. Prof. Dr. Roni Cleber Dias de Menezes. 2º Sem / 2021. 120hs (créditos: 08). 3 - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - FE192A - Seminário II - História da Educação e teorias descoloniais: interlocuções - Profa. Dra. Maria Cristina Menezes - 2º Sem / 2021. 60hs (créditos: 04). 4 - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - FE194 Seminário Avançado I - História da Educação e História Cultural: Circulação Transnacional de Sujeitos, Saberes e Artefatos (séculos XIX-XX) - Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha, Prof. Dr. André Luiz Paulilo e Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior - 2º Sem / 2021. 60hs (créditos: 04). 5 – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - IEB 5040 – Artes de Produzir Sentidos para o Passado: Acervos e Fontes em História da Educação - Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal e Profa. Dra. Patrícia Raffaini – 1º Sem / 2022. 6 - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - FE127 - Afectos, emociones, sensibilidades: ideas para una historia cultural de la educación - Prof. Dr. Pablo Toro-Blanco (Universidad Alberto Hurtado, Chile) - 1º Sem / 2023. 30hs (créditos: 02).

minha pesquisa estabelecendo o processo de investigação para minha tese de doutorado.

O caminho se faz ao andar. Para dar resposta a essas perguntas é necessário indagar e investigar. Refletir e contrastar. Escrever e esperar. Esperar que o pensamento amadureça e esperar as respostas de outros. Nunca no silêncio (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 16).

Ao longo do trajeto da minha pesquisa, uma situação muito desagradável ocorreu, o falecimento da Prof<sup>a</sup> Cida Franco. Além de causar tristeza a todos que a conheciam, deixou uma lacuna na minha pesquisa, mas seu legado nas áreas de historiografia, memória escolar e cultura escolar no litoral paulista e vale do ribeira, é primoroso e reconhecido internacionalmente por muitos pesquisadores. Dessa forma, o “Grupo de Pesquisa LIAME” foi extinto, e a “Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação” ficou vigente até 2022, resultando na divisão dos orientandos nos diferentes “grupos de pesquisa” do PPGE da UniSantos.

Dado a situação, solicitei orientação ao coordenador e professor Dr. Alexandre Saul. Fiz isso por considerar o seu profissionalismo e admirar sua humanidade e, após acompanhar a trajetória e produção acadêmica, ao dialogar com o professor, verificamos o quanto suas experiências poderiam agregar à minha pesquisa, transferindo-me para a Linha de Pesquisa: “Políticas e práticas de formação de professores” <sup>6</sup> no Grupo de Pesquisa: “Currículo e Formação de

---

<sup>6</sup> Linha de Pesquisa: “Políticas e práticas de formação de professores” A linha decorre de uma tradição de pesquisa consolidada no Programa de Educação, centrada na formação dos professores, e tem como referência estudos de temas que abrangem o campo das políticas de formação e da profissionalização docente na educação superior e na educação básica. Tem como objetivo a formação de pesquisadores com vista à produção de conhecimentos que expressem as inter-relações entre as políticas públicas, os programas de formação de professores e seus impactos nas práticas pedagógicas. Eixos temáticos: Práticas pedagógicas emancipatórias; diferentes racionalidades políticas contemporâneas que envolvem processos de avaliação, diretrizes curriculares, gestão educacional; formação de professores em seus vários níveis – da educação infantil à pós-graduação; modalidades de formação e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) nos processos formativos. Disponível em: <https://www.unisantos.br/pos/stricto-sensu/doutorado/doutorado-em-educacao/area-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

Professores: Diálogo, conhecimento e justiça social”<sup>7</sup>. Tal orientação antecede a colaboração e apoio de uma coorientadora, Profa. Dra. Maria Cristina de Menezes, uma referência de pesquisadora com uma admirável trajetória no campo da História e Historiografia da Educação, pesquisas e produções ligadas diretamente à minha linha de pesquisa.

Nossos encontros de orientações contribuíram, para o exercício do diálogo e auxílio na reorganização, reestruturação e continuidade da minha pesquisa. A oportunidade de trabalhar com dois pesquisadores foi inestimável para meu desenvolvimento como pesquisador, visto que o diálogo entre essas duas direções contribuiu significativamente para o direcionamento, estrutura, o aprofundamento, execução e conclusão desta tese de Doutorado.

Portanto "meu memorial" apresentou aqui o seguinte: para alguns pesquisadores, arquitetura e educação são campos distintos que devem ser investigados separadamente; no entanto, meu projeto de pesquisa busca demonstrar que essas áreas estão associadas de tal forma que convergem em uma única área. Tenho o privilégio de investigar essas áreas em conjunto, pois elas estão presentes em toda minha trajetória de vida e nas minhas experiências pessoais e profissionais. Nesse “memorial pessoal”, o leitor pode perceber que eu: fiz escolhas, tomei decisões, percorri caminhos, realizei sonhos e experimentei frustrações, como qualquer outro ser humano.

---

<sup>7</sup> Grupo de Pesquisa: “Currículo e Formação de Professores: Diálogo, conhecimento e justiça social”: Sob coordenação do Prof. D. Alexandre Saul, integra pesquisadores que investigam a influência do pensamento de Freire na educação brasileira, na perspectiva de sua reinvenção. Tem como temáticas a análise de políticas e práticas de educação comprometidas com os princípios da educação emancipadora, focalizando os conceitos de diálogo, conhecimento e justiça social. Disponível em: <https://www.unisantos.br/pos/stricto-sensu/doutorado/doutorado-em-educacao/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.



## 1. INTRODUÇÃO

“[...] tive em vista que tu edificaste muito e que por ora edificas, bem como que, doravante, os cuidados a serem tomados com os edifícios tanto públicos quanto os privados deverão ser dignos da grandeza de teus feitos, para que sejam legados à memória dos pósteros. Redigi prescrições concisas para que, atendo-te a elas, possas por ti mesmo averiguar de que natureza seriam as obras, tanto as existentes quanto as que virão a ser” (VITRÚVIO<sup>8</sup>, 1999<sup>a</sup>, I *Praef.*, 3, p. 49).

<sup>8</sup> **Vitrúvio:** Há pouco mais de 2 mil anos, um soldado e engenheiro aposentado escreveu o livro que provavelmente é o mais influente da história da arquitetura. Trata-se do arquiteto romano Vitrúvio. Estima-se que ele tenha nascido entre 80 e 70 a.C., na Roma Antiga. Seu nome completo era Marco Vitrúvio Polião, mas não existe certeza sobre seu primeiro e último nome. Por isso, foi simplificado como Vitrúvio. Ele viveu em um período de turbulência política. Depois de décadas de guerras civis, Roma passava por uma transição, deixando de ser uma república para se tornar o que hoje é chamado de Império Romano. Novos grupos sociais estavam surgindo e alcançando posições de poder, às quais antes não tinham acesso. Vitrúvio combateu na Gália sob o comando de Júlio César e presenciou em seguida a ascensão do imperador César Augusto — filho adotivo do primeiro —, a quem dedicou seu livro *De Architectura*. Em sua obra, ele deixa subentender que foi protegido da irmã de César Augusto, Otávia, e que, além de servir no exército, construiu uma basílica em Fano, na costa do mar Adriático. Existem também evidências de que ele foi ativo em setores da engenharia e que provavelmente inventou um calibrador de canos para aquedutos. O novo imperador César Augusto estava interessado não apenas na conquista do mundo conhecido, mas também em construções que ampliassem a majestade do império, ... "Apesar da comoção e da guerra civil, o império romano vem se expandindo. Há muita riqueza entrando em Roma, além de novas influências culturais. Muitos romanos ricos estão construindo residências no litoral e existe grande aumento do interesse pela arquitetura". "Vitrúvio imaginou que seria o momento de publicar seu livro, como forma de auxiliar César Augusto nas suas aspirações de grandeza e construção". As teorias de Vitrúvio influenciaram o design e a construção ao longo dos séculos. Sua principal obra *De Architectura* — também conhecida como *Os Dez Livros da Arquitetura* — é o tratado mais antigo sobre essa disciplina de que se tem notícia. A maior parte do que se conhece sobre Vitrúvio é o que se pôde extrair do seu livro e de menções feitas por escritores que viveram pouco depois dele. Seus conceitos de beleza e harmonia foram particularmente seguidos pelos grandes arquitetos do Renascimento. As estruturas do arquiteto italiano Andrea Palladio, as residências, basílicas e pontes de Veneza, outros edifícios de épocas posteriores em estilo palladiano, como o Salão de Banquetes do Palácio de Whitehall, em Londres, e a Casa Branca, nos Estados Unidos — todos eles devem sua inspiração a Vitrúvio. Suas discussões sobre a relação entre as proporções perfeitas da arquitetura e do corpo humano inspiraram um dos desenhos mais famosos do Renascimento: o Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci. Suas ideias permaneceram fundamentais para a arquitetura até o século 18 — e, segundo alguns, até muito tempo depois. Mas as ideias de simetria e proporcionalidade foram as que influenciaram uma das imagens mais conhecidas do Renascimento: o Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci. Homem Vitruviano, a resposta genial de Da Vinci a um enigma da Antiguidade para criar 'edifícios perfeitos' "Vitrúvio acreditava que o corpo humano era um microcosmos da harmonia universal, uma analogia de tudo o que era perfeito na natureza". Ele tomou as ideias de Pitágoras e Platão sobre os números perfeitos, que podem ser vistos nas proporções da forma humana. O comprimento dos pés representa um sexto da altura do homem ideal e temos 10 dedos. As teorias pitagóricas e platônicas afirmam que o seis é um número perfeito, porque é a soma de um, mais dois, mais três. E o 10 também é perfeito, pois é a soma de dois, mais três, mais quatro. Tudo

O prefácio de abertura “*De Architectura*”<sup>9</sup> - “*Os Dez Livros da Arquitetura*”, portal desta tese, Vitruvius - século I a.C., elabora uma exclusiva dedicatória ao

---

isso pode ser visto na forma humana. A influência de Vitruvius prosseguiu ao longo dos séculos. Todos os tratados de arquitetura até meados do século 18, sem exceção, fazem referência a Vitruvius. E nos anos 1950, o arquiteto, projetista e urbanista franco-suíço Le Corbusier projetou o “Modulor”, um sistema de medidas baseado nas proporções humanas, inspirado no conceito vitruviano — aparentemente, uma indicação de que as ideias do antigo arquiteto romano permanecem sendo um modelo para alguns arquitetos modernistas. Fonte: Prof<sup>a</sup> Alice König (Estudos Latinos e Clássicos) - Universidade St. Andrews - Escócia e Prof. Emerito Robert Tavernor – (Arquitetura e Urbanismo) - London School of Economics (LSE) - Reino Unido - BBC Radio 4 - “In Our Time” – Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-62401831>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

<sup>9</sup> **De Architectura**: é uma obra composta de 10 livros. Seu objetivo principal é estabelecer o que faz um arquiteto, que espécie de educação é necessária, os tipos de edifícios e estruturas que competem a ele projetar, os princípios e ideias sobre a construção e a importância de imitar a natureza como ponto de partida fundamental para o design. Vitruvius defende que a arquitetura está no mesmo nível das outras profissões consideradas nobres, como a oratória e o direito. Os 10 livros da *Arquitetura* - **A educação, qualificação e princípios do arquiteto**: incluem o planejamento urbanístico e a arquitetura em geral. - **Materiais de construção**: suas origens, funcionalidade e detalhes. - **Matemática e proporções**: fundamentos da arquitetura clássica. - **Estilos arquitetônicos**: dórico, jônico e coríntio. - **Edifícios públicos**: incluem teatros e edifícios administrativos, além de conselhos sobre a acústica. - **Residências**: sua localização, segundo o clima e orientação das moradias conforme suas funções. - **Ornamentação, calçadas e murais**: incluindo a origem e o uso das cores. - **Fontes de água e aquedutos**. - **Ciências que influenciam a arquitetura**: astronomia, geometria, matemática e filosofia. - **Engenharia e construção**: máquinas, dispositivos e armas de guerra. Seus primeiros livros oferecem uma longa relação de características e disciplinas que o arquiteto deve dominar. Estas disciplinas incluem a matemática, a geometria, a música (para conhecer a acústica) e a filosofia (para ser justo e entender a natureza). E o arquiteto também deve conhecer história — em resumo, deve ter cultura. “Vitruvius afirma que o arquiteto que tenha subido todos os degraus desses estudos pode alcançar o templo da arquitetura. Ele deixa implícito que a arquitetura está acima de todas essas outras disciplinas”. Um dos seus conceitos mais influentes é a chamada Tríade Vitruviana — a noção de estabilidade, utilidade e beleza (*firmitatis, utilitatis, venustatis*) como as três qualidades de uma estrutura. Elas se unem para criar algo belo, coerente, em harmonia com a natureza. Não se pode ter uma sem a outra. Esta noção ficou famosa ao longo da história como base da boa arquitetura, equilibrando a necessidade com a estética para criar algo que seja belo. Para Vitruvius, a beleza reside na apreciação do mundo natural. Estes mesmos princípios são aplicados tanto aos templos e outros edifícios públicos quanto às residências particulares, especialmente às casas dos mais ricos. Os livros 6 e 7 tratam da decoração interior, da pintura das paredes e do reboco. Vitruvius ensina que cada cômodo deve atender ao seu propósito e ser perfeitamente orientado. As bibliotecas devem ser voltadas para o norte, para que os livros não fiquem úmidos. Os refeitórios, para o oeste, para aproveitar o sol poente. As casas devem ser posicionadas de forma a ajustar-se ao clima do local onde estão sendo construídas. A obra inclui não apenas conselhos práticos para projetar e construir templos e residências, educar e a capacitar arquitetos, mas também um incrível conjunto de informações sobre a tecnologia e engenharia romana, desde máquinas de guerra até aquedutos e relógios de água. Fonte: Prof<sup>a</sup> Alice König (Estudos Latinos e Clássicos) - Universidade St. Andrews - Escócia e Prof. Emerito Robert Tavernor – (Arquitetura e Urbanismo) - London School of Economics (LSE) - Reino Unido - BBC Radio 4 - “In Our Time” – Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-62401831>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

imperador, enaltece os feitos e se compromete a manter a memória através do Tratado por ele apresentado.

A obra de Vitrúvio, é o primeiro documento escrito sobre arquitetura, tornando-se um texto inspirador, impulsor e norteador para o desenvolvimento e defesa desta tese. O uso de um pequeno trecho da dedicatória acima apresentada, foi escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, quando percebi o papel técnico e social do arquiteto ao se apresentar ao futuro empreendedor, daí entendi as intenções e os interesses sociais de cada personagem; pude ainda, perceber o quanto a relação e articulação entre “feitor (es) e feito (s)”, se adequa ao próprio objeto de estudo (arquitetura escolar republicana do litoral paulista) da pesquisa em historiografia da educação brasileira.

O “objeto de estudo” desta tese, é a arquitetura escolar da Etec Dra. Ruth Cardoso<sup>10</sup>, instalada no município de São Vicente, que faz parte do litoral paulista. Edifício este que foi construído em 1898 e denominada Escola do Povo; em 1913, com intermédio do Estado de São Paulo, sofreu um acréscimo no seu conjunto com a finalidade de abrigar e estabelecer o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente. Como o edifício escolar apresentava características estilísticas e simbólicas da Arquitetura Escolar Republicana, teve seu processo de “tombamento” <sup>11</sup> aprovado, pelo

---

<sup>10</sup> Escola Técnica Estadual do Centro Paula Souza, situada no município de São Vicente/SP.

<sup>11</sup> Tombado: O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. [...] A palavra tombo, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tombo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

CONDEPHASV (Conselho Municipal) e pelo CONDEPHAAT (Conselho Estadual) sendo classificado como patrimônio histórico artístico e cultural.

[...] A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, em uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplinas e vigilância, marcos para aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu obviamente as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 2001, p. 26).

Para fazer o diálogo entre o objeto de estudo e a historiografia da educação, Nunes e Carvalho (1993), relata sobre o alargamento temático da História da Educação, recebendo contribuições de diferentes campos do conhecimento, diversificando as práticas de pesquisas em educação: “o lugar simbólico da construção do sujeito e das suas práticas, implicando a incorporação de referenciais teóricos atentos aos processos históricos de constituição dos objetos investigados”.

Através de correntes historiográficas, especificamente o da Nova História Cultural, as investigações sobre a história da cultura escolar, ganham vulto dentro dos trabalhos de pesquisadores da Historiografia da Educação no Brasil. Nas pesquisas recentes em historiografia da educação, a temática sobre arquitetura escolar tem sido frequentemente abordada, o que revela a sua capacidade reprodutiva para explicar a diversidade para as investigações na área da educação.

Ao considerar que esta pesquisa reflete o contexto da Historiografia da Educação no Brasil; apresento aqui a arquitetura como “documento/monumento” representante da cultura material escolar. Le Goff (2013), atribui para “Documento-Monumento”, como os dois tipos de materiais da memória coletiva, expandindo a temática para o contexto da cultura material.

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os *monumentos* do passado, a transformá-los em *documentos* e em fazer falar

os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e o que, onde dantes se decifravam os traços deixados pelos homens, ou de dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tenham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto (LE GOFF, 2013, *apud op.cit.*, p. 13-14).

Após entender através de Le Goff (2013) que documento e monumento, são palavras e conceitos que se complementam, e ainda, estão diretamente ligados à memória coletiva e à cultura material. É preciso compreender através das pesquisas, como os diálogos da Cultura Material Escolar e a Historiografia da Educação, são apresentadas por pesquisadores dessas temáticas.

Muitos autores nacionais e internacionais de História e Historiografia da Educação, desenvolvem pesquisas sobre as dimensões culturais implicadas na produção e na circulação dos objetos, assim como seus significados apresentados através da materialidade na vida escolar. Assim, dentro das temáticas sobre cultura material escolar, apresentadas nesta investigação, é necessário compreender os conceitos de pesquisadores da Cultura Escolar. Para Juliá (1993):

[...] a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIÁ, 1993, p. 01).

O autor conceitua a “cultura escolar”, como um conjunto de normas e práticas transmitidas e conseqüentemente incorporadas nos comportamentos. E Viñao Frago (2007), para aprofundar a temática, traz uma reflexão sobre o conceito: “cultura escolar” e “culturas escolares” no capítulo IV - “As culturas escolares” do livro – “Sistemas educativos, culturas escolares e reformas”:

[...] as expressões ou conceitos de “cultura escolar” e “gramática da escola” incapacitam-nos, se não se combinam com um enfoque atento as mudanças e a tipologia das mesmas... [...] as mudanças a longo e médio prazo na mesma cultura escolar, porque, aqui dizê-lo, as culturas escolares também mudam; não são eternas. Constituem uma combinação entre muitas outras possíveis de tradição e mudança.

Além disso, a expressão “cultura escolar” ou a de “gramática da escola” - sugere uma construção ou estrutura única. Pode se falar de uma só cultura ou gramática da escola? Não seria mais esclarecedor falar de culturas ou gramáticas da escola?

Pode ser que exista uma única cultura escolar que se refira a todas as instituições educativas de um determinado lugar ou período, e que inclusivamente, conseguíssemos isolar as suas características e elementos básicos. Todavia, partindo de uma perspectiva histórica parece mais frutífero e interessante falar, no plural, de culturas escolares (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 93 a 95).

Viñao Frago (2007) busca defender e esclarecer exaustivamente os dois conceitos, que necessitam ser discutidos e empregados nas pesquisas sobre cultura (s) escolar (es); e o quanto esses conceitos influenciaram e influenciam para as tomadas de decisões nos sistemas e nas reformas educativas. Para entender de forma direta o objeto de estudo, sua materialidade individual e outras questões que norteiam esse objeto que será desenvolvido no decorrer desse texto, utilizarei aqui o conceito singular de “cultura escolar” desenvolvido por Viñao Frago (2007), que corrobora diretamente neste trabalho.

A análise da “cultura escolar” pode ser útil para entender essa mescla de continuidades e mudanças, de tradições em inovações, que são as instituições educativas, e oferecer um marco explicativo para analisar:

[...] **dentre outros** - Como essa cultura é um produto histórico, portanto cambiante, que goza de uma relativa autonomia para gerar formas de pensar e fazer próprias e, como consequência, produtos específicos em relação ao ensino e aprendizagem, entre os quais estariam as disciplinas escolares, os modos de organizar o espaço, o tempo e a comunicação na aula, os exames e as formas de acreditação; ... (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 93, grifo nosso).

A pesquisa também busca o diálogo entre o objeto de estudo com a historiografia da educação; e, ainda, entendemos que a arquitetura escolar está associada à cultura material escolar, possibilitando às pesquisas em educação uma outra lente analítica, uma vez que os edifícios escolares são espaços físicos, onde ocorrem processos educacionais e interações sociais. A definição de Viñao Frago e Escolano (2001) sobre “arquitetura, currículo e subjetividade” corrobora com a consideração, quando relatam: “[...] lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmite uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto”.

É importante destacar que nesta tese, ao apresentar a temática sobre o currículo escolar, nos concentraremos especificamente no currículo escolar republicano no Brasil e nas consequências do ideário republicano em uma sociedade em mudança. De acordo com Souza (1998), a educação pública em São Paulo se fundamentava na “formação dos professores e na implementação do método intuitivo”.

A confiança no método fazia parte da mentalidade do século XIX, impregnada dos princípios de racionalização da produção e vida social. O método era um guia, o caminho seguro para alcançar objetivos e metas estabelecidas. Entende-se, assim, como tal elaboração atinge o campo educacional precisamente no momento em que era forçosa a racionalização dos sistemas educativos com a difusão da escolarização em massa (SOUZA, 1998. p. 159).

Ao considerar o impacto dos espaços físicos nas práticas educacionais, como também na formação dos indivíduos, os estudos sobre arquitetura escolar enriquecem o nosso entendimento sobre a educação, possibilitando assim uma reflexão mais ampla sobre as relações entre espaço, educação e sociedade. Até esse momento, verificamos a importância das pesquisas em Historiografia da Educação e, conseqüentemente a contribuição de temáticas da cultura material

escolar associada aos artefatos e a arquitetura escolar (espaços escolares), dialogando diretamente nos currículos e práticas escolares.

Ao associar a cultura material escolar com a arquitetura escolar, a pesquisa me impulsionou para a reflexão de um conceito sobre as intenções, os símbolos e os valores estéticos da arquitetura. Para Argan (1998) a arquitetura é uma representação simbólica e significativa: “[...] não só a arquitetura lhe dá corpo e estrutura, mas também a torna significativa com o simbolismo implícito em suas formas. Assim como a pintura é figurativa, a arquitetura é por excelência representativa”. Ao olhar atentamente, vi que o texto de Argan (1998) fez um grande aporte para o campo de estudo em questão, abordando vários tópicos importantes e pertinentes ao tema desta tese. Para o autor, arquitetura também é a materialização de um conceito em que a sua configuração transcende a funcionalidade; seus significados simbólicos transmitem mensagens influenciando a maneira da sociedade perceber e interagir com os espaços que convivem.

Por definição é arquitetura tudo que concerne à construção, e é com as técnicas da construção que se intui e se organiza em seu ser e em seu devir a entidade social e política que é a cidade. [...] Na cidade todos os edifícios, sem exclusão de nenhum, são representativos, e com frequência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade. É o caso das **montanhas de refugos arquitetônicos**<sup>12</sup> que a especulação descontrolada acumulou nas cidades e cujo respeito se diz com demasiada frequência que não são arquitetura – mas são, e são arquiteturas representativas de uma infeliz realidade social e política (ARGAN, 1998, p. 233, grifo nosso).

Se considerarmos que a arquitetura é a representação da realidade social, política e econômica de uma sociedade; tal reflexão nos impulsiona compreender o contexto histórico do objeto em estudo. Assim, buscaremos explorar as camadas de significados presentes no edifício escolar e apresentar como a arquitetura

---

<sup>12</sup> “montanhas de refugos arquitetônicos”: as inúteis construções que ofuscam “as visuais” no espaço.



desempenha um papel importante na expressão simbólica de ideias, valores estéticos, identidades e singularidades da comunidade escolar.

Nesse contexto, verificamos que a materialização de um edifício ou um artefato, vem imbuído de valores estéticos, signos e símbolos, que nos incita a admirar ou repugnar o objeto em questão. Para essa reflexão o texto de Benjamin (1987), apresentado de forma lúdica, traz o olhar de uma criança atraída por um brinquedo, e a potencialidade da relação do menino com o artefato.

[...] Só que este cordeirinho era muito menos espesso efeito de madeira tosca e não pintada. Esse brinquedo me atraiu. Quando peço a vendedora que me mostre, descubro que é construído à maneira das plaquinhas mágicas, que se encontram em muitas caixinhas de mágica: pequenas plaquinhas ligadas por fitas coloridas que, frouxas, se despegam umas das outras, ora totalmente azuis, ora totalmente vermelhas, conforme se tenham manejado as fitas. Meu prazer pela magia daquele objeto de madeira fina só fez aumentar depois dessa observação (BENJAMIN, 1987, p. 261).

O texto do autor citado acima, nos apresenta a relação da criança com o brinquedo, que vai além dos materiais e técnicas utilizadas no artefato (brinquedo). O brinquedo não é apresentado puramente em si, pois esse artefato também é um portador de símbolos e valores estéticos atribuídos a ele, trazendo ao sujeito uma relação de emoções e afetos junto ao objeto em si. Ao considerar este estudo, o edifício escolar é a materialidade idealizada e a arquitetura escolar é apresentada intencionalmente com seus valores estéticos. Pineau (2018) sustenta que a estética conversa diretamente com sensibilidade e afetos, o que explica sua relação com o objeto escolar.

Lo sensible/estético es aquello necesario que excede la pura funcionalidad y materialidad, para volver se el plus que genera movimiento y dinamismo, y que se presenta em todas manifestaciones naturales y sociales. [...] Ideas, imágenes, instituciones y dispositivos forman una red textual pedagógica que da soporte, a la vez que ondula, según el pulso de las disputas por los sentidos de lo estético, entendido como uno de los

ejes que configura lo político en el espacio educativo (PINEAU, 2018, p. 08 e 09).

Como objetivo do estudo é apresentar o processo de construção e instalação da arquitetura escolar republicana, ele também examina as funções, símbolos e valores estéticos impressos na arquitetura, bem como esse elemento afeta diretamente os sentimentos e emoções dos sujeitos e seu imaginário. O edifício escolar é erguido em um local específico e cria um espaço construído que se encaixa em um espaço já existente. Os alunos, professores e comunidade escolar usam esses espaços de forma natural e espontânea, sem perceber a importância e os objetivos intrínsecos do projeto de instalação deste equipamento urbano<sup>13</sup>.

Os ambientes escolares, especialmente os destinados à educação formal, têm o potencial de impactar e moldar a experiência educacional das pessoas. A leitura do livro "Currículo, espaço e subjetividade – arquitetura como programa", escrito por Viñao Frago e Escolano (2001), serve como fonte inspiradora para todas as reflexões, discussões, análises e discursos que irão aproximar e justificar o tema desta tese de doutorado. Ao começar a introdução desta tese, o objetivo era fazer com que os autores dos textos apresentados conversassem diretamente sobre a arquitetura, a memória e a cultura material escolar. Acredita-se que isso possa levar a uma discussão, justificar os interesses do autor e contribuir para a historiografia da educação em relação às questões abordadas no trabalho.

Todos os autores apresentados até o momento, ampliaram os conceitos de: "arquitetura e urbanismo", "arquitetura e cultura escolar", "materialidade e espaço", "discurso simbólico", "valores estéticos", "memória – individual e coletiva", "espaço físico", e "arquitetura e currículo escolar" de diversas formas, cada um buscando adotá-lo pela ótica orientadora de suas perspectivas de explicação das temáticas

---

<sup>13</sup> Equipamento Urbano - todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados. (NBR 9284-1986). O que passou a se chamar de equipamento urbano ao longo do século XX, no período republicano não havia esse tratamento, pois os edifícios escolares representavam o ideário civilizatório de progresso, tinham o mesmo valor estético e simbólico dos edifícios governamentais, compondo o cenário republicano.

apresentadas. A estrutura elaborada para justificar esta pesquisa certamente foi beneficiada pelas pesquisas bibliográficas acima citadas de autores conceituados com produções relevantes para academia, também pelo empenho de correlacionar distintas abordagens e temáticas para inserir nesta obra e assim corresponder a um ideal elaborado através de estudos meticolosos apreendidos pela trajetória acadêmica e profissional.

A tese também é construída por meio da comparação de vários textos e autores com assuntos que contribuem diretamente para a pesquisa. Esses tópicos incluem materialidade, espaço, símbolo, valores estéticos, relações sociais, memória coletiva e configuração do espaço físico. Uma abordagem que permita ao leitor desta tese considerar os aspectos dos valores estéticos e símbolos republicanos refletidos na arquitetura e no espaço escolar, bem como o papel que a educação intencional desempenha na formação dos indivíduos, torna necessário que o texto seja correlacionado com os tópicos mencionados acima.

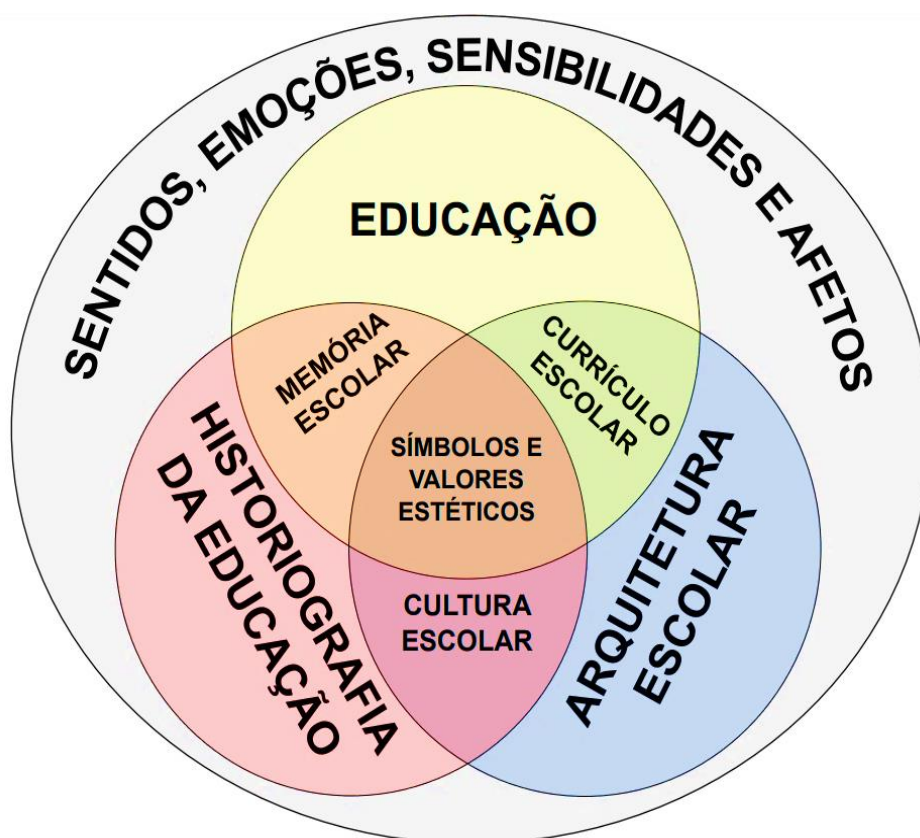
Dessa forma vimos que é necessário compreender melhor o espaço escolar construído, para identificar como as sensibilidades, emoções e afetos do ideário republicano constituíram o modelo de escola primária no litoral paulista; não apenas como uma produção material, mas também um grande portador de símbolos e significados expressos na produção de conhecimentos.

Assim, a pesquisa tem como objetivo geral aprofundar o debate sobre a temática “arquitetura escolar - historiografia da educação”, analisando o edifício escolar através dos símbolos e valores estéticos como um meio de produção de saberes do ideário republicano transmitido para a comunidade caiçara. E tem como objetivo específico investigar os símbolos e valores estéticos da arquitetura escolar republicana, assim como apresentar a configuração desses símbolos como um portal para a historiografia da educação no litoral paulista, desenvolvendo como chave de análise, o ideário republicano expresso nos símbolos e na estética do edifício escolar “Escola do Povo” (1898) / “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente” (1913).

Portanto, a arquitetura escolar se revela como um objeto de estudo fundamental para a historiografia da educação, pois possibilita a investigação das dimensões estéticas, simbólicas, que permeiam o processo educativo, oferecendo uma perspectiva enriquecedora e multidimensional para a compreensão da história da educação e de suas relações com a comunidade caiçara e o ideário republicano.

Para entendimento do leitor, trago aqui uma transcrição resumida no formato esquemático desenvolvido no percurso e no decorrer desta pesquisa. Apresentar as correlações que a pesquisa percorrerá durante a exposição de cada temática, ajudará o leitor a compreender o desenvolvimento e as intenções desta tese, conforme a figura 10, representada de forma esquemática.

Figura 10: Correlações das Temáticas Abordadas na Tese



Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Ao escrever este texto, foi preciso reconhecer a importância não apenas da técnica e da metodologia, mas também da criatividade, paixão e imersão total na investigação. Esses elementos agregam valor ao trabalho, tornando-o mais impactante e significativo para a comunidade científica e para a sociedade como um todo.

**Tema / foco:** Historiografia da Educação: Símbolos e Valores Estéticos da Arquitetura Escolar no Ideário Republicano no Litoral Paulista

**Objeto de Estudo: Edifício Escolar Republicano** - Escola do Povo (1898) – 1º Grupo Escolar de São Vicente/SP (1913) – “Sucessivas Mudanças no Edifício Escolar” - Etec Dra. Ruth Cardoso – São Vicente / SP (2008).

**O Uso do Espaço Edificado** - A investigação sobre a arquitetura escolar se inicia a partir da reflexão sobre o uso do espaço edificado, uma temática central que orienta o desenvolvimento desta tese. O espaço escolar, enquanto um ambiente construído, não é apenas um local físico, mas também um espaço simbólico e estético que influencia e é influenciado pela cultura escolar.

**Valores Estéticos e Simbólicos** - Os valores estéticos e simbólicos da arquitetura escolar são essenciais para a compreensão de como o ambiente físico contribui para a cultura escolar. A estética de uma escola pode refletir as prioridades culturais e pedagógicas de uma época, enquanto seus símbolos podem comunicar mensagens sobre identidade, pertencimento e valores educacionais.

### **Metodologia da Pesquisa**

1. **Questionamentos:** O primeiro passo foi formular perguntas chave sobre a relação entre arquitetura e educação. Exemplos de questões incluem:
  - Como a arquitetura escolar influencia o comportamento e o aprendizado dos estudantes?

- Quais são os valores estéticos e simbólicos incorporados nas escolas ao longo da história?
  - **Pergunta Geral:** Quais conexões possíveis podemos identificar na produção dos valores estéticos republicanos no edifício escolar: Escola do Povo – 1º Grupo Escolar de São Vicente/SP?
  - **Pergunta Específica:** Quais as transformações arquitetônicas: histórica, socio, cultural, política e econômica nortearam desde a implantação da “Escola do Povo” para o “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente”?
2. **Estudo e Reflexão:** Inteirar-se em pesquisas existentes sobre arquitetura escolar e historiografia da educação para identificar padrões e lacunas no conhecimento.
  3. **Análise de Caso:** Examinar a atual Etec Drª Ruth Cardoso como estudo de caso, para observar o percurso histórico do edifício escolar desde sua construção em 1898, ampliação do edifício escolar em 1913 e como as características arquitetônicas refletiram os valores educativos no período em estudo.

Dessa forma, esta tese de Doutorado em Educação na Linha de Pesquisa em Historiografia da Educação, está organizada em introdução, mais cinco títulos das temáticas da tese e considerações finais. A seção do “**memorial pessoal**” do autor é para apresentar a trajetória pessoal, acadêmica e profissional, assim como a relação com o tema e assuntos escolhidos na investigação e desenvolvimento desta tese de doutorado. O título 1 - **Introdução** – cabe apresentar a inspiração do autor no seu tema e assuntos referenciando textos de outros autores que são referência nas áreas de ciências humanas e sociais, que são fundamentais para o estudo desta proposição. A seção “**Arquitetura Escolar – Valores Estéticos – Símbolos Republicanos - Estudos Correlatos**” – tem por finalidade apresentar o levantamento de investigações e produções científicas desenvolvidas por pesquisadores em historiografia da educação, arquitetura e espaço escolar, estética - símbolos e representações, sensibilidades e afetos. O título 2 “**Caminhos da**

**Pesquisa**” – Inicia-se com algumas inquietações e reflexões, ao estudar e trabalhar sobre o uso de três espaços distintos (espaço teatral, religioso e escolar); ao nosso olhar, tais espaços apresentam uma conexão simbólica em comum, e ao observar cotidianamente o espaço escolar, percebi que estudar tal espaço, traria alguns elementos críticos analíticos para as minhas inquietações e reflexões - daí a escolha do tema principal “Arquitetura Escolar”, dá-se o início da justificativa da pesquisa; apresentar por menor todo o **percurso investigativo** (arquivos, acervos, documentos escritos, iconográficos e tratamento das fontes), onde o leitor perceberá dentro do texto o percurso metodológico desenvolvido nesta pesquisa. O título 3 – **“Memória e Cultura Material Escolar – Ideário Republicano”** – Esse título foi dividido em duas seções: na seção **“Memória e Cultura Material Escolar”** (memória escolar) e (cultura material escolar) a contribuição dos autores: Menezes, Souza, Vidal e Faria Fº, e a seção **“Ideário Republicano”** (materialização dos símbolos republicanos) e (valores estéticos republicanos) - além de definir esses assuntos através de pesquisas anteriores, as duas seções trazem autores de referência como: Marcílio, Carvalho, Nagle, Souza, Monarca e Kuhlmann Jr, suas investigações que trabalham com a temática inicial desta tese, trará ainda reflexões e análises das abordagens existentes pelos autores e a construção do diálogo com esta tese. O título 4 – **“Litoral Paulista – A Ilha e a Cidade de São Vicente - A Cultura Caiçara”** – Na seção **“Contexto Histórico e Geográfico”** – (processos de urbanização: organização, transformação e contrastes, na cidade e região litorânea) na seção **“Cultura Caiçara X Ideário Republicano”**. As duas seções, deste título tem o objetivo de apresentar ao leitor um panorama da cultura caiçara, do território no litoral paulista e as interferências socio, política, econômica, cultural e educacional do período republicano para a comunidade caiçara especificamente na Ilha de São Vicente e para o município de São Vicente – autores como: Pereira, Andrade, Lemos, Serrano e Pimenta. Traz também – **“Reflexões”** – ‘O caiçara’ – Ilha de São Vicente – Cidade de São Vicente – O cenário republicano no litoral paulista – apresenta cinco seções: a Cultura Caiçara, a Reconstrução de um país, os impactos no litoral paulista (São Vicente), o Contexto Sociopolítico e Econômico – litoral paulista (São Vicente),

o Contexto Cultural e Educacional – litoral paulista (São Vicente) e as Interferências no tecido urbano – Território – litoral paulista (São Vicente). O título 5 – **“O Edifício Escolar - Escola do Povo e Primeiro Grupo Escolar de São Vicente (Grupão)”** – a primeira seção apresenta: **“Panorama da arquitetura e espaço e currículo escolar republicano”** - O Processo de constituição e construção das escolas isoladas e os grupos escolares em São Vicente no século XIX, a **“Características da Arquitetura e Espaço Escolar”** e a **“Influência da Arquitetura no Currículo Escolar”** - tem como referência principal os autores Viñao Frago, Escolano, Marcílio, Monarcha, Wolff, Coelho Netto, Bencostta, Souza, Carvalho e Braga, com a possibilidade de compreender a dimensão que a arquitetura escolar ocupa na educação. A outras duas seções: **“Implantação da Escola do Povo (1893)”** – **“Primeira Escola”** a **“Construção do Edifício da Escola do Povo (1898)”** - **“Escola Isolada”**, apresenta o contexto de adaptação em edifício não escolar e construção de escola isolada, e a última seção o **“Transformação do Antigo Edifício – transição para o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente (Grupão) – (1913)”** - **“Grupo Escolar”**, novo conceito de partido arquitetônico e estrutura do espaço escolar de acordo com um novo programa, apresentado pelos autores: Viñao Frago, Escolano, Saia, Marcílio, Monarcha, Wolff, Walbe, Ferreira, Corrêa, Melo, Faria Fº, Bencostta, Souza e Braga. Nessas quatro seções: apresenta diretamente o **objeto de pesquisa em dois períodos históricos distintos**, a implantação da escola, a construção do edifício como Escola Isolada (um programa) e, depois, a ampliação dessa mesma estrutura para receber o Grupo Escolar. Tem como contribuição e referência principal de todos os autores, a dimensão que a arquitetura escolar republicana ocupa na educação no litoral paulista (São Vicente). O título 6 – **“Análise – Crítico – Reflexiva”** – busca **aprofundar o debate** sobre conflitos, embates, denúncia, resistência e processo de exclusão social e educacional da comunidade caicara em São Vicente/SP no período republicano, apresentado por **registros escritos - iconográficos** e pelos autores: Benjamin, Viñao Frago, Escolano, Toro-Blanco, Marcílio, Carvalho, Taborda, Coelho Netto, Buffa, Pinto, Faria Fº, Souza, Ortegosa, Azevedo, Coelho, Pereira, Silva Jr e Braga. As **Considerações Finais** - traz ao leitor o preenchimento de algumas



lacunas que se apresentavam diante do pesquisador, respondendo questionamentos da problematização e, assim, atingindo os objetivos da pesquisa documental e bibliográfica desta tese de doutorado. Sugere também, que os assuntos abordados não devem se restringir a esta pesquisa, mas sim incentivar outros pesquisadores a investigarem os assuntos que foram desenvolvidos, trazendo novos questionamentos e até mesmo refutar com novas investigações o que foi apresentado nesta tese, e assim fortalecer a pesquisa e o conhecimento científico.

## **1.1 Arquitetura Escolar - Valores Estéticos – Símbolos Republicanos – Estudos Correlatos**

Nos nossos momentos de leitura e pesquisa, verificamos quais assuntos necessitaríamos conhecer, e assim desenvolver um diálogo entre eles. Dessa forma precisamos selecionar alguns autores, que abordassem temáticas como: “arquitetura e educação”, “arquitetura e urbanismo”, “arquitetura e simbolismo”, “materialidade e espaço físico”, “discurso simbólico”, “valores estéticos”, “memória coletiva”, “espaço físico e imaginário” e que pudessem associar-se, à temática desta pesquisa.

No processo de caracterização no campo de estudo em Historiografia da Educação, é importante observar o caminho percorrido pela utilização da Arquitetura Escolar e Espaço Escolar como subsídio ao estudo do currículo e práticas escolares. Para registrar o processo investigativo da pesquisa, o texto balizador para compreensão dos “estudos correlatos” direcionado para a minha pesquisa, foi um ensaio dos autores Sílvia Maria Nóbrega Therrien e Jacques Therrien (2004), intitulado: “Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas”. O texto pontua que no processo de construção da pesquisa científica, “é comum comparar ‘estado da questão’ com o ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’”, e ainda, proporcionam ao leitor o que significa fazer o “estado da arte” e o “estado do conhecimento”.

[...] o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” tem por objetivo “mapear e discutir uma certa produção acadêmica em determinado campo do conhecimento” (Ferreira, 2002, p.258) utilizando predominantemente fontes de consulta disponíveis em forma de resumos ou catálogos de fontes. Nesta compreensão a autora associa o “estado da arte” a uma “metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (THERRIEN; THERRIEN, 2004, p. 7).

O que os autores Therrien (2004) apresentam como “Estado da Arte”, chamarei na minha pesquisa de “Estudos Correlatos”, pois o processo de construção para minha investigação, além de consultar: artigos, dissertações e teses, utilizamos livros de autores que são referências nos temas e assuntos abordados na minha pesquisa.

O levantamento das fontes bibliográficas, sob orientações de professores e orientadores, ocorreu através de pesquisas em artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado em diferentes áreas de concentração, educação, história da educação, arquitetura e urbanismo, didática – teoria do ensino – práticas escolares, escola pública e história da educação, história das sensibilidades, história da arte, história social, psicologia e educação, cultura filosofia e história da educação.

A pesquisa foi realizada nos sites da Biblioteca Digital Brasileira, Periódicos da Capes, Periódicos da USP, Periódicos da SciELO; e a maioria dos trabalhos pesquisados eram provenientes de Programas de Pós-graduação em Educação e em Arquitetura e Urbanismo das Universidades Públicas e poucos de Universidades Particulares.

O método utilizado para leitura das fontes bibliográficas encontradas, foi elaborado no seguinte procedimento: primeiro, a leitura dos títulos e temas que abordassem os assuntos de interesse para a investigação; em seguida a leitura das palavras-chave que nos orientou para dar sequência na leitura ou não dos resumos. Utilizamos a mesma estratégia com a leitura dos resumos para entender com mais abrangência a fonte levantada, e, por fim, vimos a necessidade de verificar quais os autores que os pesquisadores utilizaram para a sua pesquisa.

O nosso interesse nesse levantamento, foi encontrar um maior número de trabalhos desenvolvidos no período de 1997 a 2021, que cotejem com a temática abordada nesta investigação, assim como o referencial teórico que nos já utilizamos ou que adotei como fonte bibliográfica. A tabela 1 a seguir apresenta o formato do levantamento dos trabalhos escolhidos.

Tabela 1: Pesquisa dos Estudos Correlatos da Tese – Artigos, Dissertações e Teses (1997 – 2021).

| Autor                                              | Título                                                                                                                                             | Palavras-chave                                                                                                                                        | Área                                             | Documento               | Instituição                                      | Ano  | Aportes teóricos                                                                                              | Busca               |
|----------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|-------------------------|--------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| Ambrogli, Ingrid Hötte                             | Os parâmetros da escola primária pública paulistana 1922-2002: representações sobre o tempo, os espaços e os métodos                               | História da educação, arquitetura escolar, métodos educacionais, escola pública em São Paulo                                                          | História Social                                  | Tese de Doutorado       | FFLCH-USP                                        | 2005 | Milton Santos, Teodoro Sampaio, Nestor Goulart Reis, Sergio Nagle                                             | Periódicos da USP   |
| Oliveira, Fabiana Valeck de                        | Arquitetura escolar dos anos 30                                                                                                                    | Escolas (arquitetura), escola pública, história da arquitetura, São Paulo (SP)                                                                        | História e Fundamento Arquitetura e Urbanismo    | Dissertação de Mestrado | FAU-USP                                          | 2007 | Saviani, Maria Luiza Marclio, Viñao Frago, Wolff, Vidal                                                       | Periódicos da USP   |
| Oliveira, Fabiana Valeck de                        | Patrimônio Escolar: para além da arquitetura, a materialidade do patrimônio histórico nas escolas paulistas                                        | Acervos escolares, Arquitetura escolar, Patrimônio escolar                                                                                            | História e Fundamento Arquitetura e Urbanismo    | Tese de Doutorado       | FAU-USP                                          | 2015 | Artigas, Segawa, Silvia Wolf, Mayumi Watanabe, Maria Luiza Marclio                                            | Periódicos da USP   |
| Nascimento, Mario Fernando Petrilli do             | Arquitetura para educação a construção do espaço para a formação do estudante                                                                      | Escolas (arquitetura), espaço escolar, estudo de caso (arquitetura).                                                                                  | História e Fundamento Arquitetura e Urbanismo.   | Dissertação de Mestrado | FAU-USP                                          | 2012 | Viñao Frago, Escolano, Palmer, Buffa, Pinto, Manacorda, Wolff                                                 | Periódicos da USP   |
| Castilho, Clarissa Silva de                        | Espaço escolar como mediador simbólico: cultura experiência e sentidos                                                                             | Espaço escolar, relação aluno-escola, semiótica da arquitetura, cultura escolar, escola pública, escolarização                                        | Psicologia e Educação                            | Tese de Doutorado       | FE-USP                                           | 2014 | Dórea, Viñao Frago, Escolano, Foucault, Vigotsky, Tuan, Certeau, Faria Fº, Vidal                              | Periódicos da USP   |
| Silva, Katiene Nogueira da                         | Do controle das paixões à maestria de si: um estudo acerca das práticas e das representações de moralização na escola pública paulista (1948-1978) | Expansão do ensino paulista, história da educação, história da profissão docente, práticas e representações de moralização, práticas escolares        | Educação                                         | Tese de Doutorado       | FE-USP                                           | 2011 | Chartier, Bourdieu, Durkheim, Osvaldo de Souza, Faria Fº, Marta Carvalho, Catani, Novoa, Fernando de Azevedo, | Periódicos da USP   |
| Gallego, Rita de Cassia                            | Tempo, temporalidades e ritmos nas escolas primárias públicas em São Paulo: heranças e negociações (1846-1890)                                     | Cultura e forma escolar, documentos legais, escola primária, império, manuscritos, professores, província de São Paulo, tempo escolar, tempos sociais | Educação                                         | Tese de Doutorado       | FE-USP                                           | 2008 | Certeau, Chartier, Julia, Escolano Viñao Frago, Faria Fº.                                                     | Periódicos da USP   |
| Reis, Rosinete Maria dos                           | A Escola isolada à meia-luz (1891/1927)                                                                                                            | Mato Grosso, história da educação, cultura escolar, escolas isoladas                                                                                  | Educação                                         | Tese de doutorado       | FE-USP                                           | 2011 | Foucault, Certeau, Chartier, Carvalho, Vidal, Rosa Fatima Souza,                                              | Periódicos da USP   |
| Candido, Renata Marclio                            | Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (189-1930)                                                                            | Cultura escolar, festa escolar, história e historiografia da educação                                                                                 | Educação                                         | Dissertação de Mestrado | FE-USP                                           | 2007 | Julia, Chervel, Viñao Frago                                                                                   | Periódicos da USP   |
| Fernandes, Uirá                                    | O currículo na encruzilhada pós-moderna – um estudo de caso de uma escola pública paulistana                                                       | Escola, modernidade, pós-modernidade, teoria e prática do currículo                                                                                   | Educação                                         | Dissertação de Mestrado | FE-USP                                           | 2007 | Saviani, Libânio, Sacristan, Gagnebin, Almeida                                                                | Periódicos da USP   |
| Morais, Fernanda                                   | O processo de escolarização pública na Vila de Cotia no contexto cultural caipira (1870-1885)                                                      | Cotia-SP, escolaridade, história local, século 19                                                                                                     | Educação                                         | Dissertação de Mestrado | FE-USP                                           | 2015 | Candido, Certeau, Thompson, Munhoz, Vidal                                                                     | Periódicos da USP   |
| Silva, Alexandre Ribeiro                           | “Este interessante ramo do serviço público”: produção de reformas da instrução pública do Maranhão Imperial (1838-1864)                            | Reformas, instrução pública, Maranhão imperial                                                                                                        | Cultura, Filosofia e História da Educação        | Dissertação de Mestrado | FE-USP                                           | 2018 | Vidal, Faria Fº, Warde, Carvalho, Sirinelli                                                                   | Periódicos da USP   |
| Tavano, Patrícia Teixeira                          | Tramas da tessitura curricular o curso experimental de medicina da faculdade de medicina da universidade de São Paulo (1968-1975)                  | Currículo de ensino superior, educação em saúde, educação médica, medicina, currículo (construção sócio-histórico), currículo médio                   | Didática, teorias do ensino e práticas escolares | Tese de Doutorado       | FE-USP                                           | 2015 | Certeau, Chartier, Almeida, Lopes & Macedo                                                                    | Periódicos da USP   |
| Marcus Levy Bencostta                              | A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018)                                                              | Escrita da história, educação, história, arquitetura                                                                                                  | História da Educação                             | Artigo Acadêmico        | Revista Brasileira de História da Educação       | 2019 | Viñao Frago, Escolano, Rockwell, Foucault, Wolff, Buffa, Dórea, Grimaldi,                                     | Periódicos da Capes |
| Cruz, Paula Lorena Cavalcante Albano da            | A arquitetura escolar na construção do imaginário republicano                                                                                      | arquitetura, educação, República, imaginário                                                                                                          | História da Educação                             | Artigo Acadêmico        | Acta Scientiarum - Education                     | 2018 | Le Goff, Moreira, Escolano, Bencostta,                                                                        | Periódicos da Capes |
| Franca, Cyntia Simoni & outros                     | Educação política das sensibilidades e arquitetura escolar                                                                                         | Arquitetura escolar, educação política das sensibilidades, história da educação                                                                       | História da Educação                             | Artigo Acadêmico        | Revista Brasileira de Pesquisa (auto) biográfica | 2020 | Bakhtin, Certeau, Bencostta, Benjamin, Faria Fº, Galzerani, Ricoeur, Viñao Frago                              | Periódicos da Capes |
| Yoshisato, Tammy e Francisco, Arlete Maria         | A criança e seu espaço: uma leitura sobre arquitetura escolar e os ideais pedagógicos                                                              | Arquitetura escolar, história da educação brasileira, espaço lúdico, criança, aprendizado                                                             | História da Educação                             | Artigo Acadêmico        | Unoeste – Colloquium Humanarum                   | 2015 | Kowaltowski, Wolff, Lima, Corrêa, Ghiraldelli Jr, Dewey                                                       | Periódicos da Capes |
| Costa, Silvia Kimo e Silva Jr., Milton Ferreira da | Discursos que estruturam o poder simbólico no espaço edificado escolar                                                                             | Arquitetura escolar, cartografia das subjetividades, discursos                                                                                        | Arquitetura e Urbanismo                          | Artigo Acadêmico        | Oculum ensaios – Revista de Arq. e Urb.          | 2017 | Foucault, Gallo, Ferreira, Prado Fº. Teti                                                                     | Periódicos da Capes |

|                                                      |                                                                                                                                |                                                                                                                    |                                       |                           |                                            |      |                                                                                                                                                            |                               |
|------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| Moussatche, Helena & outros                          | Arquitetura escolar: imagens e representações                                                                                  | representações sociais; representação social de escola; arquitetura escolar                                        | Psicologia Social                     | Artigo Acadêmico          | Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos  | 2000 | Lang, Rapoport, Goldemberg, Romanelli                                                                                                                      | Periódicos da Capes           |
| Dick, Sara Marta                                     | História da educação, arquitetura escolar e espaço escolar                                                                     | Apresentação                                                                                                       | História da Educação                  | Artigo Acadêmico          | Revista da Faced                           | 2006 | Benconstta                                                                                                                                                 | Periódicos da Capes           |
| Garcia, Patrícia Melasso                             | Pedagogias Invisíveis do Espaço Escolar                                                                                        | Arquitetura Escolar, pedagogia, configuração e morfologia espacial, análise sintática do espaço, edifício escolar. | Arquitetura e Urbanismo               | Tese de Doutorado         | UnB                                        | 2016 | Foucault, Aranha, Apple, Azevedo, Bachelard, Vidal, Certeau, Marcílio, Bourdieu, Corrêa, Benconstta                                                        | Biblioteca Digital Brasileira |
| Faria Fº, Luciano Mendes de – Vidal Diana Gonçalves  | Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil                               | Espaço escolar, escola primária, institucionalização escolar                                                       | Escola Pública - História da Educação | Artigo Acadêmico          | FE-USP - Revista Brasileira de Educação    | 2000 | Escolano, Vinão, Frago, Cardoso, Faria Fº, Hisdorf, Wolff, Souza – Rosa Fatima                                                                             | Periódicos da USP             |
| Oliveira, Karina                                     | Currículo e arquitetura escolar: concepções de professores e equipe gestora do Colégio Nossa Senhora das Neves – Natal/RN      | Educação, currículo escolar, disciplina escolar, ensino fundamental, ensino médio                                  | Educação                              | Dissertação de Mestrado   | UFRN                                       | 2012 | Escolano, Viñao, Frago, Benconstta, Silva                                                                                                                  | Biblioteca Digital Brasileira |
| Porcel, Najar Roberto                                | República e educação: as imagens arquitetônicas e jornalísticas do grupo escolar Barão de Monte Santo (Mococa-SP)              | República, educação, grupo escolar, arquitetura, urbanização                                                       | Educação                              | Dissertação de Mestrado   | Unicamp                                    | 2007 | Artigas, Escolano, Bencostta, Silva, Monarcha, Viñao, Benchmol, Carvalho, Reis Fº,                                                                         | Biblioteca Digital Brasileira |
| Funari, Pedro Paulo, Zarankin, Andrés                | Cultura material escolar: o papel da arquitetura                                                                               | Arqueologia da arquitetura, escolas de ensino fundamental, cultura material, escolas de Buenos Aires               | Educação                              | Artigo Acadêmico          | Unicamp - Pro-Posições                     | 2005 | Goodman, Illich, Viñao, Frago, Escolano, Hillier, Zarakin, Bourdieu, Hanson, Blanton                                                                       | Periódicos da Capes           |
| Monteiro, Marcos Rafael                              | Semiótica do Espaço Escolar                                                                                                    | Arquitetura, educação, espaço escolar, semiótica                                                                   | Educação                              | Dissertação de Mestrado   | UFT                                        | 2020 | Artigas, Buffa, Wolff, Carpinteiro, Costa, Escolano, Foucault, Merleu-Ponty, Pierce, Reis, Santaella,                                                      | Biblioteca Digital Brasileira |
| Rocha, Cristianne Maria Famer                        | Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elementos do currículo                                     | Currículo, escola, espaço físico, espaço escolar, arquitetura escolar, pedagogia, história da educação             | Educação                              | Dissertação de Mestrado   | UFRGS                                      | 2000 | Zingarelli, Souza – Rosa Fatima, Foucault, Nilda Alves, Escolano, Silva, Varela,                                                                           | Biblioteca Digital Brasileira |
| Baltar, Francisca Maria Teresa dos Reis              | Programas de escolas na segunda metade do século XIX: as escolas construídas pelo arquiteto Bethencourt da Silva               | Escolas, arquitetura, Rio de Janeiro                                                                               | História da Arte                      | Dissertação de Mestrado   | UFRJ                                       | 1999 | Lemos, Freire – Ana Maria, Tobias, Lima, Fialho, Durand,                                                                                                   | Biblioteca Digital Brasileira |
| Boto, Carlota Josefina Malta Cardoso dos Reis        | Ler, Escrever, Contar e se Comportar: a Escola Primária como rito do século XIX português (1820-1910)                          | Cotidiano, currículo, educação, escola, história, história da educação, infância, instrução, Portugal, século XIX  | História Social                       | Tese de Doutorado         | FFLCH-USP                                  | 1997 | Patetta, Mignot, Argan, Loyer, Veayne, Certeau, Novoa, Guinzburg, Castilho, Chartier, Sennet, Manacorda                                                    | Periódicos da USP             |
| Tavano, Patricia Teixeira e Almeida. Maria Isabel de | Currículo: um artefato sócio-histórico-cultural                                                                                | Currículo, artefato sócio-histórico-cultural, espaço e lugar, território curricular                                | Educação                              | Artigo Acadêmico          | FE-USP – Revista Espaço do Currículo       | 2018 | Lopes, Macedo, Moreira, Chervel, Goodson, Nôvoa, Silva, Escolano, Viñao Frago, Julia,                                                                      | Periódicos da USP             |
| Vidal, Diana Gonçalves - Faria Fº e outros           | A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira                    | Cultura escolar, história da educação, práticas escolares                                                          | História da Educação                  | Artigo Acadêmico          | FE-USP – Revista Educação e Pesquisa       | 2004 | Raymond Williams, Edward Thompson, Chervel, Forquin, Julia, Viñao Frago                                                                                    | Periódicos da USP             |
| Vidal, Diana Gonçalves e Silva, Vera Lucia Gaspar da | Por uma escola sensorial da escola e da escolarização                                                                          | Cultura material escolar, indústria escolar, escola como mercado, história sensorial da escola                     | História da Educação                  | Artigo Acadêmico          | Revista Linhas                             | 2010 | Meneses, Petry, Gaspar da Silva, Gondra, Chartier, Escolano, Nora, Rockwell,                                                                               | Periódicos da USP             |
| Vidal, Diana Gonçalves                               | No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares                                                          | Cultura escolar, práticas escolares, século XIX, história da educação, inovação                                    | História da Educação                  | Artigo Acadêmico          | Revista – Currículo sem Fronteiras         | 2009 | Chevel, Julia, Bourdieu, Passeron, Illich, Vidal, Certeau, Hisdorf                                                                                         | Periódicos da USP             |
| Oliveira, Marcus Taborda de                          | Pesquisas sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades na história da educação: algumas indicações teórico-metodológicas | História social da educação, história da educação dos sentidos e das sensibilidades, historiografia                | História da Educação da Sensibilidade | Artigo Acadêmico          | UAH – Chile - Revista História da Educação | 2020 | Gay, Espósito, Ginzburg, Pineau, Segantini, Sennett, Taborda, Thompson, Toro, Blanco, Williams,                                                            | Periódicos da Sielo           |
| Grimaldi, Lucas Costa e Almeida, Dóris Bittencourt   | Narrativas do espaço habitado: sensibilidades no estudo dos prédios escolares de Porto Alegre/RS (1940/1980)                   | História da educação, arquitetura escolar, sensibilidades                                                          | História da Educação da Sensibilidade | Artigo Acadêmico          | Revista História da Educação               | 2020 | Viñao, Ricoeur, Julia, Fraga, Rícoeur, Pesavento, Nora, Julia, Oliveira, Novoa, Farge, Gruzinski, Dórea, Certeau, Faria Fº, Escolano, Chartier, Bencostta, | Periódicos da Sielo           |
| Toro-Blanco, Pablo                                   | Estética escolar y regímenes emocionales en el centenario de la independencia (Chile, 1910)                                    | centenário de la independencia, estética escolar, educacion chilena, regímenes emocionales                         | História da Educação da Sensibilidade | Dossiê - Artigo Acadêmico | Revista História da Educação               | 2021 | Pineau, Beas, Miranda, Gramigna, Munakata, Oliveira, Errazuriz, Escolano, Fattore, Landahl, Maríño,                                                        | Periódicos da Sielo           |

|                          |                                                                                                                                                              |                                                                                                        |                                       |                           |                                            |      |                                                                                                                                                     |                   |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------------|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Pineau, Pablo            | Historiografía educativa sobre estéticas y sensibilidades en América Latina: un balance (que se sabe) incompleto                                             | Estética, sensibilidad, América Latina, historiografía, giro afectivo                                  | História da Educação da Sensibilidade | Dossiê - Artigo Acadêmico | Revista Brasileira de História da Educação | 2018 | Grosvernor, Barrán, Rancière, Elias, Rocha, Certeau, Escolano, Samoz, Mignolo, Foucault, Viñao Frago, Toro, Chartier, Rodríguez, Bourdier, Mahamud, | Periódicos Scielo |
| Meuer, Sidmar dos Santos | A noção de educação estética no currículo da escola primária no Paraná – início do século XX: disciplina de cultivo do espírito ou educação da sensibilidade | História do currículo, educação dos sentidos e das sensibilidades, saberes escolares, ensino de música | História da Educação da Sensibilidade | Dossiê - Artigo Acadêmico | Revista Brasileira de História da Educação | 2021 | Raymond Williams, Meurer, Goodson, Vellozo, Souza, Veiga, Pineau, Taborda de Oliveira,                                                              | Periódicos Scielo |

Fonte: Acervo Pessoal - Elaborado pelo autor (2023)

Após a realização desta primeira etapa, busquei fazer um recorte nos levantamentos e verificar quais os estudos correlatos ao meu tema, assunto e palavras-chave. Escolhi 03 teses e 02 artigos, trabalhos que considerei relevantes porque tem grande proximidade com meu projeto e podem contribuir diretamente no desenvolvimento da minha pesquisa. Apresento nos textos abaixo, os trabalhos numa sequência em formato de tópicos; justificando a escolha dos trabalhos pelas aproximações com a minha pesquisa.

1. Tese de Doutorado – Título: **“Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914)”**. Autor: Wiara Rosa Rios **Alcântara**, Palavras-chave: Carteira escolar, História Econômica e Indústria escolar. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia. Autores: Burke, Vidal, Carvalho, Escolano, Kuhlmann Jr, Monarcha. Considerar que a área de concentração se aproxima diretamente da linha de pesquisa é um fator relevante; tratar a carteira escolar como o principal objeto de investigação desmembrando para outros aspectos das relações humanas vai ao encontro da minha pesquisa em tratar a arquitetura escolar, como o principal objeto de investigação e consequentemente se desmembrando para outros aspectos das relações humanas; alguns dos autores trazidos no referencial bibliográfico da tese utilizo no meu referencial bibliográfico também. Além da metodologia desenvolvida pela autora vem ao encontro com a metodologia que será tratada em minha tese.

2. Tese de Doutorado – Título: **“De criança ao aluno: As representações da escolarização da infância em Mato Grosso (1910-1927)”**. Autor: Elizabeth

Figueiredo de Sá **Poubel e Silva**, Palavras-chave: História da Infância, Grupos Escolares, História da Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia. Autores: Vidal, Rosa Fátima, Bencostta, Carvalho, Chartier, Viñao Frago, Escolano, Faria F<sup>o</sup>. Como a anterior essa tese de doutorado tem aproximação diretamente a minha linha de pesquisa, o recorte temporal que a autora faz em sua investigação tem muita proximidade com o meu recorte temporal – o período republicano, as palavras-chave que são trazidas no trabalho, são assuntos que tratarei no meu projeto de pesquisa; alguns dos autores trazidos no referencial bibliográfico da tese utilizo no meu referencial bibliográfico também. Além da metodologia e a estrutura desenvolvida pela autora vem ao encontro com a metodologia que será tratada em minha tese.

3. Tese de Doutorado – Título: **“Patrimônio Escolar: para além da arquitetura, a materialidade do patrimônio histórico nas escolas paulistas”**. Autor: Fabiana Valeck de **Oliveira**, Palavras-chave: Acervos escolares, Arquitetura escolar, Patrimônio escolar – Área do Conhecimento: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo; Autores: Artigas, Segawa, Silvia Wolf, Mayumi Watanabe, Maria Luiza Marcílio. A escolha da tese de doutorado se deu primeiramente pelo título. O autor apresenta o patrimônio escolar além da materialização onde indica que contribuirá muito para uma abordagem que trago na minha pesquisa que é tratar a arquitetura como um fator que contribui diretamente na construção do currículo das práticas pedagógicas, os autores que ele traz são referenciais que tratam de arquitetura escolar, e todos eles são utilizados nas pesquisas de historiografia da educação – arquitetura escolar.

1. Artigo Acadêmico (Revista Brasileira de História da Educação – 2019 – Periódicos Capes) – Título: **“A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018)”**. Autor: Marcus Levy **Bencostta**, Palavras-chave: Escrita da história, educação, história, arquitetura – Área do Conhecimento: História da Educação; Autores: Viñao Frago, Escolano, Rockwell, Foucault, Wolff, Buffa, Dórea, Grimaldi. A escolha do artigo ocorreu pelo autor propriamente dito, um

especialista em Historiografia da Educação na vertente direta com Arquitetura Escolar. No texto o autor apresenta a arquitetura escolar como um elemento de estudo para as investigações da Historiografia da Educação. O artigo torna-se um balizador para minha pesquisa porque tem uma abrangência direta com o meu tema e os assuntos que serão tratados no decorrer da escrita. E, ainda, contribui significativamente para justificar a contribuição e a necessidade de pesquisas em Arquitetura Escolar para a Área de Conhecimento da Educação.

2. Artigo Acadêmico (Revista História da Educação – Periódicos SciELO) – Título: **“Estética escolar y regímenes emocionales en el centenario de la independencia (Chile, 1910)”**. Autor: Pablo **Toro-Blanco**, Palavras-Chave: centenario de la independencia, estética escolar, educacion chilena, regímenes emocionales – Área do Conhecimento: História da Educação da Sensibilidade; Autores: Pineau, Beas Miranda, Gramigna, Munakata, Oliveira, Errazuriz, Escolano, Fattore, Landahl, Mariño. O artigo aborda questões da estética escolar, as emoções e os símbolos que se apresentaram em um contexto escolar no Chile em 1910. A leitura deste artigo, trouxe para minha pesquisa um novo olhar para a estética e os símbolos representados através da arquitetura escolar. Esse texto se tornou uma base teórica fundamental para a abordagem e do título do meu projeto de pesquisa.

A proposta de construir esse modelo da minha “Revisão de Literatura” foi apresentar a relevância dos assuntos pesquisados para o meu projeto de pesquisa. Após a leitura das fontes pesquisadas obtive uma maior abrangência dos assuntos correlatos com a minha pesquisa, pude perceber como os autores constroem seus textos, quanto aos possíveis métodos de tratamento e recortes nos assuntos investigados, como utilizar documentos e referenciais bibliográficos para reflexão e análise no projeto de pesquisa.

Para essa construção, foi necessário fazer um recorte nas escolhas que ocorreu através de assuntos que tinham uma aproximação com a temática central promovendo reflexões, discussões, análises e possibilidades que trouxessem contribuições significativas para a minha investigação.



O olhar da presente pesquisa está voltado diretamente para “estética e símbolos da arquitetura escolar republicana”, sendo assim chamo a atenção para os levantamentos dos estudos acima citados; ao analisar tais estudos puder ver o quanto os assuntos podem se articular desde a historiografia da educação, símbolos da arquitetura escolar, cenário republicano e estética dos sentidos, sendo este o grande diferencial desta pesquisa.

A análise da arquitetura escolar como objeto de estudo na historiografia da educação vem se ampliando muito nas últimas décadas, culminando na produção de livros, artigos, dissertações e teses voltados para o tema. É cada vez maior o número de publicações nos anais de congressos ou seminários, pesquisas em grupo ou individuais e artigos que utilizam a Arquitetura Escolar como objeto de pesquisa em história da educação. Incluem -se aqui eventos em educação nacionais e internacionais, e ainda eventos regionais e grupos de pesquisa associados a programas de pós-graduação.

Além das publicações, ressaltamos as linhas, grupos e projetos de pesquisa que trataram e que tratam a temática da arquitetura escolar como objeto de investigação da historiografia da educação, como apresentamos a tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Linhas, Grupos e Projetos de Pesquisa – (História da Educação - Arquitetura Escolar)

| Instituição                                                                                                                                                                                                | Local         | Linha, Grupo e Projeto de Pesquisa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Coordenador                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <br>Universidade Federal do Paraná - PPGE - (NEPHArqE) Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar | Curitiba – PR | O projeto conta com o apoio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE), o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE) e a Pró-reitoria de Pesquisa e Pósgraduação da UFPR (PRPPG). Trocar experiências e aprofundar as discussões teóricas e empíricas, o Ciclo de Debates e Formação sobre Cultura Material Escolar. | Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta                                                                                                       |
| CIVILIS - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania                                                                                                                | Campinas – SP | Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania surgiu da necessidade de conferir visibilidade e legitimidade institucional aos trabalhos de pesquisadores, da área da História da Educação, que em suas pesquisas vêm priorizando novas abordagens e perspectivas                                                                                | Prof <sup>as</sup> . Dr <sup>as</sup> . Maria Cristina Menezes e Prof <sup>as</sup> . Dr <sup>as</sup> . Carmen Sylvia Vidigal Moraes |

|                                                                                                                                                                                          |                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                        |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                          |                            | teóricas decorrentes, sobretudo, da história cultural e dos estudos descoloniais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                        |
|  <p>RIDPHE-r: Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico-Educativa</p> | Campinas – SP              | Publicação contínua, <i>on-line</i> , da Faculdade de Educação/UNICAMP e organizada no âmbito das temáticas da Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo - publica artigos resultantes de pesquisa ou de reflexão acadêmica, estudos analíticos, resenhas, entrevistas, encaminhados por pesquisadores que tratam da temática do Patrimônio Histórico-Educativo e Cultural e temas afins.                                                                        | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maria Cristina Menezes e Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Carmen Sylvia Vidigal Moraes                                                                    |
|  <p>CME/USP – Centro de Memória da Educação</p>                                                         | São Paulo - SP             | Atividades para a preservação e organização de acervos significativos para a pesquisa em Educação Brasileira.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Carmen Sylvia Vidigal Moraes, Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Cecília Hanna Mate e Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Marta Maria Chagas de Carvalho |
| UFPR, UDESC, UFSC, UNICAMP, UFPel, UNB, UFMA e UFAC                                                                                                                                      | Vários estados brasileiros | Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material Escolar: “Saberes e Práticas em Fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Gizele de Souza                                                                                                                                                 |
|  <p>FE-USP</p>                                                                                          | São Paulo - SP             | Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material Escolar: Sujeitos e artefatos: territórios de uma história transnacional da educação”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Diana Gonçalves Vidal                                                                                                                                           |
|  <p>CMU - Centro de Memória da Unicamp</p>                                                              | Campinas - SP              | Captação, organização, preservação, disponibilização e difusão de acervos documentais, especialmente relacionados à cidade de Campinas (SP), assim como à produção de pesquisas e publicação de livros e periódicos de caráter interdisciplinar, com ênfase na articulação entre memória e história.                                                                                                                                                                                                         | Prof. Dr. André Luiz Paulilo                                                                                                                                                                           |
| Unicamp - Centro de Memória da Unicamp                                                                                                                                                   | Campinas - SP              | Projeto Temático: “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 - 1950)”,                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Rosa Fátima de Souza Chaloba                                                                                                                                    |
| Unicamp - Centro de Memória da Unicamp                                                                                                                                                   | Campinas - SP              | Projeto Temático: “Artifícios da Modernização Educacional: um estudo sobre a cultura material escolar (1890 - 1970)”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Rosa Fátima de Souza Chaloba                                                                                                                                    |
| NIEPHE                                                                                                                                                                                   | São Paulo - SP             | Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Diana Gonçalves Vidal e Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maurilane Biccass.                                                                               |
|  <p>RBHE – Revista Brasileira de História da Educação</p>                                             | Brasil                     | O periódico adota a publicação contínua de artigos inéditos resultantes de pesquisas que abordem temas associados à história e à historiografia da educação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira - Universidade Federal do Paraná                                                                                                                                       |
| Cadernos de História da Educação                                                                                                                                                         | Uberlândia - MG            | Periódicos - modalidade de publicação contínua, os autores são pesquisadores brasileiros e estrangeiros da área de História da Educação, vinculados a diferentes instituições universitárias no país e no exterior. O conteúdo publicado no periódico interessa principalmente aos estudiosos e pesquisadores brasileiros e estrangeiros vinculados à temática da História da Educação, mas, também, a todos aqueles que se preocupam em conhecer os avanços do conhecimento no âmbito das Ciências Humanas. | Décio Gatti Júnior, Universidade Federal de Uberlândia                                                                                                                                                 |
|  <p>ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação</p>                           | Brasil                     | Desenvolvimento no ensino de pós-graduação e da pesquisa em ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Prof <sup>fa</sup> . Dr <sup>a</sup> . Miriam Fábila Alves                                                                                                                                             |

|                                                                                                                                                                                               |                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <br>Sociedade Brasileira de História da Educação                                                             | Brasil                           | Realizar e fomentar estudos de História da Educação. Estimular estudos interdisciplinares, promover intercâmbios com sociedades congêneres nacionais e/ou internacionais, favorecendo a participação de especialistas de áreas afins. Estimular diferentes formas de divulgação e informação das produções em História da Educação. Organizar e promover eventos, seminários, cursos e outras iniciativas similares, podendo interagir com associações congêneres com vistas à atualização do conhecimento e à socialização das experiências realizadas na área.                                             | Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Terciane A. Luchese (Presidenta – 2025)                                                     |
| <br>ANPUH - Associação Nacional de História (Associação Nacional dos Professores Universitários de História) | Brasil                           | A cada dois anos, realiza o Simpósio Nacional de História - evento da área de história no país e na América Latina. Publica semestralmente, a Revista Brasileira de História. Aberta para professores dos ensinos fundamental e médio, profissionais atuantes nos arquivos públicos e privados, e em instituições de patrimônio e memória de todo o país.                                                                                                                                                                                                                                                    | Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Ana Maria Veiga (UFPB)                                                                      |
| CEDES - Cadernos e periódicos do Centro de Estudo Educação & Sociedade                                                                                                                        | Brasil                           | Publicação de caráter temático dirigida a profissionais e pesquisadores da área educacional com o propósito de abordar questões que se colocam como atuais e significativas nesse campo de atuação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Ana Luiza Bustamante Smolka                                                                 |
| GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional                                                                                                       | São Paulo - SP                   | Eventos, Centros de Memória, Ações Educativas e Publicações - Memórias e História da Educação Profissional                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Maria Lucia                                                                                     |
| CIHELA - Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana                                                                                                                  | Chile                            | El Congreso busca promover un diálogo interdisciplinario que conecte los aportes de la historia de la educación en Iberoamérica con otras áreas del conocimiento, tales como la sociología, la antropología, las ciencias de la educación, las pedagogías y los estudios culturales                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Prof. Dr. Pablo Toro Blanco - Universidad Alberto Hurtado – Sociedad Chilena de Historia de la Educación                          |
| <br>CEINCE - Centro Internacional de la Cultura Escolar                                                    | Berlango de Duero, Soria, España | Es una entidad promovida por la Asociación Schola Nostra para el estudio y difusión de la cultura de la escuela. Se define como un centro integral de documentación, investigación e interpretación acerca de todos los aspectos relativos a la cultura de la escuela, campo que aborda, desde una perspectiva multidisciplinaria e internacional, en sus dimensiones históricas y en sus proyecciones actuales y futuras. Se estructura sus acciones en tres áreas temáticas: 1. Memoria de la escuela y patrimonio de la educación, 2. Manualística y 3. Cultura de la escuela y sociedad del conocimiento | Prof. Dr. Agustín Escolano Benito                                                                                                 |
| SciELO Brasil                                                                                                                                                                                 | Brasil                           | A coleção é composta apenas por periódicos científicos publicados no Brasil. Implementa o Programa SciELO no Brasil por meio da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (FapUNIFESP), recebeu a certificação ISO 27001 - norma internacional que estabelece os requisitos para um sistema de gestão da segurança da informação (SGSI). Periódicos estrangeiros interessados em fazer parte da Rede SciELO devem contactar a Unidade SciELO do seu respectivo país, quando houver.                                                                                                              | Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> . Edna Frasson de Souza Montero (Brasil) , Prof. Dr. Abel L. Packer e Prof. Dr. Moisés Goldbaum |

Fonte: Acervo Pessoal - Elaborado pelo autor (2025)

É o caso do (NEPHArqE) Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar, no PPGE da UFPR - Universidade Federal do Paraná - Setor de Educação - Departamento da Teoria e Fundamentos da Educação, nas disciplinas: Tópicos Especiais em História e Historiografia da Arquitetura Escolar e História da Arquitetura Escolar, projeto de pesquisa: A Arquitetura Moderna Universitária no Brasil: análise dos edifícios acadêmicos da Universidade Federal do Paraná (1950-1960), trabalhos desenvolvidos pelo Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta.

No Grupo de Pesquisa CIVILIS<sup>14</sup> - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Departamento de Filosofia e História da Educação) – Coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Menezes e pela Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes. Rede de pesquisa: RIDPHE: Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico-Educativo, com as linhas de pesquisa: Cultura Escolar, Cultura Material Escolar, Prática Docente, História da Educação Brasileira e Comparada, História da Educação em perspectiva descolonial, Museus, Arquivos e Bibliotecas Escolares e Preservação, Estudo e Difusão do Patrimônio Histórico-Educativo. CIVILIS/UNICAMP – RIDPHE - CME/USP (parcerias) – Em 2016, com auxílio em especial da CAPES, resulta na publicação: “Desafios Iberoamericanos: O Patrimônio Histórico-Educativo em Rede”.

Nos Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material Escolar - Projetos de pesquisa com uma proposta de trabalho em rede, e conta com

---

<sup>14</sup> O CIVILIS, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania surgiu da necessidade de conferir visibilidade e legitimidade institucional aos trabalhos de pesquisadores, da área da História da Educação, que em suas pesquisas vêm priorizando novas abordagens e perspectivas teóricas decorrentes, sobretudo, da história cultural e dos estudos descoloniais. Passa-se de uma história social e econômica a uma história cultural, que tem no conceito de representação a sua centralidade e o tempo histórico é fundado na experiência concreta dos sujeitos. Propõe revisitar fontes até então negligenciadas pelos estudos em educação, visando o estudo da cultura material escolar, com ênfase nos sujeitos, em especial os professores e alunos. A ênfase na preservação, no estudo e na difusão do Patrimônio Histórico Educativo tem possibilitado interlocução em nível Ibero-Americano com a organização de Rede de Pesquisa, Simpósio Temático e Publicação de Revista Científica. (Fonte: [www.fe.unicamp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa](http://www.fe.unicamp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa)).

pesquisadores de várias regiões do Brasil: nordeste, sudeste, sul e centro-oeste (UFPR, UDESC, UFSC, UNICAMP, UFPel, UNB, UFMA, UFAC), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gizele de Souza. No Projeto Temático FAPESP: “Saberes e Práticas em Fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)” da FE-USP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) sob a coordenação de Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Diana Gonçalves Vidal, que, através do subprojeto, “Sujeitos e artefatos: territórios de uma história transnacional da educação”.

No Projeto Temático: “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 - 1950)”, no Projeto: “Artifícios da Modernização Educacional: um estudo sobre a cultura material escolar (1890 - 1970)”, ambos coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Fátima de Souza Chaloba e os projetos: “Templos de Civilização: um estudo sobre a implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo (1890 - 1910)” / “Grupos Escolares: implicações e impactos socioculturais da difusão da escola elementar em Campinas (1890 - 1950)”. Projeto desenvolvido junto ao Centro de Memória da UNICAMP, também coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Fátima de Souza Chaloba. Tais grupos, linhas e projetos de pesquisa tem o potencial em aglutinar pesquisadores de diferentes estados brasileiros e estrangeiros.

E ainda, nas apresentações nos congressos nacionais e internacionais como: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE), Revista Brasileira de História da Educação, Cadernos de História da Educação. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, ANPEd, Brasil. Sociedade Brasileira de História da Educação, SBHE, Brasil, Associação Nacional de História, ANPUH, Brasil, Caderno CEDES, periódico do Centro de Estudo Educação & Sociedade entre outras.

Esta pesquisa se insere nos projetos, sendo resultado de investigações tanto no Brasil, quanto em outros países. É fundamental reiterar o quanto a temática em "Arquitetura Escolar " tem sido utilizada e por conta do seu uso, tem se estabelecido cada vez mais nos últimos anos, trazendo uma outra perspectiva para leitura e

análise nas pesquisas em educação, contribuindo também com a interdisciplinaridade entre os pesquisadores.

É importante notar, que nesse processo não foram considerado os livros nacionais e internacionais que foram publicados com autores de renome nas investigações e escrita em Historiografia da Educação com temáticas direcionadas a arquitetura escolar. Através destes levantamentos percebemos as possibilidades e diversidade de fontes utilizadas para tratar os processos históricos educacionais com influência da arquitetura escolar, bem como os diversos discursos presentes na estética e nas formas simbólicas do ambiente escolar.

## 2. CAMINHOS DA PESQUISA

A justificativa do processo investigativo desta tese, se ampara na Escola dos Annales, que teve um efeito duradouro na historiografia, transformando completamente a forma como a história é estudada e escrita. Os Annales<sup>15</sup> abriram caminho para a investigação de novos temas e o uso de uma ampla gama de fontes, além disso, essa mudança na historiografia teve um impacto na forma como a História é ensinada e praticada em todo o mundo, criando novos padrões para a pesquisa histórica que enfatizam a contextualização, profundidade e complexidade dos eventos históricos. Uma abordagem multidisciplinar e a valorização de várias formas de evidência histórica caracterizaram a Escola dos Annales como um marco de uma mudança na historiografia do século XX. Seus fundadores e seguidores promoveram uma visão da História que vai além dos fatos escritos, usando uma variedade de fontes e metodologias, que continuam a influenciar a prática historiográfica contemporânea.

“De desvios em desvios, o espírito chega a um fim que não havia sequer entrevisto quando da partida”. Rancière (2002). Assim, o processo de investigação e o procedimento metodológico desta tese, será apresentado com a metáfora “montar um quebra-cabeça”<sup>16</sup> em construção, considerando que não seria possível

---

<sup>15</sup> Acredita-se que a Escola de Annales alforriou o documento visual para servir como fonte histórica, no entanto segundo o trabalho de Ulpiano Menezes sobre História e Imagem, ele apresenta que já no século XVIII, através da obra “La istoria universale provata com monumenti e figurata con simboli” de Francesco Bianchini<sup>15</sup>, se firma o “potencial cognitivo da imagem” e ainda na Encyclopedie de Diderot e D’Alambert (1758-1795) utiliza as imagens esclarecendo as informações dos verbetes, mas só no século XIX que a imagem se apresenta como documento com o advento da fotografia, sendo utilizada em várias áreas do conhecimento, inclusive em história da arte e na arquitetura e urbanismo, o texto vem a esclarecer que infelizmente ainda com a “alforria chancelada”, pela Escola de Annales, o documento visual não ganhou uma total independência, é ainda tratado pelos historiadores, como um documento em subalterno. Dissertação de Mestrado em 2019 – Braga, Gilson. “Um monumento para a educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913”.

<sup>16</sup> Montar um quebra-cabeça – a mesma metáfora utilizada para o processo metodológico e investigativo no Projeto de Pesquisa da Dissertação de Mestrado em 2019 – Braga, Gilson. “Um monumento para a educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913”.

dar início às minhas investigações sem considerar minhas vivências, experiências, formação, práticas acadêmicas e profissionais que contribuem para pesquisa, reflexão e análise. É necessário compreender o processo investigativo: as buscas, os encontros e as revelações Rancière (2002) em “O Mestre Ignorante” faz uma crítica ao “princípio da veracidade” que diz que “há duas mentiras fundamentais: a daquele que proclama ‘eu digo a verdade’ e a daquele que afirma eu ‘não posso dizer’”, o que leva a compreender que ocorreram descobertas nas investigações que não podem ser reveladas.

A prática de montar quebra-cabeças, comumente associada ao desenvolvimento infantil, também é valorizada por adultos como uma ferramenta de exercício mental e entretenimento. Este princípio foi utilizado analogicamente à abordagem metodológica desta pesquisa, onde o início do percurso se dá pela busca da “primeira peça” através de questionamentos e reflexões. Tais questionamentos, ocorreram ao observar o comportamento das pessoas ao adentrar em um espaço construído; para esta reflexão apresentarei três espaços consideravelmente distintos: espaço religioso, espaço teatral e espaço escolar. Considerei que as pessoas, comumente se dividem em dois grupos de uma forma hierárquica na utilização dos espaços em estudo. Considerei ainda, que tais grupos estão divididos entre o emissor e o receptor de uma mensagem; e a partir dessa percepção verifiquei como esses espaços são simbolizados e articulados dentro do próprio ambiente.

Vejamos: a configuração do espaço religioso (cristão), através da sua “hierarquia social e espiritual”<sup>17</sup>, divide-se basicamente em duas partes (altar e nave) com poucas diferenciações nos ambientes e denominações de outros credos religiosos; o emissor (o sacerdote, o pastor, o mentor, o rabino ou qualquer outro líder religioso) utiliza o altar como espaço de discurso litúrgico; e na nave encontramos os receptores, que são os fiéis, com seus olhares e ouvidos sempre

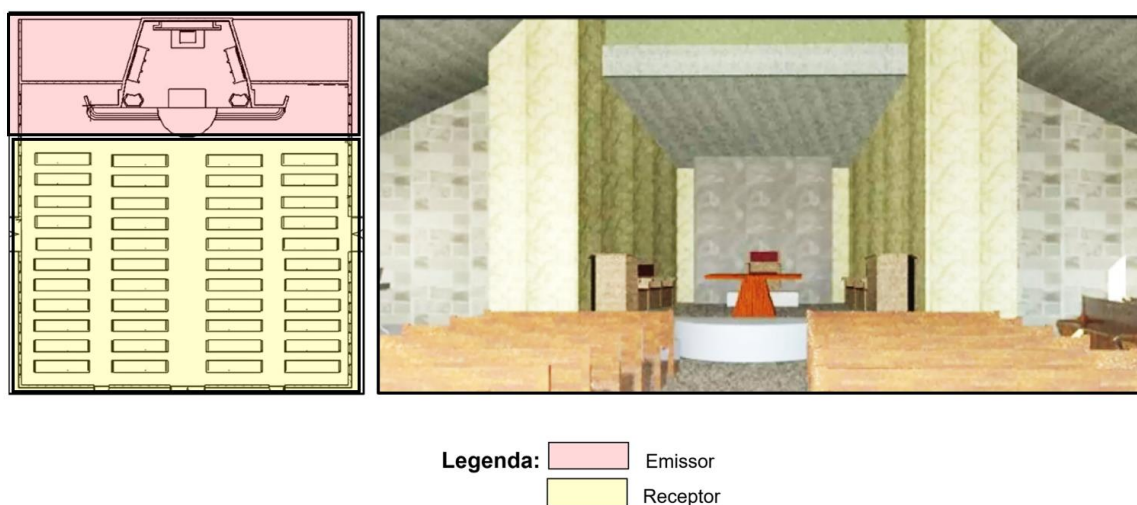
---

<sup>17</sup> hierarquia social e espiritual – Título de um tópico do texto da Monografia do Curso de Especialização – Patrimônio Arquitetônico – Preservação e Restauro em 2005 – BRAGA, Gilson. “Conservação da Fachada e do interior do templo da Primeira Igreja Batista de Santos – SP”.



atentos para receber a mensagem enviada. Para Braga (2005), “A rito e a arte, portanto, transformam pensamentos e objetos naturais em meios de expressão do mundo transcendente”. As figuras: 11, 12 e 13 apresentam através da representação gráfica da planta<sup>18</sup> e da perspectiva<sup>19</sup> a semelhança na disposição e na hierarquia dos espaços: religioso, teatral e escolar.

Figura 11: Planta e Perspectiva Interna do Espaço Religioso



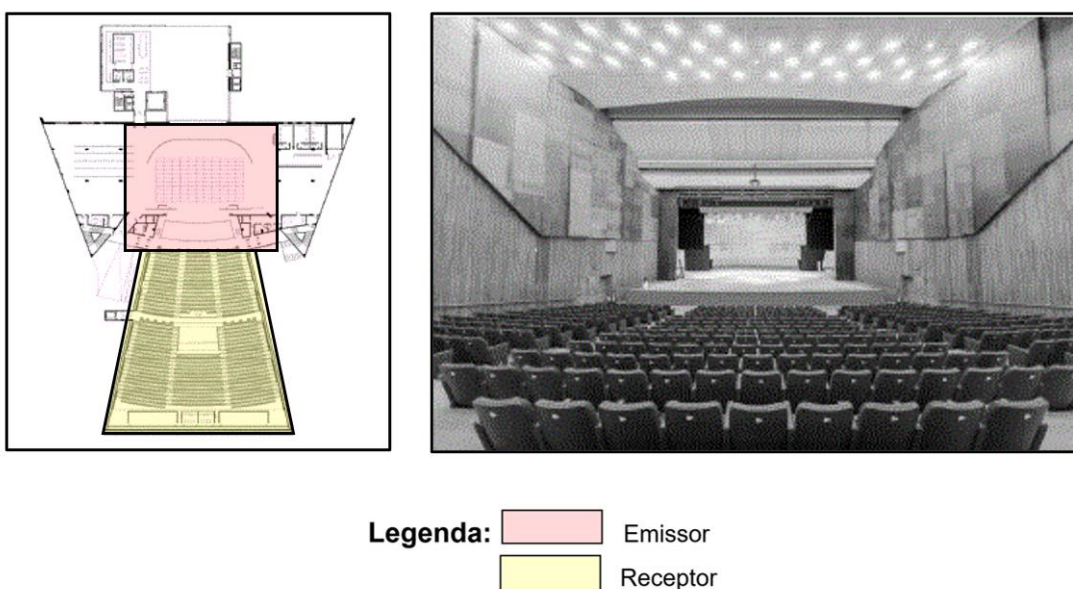
Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

<sup>18</sup> Planta: linguagem técnica para projetos arquitetônicos. Desenho que representa a projeção horizontal de um edifício, de uma cidade etc. Corte horizontal de um edifício, geralmente passando acima do plano dos peitoris das janelas. Fonte: Corona e Lemos - Dicionário da Arquitetura Brasileira.

<sup>19</sup> Perspectiva: representação do espaço tridimensional (comprimento/largura/profundidade) pelo desenho ou pela pintura, sobre uma superfície bidimensional (largura/comprimento). A profundidade, que falta na superfície, é simulada através da perspectiva, graças à qual objetos do mesmo tamanho em progressivo distanciamento, mesmo mantendo as mesmas proporções, são representados menores, como efetivamente aparecem ao olho no espaço real. Fonte: Koch - Dicionário de Estilos Arquitetônicos.

Já no espaço teatral (anfiteatro), o ator é o emissor e o receptor é o espectador; os atores geralmente ocupam o espaço do palco, lugar onde ocorre o espetáculo, e o espectador ocupa o espaço chamado de plateia. Vale lembrar que no decorrer da história, espaço teatral e/ou cênico, se configuram em diferentes formas; não esquecendo que independente das formas e formatações do espaço, sempre haverá essa delimitação espacial. Para Berthold (2001) “O encanto mágico do teatro, num sentido mais amplo, está na capacidade inexaurível de apresentar-se aos olhos do público sem revelar seu segredo pessoal”. A figura 12 apresenta disposição e a hierarquia do espaço teatral.

Figura 12: Planta e Perspectiva Interna do Espaço do Teatral

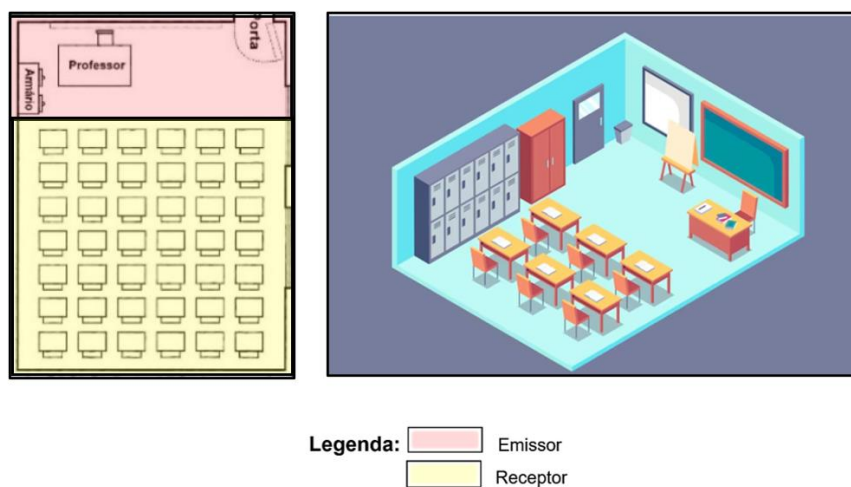


Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

E por fim, o espaço escolar (sala de aula), o emissor é o professor e os alunos são os receptores; a posição do professor nesse ambiente é geralmente afastado

dos alunos, de forma que os receptores recebam as informações através dos sentidos (principalmente o visual e o sonoro) e, ainda, os alunos geralmente encontram-se em conjunto. Vale lembrar que dependendo da prática pedagógica utilizada pelo professor, pode-se mudar alguma configuração do espaço, no entanto a posição espacial do professor estará sempre em evidência. A figura 13 apresenta disposição e a hierarquia do espaço escolar.

Figura 13: Planta e Perspectiva Interna do Espaço Escolar - Sala de Aula



Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

Nesse exercício de reflexão, e o olhar sobre arquitetura religiosa, teatral e a escolar, foi possível entender que a arquitetura é uma atividade e/ou produto que se comunica através da estética, símbolos, emoções e afetos. Tal exercício vem ao encontro do texto de Viñao Frago e Escolano (2001) no capítulo sobre "Arquitetura como programa" do livro "Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa". Os autores, apresentam um texto de 1912, onde a Direção Geral do Primeiro Ensino da Espanha propunha um modelo de arquitetura escolar e utilizam

o texto de A. Sluys<sup>20</sup> como fonte norteadora. Abordam a relação entre a estética e simbologia que os edifícios escolares desempenham de forma direta na educação das crianças e de toda comunidade.

[...] ao considerar a decoração dos edifícios destinados à educação, a função estética e simbólica que esses podiam desempenhar na educação da infância e de toda comunidade. Relativamente essa questão, reproduziram o texto de A. Sluys: “Os povos civilizados souberam levantar templos em que se dá a educação religiosa, assembleias legislativas, símbolo da administração popular, palácios da justiça, teatros, etc.; a maior parte desses edifícios, com seu caráter artístico bem determinado, impressionando agradavelmente com sua beleza; [...] E não é que se trate, à força do dinheiro, de construir palácios repletos de motivos ornamentais com um luxo não justificado pela própria natureza da instituição (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 35).

Com base nos autores apontados acima, e a partir de uma análise desenvolvida entre os espaços religiosos, teatrais e escolares, verifiquei que um novo procedimento metodológico necessitaria para angariar novas peças do quebra-cabeça em construção. Nesta perspectiva, dei “continuidade na investigação”<sup>21</sup>, que outrora havia iniciado quando mapeei o espaço físico e organizacional ocupado pela Unidade Escolar da Etec Dra. Ruth Cardoso, com o intuito de observar as relações das pessoas com o edifício e como se revela o cotidiano escolar.

Antes de iniciar a investigação nos acervos dos arquivos, bibliotecas e museus, foi necessário desenvolver e apresentar o exercício em conjunto com o objeto de estudo e a base bibliográfica desta pesquisa; pois seria insuficiente estudar

---

<sup>20</sup> Alexis Sluys — Diretor da Escola Normal de Bruxelas, delegado internacional, representante Belga - *Congreso Pedagógico Hispano-Americano que ocorreu em Madrid, no ano de 1892.*

<sup>21</sup> Continuidade na investigação: Levantamentos métricos arquitetônicos “in loco”, desenvolvido a Iconografia do Edifício Escolar em estudo (fotos, desenhos plantas e elevações) para o Projeto de Pesquisa da Dissertação de Mestrado em 2019, elaborado pelo autor.

o espaço escolar sem entender que outros espaços sociais se expressam de forma semelhante ao espaço escolar.

As fontes bibliográficas escolhidas para esta tese foram compostas com base em autores, textos e livros nacionais e internacionais comumente empregados em pesquisas de cunho historiográfico em educação, que apresentassem um panorama geral das referências teóricas que balizam as investigações sobre arquitetura escolar na perspectiva da historiografia da educação. Desta forma, para que se conheça melhor os aspectos do objeto de estudo, a pesquisa é qualitativa de caráter bibliográfico, investigativo e documental. Estabelecendo nessa investigação, uso diversificado de fontes: Desde Referenciais Bibliográficos, Estudos Correlatos e Fontes diversificadas.

Para coleta, tratamento, triangulação e análise; as fontes utilizadas foram: 1. documentos escritos, imprensa e documentos escolares; 2. documentos iconográficos: por uso de fotografias, quadros, pinturas, desenhos, mapas, projetos arquitetônicos; 3. Artefatos e 4. Acervo pessoal do pesquisador (Levantamentos “in loco”, Documentos, Desenhos, Croquis, Projetos e Esquemas). Todos esses documentos levantados encontravam-se em suportes físicos e virtuais. Essa abordagem é para entender como se estabelecem as hierarquias de valores sociais e como essas hierarquias influenciam e são influenciadas pelo objeto de investigação.

Durante a investigação, pretendo levantar algumas questões sobre a cultura material e as características estilísticas do edifício escolar; e trazer uma reflexão dos valores estéticos, e dos símbolos da Arquitetura Escolar no imaginário republicano. Por fim, compreender o quanto e como esse período refletiu na educação, na sensibilidade e afetos da comunidade caíçara. As fontes documentais (escritas e iconográficas) em conjunto com referenciais bibliográficos em arquitetura escolar republicana, símbolos e valores estéticos, iconografia, cultura material escolar, afetos e sensibilidades e historiografia da educação no período da primeira república fundamentaram essa pesquisa histórica.

O uso das fontes também tem uma história porque os interesses dos historiadores variaram no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais. Ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso (JANOTTI, 2008, p.10).

O recorte temporal (1893 a 1913) se justifica pelo dimensionamento da pesquisa, pelo período cultural, sociopolítico e econômico em que a educação na região se alavancava. Uma vez que procura retratar o processo de implantação da Escola do Povo em 1893 em um armazém, local inapropriado, com características arquitetônicas do período colonial; a conquista, em 1898, do terreno para construção do edifício escolar, com as características arquitetônicas do período republicano; e, por fim, em 1913, o acréscimo de construção ao antigo edifício realizado pelo Governo do Estado, com a finalidade de implantar no município, o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente. Após verificar o recorte temporal e analisar as hipóteses levantadas através das fontes, a investigação pretende apresentar como produto, a constituição histórica dessa escola e da educação no município, tornando assim a pesquisa relevante para a História da Educação no Litoral Paulista.

Conforme Bacellar (2005) - “Grandes obras historiográficas tiveram sua origem nas salas de arquivo, onde muito suor e trabalho foram gastos, após semanas ou meses de paciente e dedicada fase de pesquisa”.

Assim, a busca das fontes primárias ocorreu nos arquivos documentais existentes, na Etec Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso, Diretoria de Ensino da Região de São Vicente, Liame: Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação da Baixada Santista<sup>22</sup>, Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de

---

<sup>22</sup> Acervo do Liame – Laboratório de Informação, Arquivo e Memória Educação na Baixada Santista: em complemento ao PPGE da UNISANTOS, o acervo criado em novembro de 2006 pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Franco Pereira em colaboração dos alunos e professores do Programa. O acervo foi constituído por materiais doados, encontrados em lugares de descarte, escolas e comprados. O

Santos, Hemeroteca Roldão Rosa, Secretaria de Cultura do Município de São Vicente - Casa Martim Afonso e Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente, Biblioteca Municipal de São Vicente, Biblioteca Municipal de Santos, Biblioteca da UniSantos, Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital, CODESAVI, CONDEPHASV e CONDEPHAAT.

## 2.1. Investigação nos arquivos e acervos

Trazer Farge (2009) neste processo se tornou interessante, porque a autora relata uma forma para trabalhar nos arquivos; diz que compreender o objeto de investigação não se limita apenas à análise intrínseca do próprio objeto, mas também envolve a correlação desse objeto com as relações sociais e as interações das pessoas com o ambiente natural e construído ao seu redor.

[...] Além do material bruto, que permite uma certa reconstituição da paisagem social, há possibilidade de mensurar e de montar a distância que existe entre o homem da rua e sua imagem; nas respostas dadas e nas palavras pronunciadas, há momentos singulares em que se identifica não somente o cotidiano, mas o pensamento do cotidiano; há instantes privilegiados em que se entrevê o homem da rua não se enganar nem sobre o que se faz, nem sobre o que acredita, nem mesmo sobre o que afirma. Essa é a riqueza do arquivo: não se limitar à descrição do social, compreender como a população pensa sobre si mesma e produz constantemente inteligência e inteligível em busca de um sentido que ela

---

acervo é constituído de materiais como: livros didáticos, atas escolares, revista de educação, monografias, dissertações e teses, trabalho de alunos, trabalho de professores, cartilhas e materiais didáticos, recortes de jornais, catálogos e folhados, boletim escolar, jornal escolar, livros diversos, documentos pessoais, certificados e diplomas, histórico escolar, documentos (co-relacionados): Prof. Lindomar Valle, Prof. Waldermar Martins e Prof. Maria Aparecida Franco Pereira e documentos do PPGE da UNISANTOS, FAFIANA e SVSL; Objetos, artefatos da cultura material escolar: tinteiro, caixa de lápis, apagador, 3 suportes (década 50 e 60 e máquina de escrever, indumentária: uniformes, chapéu, jaleco (Liceu Santista), camiseta de professor do Liame e camiseta do Liame; Iconografia: álbuns fotos escolares, álbuns fotos de formatura, álbuns de fotos particular, fotos avulsas escolar e pessoal, fotos com suporte de época, mapas da região da Baixada Santista (XIX, XX e XXI), plantas arquitetônicas de escolas, slides, acetato de projetor e ainda documentos audiovisuais e sonoros, DVDs Fitas cacetes e Cds.

descobre e fabrica simultaneamente às situações que vive (FARGE, 2009, p. 98 e 99).

Ao vivenciar uma situação no meu processo de coleta dentro dos arquivos, puder ver a riqueza de fontes existentes nesse espaço, ao mesmo tempo contradiz com a infraestrutura existente para armazená-las. Menezes (2005), ao apresentar a sua experiência com arquivo escolar; aponta as dificuldades para coleta das fontes, devido à má conservação da estrutura do local que apresentava-se num estado deteriorado. “Depositado em espaço insalubre e tido pela instituição como arquivo morto, ele mostrou a possibilidade de se preservar a memória, quando se buscava constituir uma história”.

[...] apresentavam-se em situação de deterioração progressiva, sofrendo todo tipo de agressão, fosse pelas más condições de depósito em locais insalubres e úmidos, fosse pela ação de todo tipo de pragas, devido às más condições ambientais. Os documentos encontravam-se depositados em um porão úmido e com mau cheiro, o que inviabilizava a permanência de pessoas naquele local, sobretudo diante da necessidade do contato que a pesquisa exigia (MENEZES, 2005, p. 68).

Já para Moraes (2005), a sua experiência ao iniciar o projeto de instalação do Centros de Memória para o Centro Paula Souza, foi impactante. A pesquisadora encontrou, durante a investigação das 08 escolas técnicas estaduais escolhidas: a precariedade na infraestrutura dos locais, o armazenamento dos documentos dispersos e as formas de tratar os diferentes tipos de documentos.

Um dos problemas mais graves observados consiste na eliminação indiscriminada dos documentos. Todos os arquivos possuem lacunas significativas, o que se deve, principalmente, a falhas nas normas legais que regulamentam a preservação de documentos nos estabelecimentos de



ensino. De acordo com Ribeiro (1992), as normas existentes baseiam-se "apenas no valor probatório dos documentos"; "o valor informativo, que se refere ao seu uso científico e cultural, raramente é considerado". Para o autor, tal desatenção "no mínimo surpreende", uma vez que "os órgãos responsáveis pela regulação da vida escolar são os Conselhos Federal e Estaduais de Educação" (MORAES, 2005, p. 120).

A leitura dos textos acima mencionados me ajudou a compreender que “os arquivos, as bibliotecas e os museus”<sup>23</sup> são lugares de memória e necessitam de um olhar mais atento, pois é dentro desses espaços que estão armazenadas tantas memórias. E ainda, me senti advertido que ao analisar as fontes, devo levar em conta a forma que são acessíveis e dispostas nos arquivos.

Os objetos escritos dispostos fisicamente em uma determinada organização, em um lugar determinado, ali estão com base em escolhas, sejam de eleição e preservação, sejam de exclusão e de destruição física. Estas práticas ocorrem cotidianamente nas instituições de memória: os arquivos, as bibliotecas e os museus. [...] Essas colocações levam a outras, e a outros cuidados, como a necessidade de ressaltar a crítica das fontes, ou seja, que os arquivos não falam a verdade por si só. Eles devem ser submetidos a uma crítica exigente das fontes, sobretudo diante do entusiasmo com fontes abundantes e livremente acessíveis (MENEZES, 2005, p. 68).

---

<sup>23</sup> Arquivos, bibliotecas e museus: durante muito tempo as noções de arquivo, biblioteca e museu se confundiram, não só pela finalidade e forma física dos documentos, mas também porque estas instituições tinham o mesmo objetivo. Na verdade, elas funcionavam como grandes depósitos de documento e de qualquer espécie, produzidos pelo homem. Entretanto, a evolução histórica da humanidade, aliada fatos culturais e tecnológicos como, por exemplo, advento da imprensa, pouco a pouco forçou a delimitação dos campos de atuação de cada uma delas. Muito embora as três tenham função de guardar, se objetos são diferentes, podendo ser assim definidos: Arquivo: é a acumulação ordenada dos documentos, em sua maioria textuais, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando a utilidade que poderão oferecer no futuro. Biblioteca: é o conjunto de material, em sua maioria impresso, disposto ordenadamente para estudo pesquisa e consulta. Museu: é uma instituição de interesse público, criada com a finalidade de conservar, estudar e colocar à disposição do público conjuntos de peças e objetos de valor cultural. Observa-se, então, que é a finalidade das bibliotecas e dos museus é essencialmente cultural, enquanto dos arquivos é primordialmente funcional, muito embora o valor cultural exista, uma vez que constituem a base fundamental para o conhecimento da história. Fonte: Paes, Marilena Leite. Arquivo teoria e prática, 2011, p. 28.

Trazendo Farge (2009) para o nosso diálogo quando tratamos de vivências e experiências nos arquivos; percebemos que, tanto para Moraes (2005), quanto para Menezes (2005), mesmo com todos os entraves físicos e estruturais existentes nos seus processos de investigação, em conjunto com outros pesquisadores que as acompanharam, puderam perceber a magia e o privilégio ao estarem naqueles lugares de memória.

No entanto, mesmo cobertos por poeira e assediados por pragas, esses documentos ainda conseguiram sobreviver até a chegada dos pesquisadores. Foi com a entrada nos porões que os pesquisadores puderam vislumbrar o que seria o trabalho. Para isso, alguns procedimentos concomitantes foram necessários, devido ao mau armazenamento das fontes documentais (datadas a partir do ano de 1903), pois não foi possível simplesmente chegar até a escola e consultar sua documentação; não se estava em um lugar com o acervo organizado e aberto para consulta pública, como uma biblioteca, centro de memória ou outro lugar que possuísse acervo disponível. Os primeiros contatos com os documentos históricos da Escola, localizados nos porões, apresentaram dificuldades aos pesquisadores, sobretudo em relação à má conservação dos depósitos e do espólio (MENEZES, 2005, p. 68 e 69).

Buscando realizar uma leitura das vivências e experiências dessas autoras, percebemos que, no meu processo de investigação dentro dos arquivos, independentemente do seu estado físico estrutural, esse espaço me traria possibilidades de encontrar as fontes fundamentais e complementares para minha pesquisa, como também perceber de que forma o processo arquivístico<sup>24</sup> se relaciona com as fontes.

---

<sup>24</sup> Arquivístico – As informações arquivísticas tem a capacidade de ser produzidas no universo das funções/objetos a que se propõem as entidades. Nesse sentido é que as informações são orgânicas, por guardarem entre si as mesmas relações que se formam entre as competências e as atividades das entidades. A distinção entre a informação e o documento arquivístico está em que o segundo forma sempre uma unidade entre informação e suporte, seja este tradicional, como o papel, ou informático ou virtual. Fonte: Belloto, Heloisa Liberalli. Arquivística - objetos, princípios e rumos. 2002, p. 22 e 23.

Consciente de que esses espaços devem preservados e conservados, por serem lugares de memória, e que já havia experienciado e vivenciado tais espaços durante a investigação; me deparei com a diversidade de fontes encontradas: livros, manuais, documentos escritos e iconográficos (público e privado), impressos, artefatos e ainda arquivos digitais.

Para entendermos as práticas e os procedimentos que os arquivos digitais brasileiros (públicos e privados) trabalham com seus documentos digitais e o armazenamento do acervo nesse suporte, tornou-se necessário pesquisar, também, a visão dos profissionais de informática junto aos arquivos. Na revista *Cenário Arquivístico*<sup>25</sup>, Santos (2001), consta um artigo sobre “Gestão de Documentos Eletrônicos nos Arquivos Públicos Brasileiros”, o autor atesta:

Antes de se questionar as instituições quanto ao tratamento dado aos arquivos eletrônicos, considerou-se imprescindível descobrir se existe uma política de gestão documental, independentemente do suporte, e como é praticada. Afinal considera-se que virgula no contexto dos objetivos da pesquisa, a existência de uma política arquivista de gestão documental para documentos eletrônicos é resultante da evolução de uma política anterior que contemplasse apenas os suportes tradicional (SANTOS, 2001, p. 09).

No convívio profissional e acadêmico, percebi que poderia encontrar uma certa dificuldade ao apresentar no texto os documentos físicos e virtuais da pesquisa. Nesse sentido, sem nenhuma presunção, busco aqui a sensibilidade para o leitor perceber, que as fontes de pesquisa podem e devem ser diversificadas, fazendo com que a pesquisa se torne mais próxima do contexto que se propõe apresentar.

---

<sup>25</sup> Revista *Cenário Arquivístico*: esta é uma revista técnico científica voltada para a discussão de temas relacionados a arquivologia. De âmbito nacional, e tendo como público-alvo os profissionais das ciências da informação, oferece uma excelente oportunidade de divulgação para empresas cujos objetivos envolvem o gerenciamento de informações, consultoria arquivística, microfilmagem, digitalização, segurança eletrônica e física de sistemas de informação, GDE entre outros. Fonte: Revista *Cenário Arquivístico* – Volume 1, p. 13, jan./jun. 2002.

Nesse exercício, entendemos que seria necessário apresentar um referencial bibliográfico para essa temática; Vidal (2002) traz uma interessante reflexão sobre a atual era digital, o lugar do acervo (documento) e, ainda, que estamos passando por transformações significativas no processo da formação e uso desses dois tipos de suportes<sup>26</sup>.

Mais do que negar a neutralidade do artefato eletrônico, e discutir sobre seu bom ou mau emprego, o que se coloca em pauta é perceber o digital como uma nova materialidade que acarreta mudanças no corpo, nas relações pessoais, temporais e espaciais, e nos modos de ler e produzir significados (ainda tendo a certeza de que não podemos antecipar todas as repercussões futuras de seu uso). E compreender que a existência de novas tecnologias não determina que antigos procedimentos sejam abandonados. Organização, catalogação, descarte são operações necessárias até mesmo para a indexação de informações no meio digital (VIDAL, 2002, p. 61).

A leitura e reflexão do texto mencionado acima, influenciou significativamente nos procedimentos utilizados nesta pesquisa; o processo de investigação foi desafiador para a compreensão de dois tipos de suporte (físico e o virtual). As informações que buscava, apareciam concomitantemente dentro e fora dos acervos pesquisados; tendo esse indício nos diferentes suportes e ainda nos diferentes tipos de documentos (escritos, impressos, artefatos e iconográficos), foi necessário trabalhá-los em conjunto e, também, separados, porque muitas vezes as informações se complementavam, mas também, ocorriam divergências.

---

<sup>26</sup> Suportes: [...] os acervos (ou fundos) escolares podem reunir uma grande variedade de documentos nos mais diversos materiais: papel, madeira, isopor, vidro, tecido, gesso, acrílico etc. Os arquivistas dão o nome de **suporte** ao material sobre o qual as informações são registradas. Assim, podemos considerar como documento histórico tanto uma cadeira em madeira do século XIX como um calçado em couro que pertenceu a um barão do café, ou as dobraduras de papel feitas pelos alunos nas aulas de Educação Artística. Esses exemplos nos trazem informações históricas a respeito do mobiliário do século XIX, do vestuário dos barões do café, e das práticas escolares no Brasil do século XX. Podemos perceber, então, que documento não é somente aquilo que é registrado em papel. Assim como há vários tipos de suporte, também devemos lembrar que os documentos podem pertencer a vários **gêneros**: áudio, cinematografia, iconografia, multimídia e texto. Fonte: Estado de São Paulo, p. 12, 2003).

[...] documentos servem para atestar nossos deveres e garantir nossos direitos. Entretanto, para os historiadores, tudo aquilo que servir como registro de informações históricas também é considerado documento: um decreto, uma carta, um artigo de periódico, uma fotografia, um diário, um caderno, uma peça de vestuário, uma cadeira, etc. Da mesma maneira, as instituições produzem uma vasta documentação, que forma os arquivos de partidos políticos, de empresas, de bancos, de universidades, de associações religiosas, e também de escolas. Logo, podemos definir arquivo como o conjunto de documentos reunidos, ao longo das atividades, por pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas (Estado de São Paulo, 2003, p. 10).

Para melhor compreensão do meu processo de investigação, busquei tratar os assuntos: Arquivo e Acervo separadamente, porque as fontes que eu encontrei, foram geralmente em lugares distintos de armazenamento, alguns deles com a intenção de ser um arquivo, mas não eram – ou, pelo menos, eu não os considerei assim, ainda que respeitassem o posicionamento dos “guardiães da memória” (existem trabalhos que contemplam essa temática).

Os procedimentos e relatos sobre a investigação junto aos arquivos foram apresentadas nos parágrafos e citações acima desse texto; a partir de agora busco tratar sobre os acervos públicos e privados, ainda que muitas vezes esses acervos refletirão as políticas dos arquivos investigados. Para elucidar o leitor sobre a estrutura do nosso pensamento, buscamos trazer uma definição acerca de acervo:

Os acervos privados, da mesma forma que os documentos produzidos pelos poderes públicos, compõem relevante tema de estudos para a arquivologia e a história ao se manifestarem como elementos significativos nos processos de construção de memórias, identidades e histórias individuais e coletivas, assumindo traços de patrimônio documental (Revista Acervo<sup>27</sup>).

---

<sup>27</sup> A revista **Acervo**, periódico científico do Arquivo Nacional, torna pública a chamada para o dossiê “Memória e história: potências e tensões nos usos de acervos privados”, que tem como editores Eliana Laurentino, doutora em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro; Renato Crivelli, doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e professor no Departamento de

Ao considerar o acervo, como documentos (escritos, iconográficos e artefatos) que se encontram armazenados dentro do arquivo, também considerei para essa investigação o espaço físico portador de tais documentos. Mas infelizmente, muitos desses arquivos que eu trabalhei não refletiam, a priori, ao que se propunham: algumas questões encontradas durante a investigação, traziam alguns conflitos no que se refere: à guarda, armazenamento, disposição e acesso (ou não) nos seus acervos, comprometendo, assim, a coleta das fontes para esta pesquisa.

Vale lembrar que a visita a todos os arquivos que eu tive acesso me trouxeram elementos para a pesquisa que eu não encontraria aleatoriamente; atesto aqui o quão fundamental é para o pesquisador fazer desse processo um trabalho que fundamenta a pesquisa.

Adapteí e elaborei uma (Tabela: 3) baseada no modelo de Bacellar (2008), levando em consideração a necessidade da investigação. A seguir, a tabela apresenta as instituições arquivísticas, os documentos angariados e os assuntos de interesse. Para esse procedimento não foi necessário ter a preocupação de apresentar uma sequência lógica de valor e relevância, pois todos aqui foram de grande valia e relevância para o objeto de pesquisa desta tese, afinal a escolha de cada arquivo e documentos foram de acordo com os interesses e questionamentos da investigação.

---

Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da mesma instituição; e Tiago Braga da Silva, doutor em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

Tabela 3: Fontes Documentais (Arquivos, documentos e assuntos)

| Arquivos                                                                                   | Documentos                                                              | Assuntos - interesse da pesquisa                                                                                                                           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Etec Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso</b>                                                    | Cópia de Ata – 1910                                                     | Publicação da Escola do Povo – Diário Oficial de São Paulo - 1910                                                                                          |
|                                                                                            | Cópia de Registro de Imóvel – atualizado - 2012                         | Levantamento dos proprietários do terreno onde foi implantado e construído o Edifício Escolar                                                              |
|                                                                                            | Cópia do Processo de Tombamento Estadual - 2016                         | Apresentação do Edifício Escolar com um Patrimônio Histórico Estadual                                                                                      |
|                                                                                            | Cópia do Diário Oficial – Seção II – 11/08/2004                         | Diretoria Regional de Ensino (DRE) de São Vicente - Secretaria da Educação Restaura o Edifício Escolar                                                     |
|                                                                                            | Polianteia Vicentina                                                    | História Cronológica de todos os setores da máquina administrativa da Cidade de São Vicente – “Educação - Escolas”                                         |
|                                                                                            | Cópia da Planta do Edifício Escolar – Início do Século XX               | Levantamento e análise de acréscimo com mudanças significativas na implantação do Grupo Escolar                                                            |
| <b>Diretoria de Ensino da Região de São Vicente</b>                                        | Relatório Histórico das Escolas do Município de São Vicente             | Levantamento e História das escolas do município Cidade de São Vicente                                                                                     |
|                                                                                            | História de São Vicente em bairros                                      | Levantamento e História das escolas do município Cidade de São Vicente                                                                                     |
| <b>Liame: Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação da Baixada Santista</b> | Fotografia do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente – “O Grupão” - 1923 | Levantamento e História da Escola do Povo e do Grupão                                                                                                      |
|                                                                                            | Livros didáticos – 1882 / 1910 / 1920 / 1933                            | Leitura e análise de Currículo Escolar                                                                                                                     |
|                                                                                            | Revista de Educação - 1928                                              | Leitura e análise de Currículo Escolar                                                                                                                     |
|                                                                                            | Recortes de Jornais                                                     | Analisar o Panorama Republicano da Região da Baixada Santista                                                                                              |
|                                                                                            | Caderno Escolar – 1900 / 1926 / 1942                                    | Leitura e análise da Prática Escolar                                                                                                                       |
|                                                                                            | Boletim Escolar - 1927                                                  | Leitura e análise da Prática Escolar                                                                                                                       |
|                                                                                            | Monografias                                                             | Leitura e análise de temáticas: Historiografia da Educação, Arquitetura Escolar e Panorama Histórico da Cidade de São Vicente e Região da Baixada Santista |
|                                                                                            | Dissertações                                                            | Leitura e análise de temáticas: Historiografia da Educação, Arquitetura Escolar e Panorama Histórico da Cidade de São Vicente e Região da Baixada Santista |
|                                                                                            | Álbum e Fotografias avulsas escolares e pessoais                        | Leitura e análise iconográfica dos suportes para compreensão da vida social e escolar                                                                      |
|                                                                                            | Mapas das cidades da Região da Baixada Santista (Séc. XIX, XX e XXI).   | Leitura e análise iconográfica dos suportes para compreensão do processo de desenvolvimento urbano na região                                               |
|                                                                                            | Plantas Arquitetônica de Escolas                                        | Leitura e análise iconográfica dos suportes para compreensão dos projetos dos edifícios escolares e dos espaços escolares                                  |
| <b>Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos</b>            | Jornal Vicentino – Anno II – São Vicente – maio – 1900 – N. 31          | Comemoração do IV Centenário do descobrimento do Brasil – Exposição na Escola do Povo                                                                      |
|                                                                                            | Jornal “Diário de Santos”                                               | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                                                                            |
|                                                                                            | Jornal “Santos Commercial”                                              | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                                                                            |
|                                                                                            | Jornal “Lavoura e Comercio”                                             | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                                                                            |
|                                                                                            | A Vanguarda – Diário da Manhã                                           | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                                                                            |

|                                                                |                                                                                                            |                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                | Álbum da Cidade de Santos - 1902                                                                           | Leitura de imagens do município de São Vicente e região da Baixada Santista                      |
|                                                                | Almanaque – A Fita - 1915                                                                                  | Leitura e análise das fotografias e do texto sobre O Primeiro Grupo Escolar de São Vicente       |
|                                                                | Revista da Semana                                                                                          | Levantamento de imagens e textos da Cidade de São Vicente e região da Baixada Santista           |
| <b>Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital</b>        | Imagem digital da Revista a Fita (SP) – 1912 a 1913                                                        | Fachada do Edifício Escolar – Escola do Povo                                                     |
|                                                                | Jornal Correio Paulistano                                                                                  | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | Jornal - Estado de São Paulo                                                                               | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | Jornal – A Nação                                                                                           | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | Jornal do Comercio                                                                                         | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | Jornal – O Paiz                                                                                            | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | The Brazilian Review                                                                                       | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
|                                                                | Diário Popular                                                                                             | Anúncios referentes a Escola do Povo e do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                  |
| <b>Arquivo do Estado de São Paulo</b>                          | Anuário do Ensino do Estado de São Paulo – 1907 / 1908                                                     | Escolas Isoladas e Grupos Escolares                                                              |
|                                                                | Anuário do Ensino do Estado de São Paulo - 1909                                                            | Relatórios das Escolas                                                                           |
|                                                                | Anuário do Ensino do Estado de São Paulo - 1913                                                            | Instalação do Grupo Escolar de São Vicente                                                       |
| <b>Hemeroteca Roldão Rosa</b>                                  | Jornal “A Tribuna” - 26.07.2004                                                                            | História da “Escola do Povo” e “Grupão”                                                          |
|                                                                | Jornal “Correio do Povo” -                                                                                 | Anúncio da Proclamação da República                                                              |
| <b>Secretaria de Cultura do Município de São Vicente</b>       | Brasão do Município de São Vicente                                                                         | Leitura da Simbologia do Brasão do Município de São Vicente                                      |
| <b>Casa Martim Afonso</b>                                      | Mapas da Cidade de São Vicente                                                                             | Leitura dos mapas – para análise do processo de desenvolvimento urbano                           |
|                                                                | Fotografias da Cidade de São Vicente                                                                       | Leitura iconográfica para análise do desenvolvimento urbano da cidade de São Vicente             |
|                                                                | Fotografias da Escola do Povo                                                                              | Leitura iconográfica para análise da implantação do edifício escolar                             |
|                                                                | Fotografias do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente                                                       | Leitura iconográfica para análise de transformação e crescimento do Grupo Escolar de São Vicente |
| <b>IHGSV - Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente</b> | Cópia – Recorte de Jornal – Ano I – nº 15 – 21 a 27/05/1993                                                | São Vicente de Outrora – A exposição na Escola do Povo – Jayme Caldas                            |
|                                                                | Cópia do Mapa da Cidade de São Vicente do Século XIX                                                       | Leitura do mapa – para análise do processo de desenvolvimento urbano                             |
|                                                                | Fotografias da cidade de São Vicente                                                                       | Leitura iconográfica para análise do desenvolvimento urbano da cidade de São Vicente             |
| <b>Biblioteca Municipal de São Vicente</b>                     | Cópia – Texto “Escola do Povo” – “São Vicente” – uma luz maçônica do século XIX - Adamastor Amado Stoffel. | Cronologia histórica – Escola do Povo e Grupão                                                   |
|                                                                | Revista Morpion – outubro/2007                                                                             | Memória Fotográfica de São Vicente - Imagens e texto – Escola do Povo e Grupão                   |
|                                                                | Memorial Fotográfico de São Vicente                                                                        | Memória Fotográfica de São Vicente - Imagens e texto – Escola do Povo e Grupão                   |
| <b>Biblioteca Municipal de Santos</b>                          | Jornal “A Tribuna” – 15/11/1913                                                                            | Inauguração do Grupo Escolar de São Vicente                                                      |
|                                                                | Trabalho de Conclusão – Arquitetura e Urbanismo                                                            | Levantamento histórico e iconográfico da cidade de São Vicente                                   |
|                                                                | Revista – Arquitetura Escolar                                                                              | Leitura do Arquiteto Vila Nova Artigas – sobre arquitetura escolar                               |



|                                |                                                |                                                                                                |
|--------------------------------|------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Biblioteca da UniSantos</b> | Mapas históricos da Região da Baixada Santista | Leitura do mapa e análise do desenvolvimento urbano da região da baixada santista              |
|                                | Jornal "A Tribuna" – 13.06.1989                | Pesquisa e Redação – Prof. Stoffel – Evento na Escola do Povo em 10.06.1903                    |
| <b>CODESAVI</b>                | Cópia - Planta do Edifício Escolar - 2008      | Leitura e análise da planta do edifício escolar com suas sucessivas mudanças no espaço escolar |
| <b>CONDEPHAAT</b>              | Cópia do Processo de Tombamento Estadual       | Apresentação do Edifício Escolar com um Patrimônio Histórico Estadual                          |
| <b>CONDEPHASV</b>              | Cópia do Processo de Tombamento Municipal      | Apresentação do Edifício Escolar com um Patrimônio Histórico Municipal                         |

Fonte: Acervo Pessoal - Elaborado pelo autor – (2023)

O quadro apresenta a quantidade de fontes que dão subsídios para a realização desta pesquisa e me ajudou a responder à questão fundamental. Apresentar ao leitor o percurso do pesquisador ao acessar tais documentos nos arquivos levantados e ver, de forma mais ampla, o potencial no cruzamento das fontes que são utilizadas para uma análise crítica através dos registros do período histórico investigado. A mesma documentação permitiu que Braga (2019), em outra pesquisa – dissertação do mestrado - investigasse - o “Edifício Escolar como um monumento para a historiografia da educação em São Vicente”, investigação essa que trouxe uma bateria de fontes levantadas naquele momento da pesquisa, lembrando que foram tratadas e trabalhadas para uma pesquisa de dissertação.

A escolha em trabalhar com fontes impressas ou digitais de documentos (escritos, iconográficos e artefatos) e bibliográficas nesta pesquisa, teve um fator instigante como pesquisador, pois ao me aproximar das fontes foi possível me conectar e trabalhar nelas por meio de abordagens específicas, métodos diferentes e técnicas variadas que ocorram no decorrer deste trabalho.

A leitura da obra “Fontes Históricas” da autora Pinsky (2008) permitiu a esta pesquisa perceber que cada uma das fontes tem sua especificidade, sua historicidade e, sua fundamentação teórica – metodológica – nas condições de acesso aos materiais coletados. Assim, o processo de investigação deste trabalho

iniciou desde adentrar nos arquivos, manusear e decifrar os documentos impressos ou iconográficos encontrados, averiguar vestígios dos valores estéticos e simbólicos da cultura material representada através do edifício escolar e, ainda, bibliografias que tratam assuntos da temática central deste trabalho.

Independente do suporte, considerei fundamental para esta pesquisa, que os documentos, estariam divididos em 3 tópicos e, conseqüentemente, se subdividiriam em outros tópicos de acordo com o andamento da investigação: 1. Documentos escritos, Documentos Iconográficos e 3. Artefatos.

## **2.2. Documentos escritos**

A nossa preocupação na busca dos documentos escritos, ocorrera pelo temor, de não encontrar alguma informação escrita que eu considerasse relevante, acessível e, ainda, que a compreensão para a leitura e a análise pudesse trazer uma construção para pesquisa. Nesse contexto, fui em busca de Gondra (2001) analisando os documentos escritos no artigo intitulado “No repouso do arquivo: O ensino público na escrita do Dr. Pinheiro Guimarães”, logo no início do seu texto, o autor faz referência numa forma poética a Roseana Murray escrevendo, que “as palavras são como pedras e, com elas construímos o mundo” e ele continua:

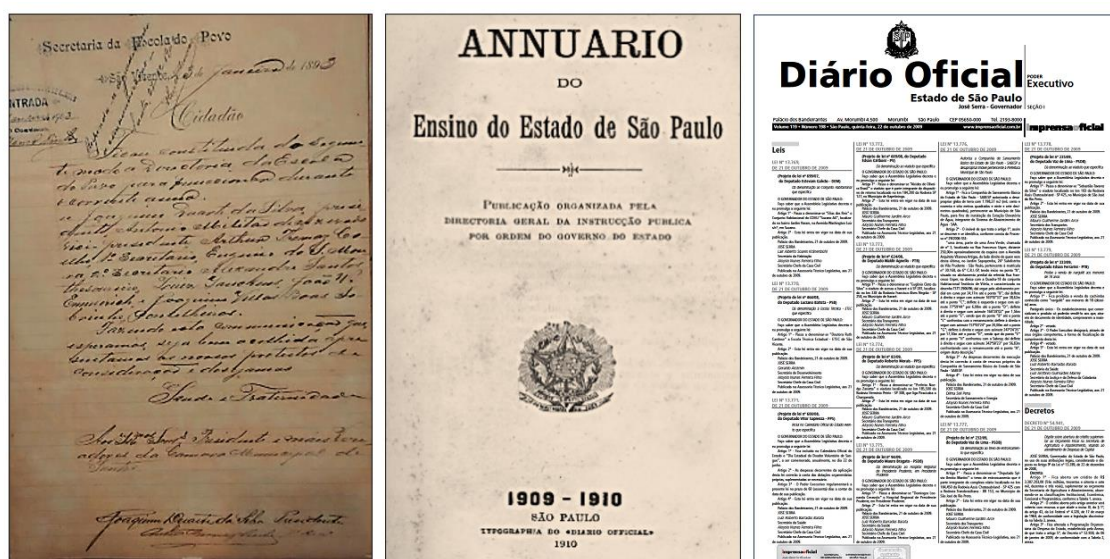
Em uma direção semelhante, considero que prestar atenção às palavras deve constituir-se em um procedimento que só pode nos proporcionar uma melhor compreensão do mundo, criado por intermédio das palavras selecionadas, dispostas em uma determinada sequência e sob uma tecnologia específica (GONDRA, 2001, p. 59).

Através do meu entendimento sobre o procedimento utilizado pelo autor, busquei tratar as palavras escritas dos documentos pesquisados, como uma forma

de compreender a disposição e a sequência dessas palavras, como também em qual momento histórico ocorrera o registro desses documentos.

O primeiro documento escrito que encontrei sobre a Escola, foi o Decreto do Diário Oficial do Estado de São Paulo que implantaria uma Escola Técnica Estadual no município de São Vicente/SP. Na busca por mais documentos escritos que pudessem trazer informações necessárias para a construção história da escola, recebi uma cópia da cópia do documento da constituição da Escola do Povo e, para uma construção histórica cronológica da escola, busquei e encontrei nos anuários escolares do estado o “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente”.

Figura 14: Documentos Oficiais: Ata de Implantação da Escola do Povo (1893) – Anuario Escolar SP (1909/1910) – Diário Oficial (Implantação da Etec Dra Ruth Cardoso - 2009)



Fonte: Etec Dra. Ruth Cardoso – Biblioteca Digital Seade – Diário Oficial de SP (2022)

De acordo com as investigações realizadas no mestrado, percebi que os documentos angariados no primeiro momento, não foram suficientes para a construção da historiografia da escola, mas me possibilitou delinear um processo cronológico que me orientaria para os próximos procedimentos a serem tomados.

Neste momento da pesquisa para o doutorado, foi possível ter acesso aos dois novos documentos escritos: o primeiro, produzido pelo CONDEPHASV e o segundo, pelo CONDEPHAAT. Os dois documentos apresentam pareceres e atas referentes ao processo de tombamento nas esferas municipal e estadual. Vale lembrar que esses documentos são atuais e que, os técnicos que os confeccionaram, recorreram a diversos tipos de fontes e, assim, construíram uma escrita de narrativa institucional para o registro.

Além dos documentos escritos ditos oficiais, a imprensa jornalística foi fundamental para esta pesquisa histórica, contribuindo para a construção histórica do objeto de estudo. Os jornais e revistas não relatam apenas os acontecimentos no mundo, mas também mostram os sentimentos, valores e preocupações da sociedade num determinado período histórico. Artigos de jornais e revistas fornecem informações de primeira mão sobre eventos históricos, inaugurações de edifícios escolares, reformas significativas e debates públicos sobre educação. Eles podem revelar detalhes que outros tipos de documentos não cobrem, como a opinião pública e as controvérsias da época.

#### 2.2.1. Jornais Impressos

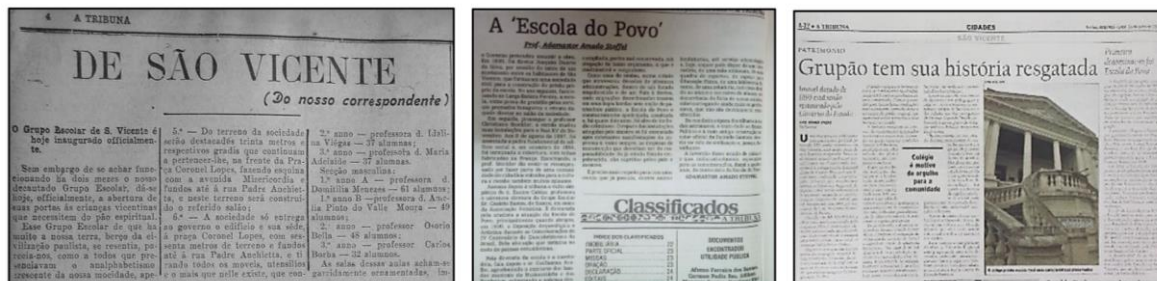
No decorrer da investigação, percebi a invisibilidade de muitos documentos históricos escritos e, os que foram encontrados, deixavam em aberto informações necessárias para a pesquisa. Os impressos jornalísticos tomaram um poder significativo para a construção historiográfica do período histórico pesquisado.

Notifiquei-me da importância desse documento para investigações histórica apontada abaixo:

**O jornal, [...] é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas** (CAPELATO, 1988, p. 21, grifo nosso).

Trago aqui para ilustrar através da figura 15, a sequência de alguns elementos e recortes de jornais do período em estudo, que constituíram uma pesquisa anterior do mestrado, e que agora irão agregar nesta pesquisa, com o intuito de trazer uma nova abordagem para a leitura e análise dos documentos.

Figura 15: Reportagens de diferentes períodos históricos da escola - “Escola do Povo” e “Grupo Escolar de São Vicente”



Fonte: LIAME (Hemeroteca - Biblioteca da Unisantos) - Jornal “A Tribuna” – 1915, 1989 e 2004 – (2018)

Essas fontes documentais da imprensa jornalística do período histórico estudado, sejam eles coletados em impressos ou digitais, trazem em si uma contribuição para a construção histórica da escola, como também da sociedade, da

cultura, da economia e da política do período republicano, como é apontado no texto abaixo:

Os pequenos jornais de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às **empresas jornalísticas, com estrutura específica**, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se for assim **afetado o plano da produção, o da circulação** também o é, **alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores** (SODRÉ, op. cit.1999, p. 275, grifo nosso).

Os impressos jornalísticos foram uma fonte rica e multifacetada para a pesquisa histórica, especialmente no contexto das ações e agentes que idealizaram a implantação do edifício escolar no município. Os impressos ofereceram uma variedade de documentos que puderam ser analisados para compreender melhor os valores estéticos e simbólicos do edifício escolar em estudo, bem como suas funções sociais e educacionais ao longo do tempo.

O uso da iconografia, particularmente através de desenhos e fotografias publicadas em jornais, é fundamental para registrar e analisar como a infraestrutura da escola se desenvolveu ao longo do tempo. Foi possível traçar uma linha temporal visual das transformações e preservações nas estruturas arquitetônicas fornecidas por essas fotografias. Isso permitiu uma melhor compreensão dos valores estéticos e simbólicos incorporados no edifício escolar.

### 2.3. Documentos Iconográficos

A partir desse momento, o texto apresentará alguns autores e formas de tratar as temáticas que pesquisam sobre iconografia pois, a meu ver, tal assunto necessita de uma maior atenção do pesquisador que pretende trabalhar a iconografia como

documento em suas diversificadas formas e formatos de metodologias e abordagens.

Um desses autores, é Tardy (1976) que, em seu texto, faz uma referência de Munier <sup>28</sup> (1963) ao construir o capítulo IV intitulado: “Prolegômenos a uma pedagogia das mensagens visuais”. Ele trata e apresenta ao leitor, as dificuldades dos professores daquele período (em que o autor escreveu), ao trabalhar com as imagens em suas práticas pedagógicas. O próprio autor tem um posicionamento sobre o trabalhar com a imagem, um tanto quanto difuso, tento em vista o convívio dele próprio naquele contexto educacional, como também a escassez de pesquisas sobre trabalhar com imagens (iconografia). Ao narrar, nesse capítulo, suas experiências e vivência no ambiente escolar, ele enfatiza uma preocupação constante em relação à dificuldade que os professores apresentavam quando era sugerido que eles trabalhassem com imagens. Nesse contexto, é interessante refletir o próprio posicionamento do autor Tardy (1976): “A imagem é um espelho, mas nós sabemos que os espelhos são enganadores. A hipótese de analogia não contém se não uma parte da verdade e não é possível defendê-la até o fim sem cair em absurdos”.

[...] a imagem nada mais faz do que operar um desdobramento do mundo; as imagens constituem um universo estritamente paralelo, ao mesmo tempo transparente e inocente. **A imagem fiel do espelho torna-se arquétipo de toda iconografia possível.** [...] Nessa passagem da realidade para a sua imagem, não há mudança de natureza; as modificações, negligenciáveis, referem-se apenas as dimensões. **A redução da imagem não passa de uma espécie de pantógrafo óptico, que se limita a reduzir ou a ampliar o modelo** (TARDY, 1976, p. 62, grifo nosso).

---

<sup>28</sup> Roger Munier - *Contre l'image*, Gallimard, 1963, p.27 - (nasceu em 21.12.1923, Nancy – morreu em 10.08.2010, Vesoul), escritor e tradutor francês. A partir de 1953, um dos primeiros a traduzir para o francês a obra de seu mestre e amigo, o filósofo alemão Martin Heidegger (1889–1976).

Se pensarmos que Tardy (1976), já pesquisava e escrevia suas experiências e seus pensamentos sobre trabalhar com imagens na escola, ao descrever a dificuldade, o medo e resistência da pedagogia para trabalhar com a imagem, poderíamos concluir que esse autor se encontrava muito à frente de outros pesquisadores e escritores daquele período.

Toda pedagogia pela imagem, aliás baseia-se na hipótese analógica: é preciso que seja convencido da fidelidade da imagem para compreender a realização de filmes didáticos... [...] e **mostrar para as crianças que jamais foram... “aos lugares apresentados pelo professor”** (TARDY, 1976, p. 63 e 64, grifo nosso).

Acredito que a resistência dos professores para trabalhar com a imagem, decorre desde a sua formação, pois se sentem mais seguros para trabalhar com textos escritos do que com representações imagéticas, desde a aplicação de métodos didáticos até a transposição para os alunos.

Ver uma imagem, achar se ela é interessante ou não, é um tributo da própria natureza cognitiva de ser humano; todas as pessoas são capazes (exceto o deficiente físico visual) de ver uma imagem, refletir sobre o que ela está vendo, sem precisar de qualquer tipo de qualificação. Concluímos que tal ação é o senso comum, precisando de pesquisas que relatem com maior profundidade tal assunto.

Tardy (1976) faz uma análise crítica sobre o contexto na utilização da imagem dentro do espaço educacional; já Menezes (2012) discute a complexa relação entre documentos visuais e verbais na historiografia em seu artigo "História e imagem: iconografia/iconologia e além". Ele enfatiza que a apropriação criteriosa de fontes visuais é essencial para enriquecer e esclarecer as análises históricas, principalmente quando se trata de questões visuais. Menezes afirma que a capacidade de um historiador de integrar e interpretar os documentos visuais e



verbais, considerando suas especificidades e inter-relações, frequentemente é necessária para obter uma compreensão completa de um contexto histórico.

Quando o historiador não consegue moderar a força gravitacional da palavra, tende a **transformar a imagem visual, que passa a ser tratada como um recipiente neutro, inodoro, insípido, incolor, frágil embalagem à espera da inserção de um significado** a priori integralmente elaborado e tendo em si sua própria identidade (MENEZES, 2012, p. 251, grifo nosso).

O estudo de Menezes (2012) enfatiza o uso integrado de fontes visuais e verbais na historiografia. Essa abordagem permite uma análise mais profunda e abrangente de temas como a arquitetura escolar, levando em conta tanto a materialidade dos edifícios quanto os discursos e práticas que os rodeiam. Quando a iconografia e a iconologia são combinadas com a análise textual, surge uma ferramenta poderosa para descobrir significados ricos e complexos do passado.

Seguindo nesse caminho, é evidente que os campos da História da Arquitetura e da Arte consideram e estudam assuntos e pesquisas sobre iconografia. Isso se deve ao fato de que os alunos são instruídos a conhecer, analisar e avaliar obras, autores, estilos e períodos históricos desde o início dos cursos.

Pastro (2010), um pesquisador da arte cristã, oferece uma perspectiva diferente sobre a iconografia e traz muitos elementos significativos na sua análise sobre a cultura cristã e a iconografia, direcionando o leitor para entender o espaço religioso católico. Ele trabalha intercalando os apontamentos da escrita cristã (textos bíblicos: velho e novo testamento, discursos de mártires cristãos - católicos e o catecismo da igreja católica romana) com as imagens (iconografia) que eram representadas desde os primórdios da cultura cristã e foram apresentadas naquele período histórico.

[...] Você já percebeu que o invisível fala por imagens visíveis? Por que Jesus nos fala por parábolas? **Formas e materiais como pedra, água, árvore, fogo, cheiro são inerentes à estrutura da personalidade humana e, com tal grandeza, devem ser consideradas.** Fazemos parte do cosmo e não somos só cabeça (PASTRO, 2010, p. 7, grifo nosso).

Podemos pensar que a forma em que o autor apresenta o conceito de iconografia é dogmática e tendenciosa ao tratar a iconográfica como a representação do imaterial. A proposta dessa reflexão talvez seja essa mesma: não uma crítica sobre valor ético ou moral, mas, sim, refletir como as imagens, fizeram e fazem parte do nosso cotidiano, e como elas influenciam em nossos comportamentos sociais.

“A Iconografia cristã<sup>29</sup> transcreve para a imagem a mensagem evangélica que a Escritura Sagrada transmite pela palavra. **Imagem e palavra se esclarecem mutuamente**” (PASTRO, *apud* Catecismo da Igreja Ortodoxa, 2010, p. 126, grifo do autor).

[...] “Anteriormente, Deus, que não tem corpo, nem figura, não podia absolutamente ser representado por uma imagem. Mas agora que Ele se fez ver na carne e viveu com os homens, eu posso falar uma imagem daquilo que eu vi de Deus” (PASTRO, *apud* São João Damasceno, séc. VII, 2010, p. 126).

Atualmente, muitos autores das diferentes áreas do conhecimento humano, tratam a iconografia como um aporte visual ao texto que o pesquisador apresenta; geralmente a imagem tem uma única e exclusiva função de ilustrar o texto apresentado. Isso demonstra que muitos pesquisadores desconhecem, que uma

---

<sup>29</sup> A Iconografia Cristã: A novidade da Arte Cristã. Entre o mundo hebreu e o império romano, berços do Cristianismo, a Arte Cristã tomou uma terceira via. Para a cultura Hebraica, valia a ausência de imagens, segundo a lei mosaica; para o império romano, valiam os monumentos realistas com seus heróis, imperadores e troféus; já o cristianismo, diversamente, desenvolveu uma **arte simbólica e didática, como no meio de educar a fé, decorar e celebrar** os lugares de martírio e sepultamento dos mártires como lugares da “presença continuada” do Cristo. A arte cristã bebeu mais do grego e do egípcio no mento helênico do que do romano. Essa terceira via não foi apenas um destaque, mas uma inculturação. O Cristianismo surgiu no período helênico, no Mediterrâneo; assim absorveu também as características greco-romanas e egípcias, além dos seus princípios hebreus e orientais. Fonte: (Pastro, 2010, p. 126, grifo nosso).

“fonte iconográfica é um registro histórico” - Paiva (2006); como também não conseguem perceber o quanto o processo histórico está contemplado direta ou indiretamente em diversas pesquisas das diferentes áreas do conhecimento. Podemos concluir nesse contexto que a iconografia pode e deve ser tratada como documento iconográfico no mesmo nível de valor do documento escrito.

**A iconografia é tomada agora como registro histórico** realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico (PAIVA, 2006, p. 15 e 17, grifo nosso).

Nesse mesmo contexto, me reporto exclusivamente, para a linha de pesquisa de “história e historiografia da educação”. Os trabalhos com as fontes iconográficas (Figura: 16) ocorrem de forma frequente e crescente de autores renomados que investigam essa temática de modo primoroso e cujos trabalhos são referenciais teóricos para as atuais pesquisas.

Figura 16: Iconografia angariada de Jornais e Impressos Comemorativos



Fonte: Biblioteca da Humanitária Santos - Revista da Semana (janeiro/1902) e Almanaque / A Fita (1915). (2022)

Os conceitos tratados por alguns autores que apresentarei a seguir nortearam significativamente os nossos levantamentos e estarão diretamente ligados a esta

pesquisa por meio de métodos e abordagens. Para absorção desses conceitos, foi preciso educar o olhar e todos os outros sentidos para compreender melhor a representação imagética. E assim, me ajudará no processo de interpretação de análise e de síntese desta pesquisa:

Para refletir sobre o conceito do olhar, nesse primeiro momento, Pastro (2010) expõe de uma forma bem interessante, o aprendizado humano em ver, olhar e escutar, logo em seguida, que ao educar o olhar se forma a imagem e por fim apresenta todos os outros sentidos (audição, olfato e tato).

#### O homem perante a imagem

Quando criança, **ensinaram-nos a andar, falar, ouvir e brincar, mas dificilmente nos ensinaram a ver, olhar e escutar.** Parece que o olhar já estava contido do naturalmente na linguagem humana. **O ambiente que experimentamos vemos e sentimos vai nos educando, para o bem ou para o mal.** É pelo olhar que se forma a imagem de mundo e de pessoa. Pela audição, pelo olfato, pelo tato... **É com esta ótica que sentiremos, refletiremos, julgaremos e nos comunicaremos** (PASTRO, 2010, p. 126, grifo nosso).

Em uma reflexão sobre um outro conceito do olhar, Zevi (1978) em uma crítica que ele mesmo considera com certa apologia, trata sobre o controle dos diferentes tipos de contatos que temos com as imagens. Ele acredita que são ações de escolhas de querer ou não ver, mas, infelizmente, não conseguimos deixar de ver o meio ambiente porque espaço é preenchido também com a vida social.

[...] A censura funciona para os filmes e para a literatura, mas não para evitar escândalos urbanísticos e arquitetônicos, cujas consequências são bastante mais graves e mais prolongadas do que as da publicação de um romance pornográfico: Todavia (e aqui principiam as apologias), toda a gente pode desligar o rádio e abandonar os concertos, não gostar do cinema e do teatro e não ler um livro, **mas ninguém pode fechar os olhos perante as construções que instituem constituem o palco da vida citadina e trazem a marca do homem no campo e na paisagem** (ZEVI, 1978, p. 09, grifo nosso).

Na reflexão dos textos desses dois autores, compreendemos que seria preciso agregar, uma nova etapa no método utilizados até o momento, nos nossos levantamentos e análises dos documentos iconográficos. Cada um deles com diferentes formas de apresentar “o olhar para as imagens – fontes iconográficas”, com os seus diferentes suportes, abriu mais uma nova perspectiva na forma de processar as fontes iconográficas que eu vinha desenvolvendo.

É importante verificar o pensamento de alguns autores no campo da História da Arte, pois os métodos e abordagens que trabalham para analisar as obras de arte, repercutiram para todos os outros campos do conhecimento. O método de dois autores, Aby Warburg e Panofsky<sup>30</sup>, se tornou relevante para orientar o olhar do pesquisador no processo de seleção e coleta dos documentos iconográficos.

Nesse mesmo caminho, resolvemos fazer um recorte temporal que foi essencial para realizar um estudo de iconografia de maneira eficiente e significativa. A definição do período que pretendemos analisar (1893-1915) facilitou a organização e contextualização dos dados. Esse recorte temporal abrangeu uma ampla gama de eventos ocorrido no ambiente escolar, desde a implantação da Escola do Povo (1893), o processo de construção do Edifício Escolar (1898) até a transformação do edifício para a implantação do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente (Grupão) e,

---

<sup>30</sup> Para o historiador de arte alemão, **Abraham Moritz Warburg** (1866-1929), mais conhecido por **Aby Warburg**, e os seus seguidores, a Arte não consistia num fenómeno isolado. Ou seja, Warburg olhava para o fenómeno artístico não tanto em si mesmo, mas mais como um reflexo da cultura e da mentalidade de uma época que deixava a sua marca nas obras de arte que produzia as quais o investigador deveria ser capaz de descodificar a fim de perceber a época que lhe deu origem. Aby Warburg entendia cada objeto artístico como um documento que revelava muitas coisas da psicologia humana. [...] **Erwin Panofsky** (1892-1968), um dos seguidores de Warburg, e a quem se fica a dever a sistematização do Método Iconográfico, sem ignorar esta vertente do pensamento do seu mestre, interessava-se mais pela imagem em si, pelo significado dos símbolos e pela mensagem que ela encerrava. Segundo Panofsky, a Iconografia consiste na classificação, descrição, estudo, identificação e interpretação do significado correto das imagens, fornecendo as bases para a interpretação posterior. Fonte: Casimiro, Luís Alberto Esteves dos Santos. O método iconográfico e sua aplicação na análise da fachada da Igreja da Madre de Deus em Macau. CITCEM (Porto – Portugal, p. 20 e 21).

assim, buscamos construir uma ordem cronológica através da iconografia investigada.

Apresentaremos temas que compõem os documentos iconográficos desta pesquisa em uma sequência estabelecida por nós: fotografia, pinturas, gravuras, desenhos, mapas, projetos arquitetônicos e artefatos.

### 2.3.1. Fotografias

Kossoy (2001), um dos pesquisadores mais influentes atualmente, sobre a temática de fotografia, faz uma análise crítica sobre a utilização da fotografia nas pesquisas, apresentando o seguinte: “apesar de a iconografia ser reconhecida como uma disciplina auxiliar da história, a fotografia permaneceu praticamente à margem dos estudos históricos”. O autor continua a sua análise - “como resultado dessa marginalização, a fotografia foi usada principalmente como adereço ilustrativo, sem reconhecer seu potencial como meio de conhecimento e ferramenta analítica”. Ao concluir sua crítica analítica, Kossoy (2001) nos prova para refletir o quanto a fotografia é utilizada nas pesquisas, apenas para enriquecer visualmente os textos históricos, ignorando seu valor intrínseco como fonte de informações e sua capacidade de fornecer novas perspectivas sobre eventos históricos.

A análise crítica do autor acima fez com que nos cancelássemos um pensamento que havia conosco sobre tal assunto, nos encorajando a utilizar a fotografia como uma ferramenta útil para documentar e analisar o edifício escolar, as ações e as atividades registradas no percurso histórico da escola. As fotografias – (Figura: 17), não retratam apenas a estrutura estilística do edifício, métodos de construção e estado de conservação; retrata também a sociedade e a história que o sustentou quando ele foi construído e utilizado.

Figura 17: Antiga Escola do Povo 1915 - Edifício Escolar 1905 – Grupo Escolar de São Vicente – 1923



Fonte: Arquivo LIAME, Acervo Casa Martin Afonso e IHGSV (2022)

Muitos autores relatam que a fotografia como fonte documental foi uma das primeiras fontes iconográficas, despertando assim o interesse de muitos pesquisadores. No entanto, o processo de implantação dessa fonte como documento histórico foi e, ainda é, motivo de debate e controversas no ambiente acadêmico.

A fotografia é o total apagamento do real, com o qual ela coincide. É o mundo tal qual é, em sua verdade imediata, que reproduz sobre o papel ou sobre a tela. A fotografia confere-lhe como que uma segunda presença, apagando-se enquanto imagem, para não ser mais do que um campo aberto a essa presença, sempre repetida (TARDY, 1976, p. 63).

Atualmente, existem muitos pesquisadores da História e Historiografia da Educação que abordam sobre as temáticas de fontes fotográficas e como as trabalham na construção de suas pesquisas. Em "História e Fotografia", Mauad e Lopes (2012) discutem a definição e o uso de "documento fotográfico", bem como esses documentos podem ser usados para uma análise historiográfica. Eles falam sobre a fotografia como um artefato histórico que revela informações importantes sobre os contextos sociais, culturais e políticos ao longo dos anos.

O cruzamento entre a imagem fotográfica e a história se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus sentidos de autenticidade e prova, que as transformam em testemunhas oculares de fatos. [...] A evidência histórica e a imagem são constituídas por investimentos de sentido, e a fotografia pode ser um indício ou documento para se produzir uma história; ou ícone, texto ou monumento para (re)apresentar o passado (MAUAD; LOPES, 2012, p. 263).

Comungamos do método de Mauad e Lopes (2013), que consideram que a análise historiográfica das imagens requer uma abordagem metodológica que analisa tanto o conteúdo visual quanto o contexto de produção e circulação das fotografias. Nesta tese, identificamos como "documento fotográfico" toda imagem fotográfica coletada no percurso da pesquisa, tais imagens foram utilizadas como fonte para a pesquisa histórica. O diálogo entre os textos dos autores Kossoy (2001), Mauad e Lopes (2013), me fez perceber que as fotografias, ao capturarem momentos específicos, serviram como registros visuais que documentaram aspectos da vida escolar, festas escolares, eventos cívicos, paisagens, agentes, comunidade escolar e artefatos.

Toda **fotografia tem atrás de si uma história**. Olhar para uma fotografia do passado e **refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la** em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em **primeiro lugar** houve uma **intenção para que ela existisse**; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar ao **segundo estágio**: o **ato do registro** de que deu origem a materialização da fotografia. Finalmente, o **terceiro estágio**: os **caminhos percorridos** por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que aguardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As **expressões ainda são as mesmas**. Apenas o **artefato**, no seu todo, **envelheceu** (KOSSOY, 2001, p. 45, grifo nosso).



Os documentos fotográficos coletados para esta pesquisa, originam-se tanto de suportes físicos quanto de digitais. A pesquisa foi grande beneficiada dos dois tipos de suportes. Como outras diversas áreas de pesquisa e documentação também têm se beneficiado das inovações no processamento de imagens digitais, considero que as novas tecnologias digitais oferecem métodos sofisticados de registro e retificação de fotografias, o que pode dar legitimidade dimensional a imagens distorcidas em vez de produzir produtos falsos devido à manipulação. Vale ressaltar o conselho dado por Kossoy (2021): as imagens utilizadas na pesquisa histórica devem ser verdadeiras para mostrar os eventos, locais e pessoas. A distorção da história e a propagação de informações incorretas podem resultar da manipulação inadequada ou descontextualizada de imagens.

É evidente que um **novo desafio** se apresenta em função do **avanço da tecnologia eletrônica e o alcance das imagens digitais**: múltiplas são as possibilidades de manipulação e "tratamentos" estéticos embutidos na produção e pós-produção das imagens. Isso é temerário especialmente no que diz **respeito às imagens que têm a função de informação e notícia** (KOSSOY, 2021, p. 16).

E, ainda, acrescentar um estudo desenvolvido pelo Caderno Técnico do Programa Monumenta<sup>31</sup>. Assim, ao trabalhar com documentos iconográficos, é fundamental usar métodos rigorosos de análise e documentação para garantir que todas as modificações ou restaurações sejam claramente documentadas e justificadas.

---

<sup>31</sup> MinC – IPHAN - Programa de Preservação de Patrimônio Histórico Urbano (Monumenta) - (1999-2010). O Projeto teve como objetivo contribuir para a preservação de áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano sob proteção federal, conscientizar a população do país acerca da existência, valor cultural e necessidade de preservação desse patrimônio, e aperfeiçoar a gestão desse patrimônio e o estabelecimento de critérios para a implementação de prioridades de conservação. Disponível em: <https://www.heritageanddevelopment.org/files/Article13.pdf>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

Os benefícios inquestionáveis da tecnologia digital incluem a capacidade de produzir arquivos de alta qualidade, que podem ser facilmente compartilhados, preservados e restaurar imagens deterioradas. Usar essas tecnologias para criar ou alterar imagens, por outro lado, deve ser contrabalançado por um compromisso inabalável com a integridade histórica.

### 2.3.2. Desenhos, Pinturas e Gravuras

Foram considerados para esta parte dos estudos iconográficos os desenhos, as pinturas e as gravuras (Figuras: 18, 19, 20, 21 e 22) que retratam, não necessariamente a escola e os ambientes educativos, mas o momento histórico que o município e a região viviam, como também a comunidade caiçara. Esses aportes iconográficos ofereceram uma perspectiva artística e histórica sobre a sociedade no litoral paulista daquele momento histórico. As imagens têm um poder de ilustrar como esses espaços foram concebidos e utilizados nos diferentes períodos políticos e econômicos, além de refletir os valores estéticos e educacionais da época.

Figura 18: Representação Gráfica (Desenho): Armazém Secos e Molhados - “Escola do Povo” - Igreja da Matriz em São Vicente.



Fonte: Polianteia Vicentina (2020)

As pinturas, assim como as fotografias, são fontes ricas para entender o desenvolvimento do entorno do edifício escolar. As gravuras, ofereceram uma janela para o passado, que não fora registrado por fotografias e nem pinturas, mostrando como eram as relações sociais da sociedade no litoral paulista.

Enquanto fotografias poderiam ser utilizadas para o exercício de poder sobre o corpo do fotografado, **outros tipos de imagens, de circulação e consumo diferenciados, estabeleciam os lugares de observação, mantendo as distâncias tanto físicas quanto sociais entre observador-sujeito e observado-objeto.** Relatos de viagem, revistas de turismo e cartões-postais articulavam a alteridade cultural ao pitoresco da geografia e ao exotismo dos costumes, satisfazendo o observador estrangeiro que se recusava a viver ou mesmo se deslocar para um ambiente eurocentricamente julgado hostil (HIGHT e SAMPSON<sup>32</sup>, 2006, p. 5). *apud* Mauad; Lopes, 2012, p. 273, grifo nosso).

É importante ressaltar que o percurso deste procedimento metodológico está sendo tratado como montar um “quebra-cabeças”: essas peças foram encontradas não apenas em lugares distintos como também, com suas referências contraditórias, necessitando reconstruir muitas coisas do percurso histórico, não apenas do edifício escolar como também da cultura caiçara. Dada essa situação, foi necessário elaborar três painéis iconográficos de forma cronológica e estética.

---

<sup>32</sup> Eleanor M. Hight e Gary D. Sampson são professores associados de história da arte e autores do livro *Colonialist Photography: Imag(in)ing Race and Place*. *Colonialist Photography: Imag(in)ing Race and Place* é um livro que usa métodos de antropologia, crítica literária, geografia, história imperial e história da arte para explorar a relação entre o colonialismo e a representação visual.

Figura 19: Painéis Cronológico e Iconográfico do Edifício Escolar



Fonte: Acervo e Produção Pessoal em parceria com Arq. Adélia Mattos (2008)

A elaboração de tais painéis contou com as pinturas de Benedito Calixto<sup>33</sup>, considerado por muitos, um grande plagiador de imagens de acadêmicos brasileiros

<sup>33</sup> Benedito Calixto de Jesus (14.10.1853 Itanhaém/SP - 31.05.1927 São Paulo/SP) – “**Caíçara**” - pintor (paisagens, marinhas, históricas, religiosas e retratistas), professor de desenho, escritor. Grande parte das **obras do artista, retratam o contexto histórico, social e cultural da região do litoral paulista**. O artista passou **muito tempo esquecido, e foi redescoberto em 1986** pela Prefeitura Municipal de Santos/SP com a criação da Pinacoteca Benedito Calixto, em 1990 uma exposição na Pinacoteca do Estado “Benedito Calixto – Memória Paulista”, em 1994 na Bienal Brasil Século XX, exposição da obra “*O Naufrágio do Sirio*” em 2000 “Brasil + 500 – Mostra do Redescobrimento, exposição da obra “*Inundação da Várzea do Carmo*”, suas obras se encontram na Prefeitura Municipal de São Vicente/SP, na Prefeitura Municipal de Santos/SP, na Bolsa do Café em Santos/SP e no Museu Paulista em São Paulo/SP. **Considerações de autores sobre o artista:** “Calixto, ao contrário, revela-se desde logo, dotado dum temperamento alegre, cheio de vida, próprio de quem fita a natureza para domá-la, de quem está habituado a suplantar os ardores do sol nas ardentíssimas praias do nosso litoral, a vencer os arrancos do mar nos dias em que, enraivecido, o Atlântico se arro, tenaz, furioso, imponente, contra aquelas dez léguas de praia que de Itaipus a Itanhaém, nos assombram e nos entusiasmassem pela incomparável beleza. Daí os tons vibrantes, as cores vivas, as tintas quentes em que Calixto sabe pintar, tão sedutoramente, as nossas praias em dias claros.” **Fonte: Exposição Calixto, O Estado, 09.10.1904.** [...] elite paulista necessitava de artistas que, [...] criassem os ícones da terra (o interior e o litoral do Estado) e do homem de São Paulo (o bandeirante, o caipira), os quais deveriam sobressair sobre os demais brasileiros e suas regiões de origem. [...] “o artista voltou-se igualmente para a produção de retratos, cenas de gêneros,

e franceses. Buscando não me ater às contradições referentes ao pintor, meditei em suas obras, e percebi que, além dele apresentar uma construção imagética de importantes acontecimentos patrióticos, trouxe também paisagens do litoral paulista pintadas no período em que viveu, que hoje em dia facilmente podemos reconhecer. As pesquisas com postais do período em estudo foram de grande valia para contrapor as imagens pictóricas de Calixto.

Figura 20: Pinturas: Ponte Pênsil - São Vicente/SP e Praia do Gonzaguinha - Morro dos Barbosas  
Postais: Praia do José Menino e Praia do Gonzaga

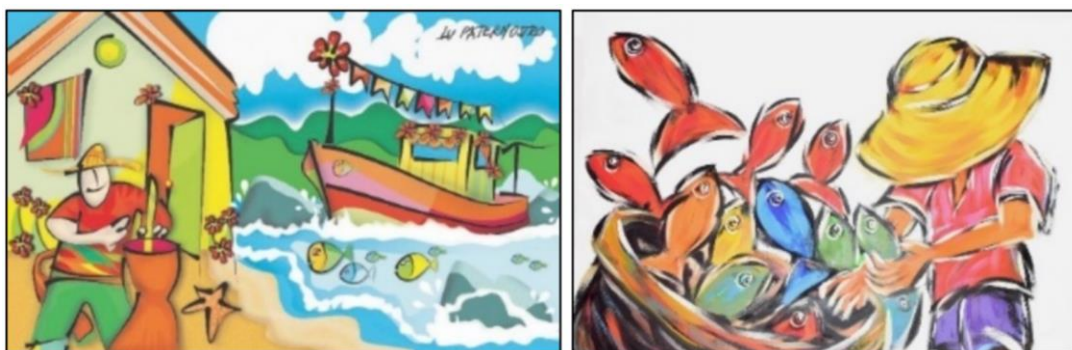


Fonte: IHGSV e Arquivo e Memória de Santos (2020)

o artista voltou-se igualmente para a produção de retratos, cenas de gênero e também para a pintura de “paisagens históricas” – cenas criadas da observação e da imaginação, ou recriadas a partir de fotos que serviram para atualizar o passado da paisagem do litoral paulistano e mesmo da própria Capital do Estado de São Paulo.” [...] Na obra “*Fundação de São Vicente*”, o autor “atenta à descrição da paisagem, dos tipos humanos e dos trajes, acha dispersando a suposta solenidade que deveria ser total ritualização. “Essa produção com o documental, a pintura de gênero histórico (voltada para a mera descrição do entorno) e não com a pintura de história - formadora de símbolos -, tenderá a transformar as pinturas desse gênero produzidas”... [...] em meras ilustrações, ou encenações onde valores puramente pictóricos cedem lugar, então vi ao que seria mais propriamente literário e ou teatral.” [...] “fotografar, como bases para suas descrições visuais (como poderiam ser chamadas suas principais pinturas históricas e religiosas), as encenações realizadas com seus familiares ou amigos. “usava a fotografia como mero pretexto para, a partir dela, desenvolver sínteses visuais bastante autônomas do ponto de vista pictórico. Calixto, no entanto, tende a manter-se fiel a imagem fotográfica, apenas dilatando suas proporções originais, colorindo as cenas e dando a elas uma maior nitidez, a partir de um traço que nada sintetiza, tudo tende a revelar, nada busca deixar apenas subentendido. **Fonte: Bitencourt – Gazeta Mercantil (2002)**. Usou a fotografia igualmente para confeccionar pinturas de paisagens “históricas”, encontradas, em sua maioria, no Museu Paulista (São Paulo). Fonte: Souza, **Benedito Calixto: um pintor a beira mar**, 2002. (grifo nosso)

Ao buscar por imagens que representassem a comunidade e a cultura caiçara, percebeu-se que, em todas as gravuras e desenhos, havia uma riqueza de informações nelas mesmas; no entanto, foram tratadas pelos autores como um adereço estético ao texto, confundindo o entendimento do leitor devido ao uso incorreto da imagem, como relatado anteriormente. E ainda, o processo de fetichização nas pautas sobre comunidades tradicionais brasileiras, e o incentivo indiscriminado para elaboração de trabalhos sem qualquer rigor, as imagens nunca retratam o tempo e o espaço de acordo, necessitando assim fazer uma correlação com as fontes já trabalhadas.

Figura 21: Representação da cultura caiçara



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Como já apresentado nessa pesquisa, trabalhar com fontes iconográficas, vai além de utilizar fotografias para ilustrar um texto escrito; chegamos ao ponto de perceber que uma fonte iconográfica traz, nela mesma, informações sobre o momento em que ela foi produzida, como também por quem e onde ela foi produzida. Cartazes, panfletos, logotipos, logomarcas, slogans, estilos de letras, margens,



carimbos e molduras, se apresentam de uma forma única, transmitindo suas intencionalidades numa retórica estética.

Os levantamentos da iconografia para construção cronológica da “Escola do Povo” perpassando para o “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente” (Grupão) trouxeram a esta pesquisa um enriquecimento de informações que talvez não fosse possível construir se não houvesse uma mente aberta e a sensibilidade para entender e aceitar o quanto cada dado encontrado (imagem) teria uma maneira e formato de se expressar distintamente, como apresentados a seguir.

Figura 22: Iconografia Gráfica Impressa: “Escola do Povo” / IV Centenário do Descobrimento do Brasil – Antão de Moura



Fonte: Jornal “A Fita” - Vicentino Edição Especial – 1900 – Vultos Vicentinos (2018)

Menezes (2012) trabalha em seu texto com vários autores que tratam da imagem em muitas vertentes, no entanto um dos autores, entre todos os demais,

que nos provoca a descartar a imagem como “objetos inertes, dóceis portadoras de significados é Mitchell, em sua obra “What do pictures want? Afinal o que desejam as figuras?”. Na contramão dessa ideia ele nos apresenta a imagem como: “dotadas de desejos, necessidades, apetites e pulmões”.

[...] olhar as variedades da animação ou vitalidade que são atribuídas às imagens, a agência, motivação, autonomia, aura, fecundidade ou outros sintomas que fazem das imagens “signos vitais”, que entendo **não apenas como meros signos de coisas vivas, mas como signos como coisas vivas**. Se a questão “o que desejam as figuras?” faz algum sentido, deve ser porque reconhecemos que as figuras são algo como formas de vida, impulsionadas por desejos e apetites (MITCHEL, 2005, p.6 *apud* Menezes, 2012, p. 256, grifo nosso).

É notório que para Menezes (2012) a pesquisa histórica torna-se insuficiente quando esta se limita ao ciclo percorrido de “produção, circulação e consumo de imagens”. O trabalho do autor contribui grandemente para uma leitura muito esclarecedora sobre a Pesquisa Histórica e Imagem do Edifício Escolar (Escola do Povo – Grupão) e da Sociedade Vicentina no Período Republicano, o que ocasionou em buscar mais aportes, antes de desenvolver a análise investigativa.

### 2.3.3. Mapas, Croquis e Projetos Arquitetônicos

Para desenvolver uma análise mais crítica de um mapa, devemos começar pelo princípio de que as informações contidas nele são representações verdadeiras do território, espaço, paisagem e seus elementos geográficos, cartográficos e topográficos. A idealização do mapa visa fornecer uma visão simbólica e precisa desses elementos, como representados nas (figuras: 23, 24 e 25). No entanto, é



crucial reconhecer que os mapas são elaborados por indivíduos que carregam consigo valores culturais, sociais, políticos e econômicos específicos de seu período histórico. No Contexto Cultural e Histórico devemos considerar que o mapa é uma criação de um determinado sujeito imerso em um contexto cultural e histórico específico. Esses contextos influenciam a forma como o território é representado.

Figura 23: Mapa: A Vila de São Vicente – 1876 (Ministério da Marinha – Planta Hidrográfica – Barra e Porto de Santos – Barão de Teffé)



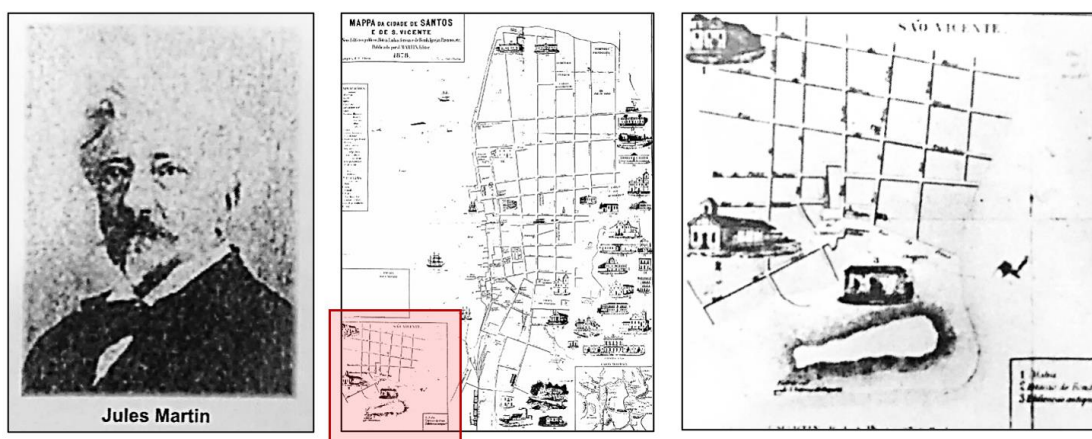
Fonte: Casa Martin Afonso (2020)

No contexto que estamos examinando, podemos observar como Jules Martin<sup>34</sup> relacionou o mapa de São Vicente com o mapa de Santos em seus traços. O mapa

<sup>34</sup> Jules Martin: empreendedor francês, professor do Liceu de Artes e Ofícios, trabalhou como construtor, desenhista, pintor, arquiteto, litógrafo e cartógrafo, e contribuiu com seus trabalhos no estado de São Paulo, visitando locais e registrando suas percepções sobre os espaços, fornecendo aos interessados uma compreensão da geografia e da cartografia por meio de uma leitura estética. Em 1877 elaborou o primeiro mapa da Província de São Paulo e o projeto do Anhangabaú. Um dos seus projetos urbanos no litoral em 1878, foi elaborar a planta da cidade de Santos, pois o município vinha crescendo muito economicamente como resultado da exportação do café.

de Santos inclui São Vicente. Considerar ainda, valores e intenções do autor: Os valores pessoais e as intenções do cartógrafo podem influenciar significativamente o conteúdo e a forma do mapa.

Figura 24: Jules Martin; O mapa de Santos “detalhado” e croqui do centro de São Vicente



Fonte: Acervo Casa Martim Afonso – São Vicente-SP (2018)

Em relação as representações simbólicas: Elementos simbólicos e estilísticos no mapa podem refletir o estado do conhecimento e as técnicas de cartografia da época, bem como as percepções culturais do espaço representado. Considerar ainda orientação do mapa, o uso de cores, símbolos e textos são todos carregados de significado. Muitas representações de espaços foram realizadas fora do ambiente onde o autor se encontrava, o que significa que os cartógrafos muitas vezes dependiam da memória e de relatos de terceiros. Isso pode introduzir distorções e imprecisões no mapa. Além disso, a tecnologia e os métodos de coleta de dados disponíveis na época também limitam a precisão dos mapas.

O objetivo do mapa e o público a quem se destina são fatores cruciais na sua análise. Mapas destinados ao público em geral podem simplificar ou estilizar a

informação para facilitar a compreensão, enquanto mapas técnicos podem incluir detalhes mais específicos e precisos.

Figura 25: Mapa lúdico Ilustrativo; Mapa do Centro de São Vicente - 1852 e Loteamento - séc. XIX



Fonte.; Memorial Fotográfico de São Vicente e Arq. Marco Antonio Lança (2018)

Ao analisar os mapas históricos e atuais, como também os mapas para o público em geral, foi preciso contrapor as informações contidas neles com outras fontes que vem sendo analisadas, tais como: textos escritos, iconografias da mesma época e ainda as atuais. Isso ajudou a identificar vieses e limitações na representação do espaço no município de São Vicente.

Foi verificado nesta pesquisa que uma análise crítica de mapas envolve, não apenas a leitura das suas representações visuais, mas também, a compreensão do contexto em que foi criado, os valores e intenções do seu autor, e as limitações tecnológicas e memoriais do período histórico estudado. Essa abordagem multidimensional permitiu uma interpretação mais rica e informada do documento cartográfico e, ainda, o processo do desenvolvimento urbano desde o período colonial até a período republicano que o município passou.

A contribuição dos conceitos de Lemos (1979) foi de grande relevância nesta tese, para contextualizar o espaço urbano no litoral e a arquitetura brasileira paulista, pois o pesquisador da história da arquitetura brasileira é especialista em estudos ligados ao litoral paulista. O autor enfatiza que a interação entre arquitetura e espaço urbano é crucial. Ele sustenta que a arquitetura não deve ser vista como um elemento único da estrutura urbana e social, mas sim como uma parte integrante delas. A qualidade de vida dos cidadãos depende da qualidade do espaço urbano, e a arquitetura desempenha um papel importante na configuração desses espaços e impacta os desenvolvimentos sociais e urbanos.

Enfim, essa facilidade de identificação dos espaços urbanos é que define os patrimônios ambientais, que nunca foram bem interpretados, analisados, quantificados. Só sabemos que tem sido sistemicamente destruídos, impedindo a perpetuação das identidades, a fixação dos caracteres definidores, em obediência a uma fatalidade histórica de um país sem memória. (Lemos, 1979, p. 120).

Através da sua análise, Lemos mostra como a arquitetura brasileira evoluiu desde os primeiros edifícios coloniais até os conceitos mais modernos, sempre trabalhando em conjunto com o espaço urbano e a sociedade que a cria. Para entender as complexas interações entre arquitetura, urbanismo e história no Brasil, sua obra é fundamental.

Tendo em vista que a temática desta tese é arquitetura escolar republicana e este é um elemento que materializa os modelos educacionais brasileiros na retórica republicana, foi compreendido tal componente buscou inspiração nos modelos europeus, especialmente franceses. Os grupos escolares brasileiros adotavam estruturas arquitetônicas relacionadas com os métodos pedagógicos modernos. Isso refletia uma preocupação em oferecer uma educação de qualidade em um ambiente adequado.

Naquele momento histórico em estudo, verificou-se que o governo brasileiro especificamente o paulista, demonstrou seu compromisso com a educação pública investindo na construção e manutenção de escolas. Acreditava-se que esse esforço fosse essencial para o desenvolvimento de indivíduos preparados para enfrentar os desafios da modernidade idealizada.

De fato, a política educacional dedicou-se muito mais à criação de grupos escolares nos núcleos urbanos e à dotação dessas escolas de melhores recursos em detrimento de uma política de favorecimento das escolas isoladas. [...] Assim as transformações das cidades que verificam nas últimas décadas do século XIX e início do século XX – crescimento urbano, desenvolvimento do comércio, melhoramento como saneamento básico, água, iluminação, transportes públicos, ferrovias, ajardinamentos, teatros, jardins públicos – são denotativas deste desenvolvimento. O grupo escolar vazia parte desse conjunto de melhoramentos urbanos, tornando-se donativo do progresso de uma localidade. Ele era o símbolo de modernização cultural, a morada de um dos mais caros valores urbanos – a cultura escrita (SOUZA, 1998, p. 90 e 91).

Souza (1998) destaca como os grupos escolares representavam um passo significativo na modernização urbana e cultural do Brasil, representando o desejo de progresso e a apreciação da cultura escrita nas cidades brasileiras. A existência desses estabelecimentos demonstrou que a comunidade estava progredindo e se modernizando, valorizando o desenvolvimento social e a educação.

Trazendo para o diálogo com Souza (1998), Buffa e Pinto (2002), enfatiza que as escolas foram sinais claros de civilidade e progresso, indicando que a infraestrutura e a educação da localidade estavam se desenvolvendo. Um esforço mais amplo de melhoramento urbano, que incluiu estradas, praças e outros edifícios públicos, incluiu a construção de escolas. O espaço escolar não apenas atendia às necessidades educacionais, mas também incentivavam a socialização e a integração das pessoas dentro da comunidade urbana.

Políticos republicanos e educadores, no final de século XIX, passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas. Prédios grandes, arejados, bonitos, destinados a cumprir sua finalidade principal, a de ser escola, testemunham a valorização que o Estado dava ao ensino e serviam, ainda, para que a população os admirasse. Tais prédios passaram a compor a paisagem urbana da capital e de muitas cidades do interior (BUFFA e PINTO, 2002, p. 122).

No caso da Escola do Povo, em 1893, quando foi idealizada, ela ficou adaptada em um armazém de secos e molhados com suas características da arquitetura colonial no centro da cidade colonial, próxima da Igreja da Matriz. Já em 1898 foi implantada através da construção do Edifício Escolar com as características da Arquitetura Escolar Republicana, mudando sua localização próximo a uma praça, arruamento apresentando um processo de transformação no núcleo urbano da cidade e, posteriormente acrescida um novo bloco de construção para o recebimento do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente, proporcionando ao local uma valorização de embelezamento do espaço urbano.

O primeiro contato com o edifício escolar, relatado por Braga (2019), ocorreu através da percepção de alguns elementos que caracterizavam o estilo arquitetônico do edifício, chamando a atenção nos acréscimos e adaptações construtivas que não faziam parte do Conjunto Arquitetônico original.

A partir desta percepção, foi desenvolvido um levantamento fotográfico e arquitetônico *"in loco"* como também uma leitura de projetos de acréscimos e reformas existentes, e ainda foram desenvolvidas diferentes representações gráficas no decorrer da pesquisa, evidenciando assim, o quanto as ações públicas, interferiram no edifício, determinando espaços e componentes físicos, edificações, equipamentos e mobiliário considerados necessários ou não para a realização de tais ações; acarretando não apenas o desgaste físico e a transformação a integridade do edifício como também ofuscando os vestígios da memória escolar perdida no tempo (BRAGA, 2019, p. 18).

Nesse processo de investigação do edifício escolar, o resultado foi para entender a estrutura, característica estilística do edifício em si, necessitando ainda buscar peças diretamente de desenhos arquitetônicos que pudessem trazer registros para a pesquisa em desenvolvimento. Daí inicia-se uma trajetória insana na busca por elementos que contemplassem a temática através de imagens (projetos arquitetônicos) do período histórico em estudo.

[...] Uma imagem antiga deveria ser também considerada uma coisa do meu presente, ainda que sua temporalidade repercuta na minha forma de apropriação. Seja como for, conviria acentuar, primeiro, que as imagens não contribuem apenas para representar o passado, mas também para construí-lo, em seguida, que os diferentes modos de representação visual – fotografia, pinturas, gravuras, esculturas, cinema, objetos tridimensionais etc. – deixam marcas específicas nessa produção do passado. Nessa ordem de ideias, é comum se falar em visões do passado quando se examinam os complexos processos de produção de significados com que tanto as narrativas dos historiadores quanto as representações sociais articularam presente e passado, em particular pela mediação de imagens (MENEZES, 2012, p. 259).

Sem sucesso nesse processo investigativo, correlacionando os materiais que já havia coletado, percebi que deveria ter algum documento do período em estudo. O texto de Menezes (2012), trouxe uma perspectiva da possibilidade de busca e construção da iconografia dentro de um documento escrito. Foi a partir deste *insight* que veio a lembrança de uma pesquisa anterior no Anuário do Estado de São Paulo, no qual verifiquei poucos registros iconográficos. Neste documento, o governo estadual propunha referências para construção e adaptação de escolas que consideravam adequadas às práticas educacionais, assim, tais informações vieram contribuir na construção histórica do edifício da Escola do Povo (Grupão) do município de São Vicente.

De acordo com o Anuário do Estado de SP, a Inspeção Geral do Estado, tinha a responsabilidade da fiscalização nas escolas: desde a avaliação e capacidade dos professores, o ensino a ser aplicado à comunidade e o espaço

escolar onde deveriam desenvolver as atividades escolares. Com tanta discrepância entre um município e outro, foi necessário apresentar às escolas projetos arquitetônicos (construção e adaptação) com a finalidade de organização e padronização dos espaços escolares.

EDIFÍCIOS ESCOLARES - Quantos a edifícios escolares, a convivência de um tipo pouco dispendioso, facilmente adaptável ao desenvolvimento de cada localidade, fez com que a Inspectoria Geral, com assentimento do Illustre Dr. Gustavo de Godoy, ex-titular da pasta do Interior, incumbisse o ex-inspector escolar professor Virgílio Cesar dos Reis, da apresentação do respectivo projecto (Anuário do Estado de SP, 1907, p.405).

A Inspectoria Geral recorre a profissionais para desenvolver projetos arquitetônicos de acordo com as necessidades, vislumbres e interesses do titular e do inspetor. Não foram estabelecidos honorários aos profissionais, entendendo que foram projetos filantrópicos, com agradecimentos e congratulações do Governo Federal e Estadual.

Para desempenho dessa incumbência, julgou ele de bomaviso recorrer á colaboração de um profissional, convidando o distinto engenheiro Dr. Guerreiro Maia, que gratuitamente, ouvindo aquelle professor, apresentou tres plantas na escala de 1/100, acompanhadas do seguinte relatório: (Anuário do Estado de SP, 1907 p.405).

A análise nos desenhos reproduzidos pelo autor (Figuras: 26, 27 e 28) e apresentados a seguir, considerou características estilísticas do período estudado como também a organização e hierarquia dos espaços do ambiente escolar. Verificamos que os desenhos eram acompanhados de orientações escritas como complemento a proposta de projeto idealizado para os edifícios escolares do Estado de São Paulo.



A proposta para a fachada<sup>35</sup> do novo edifício escolar, é apresentada com elementos decorativos em ferro fundido na cumeeira<sup>36</sup> do telhado, como também nas platibandas<sup>37</sup>, com cimalha<sup>38</sup> em alvenaria<sup>39</sup> revestidas de massa e enquadramento no gabarito<sup>40</sup> da fachada. É apresentada hierarquicamente através de dois volumes, o volume central evidencia a proximidade do observador externo, já o volume lateral conduz a um afastamento entre o observador e o edifício; as portas e janelas são de madeira envidraçadas em arco pleno<sup>41</sup>, molduradas numa miscelânea de elementos decorativos, como também as paredes da fachada, onde apresentam uma mistura traços góticos com elementos mouriscos e adornos toscanos, o que caracteriza o ecletismo<sup>42</sup> no Brasil.

---

<sup>35</sup> Fachada: linguagem técnica utilizada para projetos arquitetônicos - representação gráfica do lado frontal (frente) de um edifício.

<sup>36</sup> Cumeeira: linguagem técnica utilizada por engenheiros, arquitetos e construtores - parte mais alta do telhado onde se encontram as superfícies inclinadas. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>37</sup> Platibanda: linguagem técnica utilizada por engenheiros, arquitetos e construtores - moldura de pouca espessura e contínua, mais larga que saliente, que contorna uma construção, [...] formando a proteção ou a camuflagem do telhado. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>38</sup> Cimalha: linguagem técnica utilizada por engenheiros, arquitetos e construtores – elemento colocado na parte superior, que termina, coroa ou remata a fachada de um edifício, ao mesmo tempo que oculta o telhado. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

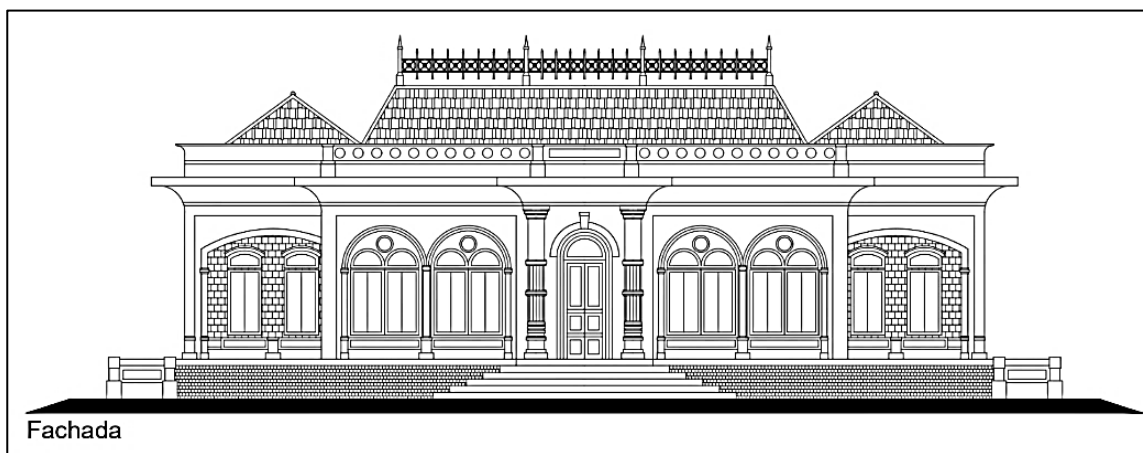
<sup>39</sup> Alvenaria: linguagem técnica utilizada por engenheiros, arquitetos e construtores – (paredes) construções que utilizam pedras naturais ou produzidas artificialmente sem argamassa (alvenaria a seco) ou com argamassa. Fonte: Koch (Dicionário dos Estilos Arquitetônicos).

<sup>40</sup> Gabarito: linguagem técnica utilizada por arquitetos e urbanistas – corresponde à altura do edifício, visto pelo lado externo.

<sup>41</sup> Arco pleno: linguagem técnica utilizada para projetos arquitetônicos – elemento estrutural curvo, quase sempre com a convexidade voltada para cima, que construtivamente cobre um vão, suportando cargas. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>42</sup> Ecletismo: Entre nós paulistas, o ecletismo foi entendido, isso não poderia deixar de ser, como uma manifestação civilizada adotada graças ao café, cujo dinheiro aos poucos foi mostrando a classe alta as novidades próprias dos povos cultos. Aliás, o termo ecletismo talvez fosse conhecido somente pelos letrados, e seu significado, ligado a tolerância ou a coexistência de mais de um estilo arquitetônico, certamente não era do pensamento ou do linguajar do povo em geral. [...] Mas naquele tempo, mais precisamente a partir do último quartel do século XIX, ninguém usava essa expressão, hoje banal na crítica arquitetônica para todos, tudo aquilo era o novo gosto, a estética erudita ou civilizada que a Europa se dignava enviar através de seus agentes muito bem pagos. [...] Todo esse

Figura 26: Reprodução da Fachada (N. 1) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal – Reprodução do Autor (2025)

Da mesma forma que se apresenta a monumentalidade e a hierarquia de valores artísticos e simbólicos através da fachada do edifício escolar. A distribuição e a setorização no espaço escolar representado pela planta, também é dimensionado e organizado hierarquicamente, para abrigar e desenvolver as atividades escolares, como também vigiar e controlar a circulação das pessoas no edifício.

---

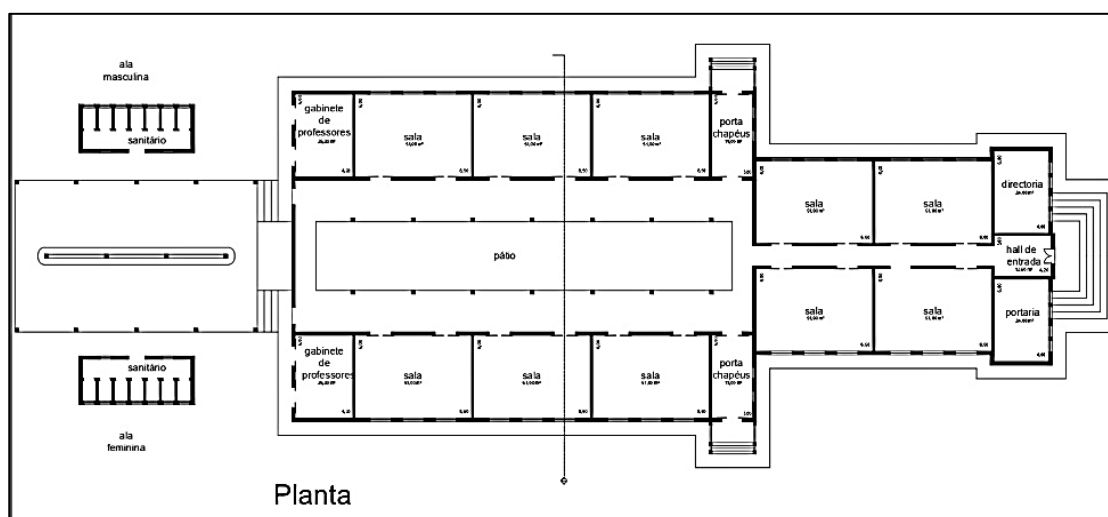
delírio ornamental vinha expresso também nos objetos ou aparelhos de utilidade indispensável, equipamentos e instrumental de última geração advindos de aperfeiçoamentos das invenções nascidas na Revolução Industrial. [...] As novas construções ecléticas exigiam outros materiais e mão de obra especializada, duas coisas que a recente abastança cafelista mandou buscar de fora. Fonte: (Lemos, 1999, p. 251 a 253).

<< A planta N.1, representa a frente do edifício com 16 metros, dotada de oito janelas, quatro á cada lado da porta principal.

Nesta parte figuram duas salas (directoria e portaria) separadas pela da entrada, tendo esta 3m,00 x 4m,20 e aquellas 4m,00 x 6m,00 cada uma. Outrossim, figuram mais quatro salas, tambem separadas por um corredor de 1m,50 x 17m,00, destinadas ás aulas, com 6m,00 x 8m,50, de forma a comportarem o numero regulamentar de alumnos.

A Cada parede divisória das ditas salas terá uma porta de 3m,00 de largura, dividida em duas partes de 1m,50, apoiadas sobre toldanas, de modo que, por ocasião das festas escolares, cada uma dessas portas possa ser introduzida nas paredes laterais, também com a largura de 1m,50, formando desta arte cada grupo de duas salas um salão com 6m,00 x 17m,00, conforme demonstra a planta N.2. (Anuário do Estado de SP, 1907, p.405 e 406).

Figura 27: Reprodução da Planta (N. 2) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo

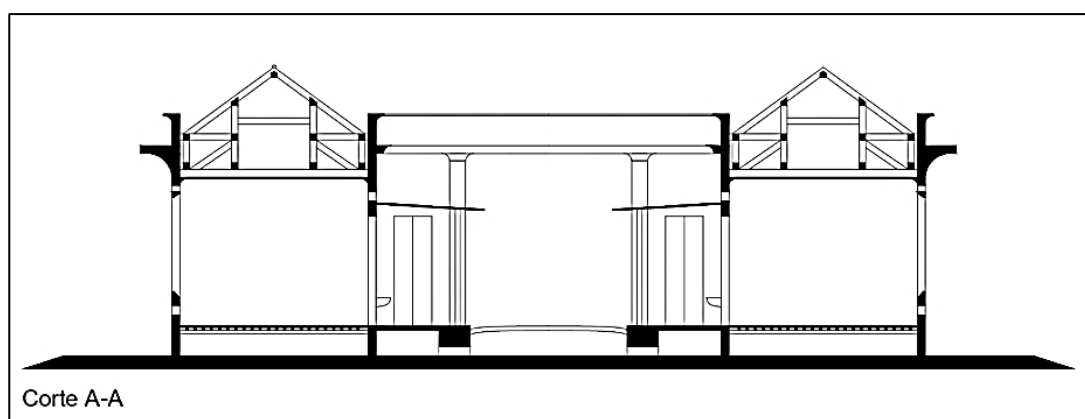


Fonte: Acervo Pessoal – Reprodução do Autor (2025)

A segunda parte do edifício se compõe de duas salas de frente (uma de cada lado) com quatro janelas e portas laterais, segundo a planta N. 1 e o perfil N. 3. (Anuário do Estado de SP, 1907, p.406).

A leitura e análise desse projeto como um todo foi interessante e necessário para esta pesquisa porque, só assim, foi possível observar o interesse da necessidade em investir na educação, buscando articular um espaço escolar ainda desconhecido com o ideário político republicano que precisava ser representado de forma visual e organizacional para uma sociedade dita em construção.

Figura 28: Reprodução do Corte<sup>43</sup> (N. 3) - Proposta de Projeto para os Edifícios Escolares do Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal – Reprodução do Autor (2025)

Estas salas (3m,00 xx 6m,00) se destinam a porta- chapeus e entrada dos alunos, seguindo-se duas alas separadas por um pátio de 5m,00 x 20m,00 em quadrado com corredores de 3m,00 de largura, cobertos de vidro, onde serão collocados os lavatorios.

<sup>43</sup> Corte: linguagem técnica utilizada para projetos arquitetônicos – desenho arquitetônico que representa a secção feita no edifício, na construção. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

Cada ala conterá tres salas com 6m,00 x 8m,50 e mais uma ao fundo com 3m,90 x 6m,00, que servirá para gabinete dos professores. Uma dessas alas será destinada aos alumnos do sexo masculino e a outra do sexo feminino.

Do referido pateo, duas portas dão para um terraço de 2m,50 x 11m,00 com escadas lateraes para o recreio (11m,00 x 15m,00) separadamente para cada sexo. (Anuário do Estado de SP, 1907, p.406 e 407).

O edificio escolar também tinha a finalidade de orientar os alunos para que se adotassem os preceitos de salubridade e higienista, pois os cuidados e orientações de salubridade e higiênicas que a escola devia prestar às crianças eram quase desconhecidos pela sociedade, tendo em vista que as próprias habitações não eram salubres. A arquitetura teve também a função de garantir essas orientações de salubridade e higienistas para o processo educativo pois, anteriormente, a escola ensinava sobre cuidados higiênicos, ao mesmo tempo em que não criava condições para que os mesmos, fossem efetivados; agora, essa pauta torna-se marcante na construção dos novos edificios escolares.

Ao lado serão installados os respectivos aparelhos sanitários, consoante a planta N. 2.

Todas as salas serão dotadas de ventiladores fronteiros, de modo a facilitar a renovação do ar, collocados uns acima do rodapé e outros abaixo da tabella próxima do tecto.

O porão deverá ser fartamente ventilado e utilizado para depósitos de materiaes, para modelagem ou quaisquer outros exercicios.

Nas pequenas cidades bastará a construção da primeira parte do edificio computado para cerca de 200 alumnos, sendo construída a segunda na proporção do desenvolvimento de ensino, comportando cada sala desta segunda parte 45 alumnos>>. (Anuário do Estado de SP, 1907, p.407).

Esse exercício de análise crítica ao edifício escolar, pautado no documento do Anuário do Estado de SP foi de grande importância, para a investigação, porque a partir dele, começamos a reconstruir o processo cronológica da construção e ampliação do Edifício Escolar da Escola do Povo e Grupão.

Em todo esse percurso, eu ainda almejava obter algum material de Projeto Arquitetônico do Edifício Escolar em estudo, pois já havíamos procurado em todas as instâncias possíveis, desde Diretorias de Ensino Regional e Municipal, Conselhos de Patrimônio Histórico Estadual e Municipal, arquivos e acervos públicos e particulares. Quase desistindo dessa peça para o quebra-cabeças da investigação, encontramos de uma forma inesperada, em numa pasta dentro da Escola, uma cópia considerada lamentável do desenho de uma planta da escola, quando ela se tornou Grupo Escolar. Para a pesquisa isso foi inacreditável, o sonho dos pesquisadores foi realizado ainda que não da forma que esperava.

Figura 29: Planta da “Escola do Povo” com ampliação do “Grupo Escolar S. Vicente”



Fonte: Etec Dra. Ruth Cardoso – Reprodução do Autor – (2018)

A representação gráfica de edifícios escolares é uma ferramenta essencial para a compreensão e análise do patrimônio arquitetônico educacional. Ela oferece valores documentais, simbólicos e afetivos, além de ser fundamental para análises históricas. Os documentos escritos e iconográficos complementam essas representações, proporcionando uma visão mais completa e detalhada da evolução e do significado dos edifícios escolares ao longo do tempo.

## **2.4. Tratamento das fontes**

O trabalho de investigação foi crucial para a análise e interpretação das fontes documentais escritas e iconográficas. Esse processo envolveu várias etapas fundamentais para garantir que a compreensão do objeto de estudo fosse precisa e bem fundamentada. Aqui estão algumas diretrizes que a pesquisa seguiu ao trabalhar com fontes documentais escritas e iconográficas:

**Contextualização e Criticidade das Fontes:** Iniciamos com avaliação na autenticidade das fontes, confirmando se eram originais, cópias ou falsificação. Esse processo incluiu a verificação das datas, autorias e procedências, desde os documentos escritos, contrapondo os recortes de jornais locais e estaduais. Foi verificado também quem as produziu, o quanto de confiabilidade os autores transmitiam e em qual a circunstância a produção das fontes foi criada: considerando fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que, de alguma forma pudessem ter influenciado seu conteúdo. Procurou identificar interesses dos autores que pudessem ter moldado a narrativa ou os dados apresentados. Nesse contexto de criticidade das fontes documentais desta pesquisa, foi percebido que a maioria dos autores dos documentos escritos e iconográficos são, em sua maioria, da região do litoral paulista ou da capital.

Corroborar as informações: Um dos processos mais significativos desta investigação foi a necessidade de comparar uma fonte com outras fontes, sendo elas primárias ou secundárias, o que proporcionou à pesquisa verificar a precisão dos relatos. Um outro exercício no processo, que podemos chamar de verificação cruzada, foi utilização de diferentes tipos de fontes, desde documentos oficiais escritos, impressos jornalísticos até documentos iconográficos: fotografia, desenhos, mapas, projetos arquitetônicos. Essa atividade foi fundamental para identificar algumas distorções sobre a datação e precisão da implantação do edifício escolar, também a reconstrução histórica do edifício escolar, o contexto histórico em que ele foi idealizado como também o desenvolvimento sociopolítico e econômico da região.

Para a análise dos documentos escritos, incluindo desenhos, projetos e mapas, foi essencial compreender o edifício escolar e o local onde ele está inserido. A análise crítica desses documentos revela informações sobre as proporções originais e as mudanças feitas ao longo dos anos. A necessidade em desenvolver uma abordagem crítica e contextual ao utilizar os documentos escritos e iconográficos para uma análise histórica, contribuiu para elaboração de um produto iconográfico reconstrutivo da Arquitetura Escolar Republicana – “Escola do Povo” e o “Grupão”.

A construção da escola se deu em dois momentos distintos, em um primeiro momento ela foi estabelecida como Escola Isolada – Escola do Povo 1898 - em um segundo momento ela receberia o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente 1913, recebendo assim um acréscimo de área, mantendo as características estilísticas do edifício original.

Após a análise dos documentos escritos e iconográficos, desenvolvida pela pesquisa, percebemos a necessidade de elaborar a reconstituição, a reprodução e apresentar ao leitor, uma produção gráfica para contribuir na visualização do volume e da visão panorâmica do edifício escolar. Essa ação tem como finalidade agregar compreensão do espaço escolar e da cronologia histórica percorrida pelo edifício escolar em estudo.



Figura 30: Reconstituição e Reprodução Gráfica em Perspectiva da “Escola do Povo” (Escola Adaptada ao Armazém) em 1893



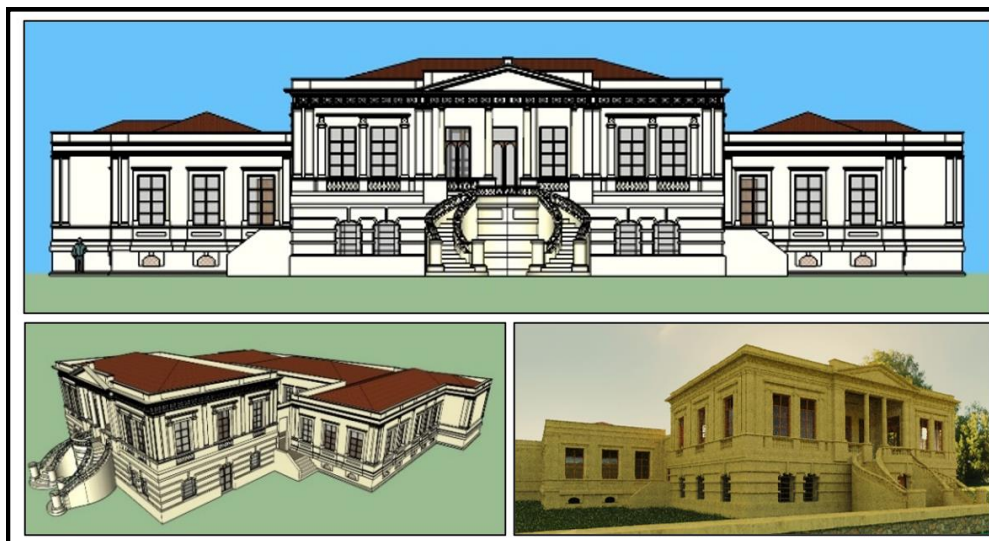
Fonte: Acervo e Produção Pessoal (2025)

Figura 31: Reconstituição e Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea do (Edifício Escolar) “Escola do Povo” em 1898



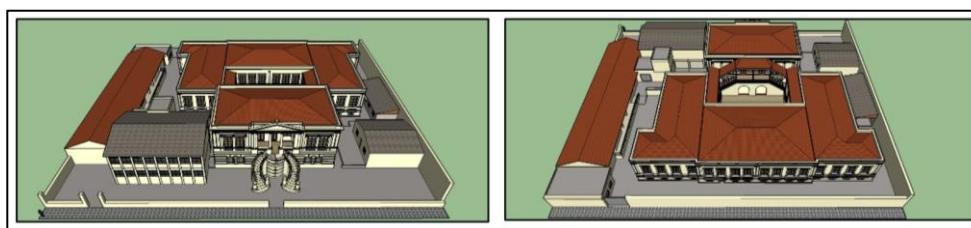
Fonte: Acervo pessoal e Produção do Autor (2018) – (2025)

Figura 32: Reconstituição e Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea do (Novo acréscimo construtivo ao Edifício Escolar existente) “Grupo Escolar de São Vicente” (O Grupão) em 1913



Fonte: Acervo pessoal e Produção do Autor (2018 e 2025)

Figura 33: Desenho Representativo da Fachada e Perspectiva Aérea Sucessivas Denominações no Decorrer do Século XX



Fonte: Acervo pessoal e Produção do Autor (2018)

A análise da arquitetura escolar dentro da historiografia da educação permitiu uma visão aprofundada sobre como os espaços físicos são moldados e moldam, valores culturais e educacionais. A arquitetura escolar, portanto, não é apenas um campo de estudo sobre edifícios, mas uma investigação sobre a interação entre espaço, sociedade e educação ao longo do tempo. O trabalho investigativo desta

pesquisa é multifacetado, o que exigiu uma abordagem crítica na análise das fontes documentais escritas e iconográficas. Desde a crítica das fontes até a contextualização, interpretação dos escritos e iconográficos, cada etapa foi crucial para garantir que as narrativas históricas fossem bem fundamentadas. Os documentos escritos e iconográficos, quando foram analisados criticamente, forneceram uma visão profunda e detalhada do processo histórico, permitindo uma compreensão mais completa com nuances para a historiografia da educação.

Naturalmente, se não for possível dar resposta a todas as questões, pela ausência de documentos ou por haver dados insuficientes, é possível usar outros níveis de métodos e abordagens. É importante esclarecer que o uso destes métodos não constitui nenhum dogma que deve ser seguido sem mudanças. Esta pesquisa manifesta a importância enriquecedora do procedimento metodológico que busca correlacionar documentos escritos com documentos iconográficos. Por outro lado, cada investigador deve descobrir seu próprio método de trabalho.

### 3. MEMÓRIA E CULTURA MATERIAL ESCOLAR – IDEÁRIO REPUBLICANO

O objetivo dessa apresentação sobre memória, cultura material escolar e ideário republicano não é fazer uma análise sociológica ou filosófica. Em vez disso, pretendemos discutir como o ideário republicano educacional influenciou a cultura caçara. Se pressupormos que memória, lembranças e reminiscência são sinônimas, neste estudo consideraremos que a atividade de reminiscência é uma prática eficaz que vai além da simples recordação de coisas que aconteceram no passado. É ainda uma ferramenta vital para a preservação da cultura, o desenvolvimento pessoal e social e a construção de uma identidade própria.

Dessa forma, entendemos que dentre muitos autores que trabalham com a temática sobre memória, para esse momento utilizaremos o conceito de Halbwachs (2004), por acreditar que o estudo do autor vem contribuir para o entendimento da memória caçara. Ele trabalha a memória individual e a coletiva, defendendo, que a memória não tem sentido se não está ligada a um grupo do qual faz parte porque leva em consideração um evento real que foi vivido em comum no passado e, portanto, depende do contexto no qual o grupo e o indivíduo que o atesta agora se apresentam.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Ora a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios. [...] Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. [...] Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas também por várias. Quando encontramos um amigo do qual a vida nos separou temos alguma dificuldade, primeiramente, em retomar o contato com ele. Mas logo, quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós

se lembra, é que não são mais as mesmas, ainda que elas se relacionem aos mesmos eventos; não conseguimos nos pôr a pensar e a lembrar em comum, e dos fatos passados não tem mais o mesmo relevo, não acreditamos revivê-lo com mais intensidade, porque não estamos mais sós para representa-los, como os vemos agora, como os vimos outrora, quando os olhávamos ao mesmo tempo com nossos olhos e os de um outro? Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 2004, p. 29 e 30).

Ao pensar sobre a forma em que a memória caiçara se apresenta, o texto de Halbwachs (2004), em conjunto e correlação com outros textos, me ajudará a refletir e a desenvolver uma leitura da memória individual e da coletiva da comunidade caiçara, pois acredito que essa comunidade apresentou, naquele período estudado, uma resistência aos ideais políticos e econômicos, principalmente quando interferidos e subjugados pelos agentes promotores do ideário republicano.

### **3.1. Memória e Cultura Material Escolar**

A memória escolar, como qualquer outra instituição, é um mecanismo que fixa uma interpretação da história, podendo ser individual ou social, mas sempre criando um sentido coletivo para o passado. Essa relação é estudada pela historiografia, que não dá prioridade a uma em detrimento da outra. Neste estudo, consideramos que a relação entre historiografia, memória e cultura escolar é entendida através de elementos como o sistema de crenças, as necessidades da comunidade e o desejo de verdade histórica. Julia (2001), num ensaio significativo para pesquisas em historiografia da educação, apresentou uma reflexão, análise e definição sobre a cultura escolar.

A **cultura escolar** é descrita como um **conjunto de normas** que **definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar**, e um conjunto de **práticas** que permitem a **transmissão** desses conhecimentos e a **incorporação** desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). [...] cultura escolar **não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém**, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular (JULIA, 2001, p. 09 e 10, grifo nosso).

A utilização do ensaio do autor, para esse momento da pesquisa desta tese, foi indispensável para compreender que, ao pesquisar a cultura escolar, é preciso verificar as “relações conflituosas ou pacíficas” e, ainda, verificar o conjunto de outras culturas.

No caso específico desta pesquisa, refletir sobre a cultura escolar do ideário republicano impresso na materialidade dos edifícios escolares do litoral paulista, apresentou “relações conflituosas” com a cultura caiçara, tendo em vista que a primeira, como relata o autor, é “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”, que pode ter trazido certa resistência para a comunidade caiçara, é o que esta tese pretende apresentar, resultando entender em essa relação entre memória escolar e cultura material escolar.

A cultura material escolar, neste estudo, será apresentada através da representação do edifício escolar, considerando que esses são excelentes para evocar as memórias individuais e coletivas. Eles podem ser utilizados tanto como estímulo visual quanto tátil, através deles também podemos perguntar por que tal edifício tem um significado especial para a educação e que lembranças ele evoca. Dessa forma Menezes (2005) traz uma consideração em relação a materialidade na escola.

O com a **materialidade da escola** tem permitido **rastrear práticas, processos e relações constituintes** dessa modalidade social, **a escola**,

tal como vimos seguindo: **como prática cultural**, que se **constitui na intersecção de outras práticas culturais de nossa sociedade...** (MENEZES, 2005, p. 13, grifo nosso).

Então verificamos que estudar a historiografia educacional através da cultura material de forma isolada, nos levaria a desenvolver uma pesquisa com certa escassez, o que poderia restringir e, até mesmo, camuflar informações necessárias dos processos historiográficos.

Como, por exemplo, tratar a arquitetura escolar, seus estilos e suas características, sem levar em consideração a cultura local e o ideário republicano político, econômico e social onde o edifício escolar foi implantado; entendemos que não trazer essa situação para estudo, pode limitar a pesquisa historiográfica.

### **3.2. Ideário Republicano**

Os valores e ideais do Brasil no período republicano não eram apenas romper com o passado imperial, mas também projetar um futuro que expressasse os novos valores de progresso e ordem. Os republicanos acreditavam que a República deveria ser o ambiente de um novo cidadão, o que significaria que as cidades e as instalações escolares deveriam ser reorganizadas para atender a novos padrões de higiene e ordem.

O crescimento econômico do café influenciou várias mudanças sociais e políticas na sociedade de São Paulo. A elite cafeeira, sendo protagonistas da política dominante na Primeira República, exerceu grande influência no cenário político nacional. Menezes (2006), descreve como a comunidade republicana de São Paulo evoluiu. O autor mostra as estruturas sociais além das partidárias e ideológicas.

[...] da maneira em que se deu a organização dos republicanos de São Paulo, republicanos tomados aqui através das estruturas de sociabilidade que forneceram o amálgama para a vinculação de um pequeno grupo, formado por elementos extraídos das fileiras de republicanismo, mas que, na acepção que os investigamos, sua constituição não deriva somente das implicações partidárias e/ou ideológicas, mas de vivências comuns, relações de parentesco e de partilha de experiências cruzadas, ou, o que denominamos de estruturas de sociabilidade. A práxis do grupo [...], é percebida pelo acompanhamento das “redes” de sociabilidade a que estiveram vinculados seus componentes, e pela recuperação dos “microclimas” que abrigaram a manifestação das redes (MENEZES, 2006, p. 60).

Ao longo desse período, o café se transformou em um produto que representava a economia republicana do Brasil. Os paulistas se tornaram os principais agentes deste processo no século XIX. O cultivo de café foi concentrado no interior do estado, principalmente nas áreas de Campinas, Ribeirão Preto e o Vale do Paraíba. Por outro lado, a exportação foi concentrada no litoral, principalmente no porto de Santos. As influências desses grupos, direcionou a sociedade a aceitar esse ideário e, assim, executaram determinadas ações, particularmente carregadas de interesses e intenções próprias. Um dos interesses no ideário republicano é chamar de progresso, o processo higienista, civilizatório, patriota e nacionalista.

Existem algumas formas desse ideário ser implantado e uma delas é a cultura material escolar. O intuito dessa reflexão é analisar o quanto essas “elites paulistas” utilizaram símbolos na materialização da arquitetura e do ambiente urbano, como ferramentas afetivas e sensoriais. Para entender como o pensamento republicano brasileiro foi desenvolvido, e ele teve um efeito na sociedade do litoral paulista. Charle (2003) apresenta um estudo do cidadão “intelectual” e da “vida intelectual” no século XIX.



Um dos paradoxos da posição social dos intelectuais é que só podem ser considerados como idênticos a partir da afirmação de suas diferenças. É a recusa das posições estéticas, políticas ou sociais dos outros que fundamenta as posições adotadas por alguns. Esta lei geral, bem conhecida da vida intelectual, toma, contudo, um sentido novo quando o campo intelectual adquire a dimensão daquele do fim do século XIX. O fenômeno dos grupos, literários ou ideológicos, toma-se muito mais geral, durável e constrangedor do que poderia ser na primeira metade do século XIX (CHARLE, 2003, p. 145).

A situação econômica e política no cenário republicano acarretará uma forte interferência na cultura caixara, como veremos no texto de Sirinelli (1998) que nos apresentará os “homens de cultura”; o conceito apresentado pelo autor possibilitará uma reflexão mais aprofundada sobre a influência cultural no cenário republicano e suas interferências na cultura caixara. O autor estabelece os “homens de cultura” em duas categorias: “os criadores e os mediadores culturais”.

Porque é sempre possível propor uma definição empírica de um homem de cultura. Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como “mediadores” culturais: à primeira categoria pertencem os que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber (SIRINELLI, 1998, p. 261).

Consideremos para este estudo o panorama paulista republicano apresentado por Menezes (2006), acrescentando Sirinelli, (1998) e Charle, (2003), pois os autores partem do mesmo pressuposto - o embate entre sujeitos promotores da cultura. Ao considerar a riqueza dos textos dos autores, buscamos conversar com os três para contribuir com esta pesquisa e entender que os paulistas (barões do café) no século XIX são apresentados como impulsionadores do crescimento econômico, político e cultural, ocultando seus próprios interesses pessoais ou ideológicos por trás dos princípios culturais republicanos em detrimento da comunidade caixara.

### 3.2.1. Materialização dos Símbolos Republicanos

Dentro desse resumo sobre panorâmico os ideais republicanos, a materialização desses ideais deveria ser apresentada de tal forma que toda a sociedade viesse a contemplar e absorver tal ideário. Considerando que esta tese tem por finalidade apresentar a arquitetura escolar do período republicano, o texto de Souza (1998) apresenta um estudo sobre os edifícios escolares no estado de São Paulo durante o período republicano; o texto será uma fonte necessária para o diálogo com outros autores, contribuindo assim para a análise e reflexão para esta tese. A autora apresenta o seguinte:

A implantação dos grupos escolares no estado de São Paulo ocorreu no interior do projeto republicano de educação popular. **Os republicanos mitificaram o poder da educação** a tal ponto que **depositaram** nela não apenas a **esperança de consolidação do novo regime**, mas a **regeneração da Nação**. **A escola primária tornou-se uma das principais divulgadoras dos valores republicanos**; por isso, os grupos escolares tornaram **um símbolo**. Era preciso **torná-los evidentes, exibí-los e socializá-los!** (SOUZA, 1998, p. 15 e 16, grifo nosso).

As escolas, que são instituições essenciais para a formação de cidadãos republicanos, também experimentaram mudanças substanciais. A arquitetura da escola foi alterada para tornar os ambientes mais adequados para a aprendizagem e para a formação de princípios republicanos. Isso incluiu a construção de escolas usando tecnologias de higiene, iluminação e ventilação modernas para refletir o bem-estar e a saúde dos alunos.

### 3.2.2. Valores Estéticos Republicanos

Para refletir os princípios de avanço e modernidade, os espaços das cidades começaram a ser pensados como locais que precisavam ser organizados e higienizados. A melhoria da infraestrutura urbana, como arruamento, instalação de sistemas de esgoto e criação de espaços públicos organizados e saudáveis, e ainda os edifícios públicos, receberam tratamentos estilísticos europeus, modificando significativamente as características arquitetônicas, com o intuito de apresentar aos ditos cidadãos as técnicas e materiais modernos utilizados na reconstrução desta nova sociedade republicana.

Tais elementos fizeram parte dos valores simbólicos e estéticos, como apresenta Lemos (1979), o estilo eclético representa fortemente o ideário republicano expresso na reconstrução dos novos espaços urbanos como também nas características arquitetônicas das edificações públicas e privadas.

[...] Assim, **de repente, as cidades paulistas e a própria capital**, viram-se **repletas de engenheiros, arquitetos**, mestre de obras, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, pintores e estucadores de **variada origem e conhecimentos**. [...] a cidade, um dia, **foi toda reconstruída** em tijolos e **refeita num novo estilo**, ou melhor, em **vários estilos**. Era o **ecletismo**. O **positivismo**, pensamos, **condicionou** mesmo muito **comportamento de gente republicana**. [...] Como em outras ocasiões, **o ecletismo nos estilos** chegou do chofre, sem maiores especulações, ninguém sabendo que o nome fora aplicado à **convivência do neoclássico com o neogótico**, cuja validade teria sido discutida. Na verdade, somente se **aliou** essa **miscelânea estilística**, que invadiu nossas cidades a partir do **último quartel do século XIX**, como **o progresso**, com **a abundância**, com **a liberdade de escolha**, como **se a obediência a um só estilo fosse sinal de atraso próprio de outras épocas**. Agora, tudo era uma questão de imaginação (LEMOS, 1979, p. 116, grifo nosso).

Através dos textos dos autores apresentados, pudemos verificar que o objetivo dessas mudanças urbanas e educacionais tinha como intenção reconciliar

os cidadãos com o progresso do país, os agentes promotores da implementação do ideário republicano buscavam comprovar que as ações desenvolvidas por eles, forneciam a sociedade um sentido de identidade e pertencimento. As mudanças que ocorreram no espaço físico eram também consideradas essenciais para a criação de uma nação ordenada e progressiva. Esse movimento é baseado na ideia de que a configuração de um espaço público pode mudar a mentalidade e o comportamento dos cidadãos, tornando-os mais republicanos.

O percurso traçado até aqui, buscou apresentar um estudo que possa dialogar e contrapor os temas: memória escolar e cultura material escolar, como também, compreender as primeiras manifestações dos símbolos e dos valores estéticos do ideário republicano nacional, sua repercussão no cenário paulista republicano no interior e no litoral, ocorrido através das elites paulistas, dos intelectuais republicanos e dos sujeitos da cultura. E ainda, como os grupos de pessoas que comungaram dos mesmos ideais, se reuniam, se organizavam, e se intitulavam como referenciais na implantação do ideário republicano.

Ressaltamos aqui que pesquisadores da história e historiografia da educação já trabalharam com esses temas. No entanto, esta tese também busca analisar, apresentar e defender a forma como a cultura escolar do ideário republicano contribuiu para o apagamento da cultura caiçara, fazendo com que esta comunidade se tornasse resistente à absorção desses novos ideais.

#### 4. LITORAL PAULISTA – A ILHA E A CIDADE DE SÃO VICENTE – A CULTURA CAIÇARA

O título a seguir tem como finalidade apresentar ao leitor desde a localização do objeto de estudo até as relações da comunidade de origem com o território. A partir desse momento o texto, começa a abordar questões que estarão ligadas e interligadas com a comunidade caiçara, a relação positiva e negativa, dessa comunidade com a cidade republicana do litoral paulista, dita urbanizada.

Gosto muito da expressão “a cidade educa”, utilizada comumente por várias pessoas leigas e profissionais da educação e da arquitetura e urbanismo, sem qualquer referência ao autor que desenvolveu uma análise detalhada dessa expressão. Buscaremos trabalhar a partir desse título a expressão, para correlacionar a educação com a cidade, as formas de aprendizagem que as pessoas podem ter com a cidade independente do período histórico. Apresentar o trecho do texto “Arquitetura como programa” de Viñao Frago e Escolano (2001), diz muito ao que esta pesquisa tem a discorrer sobre educação e cidade.

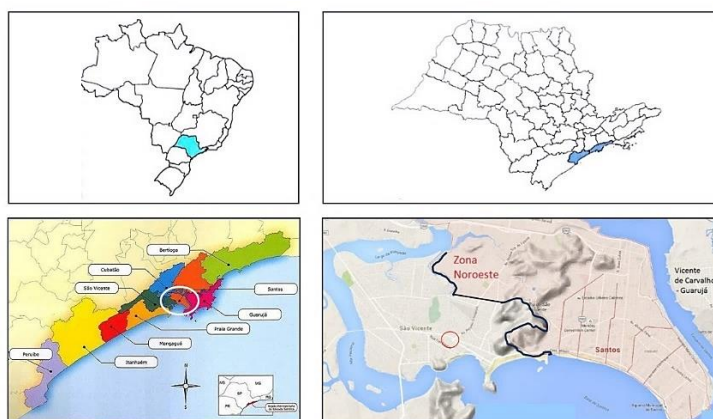
**Não apenas o espaço escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 28, grifo nosso).**

Antes de discorrer o assunto de interesse específico da pesquisa, foi considerado localizar o leitor, para entender de onde a pesquisa inicia-se e o quanto o território pode influenciar na formação dos indivíduos.

#### 4.1. Contexto histórico e geográfico – Processo de urbanização: organização, transformação e contrastes na cidade e região litorânea

Os municípios de Santos e São Vicente estão localizados na Ilha de São Vicente e seu território se estende além da Ilha para a área continental com praias, mangues e despenhadeiros da Serra do Mar. Sobre a localização: o Rio Casqueiro separa a área insular da Área Continental de São Vicente, mas é difícil distinguir devido às paisagens comuns, pois as cidades de Santos e São Vicente ficam a leste e a Área Continental de São Vicente fica a oeste (Figura: 34).

Figura 34: Localização Geográfica do Estado de São Paulo, Baixada Santista e Ilha de São Vicente



Fonte: Agência Metropolitana da Baixada Santista (2018)

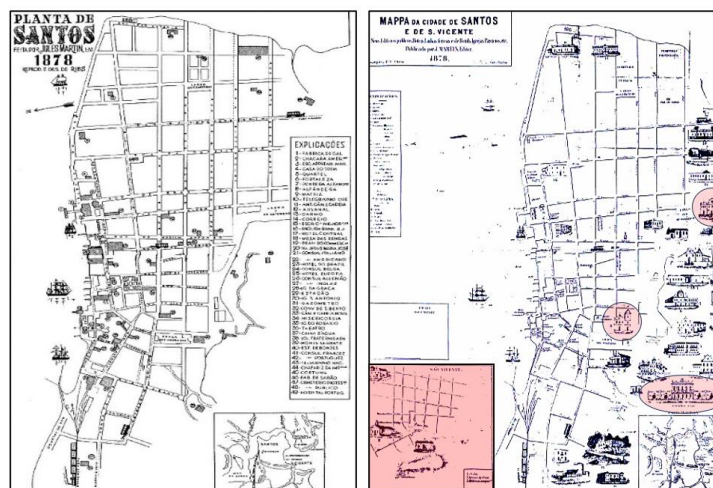
No texto de Andrade (1992), será possível fazer uma leitura do processo de transformação de vila colonial para a cidade portuária que exportará o produto que transformaria a economia do país, trazendo consigo mudanças significativas no ambiente urbano.

Na segunda metade do século XIX, a exportação do café suplantou a do açúcar e Santos tornou-se o porto do café. Por volta do final da década de

1870, a população de Santos (cidade desde 1839) podia ser calculada em 10.000 habitantes. A observação do mapa feito, em 1878, por Jules Martin evidencia as influências marcantes da economia cafeeira na vida da cidade. O espaço vago entre a vila colonial e os morros não mais existia. Tudo vinha ocupado pelo avanço das quadras urbanas numa planta em xadrez, tão rígida quanto possível. A parte mais antiga, documentando o urbanismo colonial, substituíra ainda pontilhada com as construções sacras. Entretanto, já aparecia o geometrismo do jardim público (nº 3) a mostrar o desejo citadino de novas perspectivas urbanas, através do uso de formas geométricas retilíneas. O conceito “moderno” de progresso já havia surgido nos espíritos santistas e a palavra “progresso” tornava-se de frequência quase obrigatória nos jornais, discursos, documentos ou na conversação. [...] O espírito laico ou até mesmo anti-clerical explicam a nova face de Santos (ANDRADE, 1992, p. 18).

Andrade (1992) usa imagens de Jules Martin (Figura: 24 e 35) como fonte de documentação visual para estudar o processo urbanístico da cidade de Santos. A análise da autora examina como as imagens ajudam a entender as mudanças arquitetônicas e urbanas de Santos com o tempo.

Figura 35: Desenhos de Jules Martin, 1878 (Mapa de Santos – com legendas, fachadas dos principais edifícios e um pequeno desenho esquemático do centro de São Vicente)



Fonte: Waldir Rueda - Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2018)

Jules Martin capturou através do mapa momentos importantes do desenvolvimento urbano de Santos. Seus desenhos ajudaram a entender como a cidade se desenvolveu, mostrando desde as construções até os efeitos das políticas urbanísticas. Andrade (1992) utilizou essas imagens para dar uma visão geral das transformações que ocorreram na cidade.

A igreja sofria golpes por causa dos interesses comerciais aliados à tendência anti-clerical do século XIX: o convento franciscano do Valongo foi comprado e derrubado pela Estrada de Ferro inglesa, que inaugurou a linha entre São Paulo e Santos, em 1867, construindo, no lugar do convento, sua estação. [...] O porto então era servido por pontes e trapiches, que chegaram a vinte e três no seu auge. A faixa próxima ao porto se valorizava e justificava investimentos. Assim, o trecho de mangue próximo ao convento do Valongo, chamado “ilhota” foi aterrado para edificações. O comércio cafeeiro cobrava espaços. O transporte e estocagem das sacas de café obrigavam a construção de numerosas cocheiras e vastos armazéns de café, cuja arquitetura tornou-se uma das características urbana da cidade marítima. [...] No mapa de Jules Martin aparecem sinais de uma nova vida com novas existências: os consulados estrangeiros atentavam a presença de estrangeiros residentes ou em continuo trânsito pelo porto; o telegrafo modernizava as comunicações; a estrada para São Paulo tornava-se melhor. Os espaços públicos definiam-se com mais precisão. [...] Santos, ao iniciar a década de 80, do século XIX, tornara-se uma cidade dedicada à exportação cafeeira com graves problemas, porém. Ondas imigratórias, aumentando a população, agravaram as péssimas condições ambientais da cidade atormentada por um longo período de epidemias – febre-amarela; varíola; peste bubônica e outras – o que obrigou os governos a providências saneadoras. Discutia-se a necessidade de construção do cais, do porto, cuja inauguração se deu, em 1892 (ANDRADE, 1992, p. 18).

A iconografia é uma ferramenta poderosa na historiografia urbana, como demonstra a análise de Andrade (1992) sobre o processo urbanístico de Santos usando imagens de Jules Martin. Os mapas e os desenhos de Jules Martin não apenas registram a aparência física da cidade em diferentes momentos, mas



também fornecem informações importantes sobre as interações sociais e culturais que moldaram o crescimento da cidade. Os textos mencionados até o presente nessa pesquisa, buscam apresentar a dinâmica como os municípios do estado de São Paulo no século XIX se articularam economicamente em função da cultura cafeeira.

Pudemos examinar como as relações entre mão de obra, materiais, equipamentos, interesses e dificuldades que surgem durante o processo de cultivo, colheita, transporte e exportação do produto são impactadas pelos procedimentos do processo mencionado.

Braga (2009) no capítulo intitulado “O território (Região, Cidade, “Locus”)” da dissertação de mestrado em historiografia da educação, analisa a cidade de São Vicente, como ambiente no contexto historiográfico do século XIX contrapondo com a cidade de Santos. Sua justificativa ocorre através dos limites emocionais estabelecidos e contradições no processo de territorialidades afetivas entre os dois municípios que ocupam a mesma Ilha.

Em uma reflexão do objeto de estudo juntamente no texto de Lemos (2016), quando ele diz que o “patrimônio ambiental urbano é a impressão digital da cidade”, pude perceber o quanto **o município de São Vicente, tinha a revelar em relação as configurações de seu traçado urbano desde a colônia até a república**, pois ali foi apresentada uma peça fundamental para construção de uma de um quebra cabeça que já vinha sendo construído no projeto de pesquisa. Para melhor compreensão do processo historiográfico urbano de São Vicente, será necessário apresentar um conjunto de imagens, sobretudo onde faltam documentos escritos, para permitir uma **compreensão visual da formação e evolução da cidade**, a partir de evidências materiais, proporcionada **pela arquitetura e pelo urbanismo por meio de plantas e desenhos da cidade**, é uma oportunidade para **compreender como era o centro urbano em São Vicente** nas épocas, que **antecederam a implantação da Escola do Povo** como também épocas de **construção da Escola as transições em conjunto com a cidade** (BRAGA, 2019, p. 63).

O texto do pesquisador em urbanismo colonial Reis F<sup>o</sup> (2000), trabalha também em processo de leitura de mapas conectadas com outras fontes primárias.

A leitura que o autor nos propicia retrata a cidade de São Vicente no século XVIII (Figura: 36).

Figura 36: Vila de São Vicente – Século XVIII



Fonte: Reis Fº - Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro (2018)

Para realizar uma reflexão sobre o mapa, devemos partir do princípio de que as informações contidas nele são representações genuínas, pois ele foi idealizado para representar de forma simbólica o território, o espaço, a paisagem e seus elementos geográficos, cartográficos e topográficos. Segundo o autor Reis Fº. (2000):

Mostra que deveria ser a **igreja Matriz e umas poucas casas, ao redor da praça e partes externas, sugerindo a existência de duas outras ruas.** Vê-se também, mais a frente do observador, o que poderia ser o remanescente da antiga igreja dos jesuítas. [...] A relativa correção com que **são distribuídos os principais edifícios** deste detalhe serve, até certo ponto, **como garantia da qualidade da representação, referente a São Vicente.** É um trabalho muito simples, no qual as casas comuns são reduzidas, para dar destaque aos edifícios religiosos e oficiais. Mesmo tratando-se de um pequeno detalhe, em um mapa de caráter geográfico, devemos reconhecer a qualidade técnica desse trabalho (REIS Fº, 2000, p. 199, grifo nosso).

Devemos também considerar que o mapa apresentado, foi idealizado e elaborado por um determinado sujeito e carrega em si valores culturais, sociais, políticos, econômicos da transição de uma sociedade colonial para uma republicana. A elaboração de tais mapas foi desenvolvida por um profissional contratado pelos governantes, com a intensão de apresentar as autoridades e a sociedade daquele período, através das imagens, uma visão idealizada sobre o município que naquele momento teve uma representatividade econômica no país.

Retomando os mapas de Jules Martin (Figuras: 24, 25 e 35), podemos verificar em sua representação gráfica um certo enaltecimento do município de Santos, com detalhes de todas as construções e localizações dentro do mapa. Já a representação gráfica sobre o município de São Vicente é apresentada de uma forma insignificante e demasiadamente simplória, sem detalhes e localização dos edifícios no território e, ainda, está representada como um anexo ao mapa de Santos.

Como apresentado na investigação desta tese, a contribuição das fontes para a orientação e o recorte desta pesquisa é significativa. No entanto, compreendê-las não é tão fácil quanto podemos imaginar, especialmente no que diz respeito à iconografia, pois as representações sempre têm intenções. Para lidar com os mapas em questão, foi necessário utilizar outras fontes iconográficas.

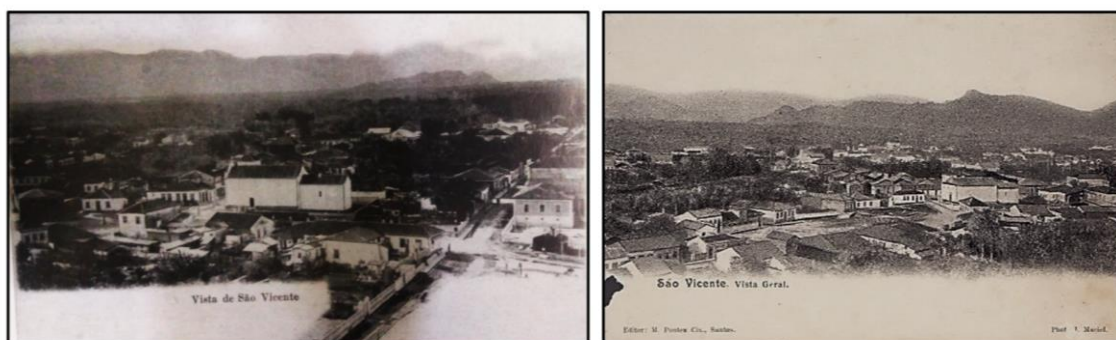
É interessante também entender através das imagens (mapas), o processo de desenvolvimento urbano do município a partir do século XIX (Figuras: 23, 24, 25 e 35), considerando a infraestrutura urbana. A expansão da malha urbana é demonstrada pelo arruamento (ruas), loteamento (quadras e lotes) e a arquitetura dos edifícios com novas características estilísticas e sua divisão política ao considerar os edifícios privados e públicos.

Esses documentos históricos, com uma riqueza de informações visuais que complementam as fontes escritas, ajudam a contextualizar eventos históricos e suas mudanças na representação do espaço e, ainda, nos ajuda a entender os efeitos das políticas urbanas daquele período histórico.

Na leitura de tais mapas, devemos ainda, pensar que muitas representações dos espaços foram realizadas fora do ambiente onde os autores se encontravam, assim, necessitaria muitas vezes, recorrer à memória daquele momento em que estavam presentes no ambiente que visitavam e dependia apenas de suas lembranças, pois não teriam como retornar ao local para verificação das informações coletadas no primeiro contato. No contexto que estamos verificando de a transição urbana da cidade, através de uma perspectiva visual, revelou detalhes não mencionados nos textos, corroborando e, ocasionalmente, desafiando os relatos contidos nos documentos escritos.

Um diálogo com uma nova fonte iconográfica foi necessário (Figuras: 37, 38 e 39): a fotografia retratou o período em estudo, o espaço urbano, a sociedade e os costumes. A fonte foi utilizada como um elemento agregador para ler e conectar as informações já coletadas, apesar do fato de que as fotografias também são imagens com intenções.

Figura 37: Vista panorâmica de dois ângulos da Igreja da Matriz e seu entorno – 1903



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente (2018)

Com os mapas, imagens e fotografias interligados, pretendemos reconstruir o processo de urbanização que a cidade teve na passagem do século XIX para o

século XX; analisar e confrontar as informações dos mapas com as imagens, exige um olhar minucioso e sensível aos detalhes que cada imagem apresenta. Braga (2019), no estudo de levantamento histórico urbano da cidade de São Vicente, nos apresenta o bonde como um meio de locomoção entre os municípios.

Ainda, que vagarosamente e muito tímida a cidade começa a se desenvolver, através dos eixos de comunicação de trilhos de bonde com o município de Santos. Essa situação vai ocorrer a partir do Centro Colonial, onde se encontram as construções mais antigas, como a Igreja da Matriz e a Casa de Câmara e Cadeia (BRAGA, 2019, p. 82).

A seguir estão as imagens que nos ajudarão a entender melhor as mudanças que ocorreram na divisão entre os dois municípios (Santos e São Vicente). Elas também mostram as intenções sobre a estética urbana para o arruamento na orla do município de São Vicente.

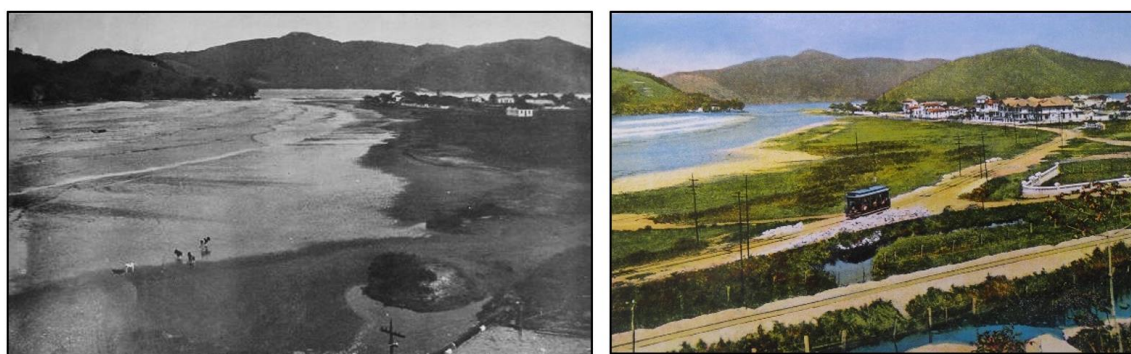
Figura 38: Praia de São Vicente sentido Santos – momentos distintos da paisagem – sem e com a intervenção humana “arruamento”.



Fonte: Quadro de Pintura Benedicto Calixto – (Paço Municipal) e Revista Memorial Fotográfico de São Vicente (2018)

Ao examinar e correlacionar as fotografias com os mapas e a bibliografia referenciada, verificamos que autenticidade e a composição da iconografia contribui muito para revelar o desenvolvimento urbano sobre o período histórico em estudo. Foi necessário colocar as imagens no contexto da história do município, levando em consideração aspectos sociais, econômicos e políticos.

Figura 39: Mudança significativa na paisagem – “Praia do Itararé” – mesma paisagem a natural (animais e natureza) e a transformada (arruamento, loteamento, iluminação pública e transporte)



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2018)

O estudo da história do urbanismo brasileiro no século XIX, particularmente nas cidades litorâneas de Santos e São Vicente em que esta tese está pesquisando, mostrou a interseção entre o desenvolvimento urbano e a educação através da cidade republicana. Nesse caso, a o urbanismo desempenhou um papel crucial, pois teve um impacto direto nas dinâmicas educacionais de uma sociedade.

Uma reflexão bem interessante, a se fazer em **relação à paisagem é que as duas cidades implantadas na mesma área insular (Ilha) desde a colônia se desenvolvem com características distintas**, devido suas relações sociais, políticas e econômicas, ainda que sofram juntas com o ambiente natural as mesmas consequências. **Diferente da sociedade “santista”, o viver da sociedade “vicentina” se pautava junto a estrutura de uma cidade estabelecida na colônia**, com poucas influências de

mudança no império e sendo **forçada uma adequação para chegada do progresso pela República**. Em textos de alguns memorialistas e cidadãos vicentinos, é apresentado esse **viver “colonial caiçara”** (BRAGA, 2019, p. 77, grifo nosso).

Além disso, o desenvolvimento urbano de Santos e São Vicente no século XIX foi um componente complexo do processo educacional. Ele permitiu a troca de conhecimentos e práticas, contribuindo para a educação de uma sociedade que refletia as necessidades e aspirações de seus governantes. A perspectiva educacional sobre a urbanização enfatiza o papel das interações humanas e da troca de informações para compreensão dos espaços urbanos.

O urbanismo não é apenas o planejamento de cidades mas, também, atividades educacionais que envolvem aprendizado mútuo. Assim os processos de aprendizado são essenciais para a criação e transformação de espaços urbanos. Ao longo do século XIX, vários programas educacionais foram lançados para ensinar as pessoas sobre os princípios do urbanismo, incluindo cuidados de higiene pública e construção de infraestrutura básica.

O ambiente urbano foi criado por conversas e discussões entre políticos, engenheiros, médicos e educadores envolvidos no desenvolvimento da região e das cidades. Portanto, a educação era um processo ativo de descobrir, pensar, criar e transformar as pessoas, em vez de apenas transmitir informações. Assim as consequências da educação nas relações humanas e urbanas foi de transmitir informações e conhecimentos de geração em geração, atendendo aos interesses dos agentes envolvidos. No entanto, a preservação dos legados imateriais e materiais da comunidade caiçara que foram transmitidos ao longo do tempo não foi o objetivo principal ao construir uma identidade urbana.

## 4.2. Cultura caiçara x ideário republicano

Ao estudar a cultura republicana de São Paulo no século XIX, é evidente que a maioria das pesquisas se concentra fortemente nas dinâmicas sociais e econômicas do interior de São Paulo. Ao contrário do interior, o litoral paulista, com exceção do porto de Santos, não teve o mesmo nível de crescimento urbano e industrial no século XIX. Isso acarretou uma menor atenção para pesquisas acadêmicas e históricas no litoral, pois o interior representava mais diretamente os pressupostos de modernização e avanço republicano.

Frequentemente, quando se fala no litoral paulista, a atenção é voltada para o porto de Santos, que foi a principal rota de exportação do café. O porto era fundamental para a economia, o que o tornou o foco de pesquisas históricas sobre o litoral. Mas isso não significa que as demais cidades do litoral paulista não tenham a importância histórica ao ignorar a variedade do litoral, pode dar uma compreensão equivocada sobre região do litoral paulista.

Dada essa introdução sobre o ideário republicano, inclusive estudado nas pesquisas acadêmicas; buscaremos apresentar uma comunidade que foi ignorada por ser considerada não atraente para as pesquisas acadêmicas, aliás quando essa comunidade é citada, ela tem um cunho folclórico fetichizante<sup>44</sup>.

O Caiçara - No litoral paulista permaneceu o mameluco (mestiço de índio e branco), continuando a técnica de pesca ensinada pelos portugueses, usando a ubá (canoa) indígena. É o caiçara comedor de peixe e de farinha

---

<sup>44</sup> Fetichizante: Que transforma em ou que trata como feitiço (ex: caráter fetichizante). – “feitizador”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/fetichizante>. “Fetice” é um substantivo masculino com origem no termo *fétiche*, do idioma francês e pode significar um objeto enfeitado ou um comportamento, parte do corpo ou objeto que desperta excitação sexual. “Feitichismo da mercadoria”: é uma expressão atribuída a Karl Marx, sendo um conceito central e crucial do sistema econômico criado pelo filósofo e economista alemão. Marx indica que graças a esse fenômeno psicológico e social, os produtos parecem ganhar vontade própria, e deixam de ser meros objetos e passam a ser alvo de adoração pelo ser humano. Desta forma, os indivíduos se comportam como objetos e os objetos se comportam como pessoas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/fetice/>. Acesso em: 31 de outubro de 2024.



de mandioca. O alegre dançador de fandango. [...] Os caiçaras - Os próprios índios começaram a chamar os seus irmãos de caiçara, por que moravam com os povoadores portugueses em vilas cercadas por caiçaras (cerca de varas). Os moradores das praias, mamelucos (mestiços de branco e índio), passaram a ser também conhecidos por caiçaras (ARAUJO & LANZELLOTTI, 1980, p. 57 e p. 74).

Ao perceber que o caiçara é considerado um elemento folclórico estigmatizado da cultura brasileira, ficava refletindo a todo momento o porquê desse preconceito velado sobre esta comunidade. No meu processo investigativo, me lembrei da história do “Jeca Tatu”, e a minha leitura sobre o personagem, que também é considerado como um elemento folclórico estigmatizado. É que “Jeca Tatu” é a personificação do caipira, que se torna participante do processo civilizatório, higienista, nacionalista do progresso regido pela república. Busquei trazer uma reflexão na minha dissertação. Se o “Jeca Tatu” representado pelo “caipira” passou por esse processo civilizatório; como o “caiçara” assimilou esse processo civilizatório?

Para entender melhor se realmente o caiçara assimilou e absorveu o tal processo civilizatório, apresentaremos algumas questões relevantes da comunidade caiçara onde se estabelece a própria cultura caiçara.

**O caiçara, a cultura de subsistência.** O Caiçara Pescador - Como a terra do litoral não era fértil como no planalto, dedicaram-se à pesca. Não abandonaram completamente a lavoura, pois o plantio de mandioca continua presente. Caiçara passou ser sinônimo de pescador litorâneo. As pescarias - O Caiçara, para pescar usa espinhel (corda extensa onde prende os anzóis) e redes: tarrafa, picaré, jereré, puçá e faz nos rios as cercas ou chiqueiros de peixes. A pesca com rede requer o uso de canoa - a ubá. A rede mede cerca de 140 braças de comprimento por 6 de largura. Para facilitar a flutuação na parte superior da rede colocam boias de cortiça. E na parte inferior colocam as chumbadas ou peso de barro cozido. Nas extremidades da rede, colocam cordas para puxar o arrastão. O arrastão. Colocam a rede no mar, levada pela ubá, e depois vem arrastando até a praia - é o famoso “arrastão”. Às vezes empregam juntas de boi para o arrastão. Ou os próprios pescadores e praia nos colaboram puxando a rede. Quando a rede se aproxima da praia é o final do cerco, momento emocionante. Aparecem os “aparadores”, que com pequenas redes fazem

a aparação, pegando os peixes que fogem. Antigamente abandonavam algumas espécies de peixes na praia e qualquer pessoa podia ficar com eles. A pesca é mais intensa no tempo quente, quando os peixes se aproximam mais da praia. Dentre as espécies mais pescada no litoral paulista temos: pescada branca, amarela, perna de moça, cambucu, pescadinha, agulha, roncador, brejereba, caratinga, betara, sardinha... Nas rochas, usando isca ou siri, pesca-se o salgo e o robalo ponto. Na rede, o camarão grande ou pequeno, de acordo com o tamanho da malha (ARAUJO e LANZELLOTTI, 1980, p. 73 e 74).

Em meio aos ruídos, aromas e cenas domésticas de suas modestas moradias, os caiçaras, levavam uma vida tranquila com muito aconchego familiar. O peixe, banana e a mandioca eram a alimentação base da comunidade.

A vida do litoral. O litoral paulista passou a dormir embalado pelas ondas do mar, batido pelas quilhas dos barcos dos pescadores, que com suas redes buscavam o peixe abundante. Um dia Santos tornou-se o Porto mais importante do Brasil, por causa do café (ARAUJO e LANZELLOTTI, 1980, p. 73 e 74).

Ao anoitecer os homens mais velhos costumavam sentar-se no chão do terreiro<sup>45</sup>, antes de tocar sua viola, numa prática ritualística: cortava um pedaço do fumo de corda para, calmamente, dichavar<sup>46</sup> e enrolar seu cigarro de palha; as demais pessoas da comunidade apreciavam atentamente as modas. À noite, as casas eram iluminadas pela luz mortiça das fogueiras, das velas ou das lamparinas. A vida familiar era caracterizada por muita atividade e carinho e regida por tradições solidas herdadas dos povos indígenas e portugueses.

---

<sup>45</sup> Dialeto - espaços externos da moradia.

<sup>46</sup> Dialeto – o ato de preparar o fumo triturando-o com a mão para a confecção do cigarro de palha, ou para colocar no cachimbo ou no pito.

**A moradia** - As casas eram de formas simples e tamanhos muito próximos, pois não existia diferença de classes entre a comunidade caiçara. Não havia um modelo específico que se pudesse apontar como sendo o de uma casa típica, mas havia algumas características comuns. Na maioria dos casos a estrutura delas era simples e bem pequena. A maior parte das atividades diárias eram ao ar-livre, então a casa para eles era apenas um abrigo, um local para se fazer as refeições e dormir.

São descendentes diretos dos fundadores dessas localidades, que ainda ali permanecem **conservando zelosamente as tradições de família, história, usos e costumes dos seus ancestrais.**

A **terra que usufrui**, veio-lhes da primeira posse, por cartas de sesmarias ou posse mansa e pacífica de **mais de cem ou de duzentos anos, passando de paz a filhos numa sucessão ininterrupta.**

Este é o aquele acidente geográfico, ainda hoje encerra um fato, **uma história de família, despertando na memória dos presentes a existência dos seus mortos queridos, cujo espírito deve pairar por aquelas paragens.**

Daí o **apego as propriedades que receberam por herança, e que parecem fazer parte do seu eu**, transformadas em pedaços de sua alma, e das quais dificilmente se separam, **conservando-as religiosamente.**

Esse **amor à pequenina gleba que lhes coube**, generalizou-se de tal maneira que a **ideia de pátria para o praiano surgiu do torrão natal, que defende com todas as suas forças.**

Calmo, tranquilo, indiferente a tudo, é de ver-se o seu redor seu **ardor patriótico e entusiástico regionalismo, quando se refere à terra em que nasceu.**

Para ele, **a pátria quase que se resume no pequenino berço.**

**Ama-o fortemente e por ele será capaz de todos os sacrifícios.**

(ALMEIRA, 2005, p.48, grifo nosso).

Os abrigos comuns eram constituídos de apenas um cômodo, com pouquíssimo mobiliário sem nenhum adorno. Muitas delas tinham cerca de um ou dois cômodos com somente duas ou três janelas e o piso de terra batida. Grande parte das reuniões de família e atividades sociais ocorriam no terreiro das moradias.

Muitas vezes dormiam em redes amarradas nas árvores plantadas junto a casa, sob o céu estrelado, a brisa do mar e os sons das marés, principalmente nos meses quentes de verão. Quando queriam um pouco mais de privacidade, adentravam em suas casas e se deitavam em esteiras de palha taboa<sup>47</sup> ao rés do chão de terra batida.

**Terreiro - Quintais sem muros** - O quintal também era parte da moradia que as famílias apreciavam. O tamanho dele e a maneira como era arranjado dependiam, logicamente, das condições financeiras dos moradores.

As moradias distinguiam muito pouco em seu tamanho, a construção de forma bem simples, geralmente era desenvolvida pelos homens e de fácil execução. A maioria das casas tinham poucos aposentos, mas o quintal sempre grande; pois para a comunidade caíçara o conceito de lote era muito limitador, ainda que em algumas cidades com centros urbanos coloniais já tinham uma postura de limites por influência das cartas regias portuguesas, essa condição nas vilas de pescadores era praticamente inexistente.

Todas as famílias do litoral paulista utilizavam bastante o quintal, fazendo dele um centro de atividades de economia doméstica para subsistência como plantação de hortaliças e criação de galinhas e porcos. Muitas famílias cultivavam folhagens, flores e árvores frutíferas.

Às vezes havia também um poço para recolher água, apesar de que a água utilizada pelas famílias era buscada num rio ou fonte próxima. Algumas pessoas ricas, contavam com o sistema de água encanada. Em algumas cidades já havia

---

<sup>47</sup> Taboa: É uma planta que se adapta em qualquer local, desde que haja umidade suficiente para sua propagação, que é pelas suas sementes que são propagadas pelo vento. Sua fibra, durável e resistente, pode ser utilizada como matéria-prima para papel, cartões, pastas, envelopes, cestas e bolsas. Suas folhas são usadas no artesanato para preparação de esteiras que são empregadas em várias criações artesanais. Ela é encontrada em locais alagados tais como lagoas, rios e brejos. Por muito tempo foi considerada como planta daninha, por cobrir o espelho d'água das lagoas, pois acreditava-se que ela matava os peixes, por não deixar o sol penetrar na água. Disponível em: <https://www.coisasdaroca.com/plantas-medicinais/taboa.html>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

esgotos também. O extenso sistema de tratamento de esgoto da cidade de Santos deve ser creditado ao engenheiro Saturnino de Brito.

A comunidade caiçara geralmente preparava suas refeições dentro das suas casas, alguns encontros e festas eram realizados no terreiro. Nessas ocasiões, os familiares e amigos cantavam e dançavam alegremente ao som de seus instrumentos musicais, enquanto saboreavam alguma coisa.

**A Hospitalidade** - Mesmo com a simplicidade do seu modo de vida, toda vez que chegava uma visita a casa de um caiçara, ela era recebida com muita atenção e muitas vezes era oferecido um “gorpe d’água fresca”<sup>48</sup> - tirada do pote de barro, um gorpe de café adoçado com melado<sup>49</sup>, ou um chazinho bem quentinho da erva-doce plantada no terreiro e para acompanhamento algumas especiarias da cultura alimentar caiçara como: peixe seco ao sol, farinha d’água, banana da terra – assada ou cozida, biju de farinha de mandioca ou o bolo de roda – a feitura de todas as coisas se faziam através de uma fogueira como a população indígena ou no fogão a lenha.

A hospitalidade era um dos traços marcantes da comunidade caiçara, e tornou-se também uma característica dos futuros moradores litorâneos. Isso não quer dizer que não houvesse indivíduos que não partilhassem das mesmas maneiras de viver, mas a mais comum era de franca generosidade. O lar do caiçara é um lugar acolhedor, onde tudo é compartilhado com os outros. Apesar de haver sempre aqueles que tem o intuito de se aproveitar dessa liberalidade, o fato é que, a hospitalidade ocupa uma posição importante no viver do caiçara. Mesmo se um forasteiro, um desconhecido, chegasse à porta de uma casa, era recebido como amigo. Ali lhe davam alimento, abrigo e até mesmo roupas, se necessário.

---

<sup>48</sup> Dialeto – como prática de hospitalidade, apresentando uma simplicidade em oferecer uma caneca de água potável.

<sup>49</sup> Barra doce de cana de açúcar, muitas vezes feito pela própria família.

#### 4.2.1. Reflexões

A comunidade caiçara foi ignorada por não permitir ser manipulada por esses grupos para aderir ao republicanismo, o que levou os agentes promotores implementarem ações específicas para difundir o ideário republicano baseado em interesses e desejos próprios. Dentro desse ideário, encontram-se os termos "progresso", "higiene", "civilização", "patriotismo" e "nacionalismo". A cultura material escolar é uma das muitas maneiras pelas quais esse ideário pode ser implantado com o uso dos símbolos e valores estéticos como ferramentas sensoriais e afetivas para materializar a arquitetura e o ambiente urbano.

Para obter uma compreensão mais abrangente da cultura paulista republicana, é fundamental incorporar estudos que abordem tanto o interior quanto o litoral, reconhecendo as contribuições e características distintas de cada região. Este equilíbrio pode fornecer uma compreensão mais abrangente da história e da cultura de São Paulo.

Aprimoraremos a temática sobre a vida dos caiçaras no título que nomeamos de Análise Crítico – Reflexiva, pois será necessário a compreensão do próximo capítulo para a nossa análise e defesa da temática que trata a influência do ideário republicano através do Edifício Escolar e as formas de absorver ou repelir esse ideário pela comunidade caiçara.

## **5. O EDIFÍCIO ESCOLAR “ESCOLA DO POVO – “PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE SÃO VICENTE”**

A arquitetura escolar é um componente “escolarizador” que vai além de sua materialidade. Ela não apenas promove o ensino formal, como também reflete os valores e discursos predominantes de cada período. Examinar o edifício escolar “Escola do Povo” e o seu processo de ampliação e transição para o “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente” a partir de um ponto de vista político econômico e social possibilita perceber como as instalações físicas da escola envolveram a sociedade vicentina repercutindo na comunidade caiçara.

### **5.1. Panorama da arquitetura e espaço e currículo escolar Republicano**

Durante o período republicano no Brasil, o ambiente escolar não foi organizado de forma ordenada ou sistemática. Nesta época ainda existia uma forte influência da igreja, herança do período imperial. A igreja católica, em particular os jesuítas, manteve a sua influência na formação do sistema educacional, mesmo após a instauração da República. A presença dos jesuítas no cotidiano da cidade era significativa, dessa forma para manter a sua influência sobre a nova sociedade, muitos deles se deslocaram para outras cidades e estados durante a era republicana.

No contexto cultural educacional daquele período, a figura do tutor, que é o professor que visita a casa de uma família mais rica e orienta um grupo que frequenta algum espaço cedido, seja por uma igreja ou por um tipo de provedor particular, era um modelo comum, particularmente no estado de São Paulo. Marcílio (2014), apresenta um panorama social e educacional entre a comunidade eclesiástica e o novo regime político, que ocorria naquele período.

O sistema educacional criado para substituir aquele implantado pelos padres da Companhia de Jesus **não passou de um arremedo de ensino. Cadeiras avulsas – que chamavam pomposamente de escolas** -, com um **professor único e sem preparo, sem casas apropriadas, sem mobiliário**, sem material didático, sem livros, **compunham o cenário do ensino de ler**, escrever, contar e de recitações de doutrina cristã. As aulas régias (ou seja, o ensino primário) assim **se mantiveram praticamente ao longo do século XIX em todo o nosso País** (MARCÍLIO, 2014.p. 83, grifo nosso).

Portanto, o sistema educacional republicano consistia numa complexa combinação de antigas tradições religiosas com o novo regime político, que trazia em si iniciativas de modernização, progresso e secularização do ensino. Dessa forma, a concepção de escola materializada em um edifício escolar ainda não havia se tornado como um modelo ou padrão de ensino. A concepção de projetar e construir escolas com o propósito de abrigar um espaço específico para a educação, surgiu no final do século XIX.

Antes da Primeira República, as escolas funcionavam em lugares inadequado para as aulas e tinham como características apenas de abrigo; eram adaptadas dentro da casa do professor, improvisadas nas instituições religiosas ou em locais comerciais, tornando o espaço insalubre para as práticas escolares daquele período. Muitas dessas edificações (abrigos) apresentavam características arquitetônicas do Período Colonial, com espaços confinados sem iluminação e ventilação, sem mobiliário adequado, incomodando os habitantes da cidade, que percebiam o número crescentes de crianças sem amparo educacional.

Aquele panorama social, se apresentava insatisfatório não apenas para a sociedade, como também para o novo regime político, que tinha como base a instauração do progresso. Souza (2004). Isso fez com que o poder público estabelecesse a educação como peça fundamental para a instauração de uma sociedade civilizada.



[...] nas **primeiras décadas republicanas**, passaram a ser **construídas edificações próprias para as escolas públicas** - grupos escolares, escolas normais e colégios - consoantes com a **importância atribuída a educação como fator de reforma social, manutenção do novo regime político e modernização do país**. Em alguns estados e cidades brasileiras, essa **primeira arquitetura escolar de carácter monumental e importante** foi erigida com a finalidade de **enaltecer a ação do poder público**. Ao longo do século XIX, a **persuasão retórica da arquitetura escolar sucumbiu as políticas públicas de atendimento à educação em face das expressões populares** (SOUZA, 2005. p. 07, grifo nosso).

A construção de edifícios próprios para abrigar as escolas públicas, ocorre a partir dos interesses políticos e ideários da Primeira República, dessa forma podemos considerar que a arquitetura escolar republicana, especificamente no estado de São Paulo, discorre desde 1890 até meados da década de 20. As escolas da primeira República, até o início dos anos 20, eram conhecidas como edifícios para o saber e foram construídos especificamente para esses fins. Dessa forma, como relata Wolff (1993), eles representam “os primeiros passos da arquitetura escolar oficial paulista”.

Estes podem ser classificados como os **primeiros passos da arquitetura escolar oficial paulista**. Fruto de muita vontade política e de rudimentar estrutura técnica e administrativa, é uma **arquitetura desbravadora, pioneira**. Uma arquitetura **caracterizada pela experimentação e por tentativas que têm por consequência algumas fórmulas quase invariáveis de se enfrentar construções escolares**. São típicos dessa fase os edifícios que, em dois pavimentos, **buscam equacionar espacialmente uma escola funcional e adequada**. E, também, **projetos** que, com o auxílio de **alegorias esculpidas ou em baixo relevo**, situadas nas **fachadas principais** concebidas de acordo com um **repertório estético em voga em âmbito internacional**, tentam **delinear a imagem imponente de uma escola pública** (WOLFF, 1993, p. 92 e 93, grifo nosso).

A arquitetura escolar passa a exercer um papel fundamental na formação da sociedade republicana que passa por um processo de transformação política social e econômica. Esse elemento social materializado na cidade, reflete simbolicamente e esteticamente o ideário republicano.

### 5.1.1. Características da Arquitetura e do Espaço Escolar

A produção de espaços arquitetônicos e urbanos e suas transformações ultrapassa a mera criação de formas e a organização dos elementos que os constituem. Este é um procedimento composto por diversas fases, incorporando conceitos políticos, sociais, culturais e econômicos. Para uma reflexão sobre a masterização do espaço arquitetônico, Coelho Netto (1984) relata:

A constituição do espaço como lugar, esse “salto qualitativo que implica o passo de espaço ao lugar, é o resultado de sua ocupação e utilização pelo ser humano. O espaço se projeta, se vê ou se imagina, o lugar se constrói. [...] **Produzir um espaço**, particularmente na **arquitetura “pública” e em urbanística, não é apenas determinar formas, dispor elementos** uma representação desse espaço para a seguir executá-la numa prática efetiva [...] – *sistema de produção*. [...] *Produção propriamente dita* significa **apropriar-se de produtos da natureza e dar-lhes uma forma adequada às necessidades humanas**. [...] A segunda fase do sistema é a **distribuição**, onde se determina a proporção em que os indivíduos participam dos resultados dessa produção inicial, de acordo com as leis sociais, sejam quais forem. A **troca**, terceira fase, configura uma distribuição ulterior daquilo que já foi distribuído, de acordo com as necessidades individuais; é a troca que traz aos indivíduos os produtos particulares de que carecem. E a quarta e última é o **consumo**: os produtos tornam-se objetos de uso e fruição, de apropriação individual; nesta fase, os produtos saem fora do movimento social (donde a afirmação de que a sociedade de consumo, aquela em que o único valor é justamente esse, é eminentemente anti-social) (COELHO NETTO, p. 111 e 112, grifo nosso).

Dessa forma entendemos que a criação e concretização dos espaços escolares implica na utilização e modificação de recursos naturais para satisfazer as demandas humanas. Reiteramos que a base da arquitetura escolar, é estruturar o espaço escolar de forma a torná-lo útil e relevante, ajustado ao uso diário para as pessoas que necessitam desse espaço para desenvolvimento das atividades educacionais.

A arquitetura escolar simboliza a formação inicial de um ambiente, desde sua concepção, planejamento e implementação, ajustando-se às demandas políticas, econômicas, sociais e culturais.

Para esta tese, dividimos os edifícios escolares da primeira República em dois grandes grupos: as escolas normais e os grupos escolares. As características da arquitetura das escolas normais, por serem escolas que formariam os futuros professores do país, evidenciam a monumentalidade estética através dos materiais e métodos construtivos importados, caracterizando assim elementos de uma arquitetura eclética.

Já a arquitetura dos grupos escolares e das escolas casuais, a escala, a proporção e o nível de ornamentação são menores. Não são menos importantes, portanto, ao observar as fachadas desses prédios, podemos verificar a simetria. Se traçarmos uma linha no eixo dessas edificações, observaremos um reflexo claro da solução de projeto. Isso ocorre porque é um padrão moderno ou uma tendência arquitetônica. Talvez seja porque é atendida à ideia da ala masculina e feminina, que não se cruzam na entrada, saída ou intervalo. Elementos como frontão triangular e colunas de inspiração greco-romana são características que também foram incluídas nos grupos escolares, embora em proporções menores das escolas normais.

O programa arquitetônico específico dos grupos escolares naquele período, se constituía também em torno das salas de aula, haja vista a importância do espaço para aprendizagem. Esse espaço norteador, era projetado como o espaço de maior dimensionamento do edifício escolar. A solução arquitetônica desses edifícios é bastante simples e frequentemente reproduzida em diferentes cidades e bairros. É quase como um projeto padrão de arquitetura escolar com algumas modificações, analisando a implantação do edifício no terreno, a planta de uma escola, é possível criar diferentes estilos de fachadas.

Um estudo primoroso de Viñao Frago e Escolano (2001) com uma investigação de alguns edifícios escolares na Espanha, nos apresenta o referencial

projetual do espaço escolar espanhol, pois ao analisar o texto, podemos perceber muita semelhança com o contexto do espaço escolar no brasileiro. Verificamos também que, além de considerar a concepção e a construção dos projetos das escolas, é necessário compreender, também a dinâmica política social e os interesses por quem os solicita.

Em geral, por razões econômicas ou por escassez de espaços disponíveis, mas também por razões de controle e vigilância ou razões decorrentes do recurso a modelos arquitetônicos que respondiam tanto a ideia de encerramento ou clausura quanto à ideia de solidez e ostentação.

No jogo ou relação entre zonas edificadas e não edificadas, eram quase sempre as primeiras sobretudo a fachada e o edifício principais, às que determina vão a disposição do conjunto. Francisco Ballesteros, por exemplo, aconselhava situar o edifício “a entrada do campo escolar, mas separado da rua ou lugar de trânsito, por uma zona que se pode destinar ao jardim ou ao horto”. Ele tratava, assim de evitar ruídos, perigos e distrações. Em outras palavras não encerrar mas, sim, isolar. Essa concepção e desenho, que hoje se aceita como usual para todo o tipo de estabelecimentos docentes, não foi, todavia, habitual no passado. Em geral a arquitetura escolar combinou a clausura ou encerramento com a acentuada ostentação de um edifício sólido cujas paredes constituíam a fronteira com o exterior ou que se achava separado desse exterior por uma zona mais ou menos ampla do campo escolar e um muro ou grade que assinalava os limites do espaço reservado (VIÑAO FRAGO e ESCOLANO, 2001, p. 90 e 91).

Tal exercício é valioso, para entender que os projetos eram hierarquicamente desenvolvidos concomitantemente através das plantas (de acordo com as necessidades impostas pelo poder público) com as fachadas, que são elementos projetadas diretamente aos olhos dos observadores, assim elas se expressam de forma estilística monumental.

Ao constatar que naquele período histórico, existiam procedimentos direcionados para materialização do espaço escolar, trazemos aqui uma indagação ou reflexão: aqueles espaços projetados, foram idealizados apenas para aquele momento histórico, sem considerar as consequências do porvir? Viñao Frago e

Escolano (2001), apresentam de forma esclarecedora, o quanto a arquitetura expressa o discurso de um idealizador, não apenas representando um momento histórico, mas também os desdobramentos que essa materialidade possa trazer.

**A arquitetura, como forma de escritura no espaço, expressava e instituía, assim um discurso inovador, mas ao mesmo tempo punha em risco também os desenvolvimentos posteriores da educação formal.** Constituía se, então, num importante fator de modernização do ensino, ainda que **inicia-se um processo histórico que ia desembocar,** condicionado por diversas variáveis econômicas, políticas e culturais, **em rígidas formas de conservadorismo** quanto à **ordenação do território e dos espaços escolares** (VIÑAO FRAGO e ESCOLANO, 2001, p. 23, grifo nosso).

A prática projetual daquele momento histórico no Brasil, não se limitava apenas a projetos de racionalidade econômica, funcionalidade e expansão do sistema educacional, mas também foi um recurso explorado durante a república, tencionando a implantação do ideário republicano através de sua materialização, sem levar em consideração as reais necessidades e os desdobramentos para aquela sociedade que já era existente.

#### 5.1.2. Influência da Arquitetura no Currículo Escolar

Para compreender o currículo escolar do período republicano brasileiro, precisamos verificar a legislação em vigor naquele momento histórico. Dessa forma resumimos aqui uma breve explanação da formação de professores através do texto: “Gabriel Prestes conclui o canteiro de obras” de Monarcha (2019).

Promulgada a **Constituição Estadual, em 1891**, fixava-se a competência do Congresso para **legislar o ensino primário, secundário, superior e profissional**. Mudanças na política conduzem **Bernardino de Campos** ao

**governo estadual.** Em sua eloquência, a **Lei nº 8, de 8 setembro de 1892, reorganiza o ensino público** sob as seguintes bases: **curso primário** modulado em **preliminar**, [...] e **complementar**. [...] Para **formar professores** dos cursos **preliminares** e **complementares**, seriam instaladas **quatro escolas normais primárias**; em **anexo à Escola Normal**, seria instalado um **Curso Superior** para **formar professores de escolas normais primárias** e **ginásios** (MONARCHA, 2019, p. 157, grifo nosso).

O autor busca esclarecer o pensamento e o posicionamento do governo estadual entre 1891 e 1892. Os fatores apontados na legislação, permeará e influenciará os anos seguintes no ensino estadual no Estado de São Paulo, que se inicia pela formação escolar normal dos professores e, conseqüentemente, currículo escolar.

A **direção do ensino** caberia ao **presidente do Estado**, auxiliado pelo **Conselho Superior de Instrução** integrado por **inspetores distritais, diretor-geral, diretores de escolas normais e escolas-modelo**, um professor **eleito** pelo **professorado primário** e outro pelo **professorado ginasial** (MONARCHA, 2019, p. 157, grifo nosso).

Ele apresenta ainda as dirigentes da Escola Normal: “na direção da seção feminina, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, na seção masculina, Márcia Browne, ambas indicadas por Horace Lane, diretor da Escola Americana”. Um detalhe que poderia passar despercebido, mas entendemos que essa temática necessita de uma investigação mais aprofundada, no que se refere à influência na formação dos professores através da cultura escolar americana e suas influências “no tempo republicano, os métodos de ensino e os processos didáticos ali demonstrados e praticados conquistariam propagadores apaixonados”, e assim finaliza o parágrafo.

Além dos investimentos do governo estadual para formação de professores e implantação de instituições escolares, os gestores do estado, entendem a

necessidade e importância de construir espaços para abrigar tais práticas educacionais.

**Anualmente, o governo consagraria 500:000\$000 para a construção de edifícios escolares, preferindo-se os municípios que contribuíssem pecuniária e materialmente.** O governo contrataria a **impressão de livros e mapas**, forneceria gratuitamente **cadernos, pedras, lápis e objetos escolares, compêndios adotados** e objetos escolares (MONARCHA, 2019, p. 157, grifo nosso).

Por isso, consideramos que o currículo escolar vai além de uma simples lista de conteúdos que os professores utilizam e ensinam nas salas de aulas. Podemos considerar então que ele é constituído por um arcabouço de experiências oriundas do espaço escolar, vivenciadas pelos alunos no ambiente escolar. Nesse contexto, Viñao Frago e Escolano (2001), entende que arquitetura escolar cumpre funções culturais e pedagógicas ainda que em um “programa invisível e silencioso”; dessa forma, ela se torna uma peça fundamental para o desenvolvimento das práticas escolares.

[...] a **arquitetura escolar** pode ser vista como um **programa educador**, ou seja, como um **elemento do currículo invisível ou silencioso**, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o **traçado arquitetônico do edifício**, seus **elementos simbólicos próprios ou incorporados** e a **decoração exterior e interior** respondem a **padrões culturais e pedagógicos** que a **criança internaliza e aprende**. (VIÑAO FRAGA e ESCOLANO, 2001, p. 45, grifo nosso).

Dessa forma verificamos que a organização, disposição e utilização do espaço escolar intensifica a interação social, refletindo diretamente nas práticas pedagógicas de ensino. Este fator nos possibilitou entender a importância da arquitetura para o currículo escolar, sua influência e importância para o desenvolvimento do currículo e das práticas escolares.

Em cumprimento a temática historiográfica desta tese, vamos nos envolver e compreender o método de ensino que se apresentava no século XIX, como também a arquitetura escolar se expressava através da construção dos espaços de ensino e aprendizagem no período republicano. Monarcha (2019), apresenta os parâmetros que a revista “Escola Pública” – “Pedagogia Prática”, buscavam apresentar para o ensino.

Ademais, note-se, os programas dos grupos escolares e das escolas provisórias preliminares são organizados de acordo com a trilogia spencerista. O programa de educação física previa marchas e o ensino com armas: noções da nomenclatura da arma, manejo da arma com sabre-baioneta armado ou desarmado. O de educação moral, deveres da moral individual: temperança, prudência, coragem, sinceridade, cumprimento da palavra, dignidade, trabalho. O de moral social: deveres de justiça, caridade, familiar, profissional, cívico e das nações entre si. Enciclopédico, o programa de educação intelectual envolvia leitura, linguagem, caligrafia, aritmética, geometria, desenho, geografia, cosmografia, história do Brasil, educação cívica, botânica, zoologia, física, química, geologia, leitura de música e canto (MONARCHA, 2019, p. 157).

Em complemento aos estudos de Monarcha (2019), Souza (2000), apresenta um panorama sobre o método intuitivo “lição de coisas”, desenvolvido pelas ideias de Pestalozzi<sup>50</sup> e Frobel<sup>51</sup> e difundido no século XIX.

---

<sup>50</sup> Pestalozzi: Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em Zurich, Suíça - 12.01.1746, e faleceu em Brugg, em 17.02.1827. [...] O método de Pestalozzi foi objeto de grande interesse por parte dos reformadores da educação da primeira metade do século XIX, posto que suas ideias combinavam às preocupações sociais afiliadas aos ideais políticos daqueles tempos revolucionários teses sobre a cognição da criança e prescrições para a solução de problemas práticos da escola elementar. [...] Também no Brasil, o método de Pestalozzi pautou uma reforma da instrução pública. Em 1890, no estado de São Paulo, o médico e educador Caetano de Campos (1844-1891) a iniciou pela reforma da Escola Normal. Fonte: Bruno Bontempi Jr. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-05.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2025.

<sup>51</sup> Froebel: Friedrich Wilhelm August Fröbel nasceu em Oberweißbach, 21.04.1782 – e faleceu em Schweina, 21.06.1852. Foi um pedagogo com raízes na escola Pestalozzi, embora influenciado por ele, foi totalmente independente e crítico, formulando seus próprios princípios educacionais. Em 1837, abriu o primeiro jardim de infância, onde as crianças eram consideradas como plantinhas de um jardim, do qual o professor seria o jardineiro. A criança se expressaria através das atividades de percepção sensorial, da linguagem e do brinquedo. [...] primeiro educador a enfatizar o brinquedo, a atividade lúdica, a apreender o significado da família nas relações humanas, para as crianças se o



O **método intuitivo**, conhecido também como **lições de coisas**, consistiu no núcleo principal da **renovação pedagógica**. Fundamentado especialmente nas ideias de **Pestalozzi** e **Froebel**, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o **ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato**. Esse método racional fundamentava-se em uma concepção filosófica e científica pela qual a **aquisição de conhecimentos advinha dos sentidos e da observação**. A racionalidade pedagógica articulava-se com os **princípios de racionalização da produção e da vida social** e possivelmente isso justifique a confiança e o fascínio que ele provocou naquele momento (SOUZA, 2000, p. 12 e 13, grifo nosso).

Não seria possível aplicar as ideias de Pestalozzi e Froebel, sem pensar na materialização em um espaço agregador para o desenvolvimento prático do método intuitivo, que pode ser entendido como na arquitetura parte do material para o imaterial. Para Souza (2000), a implementação do método intuitivo no ambiente escolar reforça o currículo moderno. Além disso, o método visa fazer a mudança de uma cultura escolar indesejada, onde o ensino era centrado na memorização, para uma cultura escolar desejada que conduzirá os alunos para além de ler, escrever e contar, incentivará a compreender e refletir.

---

brincar caracteriza a ação da criança e que o próprio ato de brincar é uma linguagem, pois apreende, no ato de brincar, a linguagem gestual/corporal, sonora, verbal, entre outras. Idealizou recursos sistematizados expressarem: blocos de construção que eram utilizados pelas crianças em suas atividades criadoras, papel, papelão, argila e serragem. O desenho e as atividades que envolvem o movimento e os ritmos eram muito importantes. [...] Escola Caetano Campos, em São Paulo, onde foi fundado o primeiro jardim-de-infância público do país, anexo à Escola Normal. [...] Foi grande o legado do jardim-de-infância da Escola Caetano Campos para a educação infantil, e a Revista do Jardim-de-infância (publicada de 1896 e 1897) é um exemplo disso. [...] Houve também um trabalho de adaptação de cantos e ocupações para a realidade brasileira. A revista, organizada em dois volumes, é uma importante fonte de estudos a respeito das rotinas e modificações realizadas na metodologia froebeliana em sua entrada no Brasil. Alessandra Arce. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/skcRGkVSS8m4dByb8F6ZbQn/?format=pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2025.

A renovação do programa escolar ocorreu em consonância com o debate internacional e revela os confrontos e problemas verificados no processo de consolidação do currículo moderno. Esse **currículo representou uma profunda transformação na cultura escolar**, isto é, a substituição de uma escola fundamentada no ensino da leitura, da escrita, do cálculo e da doutrina cristã, por **uma escola pautada na educação do corpo, na ciência, nos valores morais e cívicos e nos saberes instrumentais para o trabalho**. A conformação dessa cultura escolar ampliada **foi fruto de um longo e conflituoso processo de escolarização de saberes oriundos de fontes diversas**. Essa adaptação pedagógica, tendo em vista a aprendizagem infantil, **efetivou-se**, especialmente, mediante o **método intuitivo** (SOUZA, 2000, p. 25, grifo nosso).

Se o método intuitivo consolida o currículo moderno, podemos compreender que este precisou dialogar diretamente com a arquitetura, para a construção do currículo escolar, fazendo uma forte conexão entre o espaço escolar e o currículo. Nessa constituição historiográfica do currículo escolar do século XIX, Souza (2000) descreve sobre a escolarização do ensino primário.

Em relação ao **ensino primário, assim como ler, escrever e contar** foram o resultado da **escolarização de saberes profissionais**, [...] pode-se dizer que, no **século XIX, assistimos à escolarização de vários outros saberes sociais, além do conhecimento científico**, como, por exemplo, a ginástica, a música e o canto, os valores morais e cívicos, o desenho, a escrituração mercantil, o sistema de pesos e medidas, as noções de horticultura e arboricultura, os trabalhos manuais, a higiene, a puericultura, a economia doméstica, entre outros (SOUZA, 2000, p. 15, grifo nosso).

Ao examinar os textos acima sobre o currículo escolar naquele determinado período histórico, verificamos como foi idealizado e desenvolvido o processo de ensino e a forma que as escolas se organizavam em torno do método intuitivo. Verificamos também a conexão da arquitetura com o currículo escolar, projetando e estabelecendo ambientes para aprendizagem, materializando o pensamento dos idealizadores do método intuitivo “lição das coisas”.

Podemos considerar que as intenções na construção do currículo escolar foi explicitamente um “projeto político-social civilizador, isto é, um projeto nitidamente direcionado para a construção da nação, para a modernização do país, a moralização e a disciplinarização do povo”. Souza (2000).

Nesse contexto de análise, verificamos a contribuição da arquitetura nos projetos políticos educacionais: planejando, projetando e construindo espaços escolares; introduzindo símbolos estéticos que representam um ideário político-econômico e social de um determinado período histórico. Viñao Frago e Escolano (2001), descreve arquitetura como a materialização um discurso ideológico.

**Arquitetura escolar** é também por si mesma **um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores**, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, **o espaço educativo refletiu obviamente as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos**. [...] o espaço escolar tem de ser analisado como um **constructo cultural que expressa e reflete, para além da sua materialidade, determinados discursos**. No quadro das modernas teorias da percepção, o **espaço-escola** é, além disso, um **mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores**, ou seja, um **elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem** (VIÑAO FRAGO e ESCOLANO, 2001, p. 26, grifo nosso).

Verificamos que a arquitetura e o espaço escolar, refletem o período histórico de sua materialização, apresentam o cenário político-social e econômico a concepção das políticas públicas educacionais que se planeja implementar durante o século XIX. Entendemos também que os símbolos e valores estéticos do espaço escolar são refletidos através da sua materialização. Pensando no espaço escolar como espaço simbólico, Viñao Frago e Escolano (2001) diz que “A escola tem sido

um referente real e simbólico e até mesmo o ponto de partida para a mais ambiciosa viagem imaginária” pelo Brasil e pelo Mundo.

## 5.2. Implantação da Escola do Povo (1898)

Apresentaremos um breve resumo, desde o ensino dos jesuitas até o ensino no século XIX, situações pontuais que antecederam a implantação da Escola do Povo. Em 1549, o Pe. Leonardo Nunes, institui o Colégio dos Meninos de Jesus, que foi oficialmente inaugurado pelo Pe. Manuel da Nóbrega em 02.02.1553. Já no século XVIII, o Vigário da Paróquia, Pe. Manuel Gomes Loureiro, impulsionou o ensino em São Vicente, inaugurando novas "aulas" na Vila. De acordo com Silva Jr. (2009), antes da Proclamação da República (1889), já havia escolas de primeiras letras no município de São Vicente.

O autor trabalhou na dissertação de mestrado intitulada “Instrução Pública na Segunda Metade do Século XIX: As escolas e os professores de primeiras letras da Vila de São Vicente (1851 – 1887)”, os relatórios dos professores, em que é retratada a realidade do contexto educacional e social da Vila de São Vicente que antecede a implantação da Escola do Povo em 1898 após a Proclamação da República. O autor apresenta um relato do Professor Indalécio Constâncio Ferreira.

**Esta Villa** como é sabido **compoem-se de pessoas cujas posses pecuniárias são tão exíguas, e precárias**, que **impossibilitão** n’as de satisfazerem seus desejos em **mandarem seus filhos receberem a instrucção elementar**. Meninos há entre os que se achão matriculados, que vem-se forçados a acompanhar suas mães quando vão buscar o alimento, ou demandão outros misteres para a vida. Bem se ve que com tantas contrariedades não me é possível prehencher dezejos e nem fazer menção, de que pesso, desculpa (Arquivo Público do Estado de São Paulo - Lata: C005090. *apud* Silva Jr, 2009, p. 36, grifo nosso).

O autor descreve ainda que as “ocupações são comumente citadas atividade ligadas à agricultura e à pesca, indicando especificidades socioeconômicas bem distintas às da cidade vizinha, Santos, em relação à qual as comparações são inevitáveis”. O contraste entre os dois municípios, aparece claramente nas questões socioeconômicas e repercutem nas escolas daquele período. “Nas poucas vezes em que os professores foram autorizados a adquirirem utensílios e a encomendarem móveis para suas escolas, estes vieram e/ou foram encomendados de Santos”.

Outros relatos de professores nos relatórios pesquisados por Silva Jr. (2009), nos proporcionará uma reflexão sobre o panorama econômico precário, que repercutiu no social e consequentemente no educacional da comunidade vicentina naquele período histórico.

**Professor Indalécio Constâncio Ferreira.** Em fim de Abril do corrente anno, retirarão-se d'esta eschóla, treis alunos, isto motivado pelas impossibilidades dos paes, fazendo-me sciente que não só pela falcta de meios como pela longitude em que rezidem, por isso que lhes éra muito pezado continuar por mais tempo (RELATÓRIO, 01/06/1875). **Professor Antonio Agostinho de Sant'Anna.** A maior parte dos alunos são pobres, que necessitão de livros, compêndios, tinta e papel, aos quaes fomego com difficuldade; alguns pouco frequentes por falta de [ilegível] de vistuário e outros por descuido de seus pais (RELATÓRIO, 10/11/1881). **Professor Antonio Valério da Silva Silvado.** A falta de recurso da parte dos paes, tem influído muito sobre o desenvolvimento intelectual dos alumnos. Há alumnos pouco frequentes; ora por falta de livros, ora por falta de vistuario, e algumas veses por negligencia dos próprios Paes (Arquivo Público do Estado de São Paulo - Lata: C005090. *apud* Silva Jr, 2009, p. 39, grifo nosso).

O panorama educacional anterior a Proclamação da República no município de São Vicente, tornou-se relevante para a tese, tendo em vista que os relatos

apresentados pelos professores ganham uma força por apresentar a relação da educação com o fator socioeconômico do município e da região.

Apresentamos também um levantamento pontual, da aparição na cidade de Santos, uma outra escola com a mesma nomenclatura: “Escola do Povo”, o que podemos entender que tal nomenclatura carrega em si, um chamariz do poder público de uma escola pública idealizada para o povo no século XIX.

Foi na **segunda metade do século XIX** que também começaram a **surgir os primeiros estabelecimentos dedicados ao conhecimento geral**, dentre os quais a **Escola do Povo**, fundada a 9 de setembro de 1878, que ficava no Largo da Corporação nº 11 (hoje Praça Mauá), instalada na residência do prof. Antônio Manoel Fernandes (PEREIRA, [20--], p.04, grifo nosso).

Ao investigarmos sobre as intenções impressas na nomenclatura “Escola do Povo”, verificamos que essa terminologia não foi apenas utilizada nas escolas do litoral paulista, também foi utilizada em muitas outras escolas do estado de São Paulo como em toda nação. Nessas palavras estavam impressas de forma simbólica e paternalista, uma das ações do poder público de proporcionar educação para uma sociedade vislumbrada pelo sistema republicano.

**Escola do Povo** - Reabrem-se as aulas a 2 de janeiro próximo futuro. - Este acreditado estabelecimento **continua a receber alunos** desde a idade de 5 até 14 annos. **Há nesta escola um bom methodo de ensino e excellente disciplina. - Condições favoráveis** - Rua das Flores, 56. (Correio Paulistano (SP), 1890, p. [--], grifo nosso).

Monarcha (2019), em uma análise crítica sobre o modelo educacional daquele período histórico, escreve sobre os agentes, as ações, os anseios políticos e os laços sociais que o novo sistema educacional se pautou.

Anseio claramente expresso por Franklin Ramiz Galvão, inspetor-geral da Instrução do Distrito Federal, em **relatório ao ministro** Benjamin Constant. “O **analfabeto é um elemento pernicioso no seio da nação**, e a república jamais será uma realidade auspiciosa e feliz, se a **educação do povo** lhe não trazer a **base substancial e estável por excelência**” (Ramiz Galvão, 1890, p.9). Seja como for no chão fraterno em que medram **os moralizantes laços imaginários, liberais, maçons, jacobinos, positivistas, spencerianos, elites doutrinárias concorrentes entre si, sobrepõem o significado do republicanismo educativo** (MONARCHA, 2019, p. 141, grifo nosso).

O autor continua relatando os desmembramentos daquelas primeiras ações apresentadas pelo poder público, uma dessas repercussões foi a responsabilidade do Estado educar o povo. Dessa forma se estreita a relação do poder público a educação, o que permite que outros agentes participem e contribuam para a formação de uma sociedade em progresso. Uma situação apontada por Monarcha (2019), é a apresentação do diretor da Escola Normal de São Paulo Prof. Caetano de Campos para o então governador do estado, Pudente de Moraes, o que evidencia a utilização de duas palavras muito fortes nessa época: “Educar” e “Povo”, entendendo o porquê da utilização da nomenclatura “Escola do Povo”, amplamente divulgada no Estado de São Paulo como também em todo território brasileiro.

Já que a revolução entregou ao **povo** a direção de si mesmo, nada é mais urgente do que cultivar-lhe o espírito, dar-lhe a elevação moral de que ele precisa, formar-lhe o caráter, para que saiba querer. [...] A **instrução do povo** é, portanto sua maior necessidade. Para o Governo **educar o povo** é um dever e um interesse; dever, porque a gerência dos dinheiros públicos acarreta a obrigação de **formar escolas**; interesse, porque só é independente quem tem o espírito culto, e a **educação** cria, avigora e mantém a posse da liberdade (CAETANO DE CAMPOS, 1891, p.4). apud Monarcha, 2019, p. 142, grifo nosso).

A Lei nº 8, de 8 de setembro de 1892, legislação destinada à reorganização do ensino público, antecede a implantação da Escola do Povo em 1893. Esta legislação estabelece algumas alterações na organização e operação do sistema educacional, definindo orientações para a gestão escolar, o currículo escolar e formação de professores. Ela integra o conjunto de reformas na educação do final do século XIX, período em que o Brasil procurava modernizar e aprimorar a qualidade da educação pública, tendo

Promulgada a **Constituição Estadual, em 1891**, fixava-se a competência do Congresso para **legislar o ensino primário, secundário, superior e profissional**. Mudanças na política conduzem **Bernardino de Campos** ao **governo estadual**. Em sua eloquência, a **Lei nº 8, de 8 setembro de 1892, reorganiza o ensino público** sob as seguintes bases: **curso primário** modulado em **preliminar, obrigatório até a idade de 12 anos**, e complementar. Nas **localidades** com **20 a 40 alunos** matriculáveis, constaria uma **escola preliminar**; em havendo **menos de 20 alunos**, apenas **uma escola mista**; para **cada dez escolas preliminares**, haveria **uma complementar**; a juízo do **Conselho da Instrução Pública** seriam criadas **escolas ambulantes** e **escolas para adultos** (MONARCHA, 2019, p. 157, grifo nosso).

Segundo Chaloba e Pereira (2019), ao retratar a “Inspeção escolar no Estado de São Paulo”, após a Proclamação da República, a atividade de inspeção e fiscalização, se tornou necessária devido à institucionalização do ensino primário em todo o Estado de São Paulo.

[...] o serviço de inspeção escolar, criado na Província de São Paulo em meados do século XIX, **foi concebido como decorrência do processo de institucionalização da instrução primária**. Inicialmente, esse serviço de fiscalização e controle das escolas e dos professores de primeiras letras esteve associado à fiscalização municipal a cargo de inspetores sem formação no magistério e sem qualificação técnica e pedagógica. No bojo da reforma da instrução pública levada a termo no Estado de São Paulo no início do regime republicano, **a inspeção e a fiscalização do ensino foram**



**remodeladas e a inspeção passou a desempenhar o papel de organizadora da rede de ensino** (CHALOPA e PEREIRA, 2019, p. 248, grifo nosso).

Dessa forma podemos entender que a inspetoria escolar tinha como objetivo verificar as condições dos ambientes escolares os materiais escolares utilizados, a capacidade do professor ensinar e do aluno aprender. Durante ou após a visita na escola selecionada, registravam tudo o que acontecia através de relatórios escritos, gráficos, tabelas e imagens como desenhos e/ou fotografias e, por fim, orientavam os diretores e professores para serem mais eficazes pedagogicamente, como algumas escolas já existentes, que consideravam como modelo.

Um exemplo de aplicação dessas leis dentro do sistema educacional daquele período foi a escola Caetano dos Campos, situada no bairro da República na cidade de São Paulo. Essa escola comumente citada como um dos primeiros exemplares de edifício escolar projetado e construído especificamente para essa finalidade, além de ser considerada pioneira nessa categoria, era vista como uma escola modelo para o padrão de ensino idealizado naquele período histórico.

Monarcha (1999), relata que: a condição anterior à concepção e construção do edifício escolar não supria os desejos e as necessidades do poder público e da sociedade idealizada pois, a escola estava adaptada dentro um casarão na rua da Boa Morte, no centro histórico de São Paulo, que naquele momento era utilizada como local de ensino. A “escola normal” só será efetivamente planejada na virada do século XIX para o XX, como parte da agenda governamental.

**A escola normal de São Paulo ocupou certa centralidade no imaginário das classes sociais Paulistas** no transcorrer da monarquia e da República **mudou várias vezes de configuração e recebeu outras tantas denominações oficiais:** Escola Normal, Escola Normal de São Paulo,

Escola Normal da Capital, Escola Normal Secundária Escola Normal Primária, Instituto Pedagógico, Instituto de Educação e Escola Caetano de Campos, entre outros. Sua primeira fundação deu-se em 1846: instalada no edifício contíguo à velha Sé catedral, foi fechada em 1867. A segunda fundação deu-se em 1875: dessa vez funcionou em sala do curso anexo à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, para ser novamente fechada em 1878. A terceira e última fundação deu-se no ano de 1880: instalada conjuntamente com o Tesouro Provincial na rua da Imperatriz. Pouco depois; em 1881, a Escola Normal foi transferida para o sobrado colonial na rua da Boa Morte, lá permanecendo até 1894, **quando foi instalada definitivamente em edifício especialmente construído para abrigar uma escola, situado na Praça da República**. Na virada do século os contemporâneos passaram a **denominá-la efetivamente de “Escola Normal da Praça da República”**, no que **seriam imitados pelas gerações seguintes, tornando-se instituição de renome** e motivo de orgulho para os Paulistas (MONARCHA, 1999, p. 13, grifo nosso).

Tal situação apresentada acima com a Escola Normal, ocorreu também com outras escolas no Brasil, Estado de São Paulo e igualmente com a Escola do Povo, sendo retratada por jornalistas, memorialistas e autores diversos, o que necessita de um confronto e uma análise dos dados investigados.

Um desses dados investigados é de Edson Teles de Azevedo – Vultos Vicentinos (1972), coletânea de crônicas biográficas publicadas desde 1965 em “A Tribuna” e publicada em livro em 22 de janeiro de 1972, por ocasião da comemoração dos 440 anos da fundação de São Vicente. O autor relata “Esta escola teve a sua primeira sede (1892), exatamente de frente ao estabelecimento comercial de Antão, que assim podia, mais atentamente, dedicar-lhe seu particular desvelo”, cabe realçar que a data apresentada da “primeira da escola em 1892” é um dado exclusivo do autor e que não foi apresentado em outras fontes investigadas. O autor apresenta um outro dado relevante, que retrata as sucessivas mudanças de endereço da escola: “por necessidade de ampliação, foi transferida, sucessivamente, para o Largo Batista Pereira (hoje praça João Pessoa) e rua 15 de Novembro nas dependências onde, mais tarde, o comerciante sírio Issa Abdo manteve loja de armário”.

Dados relacionados a sucessivas mudanças de endereços são retratados em outras décadas: Fernando Martins Lichti – “Polianteia 450 anos de brasilidade: 1532 – 1982”, Adamastor Amado Stoffel (Sucursal) do Jornal “A Tribuna” de 13.06.1989 - texto cronológico homenageia o pai entre outros cidadãos vicentinos, enaltecendo as ações beneficentes de membros da maçonaria, através do intitulado “Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica no século XIX”.

1896 - Nesse ano, por necessidade de ampliação, funciona a “Escola do Povo” no **Largo Batista Pereira, esquina com a “Rua doas Flores”**. [...] Ainda nessa época, o **professor JOSÉ GONÇAVES PAIM muda-se com a “Escola do Povo”, do Largo Batista Pereira (mais tarde Praça João Pessoa) para a Rua XV de Novembro**, em **casa adaptada para residência do mestre e sua família**. 1897 [...] E, aos 8 de agosto, é assentada a pedra fundamental do edifício social. A **escola se mantém na Rua XV de Novembro até 1898**, abrigando 80 alunos, em amplo salão de aulas (STOFFEL, 1989, p. [-], grifo nosso).

No levantamento pudemos perceber que Stoffel (1989), utiliza o material histórico de Lichti (1982) e diretamente de Teles (1972), acrescentando e enaltecendo a contribuição da maçonaria, no processo de implantação da escola. O que desencadeia um processo repetido de novos autores reproduzirem a mesma informação: apresentar os membros da maçonaria como benfeitores na constituição da Escola do Povo. Um exemplo dessa análise é um outro dado extraído da reportagem de Luiz Gomes Otero (Sucursal) do Jornal “A Tribuna” de 20.07.2004 – o jornalista busca apresentar que a escola começou a funcionar em “10 de junho de 1893, no armazém de secos e molhados do capitão Antão Alves de Moura, onde um grupo de cidadãos vicentinos decidiu fundar a Escola do Povo. A maioria pertencia à Loja Fraternidade de Santos.” O jornal A Tribuna de Santos, de 15 de novembro de 1913, registrou a inauguração do Grupo Escolar de São Vicente na página 4, destinada às notícias do correspondente em São Vicente. Em vários jornais e

revistas da época foi repetidamente relatado qual o formato de implantação da Escola do Povo.

A idéia concebida por Aducto Felix de Lima e Manoel Henrique de Lima para a fundação desta escola onde a infância vicentina recebesse os rudimentos da instrução, e amparada pelo coronel José Lopes dos Santos, capitão Antônio Alves de Moura e Joaquim Duarte da Silva, teve a sua realidade em 10 de junho de 1893, com a fundação da Escola do Povo, que durante dezoito anos viveu com a cooperação de muitos cavalheiros desta terra, entre os quais Francisco Emilio de Sá, Julio Mauricio da Silva, Luiz Yaukens, João Wenceslau Emerick, Alexandre Santos, dr. Percio de Souza Queiroz e Jeronymo dos Santos Moura - espalhando a instrução aos filhos de S. Vicente (A Tribuna, p. 4, 1913).

Até o momento, com os relatos apresentados, é possível compreender que ao incorporar o ideal de sociedade republicana almejado através do edifício escolar na vida social em mudança, foi necessário investir na adaptação provisória da escola em um local anteriormente utilizado para outra atividade social e, assim posteriormente, construir um edifício escolar para a escola.

#### 5.2.1. Primeira Escola

Os relatos apresentados por Azevedo (1972) são relevantes para a historiografia local, já que frequentemente a iconografia (desenhos desenvolvidos com bico de pena) realizada por ele mesmo, se faz presente, tornando o seu trabalho diferenciado e contribuindo para reconstituição da historiografia local, não identificada em outros documentos (Figuras: 40, 41 e 42). Podemos até pensar que o trabalho do autor seja tendencioso ou passional, mas são documentos que consideramos relevantes pois, acrescidos de outro montante de documentos e

informações, conseguiremos fazer uma nova reconstituição com mais aportes documentais. Tal situação apresentada é a localização real do primeiro local onde a Escola do Povo foi implantada.

Figura 40: Escola do Povo (Diferentes Registros Iconográficos)



Fonte: Acervo Casa Martim Afonso (2018) e Acervo Pessoal Reprodução Gráfica (2025)

É possível verificar acima que o autor reproduz a imagem gráfica da fonte fotográfica, acrescentando alguns elementos que considera relevantes como, por exemplo, a inserção de uma placa de sinalização na esquina, identificando assim as duas ruas que são relatadas em outros documentos. Um outro fator interessante é o telhado colonial com beiral que Azevedo (1972) representa no desenho; a sensibilidade do autor perceber que, no período histórico de 1893, as casas da região não tinham platibandas, o levou a diferenciar o seu desenho da fotografia da década de 30, representada no conjunto da imagem.

Esta conexão geográfica entre a Escola do Povo e a Igreja da Matriz é profundamente arraigada no imaginário local, a tal ponto que diversos outros artistas

retratam a mesma cena do século XIX, mesmo sem terem vivido a época retratada, conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 41: Reprodução da Paisagem da Escola do Povo - Igreja da Matriz e o entorno



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2023)

Verificaremos abaixo um dado fotográfico registrado na Poliantéia Vicentina - Lichti (1982). A imagem retrata o ano de 1915 e outra imagem que retrata a Praça Batista Pereira na Vila de São Vicente em 1885. Na primeira imagem, 1915, a Escola do Povo já estava instalada no novo Edifício Escolar (inclusive já com a ampliação do Edifício para Grupo Escolar) e na segunda imagem, 1885, a Escola do Povo ainda não havia sido imaginada pelos futuros interessados em implantar a educação para o povo.

Figura 42: Duas imagens distintas representando a edificação (possível) Escola do Povo próxima da Igreja da Matriz



Fonte: Poliantéia Vicentina (2025) e Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Ao dar sequência na investigação do processo histórico da Escola do Povo, fomos também verificar os registros da imprensa escrita daquele momento histórico, que apresenta um empenho arraigado dos cidadãos da elite vicentina, para a implantação da escola no município, pois acreditavam que seria de vital importância para a comunidade.

**<<Escola do Povo>>** Conforme havíamos noticiado, teve lugar anteontem, em S. Vicente, a **inauguração das aulas da sociedade de instrução Escola do Povo**. A's 7:00 da noite, **perante grande concurso de senhoras e cavalheiros, o sr. tenente-coronel José Lopes dos Santos, presidente da sociedade abriu a sessão** [...] os [...] pedindo para a associação nascente o auxílio do publico, a quem ella aproveitava e a coadjuvação da **camara municipal, alli representada por alguns dos seus membros**. Em seguida deu a palavra a **orador official, dr. Rubim Cezar que, com a eloquencia costumada, produziu um brilhante discurso, que foi muito applaudido**. Orou depois o redactor chefe desta folha, que **salientou os serviços que a Escola do Povo vinha prestar a infância daquella villa** e concitando os que tomaram sobre os hombros tão pesado encargo a irem por diante, resolutos e abnegados, porque **não lhes faltariam as animações e os applausos de todos os que se interessam pelo progresso desta terra**. Seguiu-se o sr. Manoel Henrique de Lima, 1º secretário, **agradecendo em seu nome e no dos seus colegas de directoria a presença das senhoras e cavalheiros que alli estavam, prometendo que a Escola do Povo envidaria todos os esforços para corresponder ás esperanças dos seus societários**. Encerrada a sessão, e lida acta especial que foi assignada pela mesa e por todos os presentes, inclusive as senhoras, passaram os **convidados para outra**

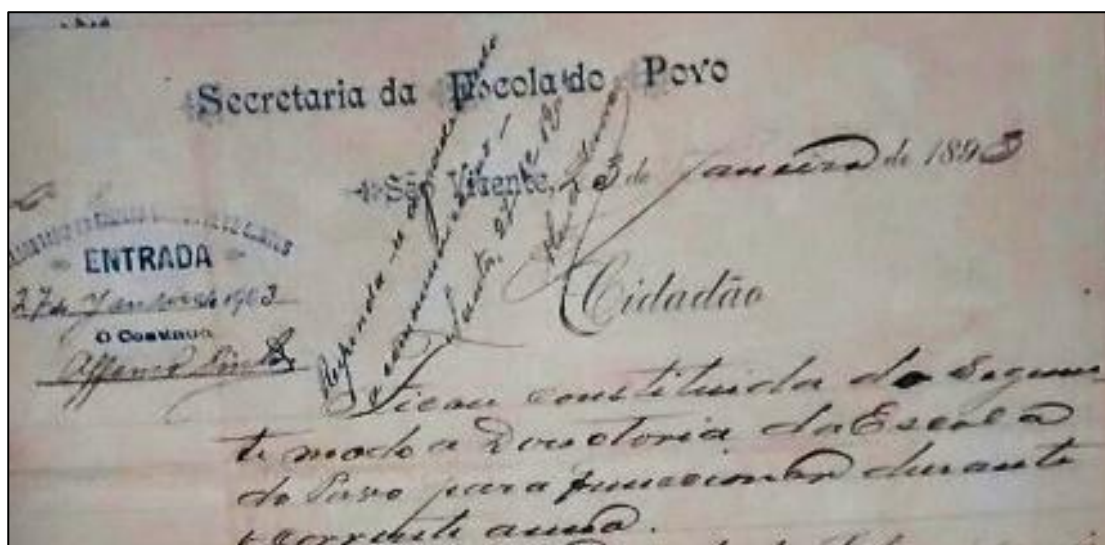
**sala, onde estava servida uma mesa de doces.** Temos **lembrança dos seguintes brindes:** Do sr. Dr. Rubim Cezar, as senhoras, cuja presença alli era um estímulo e uma recompensa; Do sr. tenente coronel José Lopes dos Santos, aos seus collegas de directoria cujos esforços se tornavam dignos de francos e sinceros louvores; Do sr. Dr. Rubim Cezar, **á imprensa, representada ali na pessoa do nosso chefe e amigo dr. Heitor Peixoto;** Deste, **agradecendo e brindando à prosperidade e ao futuro da Escola do Povo.** Do sr. Lopes dos Santos, ao redactor-chefe desta folha, (ausente nessa ocasião por achar-se incomodado.) **Durante o acto tocou uma banda de musica, reinando a maior alegria e a mais franca cordialidade. Repetimos aqui os votos sinceros que fazemos pelo desenvolvimento da Escola do Povo e oxalá que os resultados correspondam aos nobres fins que a inspiraram e lhe deram origem** (Jornal Diário de Santos (transcrição), 1893, p [--], grifo nosso).

Como é relatado acima pelo jornal, a inauguração da Escola do Povo foi um evento significativo para o município, pois contou com uma presença maciça de homens e mulheres envolvidos com as políticas locais através das associações, que idealizaram a escola como um berço para o progresso da cidade.

O evento se categoriza como eventos cívicos e culturais que ocorriam naquele período histórico; pois é revelado desde apresentações da elite municipal, através de protocolos solenes com registros em ata, brindes e presentes aos investidores diretos e indiretos, e finalizado com confraternização entre os idealizadores e políticos (Figura: 43).



Figura 43: Recorte do Cabeçalho do Registro da Ata “Secretaria da Escola do Povo” (constituição da Escola do Povo – datado em 03.01.1893)



Fonte: Etec Dra. Ruth Cardoso (2018)

Para uma análise específica desse momento histórico da escola entendemos que, ao idealizar a materialização de uma escola acessível ao povo, houve um envolvimento e comprometimento da elite local em promover tal ação, pois eles acreditavam que o crescimento e progresso do município ocorreria através da educação do povo, o que refletiria intencionalmente o ideário republicano.

Vimos que a elite local, promoveu a implantação da Escola do Povo em um armazém de secos e molhados, como um espaço para atividades escolares. Dessa forma buscamos compreender o que representava esse local, por quem ele era administrado, quais suas funções e interesses sociais e assim entender o panorama desses espaços sociais do século XIX.

Antes do surgimento dos supermercados, os estabelecimentos comerciais de varejo mais frequentados pelas pessoas eram os armazéns de “secos e molhados” que tinham esse nome porque vendiam produtos com tais características. Os secos

clássicos eram os grãos (como feijão, lentilhas e castanhas), além de farinhas diversas. Os molhados, por sua vez, eram bebidas, azeites e alimentos imersos em líquidos, como azeitonas, tremoços e outros.

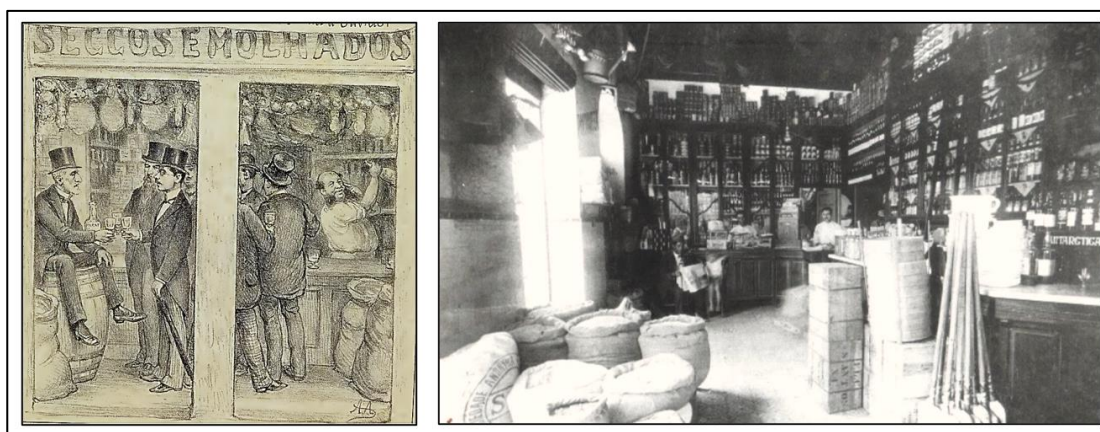
Os locais de varejo mais frequentados pelos cidadãos eram os armazéns de "secos e molhados", assim chamados por comercializarem produtos com tais características. Os grãos secos incluíam feijão, lentilhas e castanhas, bem como diversas farinhas, fumos de corda. Por outro lado, os alimentos molhados incluíam bebidas, azeites e alimentos que estavam imersos em líquidos, como azeitonas e outros tipos de alimentos com essas características. Na verdade, comercializavam de tudo: enlatados, salames e outros tipos de carnes e peixes secos, ovos, legumes e verduras, até utensílios domésticos como vassouras, facão, lamparinas e ainda alguns tipos de vestuários.

Oliveira (2005) descreve que eram locais em que os domínios público e privado se fundiam, locais de trabalho e moradia das famílias, simultaneamente utilizadas pelo público. Nos armazéns, as pessoas passavam, paravam para conversar, tomavam algo, buscavam dinheiro, solicitavam compras e escutavam histórias. Era um vínculo caracterizado pela confiança entre o cliente e o comerciante.

**Os armazéns, ou as casas de secos e molhados**, eram sem dúvida um espaço que **concentrava em si significações diversas**. Mas **sua função ultrapassava a de local de venda**, de espaço para serem comercializados diferentes itens relacionados em geral a gêneros alimentícios, **ou mesmo o de espaço de sociabilidade para diferentes classes sociais, os aristocratas locais, ou os homens simples**. No armazém **conseguia-se também o dinheiro para pagar a escola do filho, o enterro do cônjuge, os remédios, ou ainda o dinheiro de empréstimo**. [...] Era preciso estabelecer **redes de apoio para poder enfrentar a vida na cidade**, e a **relação com o dono do armazém acabava sendo um dos pilares**, pois **assegurava a sobrevivência cotidiana da família**. Eram ligações que certamente **suprimam a ausência de outros pontos de apoio, como serviços de assistência social, ou serviços adequados de saúde** (OLIVEIRA, 2005, p. 279 e 285, grifo nosso).

Convém lembrar que com a urbanização acelerada e o aumento significativo populacional na década de 1890, certos pontos da cidade eram espaços específicos de referência e apoio na rotina diária. As redes sociais se formavam em torno dos armazéns que eram relevantes e, provavelmente, o principal encontro local para comerciantes e a população urbana de renda média e baixa.

Figura 44: Armazém “Secos e Molhados” do século XIX no Brasil e A Mercearia 1930 – São Vicente



Fonte: Don Quixote – Jornal Ilustrado e Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2025)

Os comerciantes e os habitantes da cidade construíam espaços de interação social para preencher as lacunas deixadas pelo governo; eles criavam oportunidades de residência e laços de identificação na vida urbana local. É importante destacar uma estreita conexão entre alguns comerciantes com a maçonaria durante o período republicano, pois tais agentes tinham também como princípios ideológicos amparar

seus membros e consequentemente, os habitantes da cidade indiretamente recebiam também algum amparo.

**Também a maçonaria** acompanhava os enterros de seus membros, com bandeiras, estandartes, discursos e todo ritual estabelecido pelas lojas. Se o **enraizamento econômico para grande parte da população era experiência difícil**, [...] a luta contra o empobrecimento era diária, o fantasma da morte desamparada era algo presente. O temor de não poder pagar o enterro tinha fundamento bastante concreto. **Certamente, estamos lidando com um período de invenção de novas formas de sociabilidade** e de convivência de práticas mais vinculadas à tradição religiosa (OLIVEIRA, 2005, p. 288, grifo nosso).

A título de conhecimento do *modus operandi* de atuação e do pensamento dos maçons da época, apresenta-se de forma resumida o Projeto de Lei Maçônico de Ruy Barbosa que, nas suas entrelinhas, observa a incorporação do ideário pedagógico maçônico, expresso na atenção ao acesso da educação para os desvalidos, marca principal da pedagogia maçônica.

Para entender a relação da maçonaria com a educação, a incorporação do pensamento e do ideário pedagógico maçônico, ocorrido através da assistência do acesso à educação aos menos favorecidos, durante o período republicano brasileiro, Magalhães (2013) apresenta o Projeto de Lei Maçônico de Ruy Barbosa:

A Loja América apresenta à sábia consideração do Grande Oriente Brasileiro do Vale dos Beneditinos o seguinte projeto, requerendo sua conversão em lei geral e obrigatória para toda a Maçonaria estabelecida no país.

Art. 1º - Sendo verdade inconcussa que a emancipação do elemento servil e a **educação popular** são hoje as duas grandes ideias que agitam o espírito público e de que depende essencialmente o futuro da nação, a **Maçonaria brasileira** declarasse solenemente a **manter e propagar esses dois princípios**, não só pelos recursos intelectuais da imprensa, da tribuna e **do ensino**, como também por **todos os meios materiais atinentes a apressar a realização dessas ideias** entre nós.

Art. 4º - Ficam também **obrigadas** todas as **oficinas brasileiras** a **empregar** todos os **esforços** possíveis dentro da esfera de seus **recursos pecuniários**, a fim de **divulgar** ativamente a **educação popular**, criando nos seus competentes vales **escolas gratuitas de ensino primário**, já noturnas ou domingueiras para adultos de todas as classes, **já diurnas para crianças de um e outro sexo**.

Art. 11 - A Loja Maçônica que não satisfizer, rigorosamente, as obrigações determinadas nos artigos precedentes será, pela primeira vez, **repreendida e intimada para cumpri-las** e se **resistir ficará suspensa** como **refratária às leis do Grande Oriente Brasileiro**.

Art. 12 - Todas estas disposições, cuja **aplicação à Maçonaria Brasileira** depende ainda de resolução do Grande Oriente, **começam a vigorar desde hoje** como lei positiva no seio da Loja América. **São Paulo, 04 de abril de 1870 - Ruy Barbosa** (CASTELLANI e CARVALHO, 2009, p.124 e 125 *apud* Magalhães, 2013, p 303, grifo nosso).

Braga (2019) compreende que todo o início do processo para implantação e manutenção da Escola do Povo vai além da compreensão da estrutura física da escola, é necessário compreender as interações dos grupos das elites e políticos que a conceberam.

De acordo com os levantamentos, percebemos que um dos grupos envolvidos na implantação foi a maçonaria, pois tinham como princípio a prática da benemerência e da filantropia, características que a escola se beneficiou. O interesse e atividade intensa na área educacional ao longo de todo o século XIX e início do século XX foi de grande importância para a composição e formação da Educação Republicana em nosso país.

Braga (2019) na dissertação de mestrado, após levantamentos da imprensa escrita, apresenta reportagem de Luiz Gomes Otero (Sucursal) do Jornal “A Tribuna” de 26.07.2004 – “a Loja Maçônica Fraternidade de Santos já tinha 41 anos de

existência quando o Jornal foi lançado e ainda constam em suas históricas edições fatos relacionados da Loja Maçônica Fraternidade de Santos com a Escola do Povo.” E ainda, busca reproduzir o texto onde Adamastor Amado Stoffel (Sucursal) do Jornal “A Tribuna” de 13.06.1989, em um outro texto homenageia o pai entre outros cidadãos vicentinos, enaltecendo as ações beneficentes de membros da maçonaria.

1893

Sábado, 10 de Junho, numa **dependência do armazém de secos e molhados do capitão ANTÃO ALVES DE MOURA, um grupo de prestantes cidadãos se reúne para fundar a “Escola do Povo”, de São Vicente**, reunião acontece no mesmo local onde já se ministraram algumas aulas, desde o ano anterior, para crianças de famílias sem recursos financeiros. A iniciativa de se construir uma sociedade civil parte de ADUTO FÉLIX DE LIMA, que atua na cidade como escrivão “ad noe” e registra a ata da fundação. Fica a primeira Diretoria assim constituída: Presidente coronel JOSÉ LOPES DOS SANTOS; primeiro-secretário: MANUEL HENRIQUE DE LIMA; segundo-secretário: JOÃO MAURÍCIO DE MELLO; primeiro-tesoureiro: capitão ANTÃO ALVES DE MOURA; inspetor de aulas: ADAUCTO FÉLIX DE LIMA; zelador: JOSÉ VITORIANO COUTINHO; Conselheiros: AUGUSTO CARLOS DE FREITAS, DOMÍCIO LISBOA, JOAQUIM DUARTE DA SILVA e JOÃO WENCESLAU EMMERICH. **Os fundadores, na sua grande maioria, são maçons respeitáveis e pertencem a loja “Fraternidade”, de Santos. Um dos seus nobres objetivos é construir escolas laicas para a infância pobre.** A instituição não é, portanto, um “colégio” e nem esse nome recebe porque o termo, durante muitos anos, significou “estabelecimento religioso de ensino com objetivos catequistas (STOFFEL - A Tribuna, 1989, *apud* Braga, 2019, grifo nosso).

Além de retratar no seu texto, os feitos dos membros da maçonaria para implantação da Escola do Povo, o autor também apresenta um período histórico da Escola, sob a perspectiva do Prof. Christian Stockler, em 10/06/1903. Durante as comemorações do 10º aniversário da Escola, o professor fez uma retrospectiva relatando que, um ano após a fundação da Escola, o Governo tinha a intenção de assumir a construção. No entanto, em 1895, o diretor Joaquim Duarte da Silva criou

uma Sociedade Civil entre os moradores de São Vicente para a construção do Edifício Próprio.

Edison Teles de Azevedo, também ao escrever para o jornal “A Tribuna” em 23.06.1994 (100 ano de aniversário do jornal) – intitulada “A Escola do Povo”, levanta uma hipótese que, ainda em 1894, a Escola já funcionava sob a responsabilidade do Estado, com sucessivas mudanças de localidades até 1898 para o Edifício Escolar. Buscamos analisar as duas fontes (Edison Teles de Azevedo e Adamastor Amado Stoffel – ambos sucursais) das reportagens angariadas do jornal impresso que trazem informações iguais e complementares.

Através das fontes investigadas, verificamos que os relatos descrevem sobre a participação das elites municipais, que além de ser constituídas por membros da maçonaria, eram também por: políticos, comerciantes, professores, instituições e associações de homens e mulheres da sociedade vicentina, tal união fortalecida contribuiu para a implantação da Escola do Povo.

Alguns questionamentos ainda se faziam presentes, durante a investigação, como por exemplo: como foi dividido o espaço da casa entre o armazém e a escola? Qual o tamanho ideal para cada um desses espaços? Quais os móveis e artefatos que foram utilizados para dois espaços distintos? Quantos alunos caberiam no espaço escolar? O armazém conseguiria continuar com suas atividades, após a divisão dos espaços? Foram supridas as necessidades de ambos, após a divisão dos espaços?

Essas inquietações decorreram de algumas leituras de artigos deste período sobre as formas e formatos das escolas daquele momento histórico. Algumas pesquisas relatam a insalubridade desses espaços, no entanto é desconhecido o que se entende por insalubridade nos espaços especificamente naquele momento histórico que antecede a construção de edifícios próprios para educação. Como é muito bem apresentado no texto de Faria Fº e Vidal (2000), que aborda os “tempos e espaços escolares”, em um trecho do texto os autores trazem um posicionamento

dos higienistas daquele período, quando se reportam aos locais que eram utilizados para o ensino.

Ao mesmo tempo em que elaboravam uma contundente crítica às péssimas condições das moradias e dos demais prédios para a saúde da população em geral, os higienistas acentuavam sobremaneira o mal causado, às crianças, pelas péssimas instalações escolares. Além disso, expunham o quanto a falta de espaços e materiais higienicamente concebidos era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos (FARIA Fº e VIDAL, 2000, p. 24).

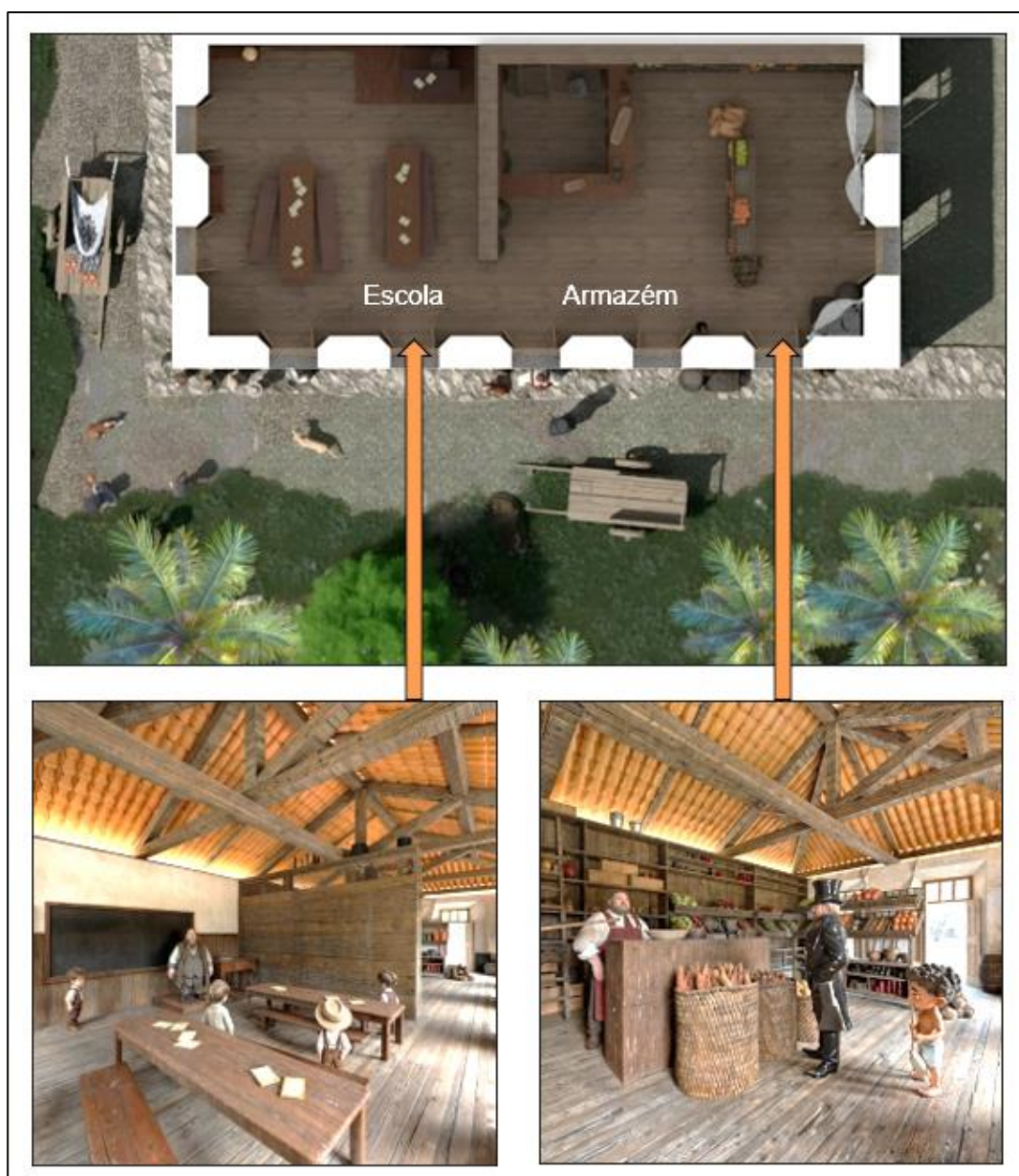
Mesmo com esta e outras informações investigadas, não conseguimos imaginar e responder aquelas questões acima apresentadas. E não encontramos nenhum estudo que contemple a possível divisão entre os espaços que foram adaptados para as práticas escolares.

Por mais que saibamos através de outras investigações que os espaços escolares adaptados, não tinham uma formatação estabelecida a princípio; ainda assim, não seria correto pensar que as pessoas, por menos letrada que fossem, não tinham noção de espaço. Mesmo os espaços adaptados, nesse período em estudo, já havia divisão de espaços, como por exemplo: numa casa (sala, cozinha, quarto, banheiro) e os móveis e utensílios para cada local.

Dada essas inquietações, buscamos reconstituir graficamente os espaços internos e externo, o espaço comercial adaptado para as práticas escolares; lembrando que a princípio, o espaço tinha apenas a função comercial que fora dividido para implantação de uma escola (entendemos que pelo menos uma sala de aula, pelo tamanho do espaço a ser dividido). A reconstrução gráfica, tem como objetivo compreender as possíveis formas de adaptação, transformação, articulação, redução ou ampliação dos espaços que serão utilizados para distintos fins (Figura: 45).



Figura 45: Representação Gráfica (Planta e Perspectiva) da Reconstituição do Armazém Secos e Molhados adaptado para a Escola do Povo



Fonte: Acervo pessoal - Elaborado pelo Autor (2025)

Após a leitura dos documentos investigados e a reconstituição gráfica do Armazém, foi possível compreender melhor aquele específico momento histórico da Escola do Povo; apresentaremos aqui uma análise desenvolvida através dos documentos investigados e reformulados que antecedem a construção do primeiro edifício escolar.

Após esse processo investigativo, entendemos que a instalação da escola em um “armazém secos e molhados” reflete um posicionamento político econômico e social republicano não apenas da sociedade vicentina, como também da sociedade brasileira.

Mas especificamente na Escola do Povo no município de São Vicente em 1893, as relações entre os comerciantes e os moradores eram estreitas, o que possibilitou difundir a Escola entre os habitantes urbanos e as comunidades locais e regionais. Havia um bom acesso para a escola e para o comércio, a casa era localizada em frente à Igreja da Matriz, ponto principal de encontros sociais daquele período histórico.

A casa possuía entradas independentes, o que assegurava uma independência entre um espaço e outro, não precisando uma função interferir a outra função. Assim era possível o armazém comercializar seus produtos distribuídos adequadamente no espaço reduzido, sem que o comerciante tivesse prejuízos financeiros por perda de espaço; verificamos que o comércio não sofreu em suas vendas por perda de espaço, como também não precisou interferir no espaço que foi estabelecido para a escola.

Para reconstituição da escola, consideramos e tomamos como base uma sala de aula, onde pudemos desenvolver dois arranjos de disposição de mobiliário e artefatos: 1º arranjo: Mesas grandes com bancos, abrigando no total de 30 a 36 alunos por período (caso tivesse mais de um período), uma mesa com uma cadeira para um (a) professor (a). Quadro de pedra, armário e artefatos escolares. 2º arranjo: carteiras conjugadas para dois alunos, abrigando no total de 32 a 40 alunos por

período (caso tivesse mais de um período), uma mesa com uma cadeira para um (a) professor (a). Quadro de pedra, armário e artefatos escolares.

Esse exercício nos possibilitou entender que mais do que um processo de adaptação como muitas pesquisas apresentam, é necessário também fazer uma análise de que forma se deram essas adaptações, porque entender como foi utilizado o espaço naquele momento histórico, podemos também entender o que foi considerado como insalubre ou salubre por higienistas naquele momento histórico.

Compreendemos que as adaptações em espaços comerciais, religiosos entre outros para as práticas escolares, foram muito criticadas pela sociedade local, como também pelos inspetores educacionais; consideravam esses espaços insalubres e inapropriados para as práticas escolares; dessa forma comprometia a manutenção do ideário republicano.

Foi necessário correlacionar elementos bibliográficos, documentais e iconográficos, para compreender a influência da maçonaria na concepção da Escola do Povo, conforme as exposições em alguns documentos durante a investigação. Acreditamos que a transposição dessas primeiras análises ajudará o leitor assimilar, a relação da escola do Povo como um documento histórico da educação no município de São Vicente durante o período republicano.

### **5.3. CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DA “ESCOLA DO POVO” (1898)**

As chamadas “escolas de improviso (XVIII e XIX)”, retratadas por Faria Fº e Vidal (2000) se desenvolveram em locais improvisados e adaptados, tais como espaços religiosos, políticos, associações e comerciais. Desde os primeiros momentos de implementação da Escola do Povo em São Vicente, até mesmo dentro das residências dos professores, essa mesma lógica foi percorrida. E os professores considerados competentes e reconhecidos para formação dos alunos eram

designados pelos órgãos governamentais atuantes. Os autores apresentam também que o “método mútuo” que antecedeu o “método intuitivo” já apresentavam uma grande preocupação sobre o espaço escolar.

Todos reconheciam que para abrigar dezenas ou, mesmo, centenas de aprendizes fazia-se necessária a construção de novos espaços escolares. Mais que isso: tais espaços eram considerados uma condição imprescindível para o bom êxito da empresa escolar que se defendia. Esse espaço deveria levar em conta não apenas a quantidade de alunos mas também a mobilidade dos monitores por entre as turmas, a mobilidade das turmas dentro da classe, a necessidade de pendurar “cartazes” e outras peças na parede, dentre outras inovações propostas (FARIA F<sup>o</sup> e VIDAL, 2000, p. 22).

O interesse da elite vicentina em construir o edifício próprio para a Escola do Povo era intenso. Tal ação na materialização de um edifício escolar em São Vicente, caracterizaria o desenvolvimento e o progresso do município, utilizando no edifício escolar, materiais e técnicas construtivas industrializadas, ainda que não tivéssemos profissionais qualificados para tal atividade. Saia (1972) apresenta esse panorama dessa materialidade construtiva, no contexto sociopolítico e econômico paulista.

E evidente que uma sociedade cuja direção estava prevalentemente voltada ao uso dos bens materiais, que construía o aspecto externo de sociedades em estágio mais avançado de industrialização, não apresentava uma oportunidade de resolver, com adequação necessária, seus verdadeiros problemas de organização social, econômica e política, e também arquitetônica (SAIA, 1972, p. 220).

Construir um Edifício Escolar Republicano, com característica arquitetônica e estilo que simbolizavam o ideário republicano daquela época, foi uma atitude ousada e de vanguarda que a elite vicentina apresenta na região; visto que Santos, a cidade

vizinha com a renda muito superior a São Vicente, viria construir os primeiros edifícios escolares: (Figura: 46) o Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, em 1900; o Grupo Escolar Barnabé, em 1902 e o Instituto Dona Escolástica Rosa, em 1908, entre dois a dez anos de distância da Escola do Povo, em 1898.

Figura 46: Edifícios Escolares em Santos (séc. XIX e XX) - Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, Grupo Escolar Barnabé e Instituto Dona Escolástica Rosa



Fonte: Profª Cida Franco e páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2025)

Ainda que o Edifício Escolar idealizado pela elite vicentina, não fosse o “tipo de escola” precursora do ensino público paulista – “Grupo Escolar”, as características arquitetônicas e estilísticas do edifício eram muito superiores às escolas investigadas por pesquisadores de edifícios escolares no Estado de São Paulo. Por exemplo a “Escola do Povo Ferreira Penteado em Campinas” em 1880, escola investigada por Wolff (2010):

[...] um **membro da elite**, sr. Ferreira Penteado, que se dispõe, em 1880, não apenas a doar o terreno, mas a **construir o prédio** de uma **escola para o povo**. [...] Como as **escolas** que estavam sendo **construídas** na mesma época na capital da província, [...] é uma **construção modesta**, realizada para atender a um programa também acanhado (WOLFF, 2010, p. 100, grifo nosso).

A autora retrata a iniciativa de um membro da elite campineira que doou o terreno e construiu o edifício escolar para Escola do Povo no município de Campinas; igualmente ocorreu na implantação da escola do Povo em São Vicente, tanto na doação do terreno quanto na construção do Edifício Escolar.

Em relação ao terreno doado, ressaltamos aqui que a escolha não foi casual, pois a escola anteriormente se localizava de frente a Igreja da Matriz, com algumas edificações ao redor com características do período colonial. Dessa forma o local escolhido para a construção, foi idealizado como um futuro espaço do ideário republicano, pois receberia outros equipamentos urbanos e assim viria proporcionar o desenvolvimento e o progresso do município. Saia (1972), descreve que tal situação foi recorrente em todo estado de São Paulo.

O desenho das cidades, com seus respectivos compromissos de ruas, lotes e partido arquitetônico, passou a fixar soluções que prevaleceram durante todo o restante do ciclo Paulista do café e que ainda repercutem no refazimento delas e das habitações, mesmo depois de superadas as motivações que lhe deram origem (SAIA, 1972, p. 202).

Wolff (2010), apresenta um panorama recorrente em relação as características construtivas para as escolas daquele período. Tais características além de se apresentarem no edifício em estudo localizado no município de Campinas, ocorrem também na capital do Estado. “À primeira vista, **quase nada a distinguiria de construções residenciais da mesma época. Mas, também como as paulistanas é edificada em alvenaria de tijolos**” (grifo nosso).

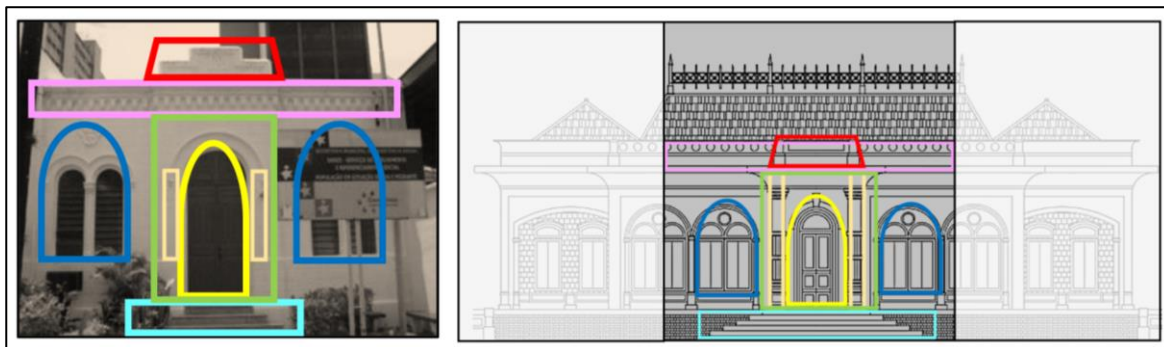
Temos, neste caso, uma diferença cronológica de 18 anos nas construções entre uma escola e outra: a Escola do Povo campineira, em 1880 e a Escola do Povo vicentina, em 1898, não havendo distinção entre elas, pois ambas utilizaram as mesmas técnicas construtivas, a alvenaria de tijolos.

Para Wolff (2010) a execução de alvenaria de tijolos, muito difundida na época, por apresentar técnicas construtivas importadas, contrapondo as técnicas construtivas tradicionais. Que o diferenciava de outros edifícios, considerando que esse aspecto já seria o suficiente “por resultar num volume geometricamente mais perfeito do que o das antigas construções”, mas para ela o destaque da obra se apresenta na fachada como os elementos decorativos elaborados pelo arquiteto Ramos de Azevedo.

Limitado ao pequeno plano de fachada, Ramos de Azevedo apõe sobre esta alguns detalhes neoclássicos - folhas de acanto, pequenas colunas entre vãos das janelas duplas de arco pleno, massa de revestimento riscada como pedras. Organiza porém os elementos da platibanda com um tom ligeiramente neogótico. Arquitetura dessa escola é de um ecletismo singelo, assim como são pequenas suas dimensões, mas é coerente que a obra marcante que o arquiteto ainda iria desenvolver (WOLFF, 2010, p. 100).

Na leitura do projeto dessa escola, Wolff (2010), percebeu que o simbolismo inculcado na fachada expressa através da primeira obra de Ramos de Azevedo, são características estilísticas de um ecletismo singelo – neogótico. (Figura: 47) Ainda que a fachada desse edifício escolar em Campinas fosse muito simples para os valores que a instrução pública se materializaria monumentalmente no final do século XIX, através do Grupos Escolares; visualizamos essas características estilísticas ecléticas, na proposta de projeto de uma escola modelo no anuário de 1907/1908.

Figura 47: Características Estéticas e Simbólicas do Edifício Escolar da Escola do Povo em Campinas com a proposta da Escola Modelo Anuário 1907/1908



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2025)

Vimos a necessidade em fazer esse exercício para que pudéssemos apresentar a análise que faremos a seguir, com as instruções que devem ser utilizadas como modelos de fachadas para os edifícios escolares, realçando que no desenho de engenheiro Dr. Guerreiro Maia é descrito como “Projeto de Grupo Escolar – adaptados as cidades do interior do estado”.

Vejamos, a fachada da Escola do Povo de Campinas, configurada por Ramos de Azevedo dentro de um terreno estreito, como apontado por Wolff (2010); assim, ela se torna bem menor que a fachada proposta do Eng. Guerreiro Maia no anuário 1907/1908. Evidenciamos na imagem apresentada, um recorte lateral do projeto para o Grupo Escolar de Guerreiro Maia, porque supostamente o tamanho espacial de uma Escola Isolada torna-se bem menor que o do Grupo Escolar.

Voltamos a refletir sobre os elementos estilísticos da fachada da Escola do Povo em Campinas apresentada por Wolff (2010), e analisar quais as características estilísticas se repetem na fachada para o Grupo Escolar de Guerreiro Maia. A volumetria entre um edifício e outro são muito semelhantes: parede central ressaltada da estrutura do edifício (verde), duas pilastras nas laterais da porta (beje), escadaria central para acesso ao edifício escolar (azul claro), consequentemente o



edifício se eleva do chão criando um porão; portas e janelas em arco pleno, molduradas com elementos argamassados em estilo eclético (amarelo e azul) e, por fim, todo o edifício é circundado por uma platibanda que fica entre as paredes externas e o telhado (rosa) e completando toda essa característica arquitetônica do período estudado é coroado com um frontão com símbolos (vermelho).

Diferentemente, a arquitetura da Escola do Povo de São Vicente, impressa na fachada apresenta identidade própria, o que faz ela se destacar de outros edifícios escolares contemporâneos. Na fachada principal ela apresenta elementos estéticos e simbólicos, que faz com que o observador vislumbre e especule a respeito dos símbolos impressos na fachada.

Luiz Gomes Otero - Da Sucursal

Uma das poucas edificações remanescentes do final do século XIX ainda existentes em São Vicente. [...] Trata-se do imóvel situado na Praça Coronel Lopes, no Centro, [...] está sendo reformado e restaurado, seguindo as características originais do imóvel que foi inaugurado em 1898 por iniciativa da Loja Maçônica Fraternidade, de Santos.

O prédio ocupa um terreno de cerca de 3 mil metros quadrados, sendo 1.811 metros quadrados de área construída.

A fachada conserva as colunas de sustentação, inspiradas nos templos maçônicos, contendo na parte superior símbolos ligados à Educação esculpidos em alto relevo: um globo terrestre, um compasso e um livro. (A Tribuna, 2004, p. [--]).

As especulações a respeito da arquitetura do Edifício Escolar da Escola do Povo, buscam nos remeter à arquitetura das lojas maçônicas, relatam que as características estilísticas e simbólicas estão impressas no Edifício Escolar. Apresentaremos a seguir um estudo sobre os rituais e os símbolos utilizados pelos membros da maçonaria.

### AS TRÊS LUZES DA LOJA

Ao refletir sobre o **funcionamento de uma Loja Maçônica** trabalhando no Rito Escocês Antigo e Aceito, é natural reconhecer que há três personagens principais e fundamentais; o **Respeitável Mestre**, o **Primeiro Vigilante** e o **Segundo Vigilante**. Esses destaques entre os Oficiais são considerados os **pilares de sustentação** da dinâmica necessária para que as atividades tenham força e vigor. A **importância** dos três principais Oficiais está claramente **ligada às suas localizações**, às joias que vestem e aos poderes de que estão investidos. Até seus **nomes representativos** de **Sabedoria, Força e Beleza** são expressivos do seu papel em benefício dos seus Irmãos e da sua Loja.

[...] A **cadeira e a mesa do Primeiro Vigilante** ficam **elevados num estrado de dois degraus**. O Primeiro Vigilante, **simbolizando a força** de vontade presente nos trabalhos da Loja em favor do processo de transmutação a ser realizado pelo postulante, **está em posição de menor destaque** que a **Sabedoria** do **Respeitável Mestre** porque ela é o **atributo divino** que **preside as transformações morais e conceituais** a serem assimiladas pelo maçom. A **força** de vontade, por outro olhar, está acima da **beleza** porque o iniciado somente encontrará a **beleza** da nova alma se tiver a **força** de vontade de se submeter à dor da transmutação.

[...] **Sabedoria** - O pilar da Sabedoria é representado por uma coluna de ordem Jônica que transmite a impressão de elegância, fragilidade e riqueza decorativa. A Ordem Jônica foi empregada na construção do templo dedicado à deusa Ártemis, na ilha de Éfeso.

**Força** - A ordem Dórica é a mais antiga das três e está presente no pilar sintetizando a Força. Sua denominação tem origem no povo dório que foi o primeiro a incorporar esse estilo arquitetônico. Caracteriza-se pela sobriedade e pela simplicidade, assim como pela ideia de harmonia.

**Beleza** - A ordem Coríntia é uma das mais utilizadas e é conhecida pela beleza de seu capitel. A coluna Coríntia acompanha a figura do Segundo Vigilante e se destaca por sua decoração. Todos nós temos juízos individuais sobre beleza. A Loja maçônica, com seu interior iluminado pelo Sol, mostra a beleza da alma universal à disposição do maçom para iluminar o seu inconsciente, porta voz da alma pessoal e coletiva, na transmutação do chumbo espiritual pelo ouro da nova consciência filosófica (BRANCO, 2014, p. [-], grifo nosso).

Vejamos se as características estilísticas ou simbólicas impressas no novo Edifício Escolar da Escola do Povo, contemplam realmente a simbologia dos ritos maçônicos.

### 5.3.1. Características Arquitetônicas (Estéticas e Simbólicas) do Edifício Escolar – “Escola do Povo”

A **fachada** do edifício escolar, num primeiro momento, verifica-se em sua face um eixo simétrico (Figura: 48), essa característica pode ser verificada também na maioria dos edifícios civis de arquitetura neoclássica. A fachada do edifício é rodeada por elementos estéticos que ladeia a alvenaria externa (parede) que suporta a arquitrave<sup>52</sup>, o friso<sup>53</sup> e a cornija<sup>54</sup> e que lhe confere um carácter particular, onde se une força, robustez e elegância.

---

<sup>52</sup> Arquitrave: Trave horizontal que se apoia sobre colunas, tanto na arquitetura clássica quanto nos estilos arquitetônicos dela derivados. Fonte: Koch (Dicionário dos Estilos Arquitetônicos).

<sup>53</sup> Friso: Espaço que separa a arquitrave da cornija, nas construções clássicas, sendo comumente ornado de escultura ou inscrições. Nome genérico que recebem as barras ou faixas pintadas ou esculpidas ao longo de uma parede geralmente abaixo dos tetos. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>54</sup> Cornija: Faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais. Fonte: Koch (Dicionário dos Estilos Arquitetônicos).

Figura 48: Fachada do Edifício Escolar “Escola do Povo” – Eixo de Simetria (lado direito é simétrico ao lado esquerdo)



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

O edifício não apenas apresenta a volumetria e a simetria semelhante aos demais projetos escolares existentes; ele também é composto por dois pavimentos: térreo e o superior, dessa forma o eleva simbolicamente a monumentalidade em relação a outros edifícios da época na região; essa característica monumental foi apresentada em Grupos Escolares construídos naquele período. No entanto, não havia construções escolares desse porte na região litorânea do estado, pelos menos não verificamos nas investigações sobre os edifícios escolares no litoral paulista.

Quanto ao aspecto formal entre “cheios e vazios” <sup>55</sup>, verificamos que no pavimento térreo temos: quatro janelas em arco pleno, dispostas simetricamente uma porta central também em arco pleno, abraçada pela escadaria, que direciona o usuário do pavimento térreo para o superior; no pavimento superior, verificamos:

<sup>55</sup> Cheios e Vazios: Na arquitetura, os conceitos de cheios e vazios são fundamentais para a criação de espaços funcionais e esteticamente agradáveis. Os cheios referem-se às partes sólidas de uma estrutura arquitetônica, como paredes, pilares e lajes, que delimitam e definem os espaços. Por outro lado, os vazios são as áreas livres, como janelas, portas, pátios e vãos, que proporcionam a entrada de luz, ventilação e conexão entre os ambientes. Disponível em: [https://docomomo.org.br/glossario/o-que-e-cheios-e-vazios-na-arquitetura/#google\\_vignette](https://docomomo.org.br/glossario/o-que-e-cheios-e-vazios-na-arquitetura/#google_vignette). Acesso em: 05 de dezembro de 2024.

quatro janelas retangulares, envidraçadas em caixilharia<sup>56</sup> de madeira com abertura de duas folhas, três portas retangulares, envidraçadas em caixilharia de madeira com abertura de duas folhas, recuadas do pano da parede da fachada, pelo hall principal do pavimento superior. Saia (1972), nos insere dentro daquele período histórico, através da construtiva cafeeiro paulista. “A adoção, afinal, do **processo construtivo** da alvenaria de tijolo e da madeira serrada em bitolas comerciais, **veio facilitar a formulação de projetos libertos das** amarras tradicionais” (grifo nosso).

[...] o que conduz a construção e **pesquisas de valores plásticos a partir da proporção de cheios e vazios**, a construção cafeeirista fez praça do tamanho, em contraposição aos curtos meios de valorizar sua aparência. Tais limitações não a impediram, contudo, de se **aliar aos gradis de ferro importados e ao vidro** (SAIA, 1972, p. 210, grifo nosso).

Nesse contexto, do aspecto dos “cheios e vazios”, podemos entender que o projeto intencionalmente teve como partido<sup>57</sup>, que além de pensar nas aberturas dos ambientes, buscou também diferenciar o pavimento térreo do superior da seguinte forma: pavimento térreo, portas e janelas em arco pleno e pavimento superior, portas e janelas retangulares; o que distingue visualmente os pavimentos.

Parte do Edifício Escolar, principalmente as paredes, tem aparência característica de um edifício de Estilo Palazzo<sup>58</sup> adaptado, que se baseia na

---

<sup>56</sup> Caixilharia: a parte da esquadria (portas, janelas, venezianas...) que serve para sustentar e guarnecer o vidro. Nome também empregado para designar a moldura de quadros, desenhos, lâminas etc. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>57</sup> Partido: consequência formal de uma série de determinantes, tais como o programa do edifício, a conformação topográfica do terreno, a orientação, o sistema estrutural adotado, as condições locais, a verba disponível, as codificações das posturas que regulamentam as construções e, principalmente, a intenção plástica do arquiteto. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>58</sup> Estilo Palazzo: Foi em concorrência com o estilo neoclássico, que incorporou grandes frontões, colunatas e ordens colossais, emprestando uma grandeza para edifícios públicos e os estilos mais

aparência de um palácio ou casa de cidade italiana, como os encontrados em Florença e em Veneza. Os andares com fileiras regulares de janelas que são geralmente diferenciadas entre os níveis, têm frontões<sup>59</sup> triangulares e segmentares alternados. A fachada é simétrica com ênfase em torno do seu portal central. O barramento (embasamento<sup>60</sup>) é geralmente diferenciado no tratamento da sua alvenaria, as paredes perpendiculares trabalhadas com saliências enfatizam a força visual dos cantos. Ênfase na cornija que saliente e suspensa do terreno rematando o terreno. Todas as faces do edifício são tratadas de forma semelhante, A fachada recebe um grande pórtico<sup>61</sup> e frontão saliente, outros elementos que serão apresentados a seguir, fazendo das características desse Edifício Escolar se diferenciar do estilo palaciano italiano.

Verificamos ainda que todas as aberturas quanto as paredes são com argamassa de cimento aplicada em alto-relevo<sup>62</sup>, diferenciado o pavimento térreo do

---

românticos do Império italiano e francês, nos quais muita arquitetura doméstica foi construída. Fonte: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo\\_Palazzo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_Palazzo). Acesso em 05 de dezembro de 2024.

<sup>59</sup> Frontão: Os frontões, geralmente são de forma triangular. Os frontões são colocados acima da estrutura horizontal do lintel, ou entablamento, se apoiados por colunas. Um frontão é às vezes o elemento superior de um pórtico. Para projetos simétricos, ele fornece um ponto central e é frequentemente usado para adicionar grandeza às entradas. O tímpano, a área triangular dentro do frontão, é frequentemente decorado com uma escultura de frontão que pode ser autônoma ou uma escultura em relevo. O tímpano pode conter uma inscrição ou, nos tempos modernos, um mostrador de relógio. Os frontões são encontrados na arquitetura grega antiga já em 600 a.C. (por exemplo, o templo arcaico de Ártemis). Variações do frontão ocorrem em estilos arquitetônicos posteriores, como Clássico, Neoclássico e Barroco. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Front%C3%A3o>. Acesso em 05 de dezembro de 2024.

<sup>60</sup> Embasamento: Base. Apoio. Alicerce contínuo que serve de sustentáculo a um edifício. Modernamente dá-se o nome de embasamento ao primeiro pavimento de uma edificação. Porão. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>61</sup> Pórtico: Um pórtico é um alpendre que leva à entrada de um edifício, ou estendido como uma colunata, com uma estrutura de telhado sobre uma passarela, apoiada por colunas ou fechada por paredes. Essa ideia foi amplamente usada na Grécia antiga e influenciou muitas culturas, incluindo a maioria das culturas ocidentais. Os pórticos são às vezes cobertos com frontões. Palladio foi um pioneiro no uso de frontões de templos para edifícios seculares. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Portico>. Acesso em 05 de dezembro de 2024.

<sup>62</sup> Alto-relevo: Toda decoração ou peça escultórica que sobressai do plano em que se encontra, de tal forma, que todos os objetos ou figuras nele representados tem saliência quase completa. Mais de dois terços da profundidade ficam em volume.

superior; o alto relevo do pavimento térreo, se inicia com o embasamento circundando todo o edifício escolar, na sequência de baixo para cima, filetes horizontais paralelamente espaçados até chegar nas aberturas das portas e janelas que recebem um acabamento estético diferenciado de outros edifícios investigados.

Do pavimento térreo para o superior, verifica-se um rompimento no ritmo sequencial e na composição ornamental, os elementos em relevo se desenvolvem numa sequência em quatro pilastras de cada lado da fachada, essas na ordem<sup>63</sup> dórica ou toscana emparelhadas na parede, moldurando as duas extremidades do edifício escolar. Já as janelas, estão molduradas por pilastras, também emparelhadas na parede, enfeitadas com capiteis estilizados na ordem jônica, recebem ainda uma composição estilística acima dos capiteis<sup>64</sup> uma arquitrave também estilizada, e para o peitoril<sup>65</sup> das janelas, balaústres<sup>66</sup> emparelhados na parede. (Figura: 49). Essa composição se circunda todo o edifício escolar, conferindo a leitura da fachada entre os cheios e vazios bem diversificado um pavimento do outro.

---

<sup>63</sup> Ordem: Disposição peculiar e convenientemente das partes principais de um edifício, principalmente no que se refere aos elementos de composição [...] a arquitetura grega possuía três ordens: dórica, jônica e coríntia. [...] Aos romanos devemos as ordens: toscana e compósita. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>64</sup> Capitel: Parte superior (*coroa*) da coluna. [...] Os capiteis destituídos de ornamentos recebem o nome de “capiteis de moldura”. Os capiteis decorados são os capitéis de escultura”. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>65</sup> Peitoril: Superfície horizontal de fecho inferior de uma janela. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

<sup>66</sup> Balaústre: Pequena coluna ou pilar, de altura e secção variável, de metal, madeira, pedra ou alvenaria que sustenta mainel ou corrimão, ou mesmo travessa ou capeamento de alvenaria dos parapeitos. Fonte: Corona e Lemos (Dicionário da Arquitetura Brasileira).

Figura 49: Características estilísticas ornamentadas do conjunto do Edifício Escolar – Escola do Povo

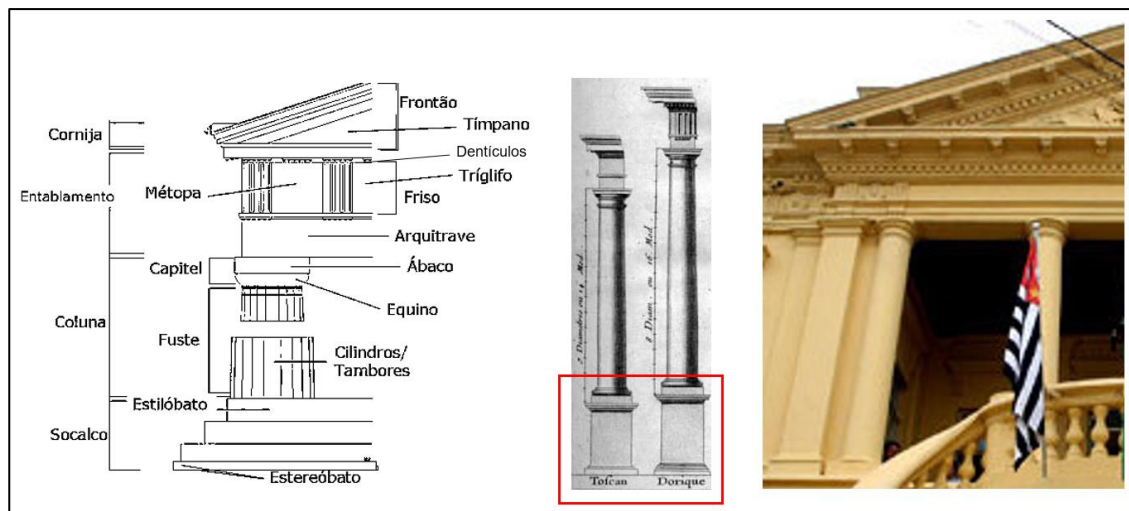


Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

As **colunas** e **pilastras** aparecem na fachada, desempenhando um papel importante na composição dividindo o **pórtico central**, duas colunas na ordem dórica ou toscana, abaixo do frontão delimitando a passagem pelo **pórtico central**, em sequência simétrica, mais duas **colunas** emparelhadas na parede; essas duas últimas colunas estão interligadas às principais através de um guarda corpo em alvenaria balaustrado. (Figura: 50) A composição total do **pórtico** com o frontão se concretiza por duas **pilastras** em relevo, também emparelhadas na parede, e dispostas em consonância as duas últimas colunas na parede do **pórtico central**.



Figura 50: Composição do pórtico de entrada superior do Edifício Escolar



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) e Etec Dra Ruth Cardoso (2025)

O **frontão** na fachada do edifício escolar de função simbólica e decorativa, um dos repertórios arquitetônico classicista; seu formato triangular, remete às características estilísticas dos templos gregos, da arquitetura neoclássica, como também dos edifícios das lojas maçônicas e outros de igrejas protestantes (em sua maioria as presbiterianas, batistas e metodistas) e muitas instituições públicas e privadas no território nacional.

Esse partido arquitetônico foi amplamente aderido desde os primórdios pela Arquitetura Neoclássica<sup>67</sup> pois apresentam traços fundamentais que os aproximam

<sup>67</sup> Arquitetura Neoclássica Brasileira: A origem da Arquitetura Neoclássica no Brasil remota desde o século XVIII, por iniciativa do Marquês de Pombal, que esteve encarregado de executar uma grandiosa reforma estrutural administrativa no Rio de Janeiro. A chegada da família Real Portuguesa ao Brasil em 1808, e da Missão Francesa em 1816, que trouxe um grupo de artistas renomados dentre eles o arquiteto Grandjean de Montigny, acabou por difundir definitivamente a Arquitetura Neoclássica no Brasil. A Arquitetura Neoclássica foi difundida no Brasil, através da Missão Francesa com o intuito de disseminar ideais progressistas e de civilizatórios. Ela também foi responsável por formar arquitetos que dariam continuidade ao neoclassicismo arquitetônico nas épocas posteriores. Com a

consideravelmente do neoclassicismo europeu – como o pórtico central e outros elementos classicistas que verificamos na fachada dos edifícios apresentados a seguir, apresentados nos edifícios: Loja Maçônica “A Pioneira” 1873, Academia Imperial de Belas Artes 1891, Museu Nacional ambos - Rio de Janeiro 1818, do Museu do Ipiranga - São Paulo 1895 e Escola do Povo - São Vicente 1893 (Figura: 51).

---

Independência do Brasil, o estilo neoclássico foi adotado nas edificações oficiais dos grandes centros litorâneos e especialmente do Rio de Janeiro. Nessas construções eram utilizados materiais importados para as estruturas e os acabamentos, além de ser aplicadas os atributos neoclássicos que eram: simplicidade das formas, uso do frontão triangular, platibandas, pilastras, paredes de pedras entre outras. No século XIX, O Neoclassicismo foi fundido ao Romantismo o que resultou em um estilo eclético que ainda assim possuía vastos elementos neoclássicos. Disponível em: <https://www.projetou.com.br/posts/arquitetura-neoclassica/>. Acesso em 08 de dezembro de 2024.

Figura 51: Características estéticas e simbólicas de diferentes edifícios



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) e acervo pessoal (2025)

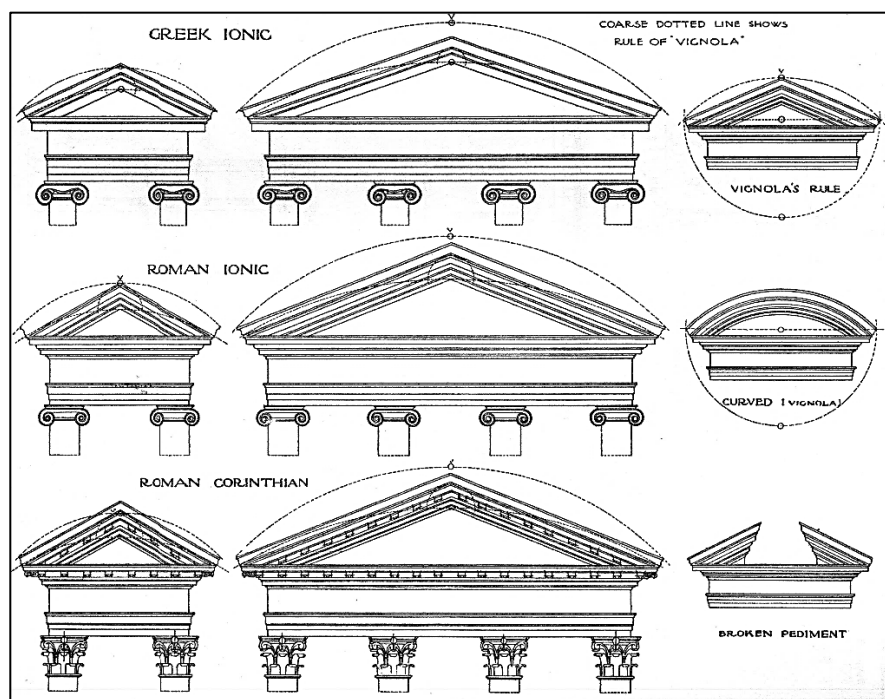
Os edifícios públicos ou particulares apresentados anteriormente possuem características arquitetônicas bastante expressivas e semelhantes, classificamos assim uma arquitetura estilística classicista, para não confundir ao atribuir uma categorização de um estilo que determina um recorte temporário. Porque cada um deles, leva-nos a identificar diferentes fases de um processo histórico entre o período imperial e o republicano, onde apresentam-nos a imponente dessas produções através dos elementos estéticos na arquitetura civil. Vejamos:

Em 1873, foi inaugurado o edifício da **Loja Maçônica “A Pioneira”**, esse templo foi por prolongado período o local de encontro da Maçonaria paulistana. A **Academia Imperial de Belas Artes**, idealizada por Dom João, cuja fundação é controversa foi uma escola superior de artes no Brasil no período imperial, na segunda metade do século XIX, com diferentes autores do projeto representados pela Missão Francesa: Lebreton e Taunay. O **Museu Nacional**, a mais antiga instituição científica do Brasil e um dos maiores museus de história natural e de

antropologia das Américas, que podemos dizer que é a continuação do Museu Real, fundado por Dom João VI em 1818. Verificamos também essa composição classicista no Edifício do **Museu do Ipiranga** na capital do Estado de São Paulo, construído entre 1885 e 1890 pelo arquiteto italiano Tommaso Gaudencio Bezzi.

Vejamos que a tipologia da **Escola do Povo** construído em 1898, também é expressiva e semelhante à dos edifícios apresentados; o que a diferencia deles é a escala, pois em relação à função social, todos eles foram e são significativos para uma sociedade. Tais composições estilísticas faziam parte de um repertório de arquitetura neoclássica, um estilo bastante difundido nos edifícios públicos e privados produzidos e difundidos pelas elites brasileiras. (Figura: 52) A seguir, algumas representações de frontões triangulares.

Figura 52: Diferentes tipos de frontões triangulares e suas respectivas características estéticas e classificação



Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) – (2024)

O frontão do Edifício Escolar da Escola do Povo de São Vicente tem ornamentos em relevos altos e baixos argamassados ao seu redor, adentrado ao triângulo existem ornamentos em alto relevo que chamaremos aqui de alegorias que expressam o símbolo educacional republicano.

**ALEGORIA** Palavra de origem grega que representa certos atos ou ideias (o mesmo que **símbolo**). É uma **representação figurativa** que transmite um significado outro que o da simples adição ao literal. É geralmente tratada como uma **figura da retórica**. Alegoria é uma forma **figurada de um pensamento**, ficção ou **metáfora**. Na Maçonaria, diz-se de um **sistema moral velado e ilustrado por meio de símbolos** (CASTELLANI *apud* Souza, 2023, p. 76, grifo nosso).

Essa alegoria (símbolo) é composta pelos seguintes elementos: o globo, os livros, o caderno, o tinteiro com a pena, os ramos de café e fumo e outras folhagens... (Figura 53). No centro, o globo sobre abraçado pelos ramos do café e do fumo, ao lado esquerdo um caderno e um livro, e ao lado direito o tinteiro com a pena e os outros dois livros; todos esses elementos envolvidos por folhagens. O frontão é contemplado por esses símbolos alegóricos onde coroa o edifício escolar pela sua fachada principal.

Figura 53: Edifício Escolar “Escola do Povo” - composição do Frontão na fachada e seus ornamentos simbólicos



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) (204)

Como último elemento da fachada do Edifício Escolar a ser apresentado, escolhemos a **escadaria principal**, aliás um elemento peculiar, estético e simbólico, composto por duas escadarias simétricas em curvas, sequenciada por balaústres, em avanço do pano da parede alinhada na fachada; dispostas simetricamente e paralelamente abraçando a porta central do pavimento térreo, direcionando os usuários ao pavimento superior, ali elas se interligam através um piso ainda em avanço da fachada; uma espécie de tribuna elevada do pavimento térreo, conduzindo os usuários adentrarem ao edifício através do hall de entrada, localizado no pavimento superior.

Esse elemento peculiar, estético e simbólico projetado na entrada principal, na nossa leitura, se torna distinto, por apresentar um movimento cenográfico na fachada; tal elemento se exhibe em ressaltado a todo o conjunto estético do edifício, irrompendo a repetição plana do retângulo, como também a volumétrica do paralelepípedo, verificado pelas laterais do edifício.

Verificamos ainda que essa linguagem estética e simbólica da escadaria principal é recorrente em alguns edifícios escolares investigados, nos primorosos trabalhos desenvolvidos por Ferreira, Corrêa e Mello (1998), Peirão (1991) e Wolff (2010); no entanto, esses edifícios escolares apresentados pelas autoras se distinguem do edifício escolar da Escola do Povo, ainda que tenham sido projetados e construídos na mesma época.

Destacamos aqui que a maioria dos edifícios escolares tem escadas principais, como também é notório que os grupos escolares tinham como partido arquitetônico, fazer a composição da escadaria em duas partes definindo a ala masculina e a feminina, independente do direcionamento hierárquico entre direção e alunos. Alguns modelos de Edifícios Escolares com escadaria em duas partes: Grupo Escolar de Itatiba (1905) Itatiba – José Van Humbeeck, EEPG Vaz Caminha (1909) Iguape – Manuel Sabater, EEPG Barão de Monte Santo (1909) Mococa – Manuel Sabater, EEPG Cardoso de Almeida (1911) Botucatu – João Bianchi (Figura 54). Através dos trabalhos das autoras, apresentamos alguns edifícios, cidade, ano que foi projetado ou construídos, seus autores e suas características parecidas com o edifício escolar da Escola do Povo.



Figura 54: Edifícios Escolares – escadaria em duas partes



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

As quatro escolas acima apresentadas se igualam a Escola do Povo pela escadaria principal que direciona alunos e professores a um patamar antes de adentrar ao edifício escolar: o Grupo Escolar de Itatiba, é o edifício escolar que mais se aproxima do edifício escolar - Escola do Povo; pois há circulação vertical (do pavimento térreo para o superior), mas se distingue na característica estética e volumétrica, pela escadaria em curva, a EEPG Vaz Caminha e a EEPG Barão de Monte Santo, com mesmo arquiteto e projetos, possuem uma estrutura de escadaria com poucos degraus e ainda existem entradas pelas laterais do edifício e, por fim, a EEPG Cardoso de Almeida, uma escadaria central conduzindo ao hall principal.

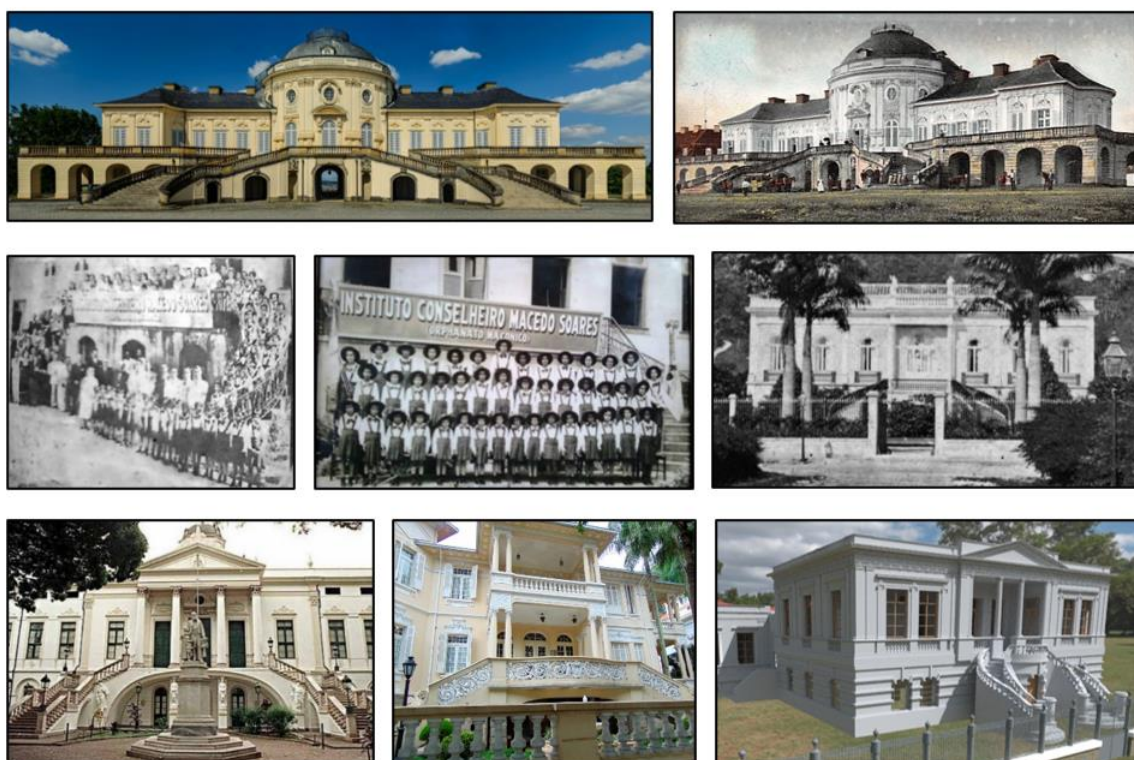
Percebemos que os edifícios escolares investigados, em sua maioria com entrada principal, muitos desses edifícios têm a escadaria em destaque na fachada, contribuindo na composição estética, muitos projetos-tipo (semelhantes) não apenas



os escolares, mas também edifícios públicos desse período são padronizados, tais projetos obedecem a um determinado programa arquitetônico previamente estabelecido.

Investigamos ainda outras produções arquitetônicas com tipologia e composição estética de escadaria em curva, para contrapor a escadaria do edifício da Escola do Povo e, assim, verificar as semelhanças, diferenças e a possível simbologia representada nesses edifícios, são eles: Escadaria circular – Schloss Solitude Stuttgart (1764-1769) - Instituto Macedo Soares – Rio de Janeiro/RJ (1939), Palácio da Guanabara – Rio de Janeiro (1853-1865), Santa Casa Salvador - Bahia (1893) e Escola do Povo – São Vicente/SP (1898) (Figura: 55).

Figura 55: Características Arquitetônicas de Edifícios – escadaria circular



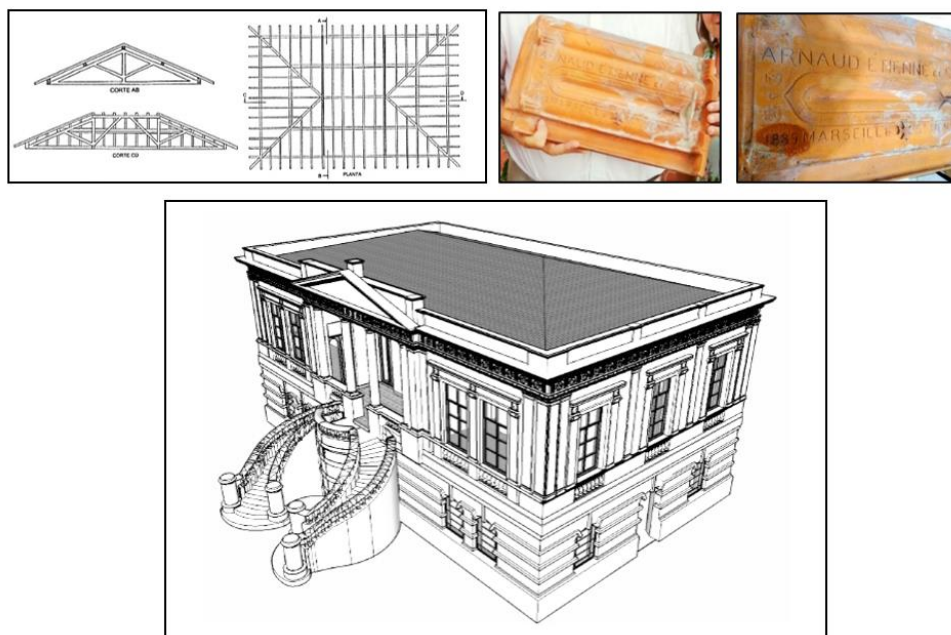
Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras), Fernando Silva Magalhães e Acervo Pessoal - Produção do Autor (2024)

A monumental **escadaria em curva** do Edifício Escolar da Escola do Povo, foi projetada e construída no mesmo ano do edifício escolar 1898, com 16 degraus de cada lado com diferentes tipos de leques, compondo o conjunto da curvatura da escadaria. Consideramos esse elemento como uma grandiosa escadaria em relação a escala diminuta do edifício escolar em estudo, esta ornamentada por dois cilindros de cada lado (pedestal) sequenciada paralelamente por diversos balaústres de concreto, compondo o arranjo do guarda corpo da escadaria.

A suntuosa escadaria em curva foi desenhada de forma a aumentar seu efeito dramático com a proximidade. Esse elemento é excepcionalmente ornamental e dramático da arquitetura deste edifício escolar, a composição dos leques dessa escadaria que se formam pelas curvas onduladas e assimétricas criam a ilusão de movimento, drama e surpresa. Típico da grande arquitetura barroca foi, na realidade, a criação de longas e profundas perspectivas que culminavam em cenas ou fundos de caráter monumental.

A **cobertura** do edifício escolar foi projetada por um telhado de quatro águas de estrutura em madeira serrada em seções retangulares, coberto com um manto de telhas “tipo francesa”; fazendo com que o escoamento das águas pluviais vá para as calhas em seguida para os dutos em direção ao terreno, impedindo que as águas de chuva caíam diretamente na rua. Essa técnica diferencia-se das construções da arquitetura tradicional, pois os telhados eram menos elaborados (geralmente em duas águas) fazendo com que as águas de chuva caíssem diretamente na rua.

Figura 56: Estrutura de um telhado de 4 águas – telha francesa e a composição do telhado na representação gráfica em perspectiva do edifício escolar



Fonte: Montenegro - Desenho Arquitetônico, IHGSV e Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

Esse tipo de cobertura permitiu o uso da platibanda ornamentada de acordo com elementos da arquitetura neoclássica, que rodeia todo os quatro lados do edifício, partindo da fachada do edifício pelo frontão.

A análise que fazemos da fachada e dos lados externos do Edifício Escolar da Escola do Povo, se define no abraço da beleza da simetria, da elegância das colunas clássicas, da majestade dos frontões e da monumentalidade da escadaria.

Elementos estilísticos e simbólicos, típico das construções urbanas do século XIX e XX no Brasil, no Estado de São Paulo, interior e litoral do estado; que chegou mesmo a invadir planos de construções precedentes da invasão estilística suscitada

pelo espírito importador que se apossou da classe dirigente do café a partir da República.

Um partido simbólico e estilístico que iria permitir uma margem de soluções variantes de grande interesse arquitetônico. O tratamento destes elementos estilísticos e simbólicos com a combinação da divisão de classes sociais, políticas e econômicas cedem às intenções decorativas que prevalecem, ao menos visualmente.

A construção em tijolos, facilita a elaboração ornamentada na fachada, trazendo uma enumeração, mesmo sumária, destes novos elementos de fachada as platibandas rematando todo o entorno do edifício, os revestimentos lisos e em relevo e decorados com elementos classicistas.

As características da arquitetura do Edifício Escolar da Escola do Povo apresentam um estilo uniforme. Muitos arquitetos do neoclassicismo formados em universidades da Europa, ensinavam um estilo bastante similar. Buscam retornar ao classicismo, proporção e simetria era a base da característica, valoriza elementos típicos da antiguidade clássica, como pórticos com colunas, cúpulas, fachadas retas e frontões; privilegiava a simplicidade composicional e espacial; as construções eram usadas como símbolo de autoridade e de poder; utilizavam materiais nobres e importados.

A escadaria em curva do Edifício Escolar da Escola do Povo nos chamou muita atenção durante a nossa investigação e leitura deste elemento em específico. A leitura discorreu como elemento isolado, elemento em conjunto, elemento de época, elemento simbólico, elemento estilístico, elemento estético e elemento decorativo.

Tantas classificações podemos atribuir a tal elemento que não seria correto classificá-lo como um único estilo; pois nele está impresso muitas possibilidades de leitura, inclusive como um elemento meramente ornamental e alegórico isolado ou

no conjunto, comum no barroco, no rococó e no eclético; dois estilos que antecedem e o último que procede o classicismo.

Para compreender o Edifício Escolar é necessário entender os espaços externos e a relação desses espaços já analisados com os internos; pois eles se complementam em si, construindo um conjunto arquitetônico, que o distinguirá de outros edifícios escolares.

Por não ter localizado o projeto arquitetônico original do edifício escolar – Escola do Povo durante as investigações, não sabemos a configuração original da planta do edifício escolar, hoje incorporado a outros blocos de edifícios construídos sucessivamente em períodos posteriores; o projeto foi alterado integralmente no seu interior e parcialmente no seu exterior.

Foi necessário desmembrar o edifício escolar da Escola do Povo dos demais blocos de edifícios do conjunto arquitetônico, implantado atualmente no terreno. Utilizamos os seguintes critérios: O primeiro bloco do edifício da Escola do Povo foi separado do bloco do edifício do Grupo Escolar e os dois isolados dos demais blocos de edifícios que foram agregados ao conjunto, sem o menor critério de composição arquitetônica. Dessa forma, verificaremos algumas características em comum da Escola do Povo com as demais escolas projetadas e construídas no mesmo período estudado.

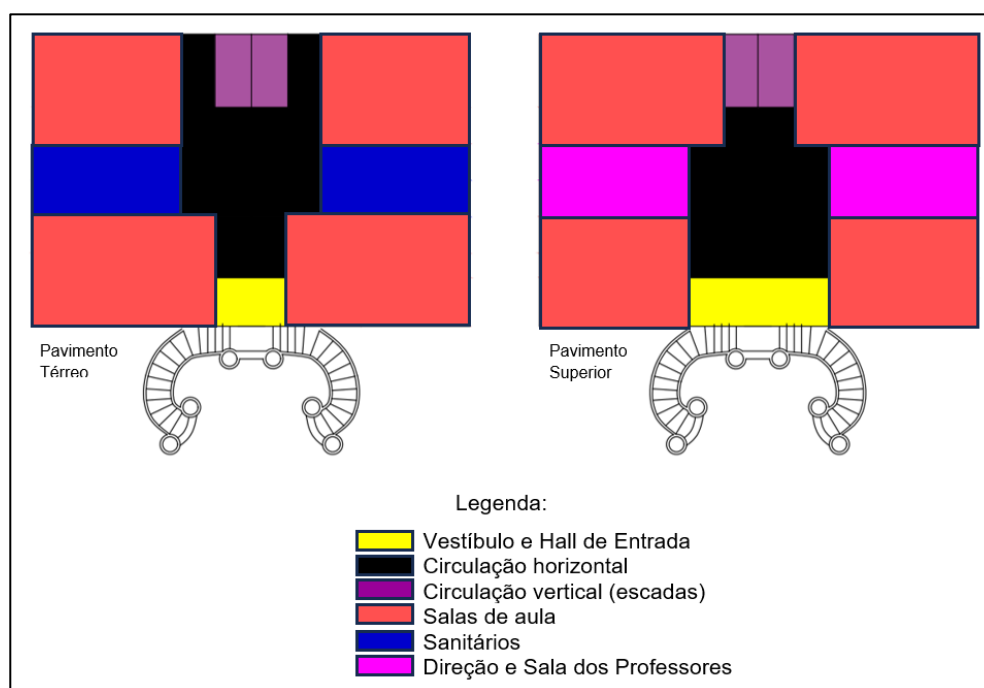
Para as escolas de dois andares em dois andares, como é o caso dos edifícios projetados até 1902 e os grandes grupos escolares localizados na capital e nas cidades de maior porte do interior, **essa divisão (entre meninos e meninas)** é feita por pavimento. Acrescido palavras, entre parênteses e grifo do autor (FERREIRA, 1998, p. 18, grifo nosso).

Para desenvolver uma análise mais coerente dos dados, reconstruímos graficamente duas possibilidades de disposição dos espaços e divisões internas nos dois pavimentos do Edifício Escolar – Escola do Povo, tendo como base a própria volumetria do edifício, programa do currículo e prática escolar daquele período histórico republicano e outros projetos de edifícios escolares daquela época, investigados durante a pesquisa.

Ao adentrar a materialidade expressa pelo Edifício Escolar não podemos negar que a importância de alfabetizar as crianças foi crucial para aquela geração. Naqueles edifícios escolares estavam incorporados os valores republicanos reafirmando o novo regime. Na verdade, eles viam na alfabetização um papel social significativo para a transformação da sociedade.

Pautados nessa premissa, em conjunto com a análise da fachada do Edifício Escolar, vejamos a primeira possível configuração dos espaços internos do Edifício Escolar da Escola do Povo (Figura: 57).

Figura 57: Reconstituição – 1ª Possibilidade da Planta do Edifício Escolar no ano de 1898



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

A primeira possibilidade de disposição de espaços, apresentado na planta acima, consideramos que o edifício escolar, por ter dois pavimentos (térreo e o superior), teria uma escada interna, o que viabilizaria a circulação interna dos alunos e professores.

A entrada pelo pavimento térreo se dá pela porta entre a escada em curva, adentrado ao edifício, os usuários são recepcionados pelo hall ou vestibulo, em seguida um corredor que divide as salas de aula e sanitários entre as salas de aula, aos fundos do edifício interno se encontra a escada com duas portas, uma de cada lado da escada, dirigindo os usuários, para o pavimento superior ou para o lado externo posterior do edifício escolar.

O pavimento superior é acessado pela escada em curva, direciona os usuários para o hall de entrada; adentrando ao edifício existe um grande hall que ajuda a





professores, pois teriam acesso apenas ao pavimento superior através da escada em curva.

A entrada pelo pavimento térreo se daria, pela porta que se encontra entre as escadas em curva, já adentrado ao edifício, eram recepcionados por hall ou vestíbulo, em seguida um corredor que divide 04 salas de aula, duas de cada lado, de tamanhos iguais e maiores que a primeira proposta.

Consideramos que os sanitários se encontram do lado externo, sem relação com o conjunto do prédio, como apresentado em alguns projetos de edifícios escolares daquele período, com uma sala para professor e ou diretor em frente a porta principal, a circulação dos alunos e professores entrada e saída se dava por uma única porta.

O pavimento superior é acessado pela escada em curva, direciona os usuários para o hall de entrada; adentrando ao edifício existe um grande hall que ajuda a distribuir 02 salas de aula maiores ao fundo, divididas por uma sala de professor ou diretor, mais 02 salas de aula menores nas laterais, segunda possível configuração do edifício escolar.

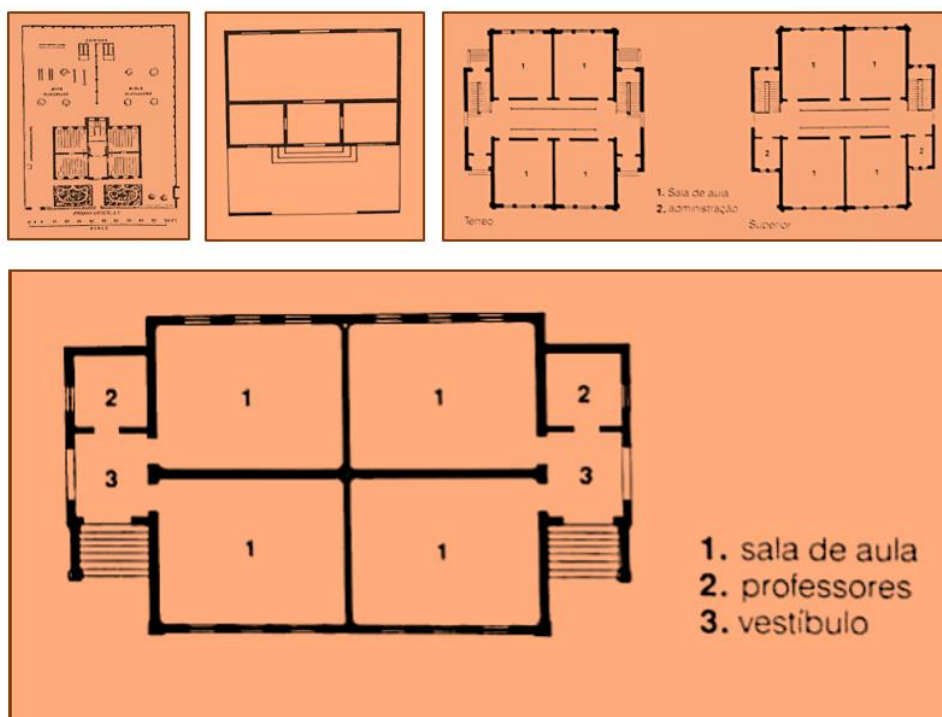
A proposta das duas possíveis configurações do Edifício Escolar da Escola do Povo em São Vicente também se originou através de leituras do Anuário do Estado de São Paulo 1907, 1908, 1909 e 1910, que nos proporcionou um entendimento sobre as configurações e características dos tipos de escolas que o Estado classificava.

**Escola Reunidas** - A nossa legislação escolar nada dispõe relativamente á criação e organização destes estabelecimentos de ensino. Eles não constituem, com effeito, um typo escolar próprio, a não ser sob o ponto de vista quantitativo ou de reunião material de escolas em um mesmo prédio. Assim funcționaram as primeiras escolas reunidas do Estado, tendo cada qual a orientação que lhe procurava imprimir o respectivo professor, sem nenhuma organização commum que lhes desse um cunho geral de unidade. Modernamente, porém tem o Governo procurado adaptar, tanto quanto possível, estas escolas ao regimen em pratica nos grupos escolares, dando-

lhes directores e estabelencendo a divisão do trabalho, isto é, a distribuição dos alumnos por annos, segundo o grau de adiantamento delles. A escripturação destas escolas tambem não diverge, senão em pontos de detalhes, da dos grupos escolares. **Escolas Isoladas** A legislação escolar vigente sobre estes institutos de ensino: compreende: [...] Segundo o Regulamento de 30 de Setembro de 1904, as escolas isoladas classificam-se – escolas ambulantes, escolas situadas em bairros ou sedes de districto de paz e escolas situadas em sede de município. Da primeira categoria não existe nenhuma escola provida. O numero total de escolas providas das duas outras categorias é, em todo o Estado, de 1.276, sendo 1.139 no interior e 137 no município da Capital. Não estão incluídos neste computo os cursos nocturnos providos, que são em numero de 22, sendo 20 no interior e 2 na capital. **Escolas Isoladas** do Interior - Relação das cadeiras providas e vagas em 31 de Março de 1908. S. Vicente - **ESCOLAS PROVIDAS** = Sexo masculino - Cidade, 1ª – Pedro de Jesus, intermédio; 2ª – Ataliba Antonio de Oliveira, normalista, Praia Grande, 1ª – Leonidas Bellegarde, complementarista. - Sexo feminino - Cidade, 1ª – D. Amelia P. do Valle Moura. Normalista; 2ª – D. Idalina Viegas, complementarista Praia Grande, 1ª – D. Christina Pia, normalista. **ESCOLAS VAGAS** - Masculina: - Praia Grande, 2ª. Feminina: - Praia Grande, 2ª. **ESTABELECIMENTOS SUBVENCIONADOS**. Existem em S. Paulo 42 instituições de ensino privado subvencionadas pelo Estado, sendo 18 na Capital e 24 no interior. Com taes auxílios despende a Fazenda Pública Rs. 435:300\$000 (Anuário do Estado de São Paulo, 1907, 1908, 1909 e 1910, grifo nosso).

Na categorização e informação elaborada pelo estado no ano de 1908, verificamos que a Escola do Povo, era classificada como Escola Isolada. Levando-nos a entender que o Edifício Escolar da Escola do Povo, ainda que classificado como Escola Isolada, a dimensão e a disposição dos espaços se igualam aos edifícios dos Grupos Escolares projetados e edificados pelos Arquitetos contratados pelo Governo Estadual, como verificaremos nas imagens a seguir, identificados da seguinte forma: Escola Pública Europeia, Escola do Povo em Campinas, Conjunto de Escolas - Escola Modelo de Itapetininga (1894) e Grupo Escolar de Campinas (Ramos de Azevedo), Grupo Escolar de Araraquara, Botucatu, Piracicaba, Espírito Santo do Pinhal, Jaboticabal, Taubaté, Araras, – (Victor Dubrugras), Escolas Reunidas de Ribeira, de Ribeirão Branco (Alexandre de Batisti) e Santa Branca (Capelache de Gusbert) - 1912.

Figura 59: Configuração de projetos desenvolvidos em diferentes décadas do período em estudo



Fonte: Wolff, 2010 – (2025)

A elaboração e reconstituição da planta do Edifício Escolar - Escola do Povo, foi desenvolvida a partir da leitura visual e volumétrica do edifício escolar, legislação estadual mais a pesquisa e levantamentos de algumas plantas de outros edifícios escolares, desenvolvidos nos trabalhos de Wolff (2010), contribuíram para a reconstituição das possibilidades de estruturação do espaço escolar.

O Edifício Escolar da Escola do Povo, sofreu sucessivas mudanças em denominações consequentemente na estrutura do Edifício Escolar, temática retratada por Braga (2019) na dissertação intitulada “Um monumento para educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913”, utilizando como metodologia investigativa: documentos escritos e iconográficos que possibilitaram reconstruir o

processo histórico do Edifício Escolar da Escola do Povo. Verificamos ainda o processo de implantação e construção da Escola do Povo e sua transição para o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente.

#### 5.4. TRANSFORMAÇÃO NO ANTIGO EDIFÍCIO - TRANSIÇÃO PARA "GRUPO ESCOLAR DE SÃO VICENTE" (1913)

O processo de transição da Escola do Povo para o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente, ocorreu semelhantemente a de outras escolas do Estado de São Paulo. A implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo, ocorreu pela grande necessidade de implantar na educação símbolos e valores republicanos. Neles estariam personificados o ideário político econômico e social; pois representam o modelo da escola primária moderna.

Inspetores e comissões do governo, realizavam relatórios das viagens que faziam pelo interior do estado, analisando e avaliando as condições físicas das escolas isoladas e dos grupos escolares.

**COMISSÕES ESPECIAIS** - Em **relatorios apresentados** duranteo anno, já dei conta a V. Ex<sup>a</sup> de taes serviços que, em resumo, foram os seguintes: a) **exames de prédios** e de **terrenos** destinados a **grupos escolares** e **escolas isoladas**; b) visitas a estabelecimentos de ensino subvencionados pelo Estado; c) reuniões de escolas e instalações de classes em grupos do interior (Anuário do Estado de São Paulo, 1907, 1908, 1909 e 1910, grifo nosso).

No relatório do inspetor é notório sua percepção para potencializar os agrupamentos escolares, retando que, ao formar os grupos escolares, todas as escolas da cidade deveriam ser incluídas a eles. Este modelo de escola é

considerado mais econômico e contribui para o ideal republicano de promoção da educação popular. Não é coincidência que esses grupos sejam formados em áreas urbanas, pois eles têm a capacidade de se reunir no mesmo local, dentro de uma lógica pedagógica e administrativa.

[...] Há actualmente **grande numero** de localidades que, tendo **grupo escolar** regularmente montado, **continuam** a possuir mesmo nas proximidades daquelles estabelecimentos, **cadeiraisoladas** providas. **Não** parece **regular** que ao **criar-se** um **grupo escolar** se deixe de lhe **anexar** as **escolas da cidade**, contribuindo assim para o desprestigio desses professores perante a população, e augmentando a despesa. [...] Assim, além de dar-se **ensino** a **maior numero** de **alunos** com insignificante aumento de despesa, poder-se-iam **eliminar** as **escolas isoladas** nas **localidades** onde **existem grupos**, transferindo-as para outros logares onde mais necessarias fossem (Anuário do Estado de São Paulo, 1907, 1908, 1909 e 1910, grifo nosso).

As instruções do governo estadual intermediada pelos inspetores incentivaram os municípios a aplicarem outras mudanças nos modelos para essa nova escola; em consequência disso os municípios se viam obrigados a se adequar. Foi de interesse dos prefeitos e vereadores implantar essa nova estrutura educacional, pois tais ações colocariam o município numa categoria de ascensão social, política e econômica.

Esse processo implantação ou de transição para o novo modelo de escola ocorreu na capital, nas cidades do interior do estado e nas cidades do litoral paulista. Para a implantação do Grupo Escolar no município de São Vicente, unificaram todas as escolas do município dentro do Edifício Escolar da Escola do Povo, como registrado pela imprensa estadual.

CORREIO PAULISTANO - Quarta-feira, 22 de julho de 1910 – Santos - ESCOLAS DE S. VICENTE - Santos, 21. – Vão ser **reunidas** no **edifício da Escola do Povo**, de S. Vicente, **todas as escolas** existentes naquella **cidade** (Correio Paulistano, 1910, p. [-], grifo nosso).

Nesse contexto, se tornou necessário, estabelecer o papel do diretor de escola, responsável por organizar todo o trabalho pedagógico e docente, esse agente administrativo quando a proposta educacional busca dividir as salas de aula em séries. Cada grupo de estudantes terá uma série com um currículo de ensino específico, e também uma estrutura temporal bastante estrita, como, horário de aulas (entrada, saída e intervalos), ano letivo e férias.

S. VICENTE - **Grupo Escolar de S. Vicente** - Installado em 1912 - **Funciona em 1 periodo, com 8 classes - Matricula em 1913: 365 alumnos. Frequencia média: 169>>** Director: Antonio de Mello Cotrim, normalista. ADJUNTOS: Domitilla da S. Menezes, normalista. Amelia P. do Valle Moura, normalista. Ozorio Bella, normalista. Carlos Borba, complementarista. Aracy Nogueira Wutker, normalista. Idalina Viegas, complementarista. Maria A. Q. Moreira, normalista. Lucia Bressane, normalista. (Sem regência de classe) Ducilia C. Mattos Dias. Anezia Salles. (Anuário do Estado de São Paulo, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912 e 1913, grifo nosso).

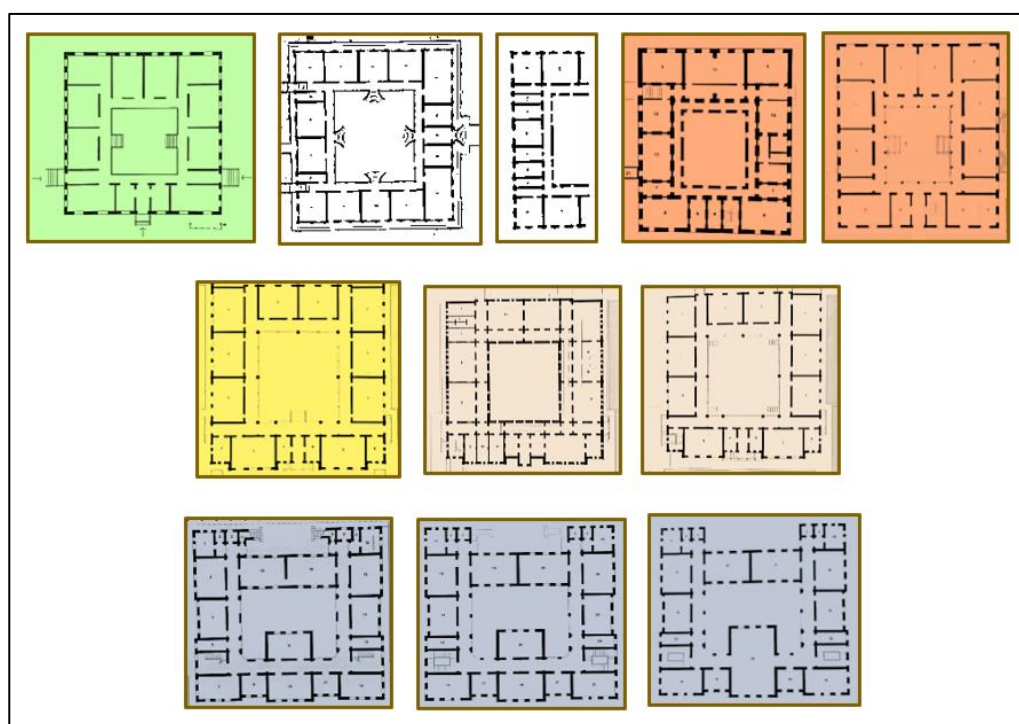
Toda essa estrutura temporal claramente determinada do modelo educacional racional e de controle do final do século XIX, foi benéfica para a educação popular; pois ele atendia aos ideais de ensinar muito e muitos em pouco tempo, como pudemos observar nos levantamentos apresentados até agora.

#### 5.4.1. Características Arquitetônicas (Estéticas e Simbólicas) das transformações do Edifício Escolar – “Grupo Escolar de São Vicente”

Entendemos então que essas escolas passaram a ter um espaço próprio, construído dentro dos padrões mais refinados e modernos daquele período aumentaram as suas dimensões devido ao números de salas de aulas e bibliotecas, laboratórios, administrativo entre outros espaços necessários para o funcionamento

racional do espaço escolar, exemplos do: Projeto Modelo – EEPSPG Dr. Alfredo Pujol – Pindamonhangaba (1901), EEPG Dr. Jorge Tibiriça – Bragança Paulista (1905) - José Van Humbeeck, EEPG Vaz Caminha – Iguape (1909), EEPG Barão de Monte Santos - Mococa (1909) – EEPG Dr. Cesário Bastos – Santos (1911) - Manuel Sabater, (Figura: 60) como representados em alguns grupos escolares, que apresentamos a seguir.

Figura 60: Tipologia das Plantas com pátios internos nos projetos para os Grupos Escolares do Estado de São Paulo – (seis distintos modelos de espaços escolares)



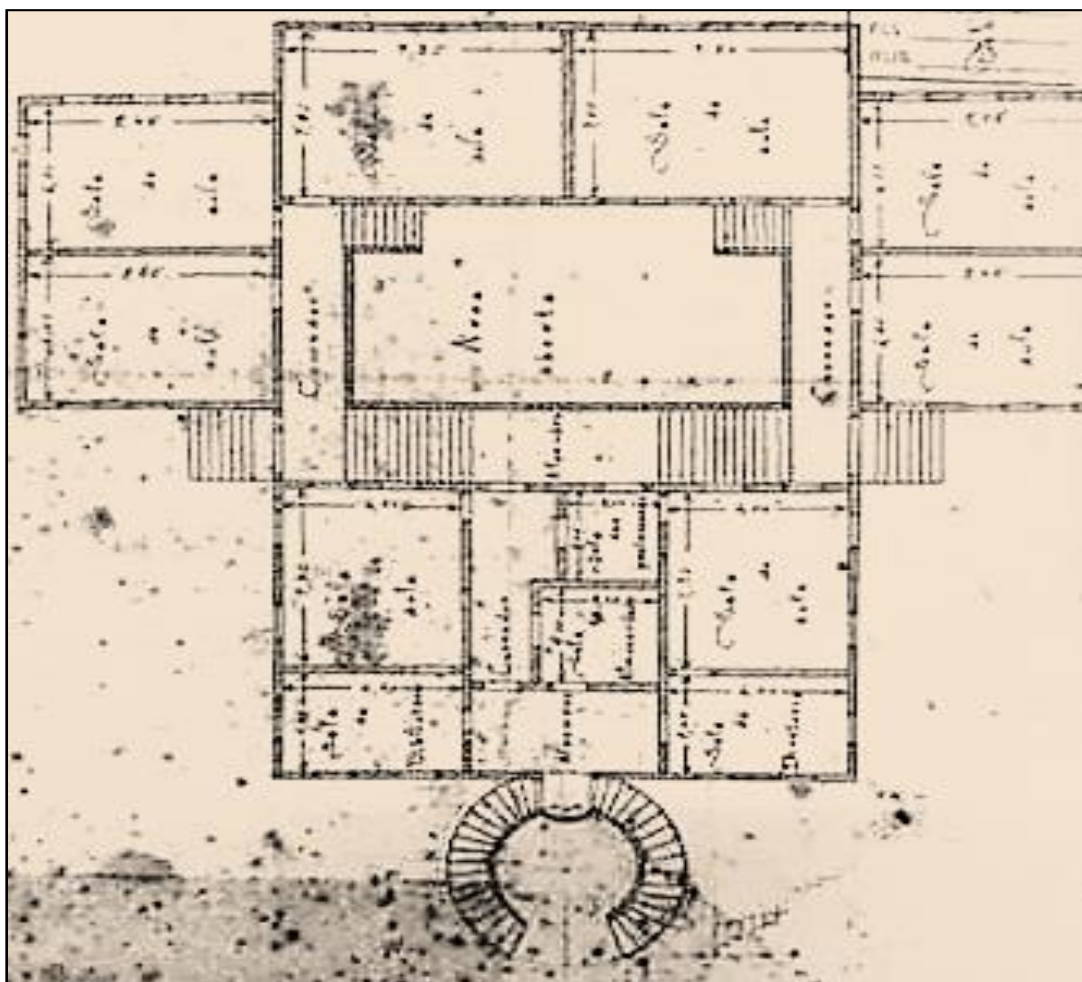
Fonte: Wolff, Buffa, Corrêa e Ferreira (2025)

Nos modelos das plantas apresentadas acima, independentemente da volumetria dos edifícios; térreos, com porão, subsolo, dois andares ou três andares, verificamos o seguinte: os projetos são modulares, a simetria contribui para divisão das alas (masculina e feminina); salas de aula com as dimensões maiores dos outros espaços, o acesso é realizado por corredores que ladeiam as salas de aula,

laboratórios, sanitários e administração: esse tipo de configuração de planta permite inserir um pátio central interno.

Em relação ao Edifício Escolar da Escola do Povo, verificamos que o edifício existente abriga um número de alunos inferior a proposta que os Grupos Escolares estavam abrigando, o que acarretou a necessidade de ampliação nos espaços escolares do Edifício Escolar, como apresentado abaixo o registro documental de uma única cópia da planta de 1911.

Figura 61: Planta do Edifício Escolar do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente – 1911



Fonte: Etec Dra. Ruth Cardoso (2018)



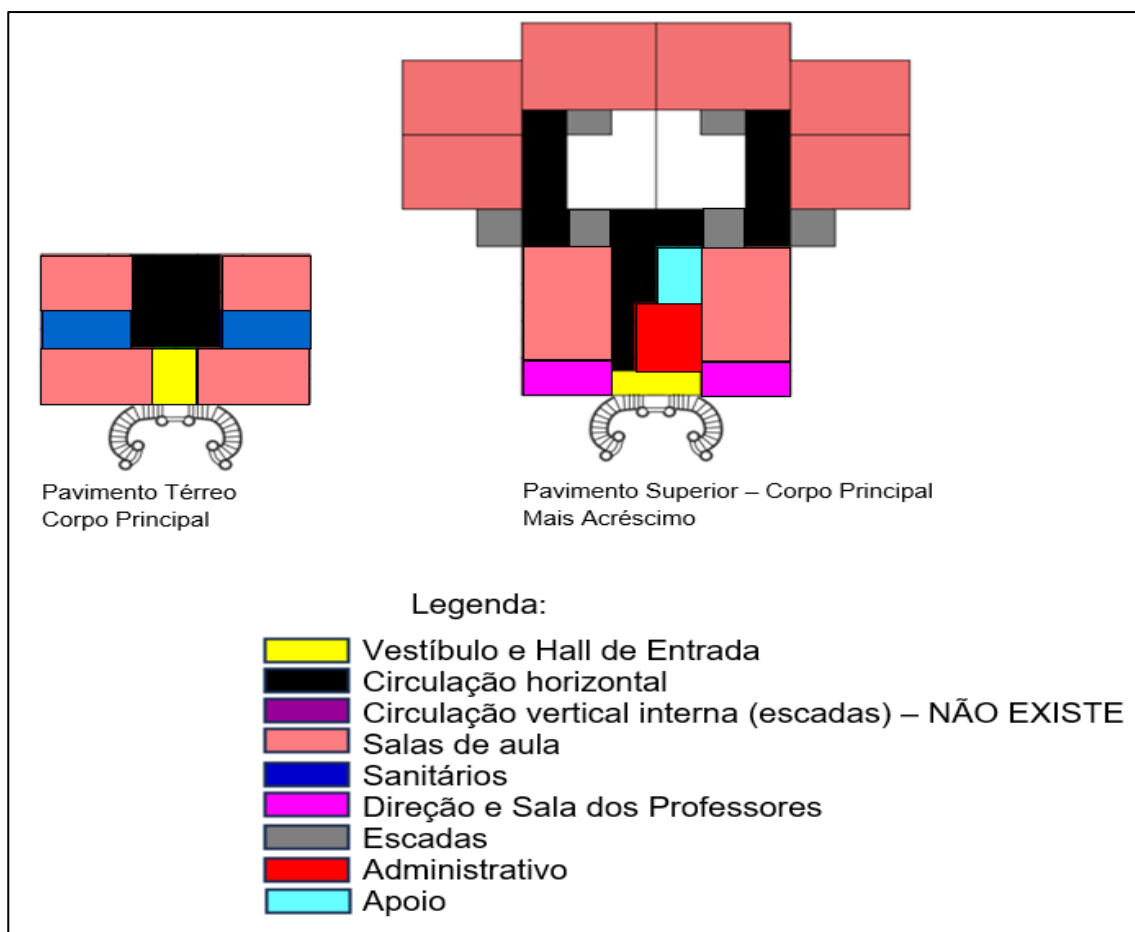
Ao analisar a planta acima, verificamos que houve um acréscimo de área no lado posterior do terreno e, conseqüentemente, do edifício escolar. A planta desse novo edifício tem uma composição de disposição no formato em “U”, configurando a segregação dos espaços nas alas masculinas e femininas.

O novo edifício construído em alvenaria de tijolos, taboado em madeira, as partes de escadaria e piso de concreto, com ladrilhos hidráulicos com mosaicos estampados, se elevam do terreno através de um porão abaixo em todo o novo edifício como sugerido para essas novas, todos os ambientes providos de janelas envidraçadas e portas em madeira com bandeira envidraçada.

A planta desse novo projeto se agrega ao edifício anterior construído através de um pórtico com 2 arcos plenos maiores e 2 menores abaixo de um grande patamar que se dirige a duas escadarias ligadas aos corredores cobertos com gradis em ferro fundido ornamentado, compondo na sua totalidade um pátio central interno, uma das características marcantes em alguns Grupos Escolares do Estado de São Paulo, apresentados anteriormente nesta tese.

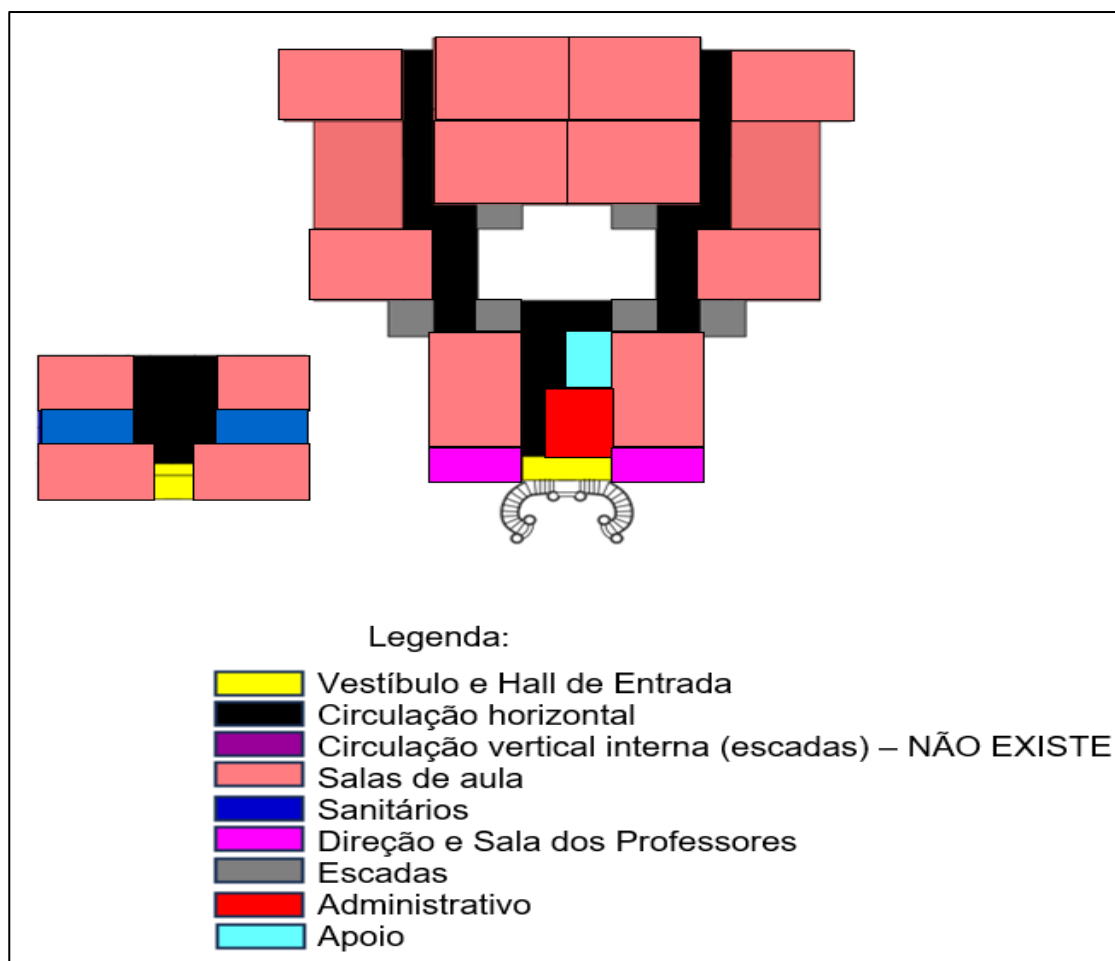
Apresentamos, a seguir duas reproduções gráficas das possibilidades dessa nova estrutura de Edifício Escolar (Figuras: 62 e 63), tendo em vista que a planta encontrada não apresenta o pavimento térreo e, ainda, ela não reflete os levantamentos “in loco”.

Figura 62: Primeira Reprodução de Possibilidade para o Acréscimo do Grupo Escolar com o Pavimento Térreo do Edifício Anterior



Fonte: Acervo Pessoal – Elaborado pelo Autor (2025)

Figura 63: Segunda Reprodução de Possibilidade para o Acréscimo do Grupo Escolar (com maior número de salas) com o Pavimento Térreo do Edifício Anterior



Fonte: Acervo Pessoal – Elaborado pelo Autor (2025)

A elaboração das representações gráficas anteriormente apresentadas tem como objetivo entender como os projetos foram elaborados para agregar um edifício novo a um já construído. É sabido que o governo estadual contratava profissionais para desenvolver esse tipo de atividade, desde a construção de novos edifícios até o acréscimo de um novo a um existente.

Verificamos também que tiveram muitos profissionais que participaram desse projeto governamental, sendo os primeiros profissionais nessa categoria: Ramos de Azevedo e Victor Dubrugras, apresentados em outras pesquisas sobre Edifícios Escolares do final do século XIX e início do século XX.

Não foi encontrado nenhum registro, apenas especulações de qual profissional qualificado projetou e executou o Edifício Escolar da Escola do Povo, no entanto acreditamos que no acréscimo para implantação do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente, recorreram a esses profissionais do governo estadual.

Tal suposição acima citada, decorre da nossa leitura visual na estrutura volumétrica, materiais empregados, estética e símbolos impressos no Edifício Escolar anterior e no novo. Tal impressão tornou-se tão significativa que uma pessoa leiga, não consegue distinguir a diferença entre o edifício escolar construído em 1898 e o acréscimo em 1911.

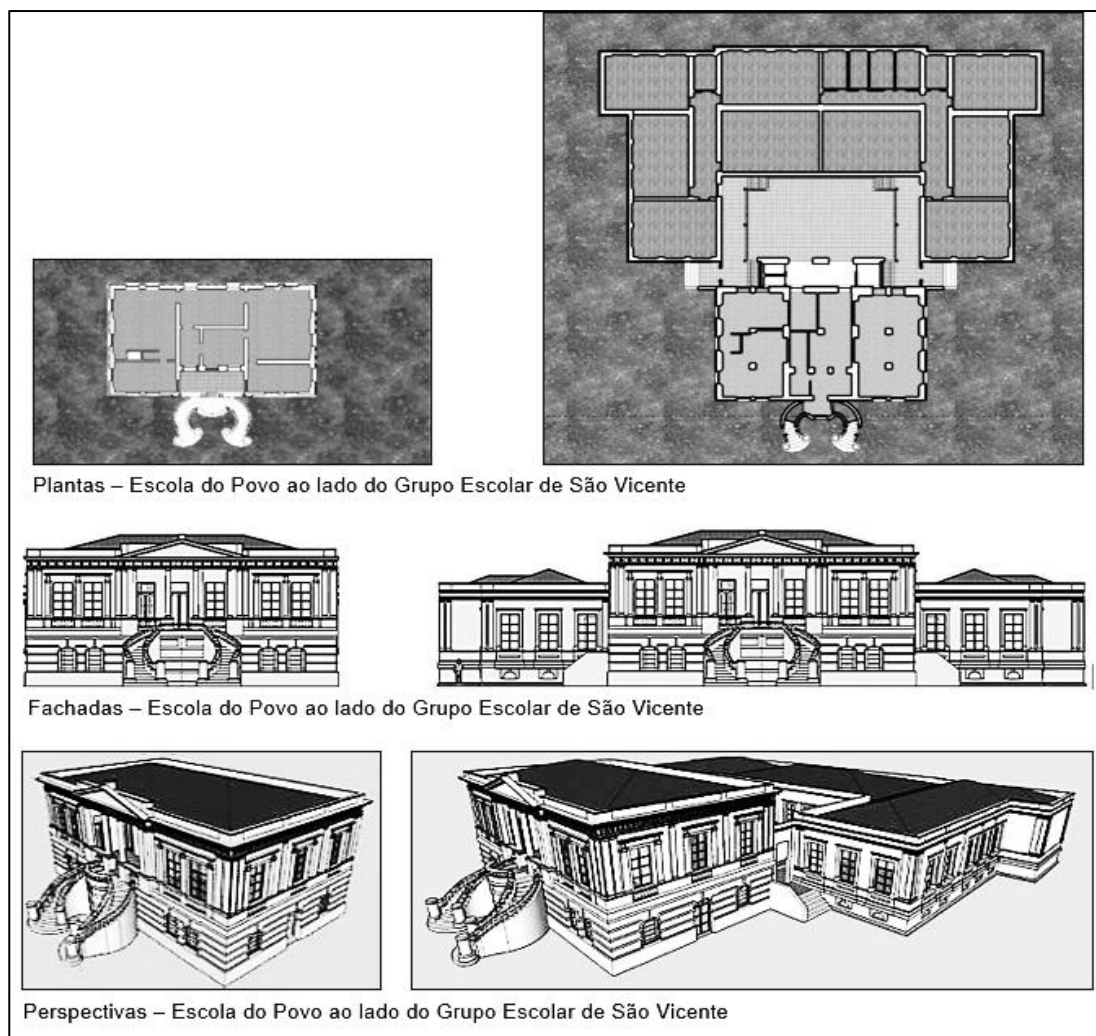
O texto de Walbe (1995), expressa integralmente o que ocorreu no processo de transformação no Edifício Escolar da Escola do Povo para a implantação do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente (Grupão).

**[...] Essa nova construção, ao se integrar harmoniosamente com o edifício antigo, manterá relações volumétricas com o mesmo, sem concorrer com ele e valorizando-o na paisagem. Haverá também a necessária relação espacial entre ambos, que se impõe para o funcionamento da escola. As soluções dadas nos projetos [...], muitas vezes são emprestadas do antigo galpão de recreio, isto é, são volumes independentes ligados ao prédio antigo por circulações cobertas, funcionando as vezes como cenário para o mesmo (WALBE, 1995, p. [-], grifo nosso).**

Desenvolvemos outro estudo através de reprodução gráfica (Figura: 64), sobre o processo de transformação do Edifício Escolar, demonstrado que a volumetria do edifício posterior agregada à volumetria do edifício anterior não

interferiu na composição e, sim, contribuiu nos ideais republicanos para esse novo projeto de escola.

Figura 64: Reprodução Gráfica (Plantas, Fachadas e Perspectivas) do Edifício Escolar da Escola do Povo – 1898, ao lado com acréscimo do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente – 1911



Fonte: Acervo Pessoal – Elaborado pelo Autor (2018)

A reconstituição gráfica do Edifício Escolar se faz presente em todo o processo da pesquisa desta tese. Tendo em vista que a leitura, reflexão e análise de documentos iconográficos fazem parte do método de investigação, apresentar novos registros iconográficos terá grande importância para outras investigações, não apenas desse Edifício Escolar, como também para outros.

## 6. ANÁLISE CRÍTICO - REFLEXIVA

O processo investigativo, reflexivo e crítico analítico no decorrer desta tese, teve como principal objetivo, aprofundar o debate da arquitetura escolar republicana, através da estética e dos símbolos; assim como ocorreu a transmissão dessa produção de saberes junto à comunidade caiçara, representada nesta tese pelo Edifício Escolar (Escola do Povo – Grupão) no município de São Vicente, litoral de São Paulo.

Abordamos os seguintes assuntos: Memória e Cultura Material Escolar Republicana, Estética e Símbolos Republicanos, Região do Litoral Paulista, Cultura Caiçara, Arquitetura Escolar e Projeto Educacional Republicano e por fim Processo de Implantação e Ampliação Edifício Escolar (Escola do Povo – Grupão), apresentando dentro dessas temáticas a relevância da estética e dos símbolos impressos no imaginário do povo, como Carvalho (1990) descreve:

[...] ouve entre nós **batalha de símbolos e alegorias**, parte integrante das **batalhas ideológica e política**. Tratava-se de uma batalha em torno de uma imagem do novo regime, cuja finalidade era **atingir do imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos**. [...] A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por **meio do imaginário** que se podem atingir não só **a cabeça**, mas, de modo especial, **o coração**, isto é, **as aspirações, os medos e as esperanças de um povo**. É nele que as **sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro** (CARVALHO, 1990, p. 10 e 11, grifo nosso).

Dessa forma, entendemos que os símbolos imagéticos estão profundamente enraizados na sociedade republicana e sempre evocam o ideário social, político e econômico daquele período histórico. Muitas vezes eles expressam o que foi

estabelecido, imposto ou aceito naquela comunidade, independente da sua dimensão. Esses símbolos, tem como finalidade levar a comunidade viver em uma espécie de norma, como um senso comum, convertendo-as para essa sociedade republicana.

### 6.1. Origem da cultura caiçara – Proposta do ideário republicano

Deixamos esse momento para aprofundar nosso debate sobre a Cultura Caiçara (Figura: 65), considerando que os argumentos discutidos anteriormente buscaram auxiliar na visualização do cenário contextual da materialização do ideário republicano.

Figura 65: Representações da Cultura Caiçara do século XX: pesca na Praia Grande 1940 - Annita Mafalti e menino jogando tarrafa – década 70



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)



Retratamos anteriormente a historiografia do ideário republicano através do olhar de alguns pesquisadores que, em sua maioria, apresenta essa temática como um período da implantação do progresso nacional, utilizando a instrução popular como um elemento que viabiliza educar e civilizar uma população precisa (Figura: 66).

Figura 66: Símbolos, Valores Estéticos e Modelos de Escola Republicana no Brasil (Quadro de Pedro Bruno e Escola Caetano de Campos)



Fonte: Museu da República e CRE Mário Covas (2025)

Damos início ao nosso debate a partir do recorte do texto “A dívida republicana” de Carvalho (1989), em que a autora escreve que, para realizar o progresso, a Escola era o signo dessa instauração, entretanto, no século XIX, refletiu a sociedade republicana excludente:

Nele se forjava projeto político autoritário: educar era obra de moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridade para promovê-los. Perpassava fortemente o imaginário destes entusiastas da

educação o tema da amorfia. Referido ao país, marcava-o como nacionalidade em ser a demandar o trabalho conformador e homogeneizador da educação (CARVALHO, 1989, p. 09 e 10).

Apresentamos anteriormente, acerca do empenho de políticos, comerciantes, homens e mulheres da elite vicentina, para a implantação, construção e ampliação do Edifício Escolar no município. O fato que nos chamou atenção foi a ausência de registros, em jornais e fotografias do período investigado sobre a solicitação da comunidade vicentina ou, por melhor dizer, comunidade caiçara (Figura: 67).

Figura 67: Ideário Republicano no Litoral Paulista: Rui Barbosa – Jornalistas “Diário de Santos”, Benedito Calixto e elite paulista e vicentina “crianças da elite”



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Trazemos aqui uma questão: a sociedade burguesa paulista, santista e vicentina representa toda comunidade vicentina a comunidade caiçara ou de pescadores? Essa questão nos causa uma estranheza e traz uma inquietação, porque a história dos caiçaras está retratada por uma elite republicana, que os olhava como uma comunidade pitoresca e exótica, buscando mascarar o que na verdade é um conceito xenofóbico. Vejamos a nota que antecede a leitura do Livro “Os Caiçaras – Costumes Praianos” de 1917.

#### NOTA

Caiçára é o nome por que são conhecidos em Santos (Estado de S. Paulo) os pescadores que vivem nas praias de mar grosso, até S. Sebastião. **Criaturas simples, rudes, d'uma extrema bondade, arrastam ali, a dois passos da civilização e do progresso**, no costão rico de encantos, farto de peixe seu alimento principal e principal negocio e de terras ferteis para a sua lavoura reduzida mandioca, legumes grosseiros e canna - **a mais primitiva e feliz existencia**, unidos sempre, labutando de parceria, formando como que uma grande familia, differente, em costumes, tendencias e feitio, de todos os mais typos do Estado e mesmo do Brasil. Foi a vida d'essa gente, á qual muito andei ligado, que quiz trazer para este livro. Encontrará o leitor, nas falas das minhas figuras, construcções de phrase, imagens e, principalmente colocações de pronomes, que lhe parecerão erradas. São características, copiadas do natural. Tiral-as, mudal-as, pareceu-me, prejudicaria a verdade dos typos que tracei. B. C. (COELHO, 1919, p. 3, grifo nosso).

Lembramos ainda, que no dicionário a palavra “caiçara” significa: indivíduo malandro, vagabundo; pessoa muito estúpida, bronca; inútil, sem serventia; caipira asselvajado; matuto bronco; nativo ou habitante do litoral, em especial pescador, que vive de modo rústico. Todas essas características apresentadas pelo dicionário estão impressas no inconsciente coletivo. Marcílio (1986), em um primoroso trabalho investigativo sobre as populações do litoral paulista, descreve:

Sendo pobres, iletrados em sua maioria, moradores da periferia, das periferias do mundo colonial, quase toda a história destes agricultores-pescadores humildes não foi registrada, nem por eles, nem por seus dominantes. E justamente aí reside a grande dificuldade e o grande desafio de se pretender fazer a história dos vencidos, dos povos “sem história”. [...] Entramos pela senda de uma história-de-denúncia, procurando mostrar pela realidade histórica do complexo humano que se formou nas terras do litoral das roças e da pesca, as consequências ecológicas e humanas que a devastação e a ganância atuais (do capitalismo selvagem que tudo devora e destrói) estão produzindo. Com o caiçara houve sempre uma relação de respeito e de equilíbrio entre o homem e a natureza (MARCÍLIO, 2006, p. 18 e p. 24).

O relato de denúncia da autora não a impediu de fazer um trabalho de levantamento histórico demográfico significativo para reconstrução e reconhecimento da comunidade caiçara antes desconhecida, como tantas outras existentes no território brasileiro (Figura: 68).

Figura 68: Características da População do Litoral (Miscigenação – em sua maioria indígenas e negros “escravos”) – “Crianças – Convívio Social”



Fonte: Páginas de Sites – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Com a instauração da República e o fim da escravidão, ocorre a maior transformação no cotidiano. Era de se esperar uma mudança nas relações sociais, no entanto, a abolição não foi precedida por políticas efetivas de inclusão social ou econômica, o que aprofundou a marginalidade.

Os antigos escravos foram tão negligenciados que saíram a vagar pelas estradas e cidades, amontoando-se em barracos semelhantes às Senzalas, dando origem às favelas; ainda nesse contexto, os imigrantes eram considerados como trabalhadores revigorados, mais aptos para o trabalho na agricultura e na indústria.

As crianças nascidas neste ambiente, muitas delas mulatas devido à mistura entre ex-escravos com brancos e mestiços de baixa renda, vivem em condições insalubres. A relação afetiva entre a população carente e suas crianças era tão intensa e até superior aos membros da elite, mesmo vivendo em situações adversárias e sem acesso à escolarização republicana (Figura: 69).

Figura 69: Representação Simbólica da Supremacia Branca em detrimento aos negros escravos



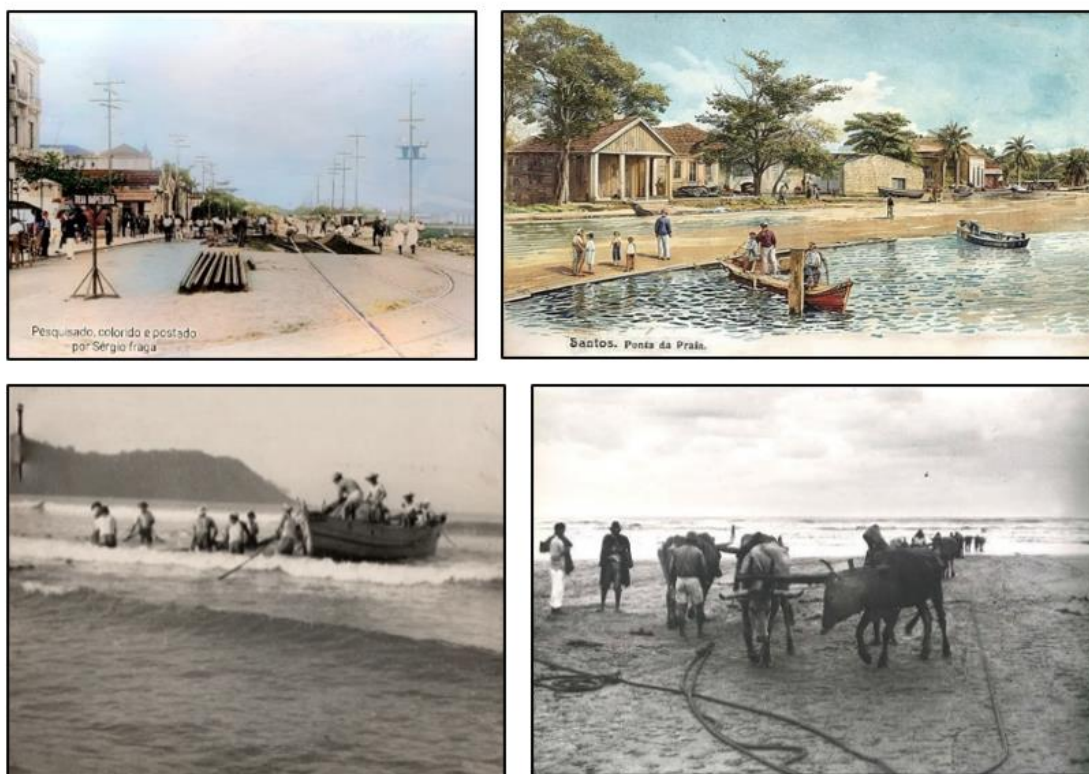
Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Esses espaços de controle, classificavam negros, mestiços e os caiçaras no litoral paulista, como vagabundos e vistos como um obstáculo ao progresso nacional, alimentando um racismo mascarado. Dessa forma, entendemos que durante o período republicano, as relações de poder continuavam desiguais, mas com uma nova roupagem (Figura: 70). Carvalho (1989) retrata essa temática, dentro do contexto histórico onde ela denuncia os republicanos e os abolicionistas pela ausência de políticas públicas.

As teses racistas, que haviam sido articuladas em defesa da imigração, embasando práticas excludentes da participação do liberto no mercado de trabalho dos setores mais dinâmicos da economia nacional, são agora reformuladas. Se a cor da pele permanecia assombrando os novos intérpretes do Brasil que entram em cena nos anos 20, ganhava entre eles a ideia de que a educação era fator mesológico determinante no aperfeiçoamento dos povos, sobrepujando os fatores raciais. As imagens do negro e do mestiço como “vadio” contaminam a inquietar esse imaginário, mas deixam de ser o signo de incapacidade inamovível para o trabalho livre. O liberto e seus descendentes permanecem estigmatizados como criaturas primitivas e por isso propensas a vadiagem. Mas esta passa a ser também o resultado da incúria política de abolicionistas e republicanos que não os teriam adestrado para as imposições da liberdade (CARVALHO, 1989, p. 10 e 11).



Figura 70: Contrastes Sociais – Relação Trabalho Idealizado pela Política Republicana e Trabalho Subsistência da Comunidade Caiçara



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Entendemos que essas tensões sociais do período republicano, ocorreram no litoral paulista através do descaso e da discriminação das elites cafeicultoras junto aos negros, pardos, mestiços, indígenas e caiçaras (Figura: 71). A visão estigmatizada da cultura caiçara como uma cultura primitiva, está representada de forma alegórica na seguinte música.

#### A Novidade

A novidade veio dar à praia na qualidade rara de sereia. Metade um busto de uma deusa maia metade um grande rabo de baleia. A novidade era o máximo do paradoxo estendido na areia. Alguns a desejar seus beijos de

deusa. Outros a desejar seu rabo pra ceia. Oh, mundo tão desigual tudo tão desigual ôôôôô. De um lado este carnaval, do outro a fome total ôôôôô. E a novidade que seria um sonho, milagre risonho da sereia. Virava um pesadelo tão medonho, ali naquela praia, ali na areia. A novidade era a guerra entre o feliz poeta e o esfomeado. Estraçalhando uma sereia bonita, despedaçando o sonho pra cada lado” (GIL e VIANNA, 1986).

Figura 71: “Cultura Caiçara” - Tradicional Residência Caiçara - Relação do Trabalho Comunitário



Fonte: Páginas de Sites – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

A interpretação que fizemos da letra da música acima expressa o sentimento do caiçara. Visitantes adentram o litoral para especular e explorar as possibilidades do território. Movimentos externos que priorizam a exploração económica em detrimento do ambiente natural e da cultura local.

Carvalho (1989) as chamará de populações. A autora apresenta como elas foram estigmatizadas e destituídas de qualquer valor social, porque os formuladores e instauradores do ideário republicano tinham como objetivo regenerar essas populações através do ensino.



Referido as populações brasileiras, proliferava em signos da doença, do vício, da falta de vitalidade, da degradação e da degenerescência. O trabalho é, nessas figurações, elemento ausente da vida nacional. As imagens de populações doentes, indolentes e improdutivas, vagando vegetativamente pelo país, somam-se às de uma população urbana resistente ao que era entendido como trabalho adequado, remunerador e salutar. [...] Regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, torando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação, erigida nesse imaginário em causa cívica de redenção nacional. Regenerar o brasileiro era dívida republicana a ser resgatada pelas novas gerações. (Carvalho, 1989, p. 10).

Com poucos contatos e sentimento de inadequação no espaço urbano construído no período republicano no litoral paulista, em detrimento desse desenvolvimento, os caiçaras se limitaram a poucos pedaços de terras que lhes restaram, onde aproveitam os recursos naturais à sua volta, que resulta numa grande intimidade com o ambiente natural (Figura: 72).

Figura 72: Assentamento Tradicional da Comunidade Caiçara e Trabalho Comunitário – Século XIX



Fonte: Páginas de Sites – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

A comunidade caiçara, por natureza, vive entre o mar e a floresta. Seus territórios - praias e enseadas - são de difícil acesso, o que fazia com que estas

pequenas comunidades preservassem seus valores de grupo. Vive predominantemente da pesca e da caça, muito pouco da agricultura (plantação e colheita). Marcílio (1986) registra que “as populações não têm necessidade de quase nenhum arsenal de técnicas ou instrumentos agrícolas e seu patrimônio é reduzido geralmente à enxada, facão, machado e bastão, para plantar as sementes”.

Ao ler os estudos de Marcílio (1986), entendemos que os saberes transmitidos de geração em geração pelos caiçaras, estão ligados diretamente à educação dos sentidos, diferentemente da proposta da escolarização republicana. Para compreender educação dos sentidos, trazemos Taborda (2019), estudioso de educação dos sentidos e sensibilidades, que nos apresenta a seguinte ideia “a exploração do mundo se dá pela via do corpo – dos sentidos corporais – e é esse o caminho que levaria à consolidação dos processos de formação. Em outros termos, produziria ou transformaria sensibilidades”.

[...] o pensamento não pode subsistir sem o corpo no qual ele se manifesta, e sem os suportes materiais que lhe dão longevidade, embora a tradição formativa ocidental tenha privilegiado o “espírito”, o intelecto, as ideias, o pensamento. Ao mesmo tempo não se trata de ignorar essa dimensão da vida, pois o corpo também se transforma na medida em que sobre ele são produzidas tanto as mais diversas e conflitantes representações, quanto um sem número de ações, em um intercâmbio permanente entre as dimensões físico-materiais e simbólico-culturais (OLIVEIRA, 2019, p. 104).

De modo geral as cidades litorâneas como São Vicente, tinham os seus encontros sociais de maneira muito simples, ao passo que a rica cidade de Santos predominavam as decorações e ornamentos simbólicas no espaço urbano durante realização dos eventos sociais e cívicos. (Figura: 73).

Figura 73: Celebrações do Convívio Social Republicano em Santos - Carro funerário e Inauguração da Monumento Praça da Independência



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2024)

Os movimentos estéticos apresentados no espaço urbano tinham como intenção exercitar os sentidos dos habitantes locais, principalmente nas crianças. Os intelectuais do movimento estético republicano buscavam exercitar os sentidos da comunidade caíçara através das cores, sons, cheiros, gostos, texturas, para que as sensibilidades fossem aguçadas, despertando a curiosidade para se permitissem moldar e educar seus corpos. Tal situação ocorria dentro e fora da escola, pois a escola era uma extensão da cidade como a cidade era uma extensão da escola.

O processo de homogeneização cultural coloca-se, pois, para a escola, como algo necessário frente à profunda heterogeneidade das práticas culturais no interior da cidade, da sociedade. Para realiza-lo busca-se, através de variados mecanismos de **escolarização dos corpos**, a

transformação de corporeidade da criança em corporeidade do (a) aluno (a). (FARIA F<sup>o</sup>, 2014, p. 268).

Como se observa pela citação acima, a escolarização dos corpos da criança transformada em aluno (a), se desenvolve homogeneamente dentro do ambiente escolar e, conseqüentemente aplicado nas relações sociais urbanas que se encontram demasiadamente heterogêneas. (Figuras: 74 e 75).

Figura 74: “Escolarização Urbana” – Homogeneidade Prática Cultural de Civilidade no Ambiente Urbano – Comportamento “Forjado” da Criança em relação a Cidade



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2024)

Figura 75: “Desconexão ao Ambiente Urbano” – Comportamento Natural das Crianças com o espaço em transformação



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2024)

Entendemos que a comunidade caiçara, com tradições locais e suas características próprias de convívio social, desenvolve seus saberes na construção dos sentidos, afetos e sensibilidades; no entanto, tais fatores não ocorrem nos núcleos urbanos, pois a finalidade da construção desse novo espaço social é escolarizar pela cidade, quer dizer: ensinar modos de socializar, morar, trabalhar, aprender – elementos que se tornarão necessários para agregar ou segregar os moradores desse local.

[...] as propostas arquiteturais atuais pretendem tornar o habitar (uma cidade ou uma casa) um mero ato de visão: eu *vejo* a cidade mas não há *uso*; os habitantes de uma periferia se deslocam nos fins de semana para *ver* o centro da cidade, ou um bairro “bonito” mas não para *vivê-lo* (são os turistas residentes e como turista sua função é essa: *ver*) (COELHO NETTO, 1984, p. 78).

Entendemos que ao ver o território onde habitavam seus ancestrais e ser transformado num local que recebe forasteiros, mas não os acolhe para viver, o caiçara percebe que o espaço não mais lhe pertence, ainda que fossem eles a população originária do lugar. Podemos verificar esse retrato histórico, junto ao trabalho de Marcílio (2006).

Os velhos pescadores-lavradores, cujas famílias, através de gerações, viveram e cultivaram suas roças, em terras que legalmente e por direito eram suas, forma hoje uma humanidade de desempregados, subempregados, favelados e miseráveis, divididos psicologicamente entre um passado de “fartura” e um presente de desorientação, miséria e revolta. Frequentemente analfabetos, desconhecendo seus direitos, o valor de suas terras e do dinheiro, sucumbiram ante a pressão, a audácia e a voracidade dos interesses dos especuladores de terras turísticas, dos grupos econômicos nacionais e estrangeiros, de elementos de classe média, passando por intelectuais de vanguarda (MARCÍLIO, 2006, p. 24).

Segundo Marcílio (2006), essas comunidades viviam de uma agricultura de subsistência, no entanto com fartura mas, por não serem letrados desconheciam seus direitos e acabavam sendo ludibriados em seus negócios pelas elites interesseiras. (Figura: 76).

Figura 76: Relações de Apropriação da Sociedade Burguesa nos Espaços da Comunidade Caiçara



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

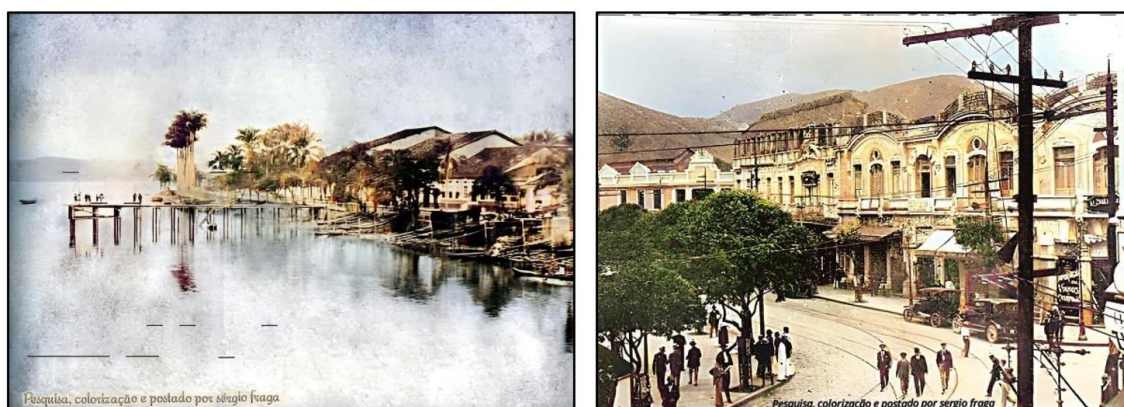
Em particular, a cultura caiçara começou a ser percebida como um objeto de fetiche, reduzida a uma representação idealizada e superficial, distante de sua essência. Esta perspectiva desumaniza os caiçaras, tornando-os em emblemas exóticos, pitorescos e sua cultura em recurso econômico, convertendo-os socialmente em um porta a ser explorada para próprio benefício dos forasteiros.

#### 6.1.1. Os contrastes sociais sensoriais entre a cultura caiçara (criança caiçara) e o ideário republicano



Dessa forma, ocorre um embate cultural e social entre a sociedade burguesa estabelecida no centro urbano do litoral paulista e a comunidade caiçara, que se via excluída de seu território (Figura: 77) e, ainda, subjugada por não acompanhar o progresso da região litorânea paulista, que tanto contribuía para a manutenção da burguesia cafeeira.

Figura 77: Santos: Contrastes - 1875 – Pacata Vida do Caiçara e 1919 – Efervescência da Belle Époque Santista



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2018)

Em consequência disso, os centros urbanos do litoral passaram a cumprir um papel fundamental na implantação e consolidação do ideário social, tendo que adequar e se desenvolver vertiginosamente ao projeto racionalizador republicano, incorporando características simbólicas e elitistas da Belle Époque na cidade.

A nova elite forjada no processo de modernização no final do século XIX, ávida por recursos estrangeiros para a cafeicultura e para a consolidação do novo regime, se esforçará “por criar uma cidade vitrine, cartão de visitas enganador, mas capaz de atrair o capital e o trabalhador europeu representando um ideal de civilização burguesa, estabilidade, segurança,

saúde, solidez e identidade cosmopolita”. [...] À remodelação urbana da cidade correspondeu também uma rigorosa política de expulsão dos grupos populares da área central que será a partir de então, destinada praticamente ao uso exclusivo das camadas mais abastadas e identificadas com os símbolos da *vie parisienne* (ORTEGOSA, 1997, p. 16 e 17).

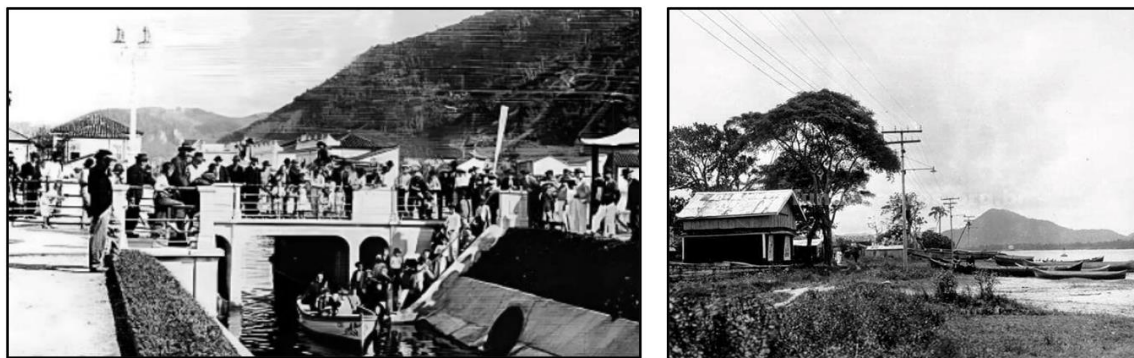
A sociedade republicana nascente tinha a necessidade de expulsar do seu núcleo central uma vasta ralé, uma presença indisciplinada e perturbadora que a ainda frágil ordem burguesa precisava controlar e conter. Dessa forma, uma vontade organizada pela elite foi imposta para evitar uma desordem futura, excluindo a maioria da população pobre da cidade, incluindo a comunidade caiçara, por não se adequar aos padrões da cidade moderna (Figura: 78).

A segregação social, a possibilidade de visibilidade, de conhecer e de controlar a população tinha como quase o único destinatário as camadas mais pobres da população. Eram suas práticas diferenciadas de apropriação do espaço urbano, sua suposta irracionalidade e falta de autocontrole, que preocupavam as autoridades republicanas. Nessa perspectiva, a mesma cidade que segrega, deve ter o poder de homogeneizar e incorporar, educando. Pelo menos esse era o ideal vislumbrado que, enquanto não se realizava plenamente, não prescindia da ajuda dos órgãos de repressão e controle: polícia, serviço de higiene, código de posturas, dentre muitos outros (FARIA Fº, 2014, p. 72 e 73).

Essa reflexão dará início a uma percepção, da paisagem urbana e sua relação histórica com o projeto civilizatório na constituição da identidade moderna republicana está presente.



Figura 78: Contrastes de Utilização no Meio Ambiente



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2018)

Alguns dos aspectos que influenciam o estilo de vida urbano moderno estão localizados na cidade republicana, como as conexões entre memória e história ocorrem com as transformações individuais e coletivas dos habitantes. São mudanças significativas, principalmente de natureza espacial, demográfica e cultural, que certamente propiciaram o surgimento da cultura republicana.

[...] não apenas a estagnação da vila de São Vicente na contramão do desenvolvimento de Santos, mas também a ligação intrínseca da vida social das vilas e cidade do litoral às atividades econômicas ligadas ao mar. Se por um lado foi a atividade portuária que determinou o desenvolvimento sócio econômico de Santos em detrimento de São Vicente, por outro, a população desta última, sem possibilidades de desenvolver atividades comerciais, voltou-se para a pesca (SILVA JR, 2009, p. 30).

Sobrepondo-se a uma cidade traços coloniais, o emblema de uma modernização republicana que se espalhava por toda parte - com os mais bonitos negócios, serviços, passeios e jardins ornamentados com estátuas, integrava a

estratégia de saneamento e ornamentação da região central, moldando o novo cenário para uma burguesia emergente; literalmente uma vitrine para a população local (Figura: 79).

Figura 79: Contrastes de Utilização no Meio Ambiente – Traços Coloniais X Traços Republicanos



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos e Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Entendemos que o sentimento de não pertencimento e inadequação se fazia presente para o caiçara, porque aquele ambiente urbano, com traços estéticos da Belle Époque, símbolos de progresso estampados em prédios públicos, residências, escolas, comércios, praças, ruas, calçadas, normas e comportamentos sociais, os afastavam do convívio social urbano; e em resposta a isso, tornaram-se reativos a quaisquer padrões de escolarização social republicana, e se incomodavam quando adentravam em qualquer um desses espaços que representam o progresso.

O **movimento da escola**, a sua autoconstrução, **desdobra-se e se articula ao/no movimento da cidade e da nação**, estabelecendo vínculos e continuidades, mas constituindo também singularidades e ruptura. É uma e mesma escola que se desdobra em vários movimentos, em múltiplas direções, de acordo com o jogo de forças, com os que os desejos, medos e anseios de seus profissionais e, porque não, daqueles que a frequentam. **Escola e a cidade, ambas criadoras e criaturas**: é uma escola que se vai legitimando como uma forma não apenas de **educar as crianças e de transformá-las**, mas também de **influir no destino da cidade**. A escola, nesse sentido, cria-se ao criar a cidade; **é uma cidade que se produz nos momentos a escola**, e produz na escola com um de seus momentos (FARIA Fº, 2014, p. 90, grifo nosso).

Não cabe aqui analisar tecnicamente o desenvolvimento urbano republicano, no entanto busca-se analisar quais os significados e as intenções nas ações dos agentes participantes do processo de transformação da cidade. Significados esses ligados diretamente à estética urbana que busca educar a população nas dimensões afetivas e sensoriais.

## 6.2. O edifício escolar como parte do cenário urbano republicano no litoral paulista

Entendemos que a escola como agente social, desenvolveu um papel de suma importância em conjunto com o poder público para os municípios litorâneos de São Paulo. A requalificação do espaço urbano republicano no município necessitava de um povo educado, civilizado, higienizado, com bons modos (Figura: 80).

Figura 80: Ambiente Construído X Ambiente Natural: O visual do cenário construído, prevalece o mar e o horizonte natural - Monumentalidade do Edifício Escolar (primeiro plano) no Projeto Urbanístico Republicano, idealizado por políticos e elite cafeeira



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2024)

Dessa forma um dos papéis da escola foi disciplinar de corpos e atitudes na população local. No entanto, torna-se difícil exercer esse papel em uma população de pescadores que não se identificavam com esse modelo social. Assim Souza (1998) apresenta as relações de aprendizagem entre a cidade, escola e a criança.

[...] a educação das crianças não pode ser vista como um fato menor na produção e transformação das cidades na transição do século XIX para o século XX. Ao contrário, as escolas primárias desempenharam na vida urbana um importante papel social e cultural. É assim, por exemplo, que elas auxiliaram o serviço sanitário exigindo a vacinação e tornando-a obrigatória, participando na escalada de intervenção das políticas de saúde pública no combate as epidemias que assolavam as cidades nesse período.

Participaram, também, dos projetos de higienização dos espaços urbanos, não apenas ensinando aos alunos noções de higiene como exigindo o asseio e as normas de urbanidade e civilidade (SOUZA, 1998, p. 116).

Entendemos que na transição do século XIX para o século XX, a relação do ambiente urbano com as crianças do município tornou-se um fator de grande importância para a educação e uma forma de inculcar uma cultura escolar desejada pelos ideais republicanos.

A Villa de S. Vicente decahiu completamente depois que fundou-se Santos, e a sua população é hoje de 805 habitantes. [...]. Possui uma igreja com a invocação de S. Vicente, em péssimo estado, assim como uma cadêa que serve de Casa de Camara, que ainda não está concluída. Tem uma fonte mal preparada, porém de agua excellente. [...]. Nenhum commercio tem, e sua lavoura é quasi nulla. Abunda ali muito peixe e algumas frutas. [...]. A sua população, além de ser diminuta, é disseminada pelos sítios, de modo que fallece o pessoal habilitado para os empregos publicos (LUNÉ; FONSECA, 1985, p. 281 – 282, *apud* SILVA JR, 2009, p. 40).

Especificamente em São Vicente, na segunda metade do século XIX, como abordado na pesquisa de Silva Jr (2009), vemos uma cidade decadente e insalubre (Figura: 81), fator esse que impossibilita as crianças de desenvolver hábitos de asseio e normas de urbanidade e civilidade.



Figura 81: Vista Panorâmica da Cidade de São Vicente



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Ainda que o município de São Vicente não apresentasse as características do modelo idealizado pelos promovedores do ideário republicano, parte da população, principalmente a elite vicentina, tinha conhecimento e acessava as novidades urbanas que o município de Santos apresentava pomposamente para toda a elite cafeeira do estado de São Paulo e Brasil (Figura: 82).

Figura 82: Meio de Transporte – São Vicente – Santos



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Entre esses equipamentos urbanos apresentados como modelo social pela sociedade santista encontravam-se os edifícios escolares, Pereira (1996) relata sobre os desafios da escola dentro do contexto histórico republicano.

A obrigatoriedade, nos primeiros anos da República, é vista como uma imposição, uma vez que a escola não respondia uma exigência emergente das condições da vida social e onde o desejo de ascensão social não aflorava tão promissora, mas tudo isso estava previsto nos republicanos liberais paulistas (PEREIRA, 1996, p. 60).

O modelo social escolar, materializado através de edifícios escolares com a estéticas e os símbolos republicanos, aparece em todos os municípios do litoral, principalmente em Santos, a rica cidade portuária responsável pela exportação do café no Brasil. Os projetos dos prédios escolares de Santos foram elaborados por arquitetos de renome, contratados pelo governo do estado; nesse contexto histórico, Pereira (1996) descreve:

O governo republicano realizou uma política de construções no período de 1894 a 1920, formulando alguns projetos-tipo, inspirados em modelos europeus, que eram aplicados em várias localidades, mudando-se apenas as fachadas ou as áreas de circulação. Elaboradas por quatro arquitetos, são 90 prédios que representam 2/3 dos construídos no período. Esses edifícios demonstraram uma arquitetura de inspiração inovadora, de estilo eclético, técnica e materiais europeus ou de influência europeia. As preocupações de sua construção são pedagógicas, de higiene (sanitários fora do prédio) e refletem a mentalidade do momento como a separação dos sexos (em alas ou andares) (PEREIRA, 1996, p. 63).

O porto de Santos no período republicano coloca a cidade em ascensão social, econômica e política. Dessa forma ela começa apresentar edifícios escolares monumentais de acordo com as exigências do governo estadual (Figura: 83).

Figura 83: Edifício Escolar – Instituto Dona Escolástica Rosa



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos (2024)

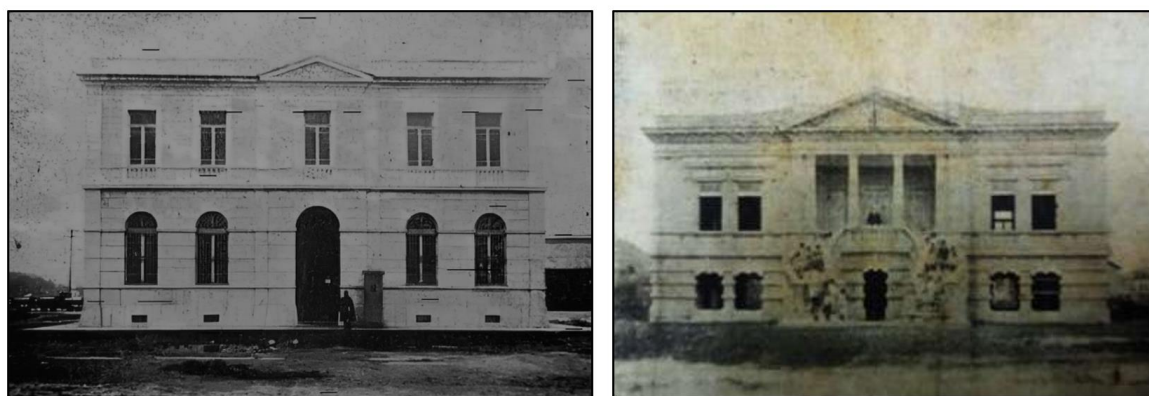
Diferentemente do município de Santos e em outras ricas cidades do interior de São Paulo, em São Vicente, de acordo com Silva Jr. (2009), “durante todo o século XIX a vila contou com apenas duas escolas de primeiras letras, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, e não teve durante todo esse período sequer uma escola de ensino secundário”, por isso o interesse da elite vicentina em se autopromover através da implantação e construção do Edifício Escolar – Escola do Povo que a princípio foi classificada como Escola Isolada, os provedores buscaram imprimir no Edifício Escolar todas características estéticas arquitetônicas, símbolos e os valores republicanos daquele período.



[...] afirmar a força material e simbólica dos imperativos escolares, na criação ou readaptação de modelos, técnicas e tecnologias, e também o poder das representações na produção e na conformação da prática pedagógica e das políticas da educação (FARIA Fº, 2014, p. 46).

Intrigante semelhança simbólica das características estéticas arquitetônicas das fachadas entre os edifícios escolares e alguns edifícios públicos estaduais e municipais (Figura: 84).

Figura 84: Edifício da “Recebedoria de Rendas” em Santos 1902 e o Edifício da “Escola do Povo” em São Vicente – 1902 (municípios vizinhos da Ilha de São Vicente)



Fonte: Páginas de Sites – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) e Revista Semana 1902 (2018)

O Edifício Escolar, considerado o lugar certo para receber, abrigar e educar uma população atrasada, com costumes e vícios inapropriados, diferentes dos idealizados pela ordem higienista e civilizadora republicana; foi um elemento

necessário do ensino redentor de povo inculto. Verifiquemos que no município de São Vicente, não ocorreu diferente do contexto social apresentado por Veiga (2004).

É conhecida a crise na educação dos tempos iniciais da República e nem sempre as práticas das elites buscaram um superá-la. De qualquer forma, os monumentos, os palácios escolares foram erguidos, grupos escolares e escolas normais cada vez mais faziam parte do cotidiano das cidades, mesmo que grande parte da população estivesse fora de lá. A educação tornou-se um símbolo integrado à república pela da crença na sua capacidade de regenerar, moralizar, disciplinar e unificar as diferenças (VEIGA, 2010, p. 405).

Verificamos, também que a Cultura Material Escolar entendida e estudada pelos atuais pesquisadores, naquele período histórico, foi realizada pelos idealizadores e promotores do ideário republicano, que entendiam o edifício escolar e os materiais escolares como elementos de aprendizagem sensorial, emocional e afetiva. Toro-Blanco (2022) faz uma reflexão sobre a materialidade no processo de aprendizagem.

[...] el espacio no puede ser visto solo como una categoría simple que alude a lo material a modo de algo inerte como un factor meramente de ubicación y localización. En lugar de esa perspectiva reduccionista, debe ser leído como um dimensión compleja que produce y es producido a la vez y que continue y forma luchas Sociales, percepciones culturales, hábitos cotidianos, compromisos políticos y muchos otros vectores que, como há señalado, están físicamente encarnados em él y lo encarnan también. [...] Las consideraciones recién señaladas habilitan para pensar en la análisis de los espacios escolares [...] como lugares en que se encarnaban afectos y emociones, em la medida que su uso prescrito [...] o su apropiación espontánea [...] les asignaban una emocional y provocaban reverberaciones emotivas, transmitidas ocasionalmente a través de la memoria escrita de los próprios estudiantes o mediante el intercambio a través de generaciones (TORO-BLANCO, 2022, p. 148 e 150).

Compreendemos que, para uma população que se encontra com formas de aprendizagem bastante diferentes e afastados do processo de escolarização dos princípios republicanos, a materialidade apresentada pela sociedade burguesa vicentina não se aproxima das crianças da comunidade caiçara, mas as torna distantes desses artefatos cenográficos sensoriais tão estranhos para elas (Figura: 85).

Figura 85: Relações das Crianças “Burguesas” com os Artefatos Cenográficos Republicanos



Fonte: Páginas de sites – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2018)

Compreender a paisagem construída no período republicano não é apenas compreender o desenho urbano, torna-se necessário uma compreensão também dos agentes que possibilitaram, interferiram, negociaram ou até mesmo impediram determinadas ações, para materialização de um cenário apresentado de acordo com seus interesses.

### 6.2.1. Conflitos sociais entre vida republicana e a vida caiçara - diferentes interesses sobre o ato de aprender

Para compreender melhor essa não absorção ou desinteresse da comunidade caiçara pelas coisas do progresso republicano, vejamos o seguinte: que os sentidos são um dos primeiros fatores que leva o ser humano a compreender melhor o mundo e também essa compreensão ocorre por perceber e reagir através dos sentimentos e das emoções, Oliveira (2019) completa que as “respostas dadas àqueles estímulos, as quais implicam a mobilização do nosso aparato perceptivo, e ganham maior ou menor estabilidade conforme as suas emanações afetaram de forma mais ou menos significativa o fluxo da vida”.

[...] o ato de aprender a desenhar as letras pode ser algo que provoque satisfação em alguns e tédio ou angústia em outros. Ou ainda, o ato de aprender a tocar um instrumento ou cozinhar pode significar um encontro exultante com os influxos do mundo, mas também uma experiência traumática. Ou seja, essas sensibilidades podem ser fugazes e fugidias. Mas podem, também, se converter em sentimentos, comportamentos, atitudes que assumem um caráter duradouro. Podem ser espontâneas, fruto das trocas sociais não previstas, manifestas em todas as formas de educação social, ou deliberadas, quando são desejadas, prescritas e estimuladas, de acordo com parte significativa dos imperativos pedagógicos ocidentais (OLIVEIRA, 2019, p. 107).

Reportando-nos à vida social da comunidade caiçara, vimos que o contato com todos esses artefatos sensoriais cenográficos, não tem sentido para eles, e quando há algum sentido, nessa coisa material ou situação social, suas reações se apresentam de forma repulsiva.

Essa leitura é um fator significativo para análise da temática desta tese, tendo em vista que os embates sociais entre uma sociedade burguesa excludente e a

comunidade caiçara resistente às imposições da ideia de progresso daquele período histórico, não faziam sentido.

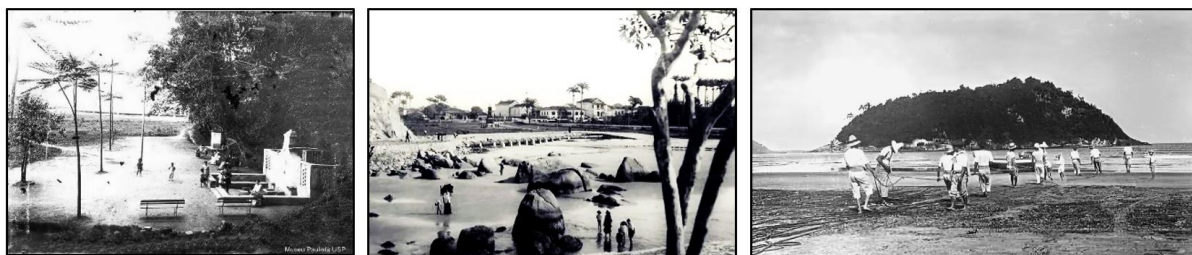
Vejamos aqui um ensaio de Walter Benjamin (1987) muito significativo para nossas reflexões e análises. O autor tratará da relação do brinquedo com a criança, o que para nós nessa tese representa a ligação da criança caiçara com os artefatos modernos apresentados a elas.

Pois **quanto mais atraentes são os brinquedos**, no sentido usual, **mais se afastam dos instrumentos de brincar; quanto mais eles imitam, mais longe eles estão da brincadeira viva.** [...] Podemos descrevê-lo da seguinte maneira: a imitação está em seu elemento da brincadeira, e não no brinquedo.

Mas **não entenderíamos o brinquedo, nem a sua realidade nem em seu conceito, se quiséssemos explicá-lo unicamente a partir do espírito infantil.** A criança não é nenhum Robinson, as crianças não constituem nenhuma comunidade, separada, mas são partes de povo e da classe a que pertencem. Por isso, **o brinquedo infantil** não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas **é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo** (BENJAMIN, 1987, p. 248, grifo nosso).

Os símbolos, valores estéticos, movimentos sociais e práticas de aprendizagem na escola, em suas formas de materialização, apesar de terem sido cuidadosamente planejados e confeccionados durante o processo de escolarização para as crianças caiçaras, não conseguiram atrair sua atenção, pois estas se divertiam com as coisas mais simples relacionadas à vida na praia (Figura: 86).

Figura 86: “Brincadeiras” “Sentidos e Afetos” das Crianças em São Vicente – (relações sociais com adultos, crianças burguesas e com os familiares pescadores)



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Entendemos que os valores estéticos civilizatórios desenvolvidos através da educação, ou melhor dizendo, do processo de escolarização da criança, estavam diretamente inseridos nos costumes e nos hábitos do cotidiano urbano. No entanto, as crianças caiçaras não mostravam nenhum interesse por esse processo de escolarização, pelo contrário, sentiam-se confinadas com ele. Elas gostam de descobrir coisas novas constantemente, sempre com a companhia de outros amigos da comunidade. Elas andavam ao redor de suas casas, iam à praia para nadar e pescar, brincavam com objetos que elas mesmas criavam a partir de madeira, argila ou qualquer outro material encontrado diretamente da natureza. Também gostavam de correr, cantar, dançar e comer frutos. Elas desenhavam (linguagem universal) utilizando galhos das árvores, carvão ou até mesmo lápis com papel quando tinham acesso. Essas atividades infantis da criança caiçara nunca estiveram diretamente relacionadas ao processo de escolarização.

#### 6.2.2. Evidências nos registros dos professores - motivos da baixa frequência escolar das crianças caiçaras

Pereira (1986) relata sobre a queixa dos professores no que se refere às ausências dos alunos nos dias de exames; “é bem verdade que ele era realizado por

pessoas estranhas à classe ou à escola. Se por um lado esse procedimento motivava maior dedicação dos professores, acreditamos que isso deveria atemorizar os alunos”.

A ausência dos alunos não se dava apenas nos dias de exames. Apresentamos alguns relatos de professores sobre as baixas frequência dos alunos no cotidiano escolar, apresentado nas investigações de Silva Jr (2009).

**Prof. Antonio Agostinho de Sant’Anna** - A maior parte dos **alunos são pobres**, que **necessitam de livros**, compêndios, tinta e papel, aos quaes forneço com diffículdade; alguns **pouco frequentes** por falta de [ilegível] de **vistuario** e outros por **descuido de seus paes**. (Arquivo do Estado - Relatório, 10/11/1881 *apud* Silva Jr, 2009, p. 39, grifo nosso).

**Prof. Antonio Valerio da Silva Silvado** – A falta de **recurso da parte dos paes**, tem influído muito sobre o desenvolvimento intelectual dos alumnos. Ha alumnos **pouco frequentes**; ora por **falta de livros, ora por falta de vistuario**, e algumas veses por **negligencia dos próprios paes** (Arquivo do Estado - Relatório, 10/11/1891 *apud* Silva Jr, 2009, p. 39, grifo nosso).

Verificamos que, mesmo que haja uma diferença de 10 anos entre um relatório e outro, o que os diferencia é que o primeiro professor oferecia por recursos próprios os materiais para os seus alunos, e o segundo não apresenta tal situação – mas os relatos são basicamente iguais, demonstrando que as condições econômicas dos pais dos alunos não são suficientes para mantê-los na escola.

Um outro dado importante, no que se refere às condições sociais e econômica escolar, encontramos nos estudos de Marcílio (2014), ao apresentar um recorte da lei nº 88, de 08 de novembro de 1892 – art. 7º.

“Seção das Caixas Escolares”, para recolher poupanças de alunos que, depositadas nas Caixas Econômicas do Estado, seriam utilizadas para ajuda de alunos pobres na compra de calçados, vestuário e de material escolar. Criava-se o recenseamento escolar (MARCÍLIO, 2014, p. 137).

Os apontamentos acima, nos remetem à inadequação do “caçara adulto” junto a vida social e econômica urbana, que se repassa a “criança caçara”, temerosa por não conseguir se adequar ao padrão de escolarização, colocando-a como incapacitada de aprender os saberes sociais republicanos, impedindo-as de progredir e se incluir socialmente como os seus pais.

Silva Jr (2009) apresenta uma outra situação referente a baixa frequência dos alunos nas escolas no município de São Vicente através do depoimento de um professor.

O professor Antonio Agostinho de Sannt'Anna, particularmente, chamava ainda a atenção para mais um motivo causador de frequentes faltas. Relatou que *Alguns alumnos faltarão com cauza, sendo uma d'ellas, as febres [ilegível], que reinarão por alguns mezes [...]* (RELATÓRIO, 01/06/1878), ou ainda, **Os alumnos tiverão muitas faltas por moléstias [...]** (RELATÓRIO, 10/06/1880). Considerando o período de docência deste professor, entre 1876 e 1881, **somos inclinados a pensar que essas febres e moléstias poderiam estar relacionadas às epidemias que assolaram a vizinha cidade de Santos até as primeiras décadas do século XX** (SILVA JR, 2009, p. 44, grifo nosso).

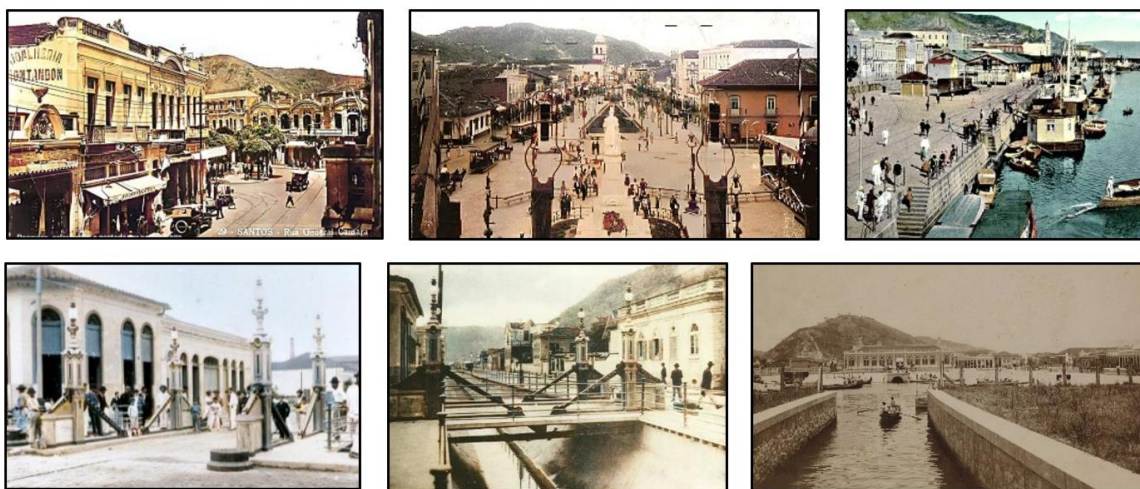
O relato acima representa uma situação problemática de saúde pública que ocorreu naquele período histórico da segunda metade do século XIX na cidade de Santos e região, ocasionando um momento muito complicado de convívio social entre populações de Santos e São Vicente, porque as famílias de Santos fugindo das epidemias mudavam-se temporariamente para São Vicente e, conseqüentemente, as crianças frequentavam as escolas vicentinas.



Esses **alunos temporários**, em geral, **não** entravam na **quantificação de matriculados** e frequentes elaborados pelos professores, apenas eram citados nos relatórios por terem **frequentado as aulas durante alguns meses e depois voltado** com suas **famílias para os locais de origem**. [...] Essas famílias possivelmente estariam se **ausentado de Santos durante a vigência dos surtos epidêmicos** em busca de **localidades mais salubres e a vila de São Vicente daquela época poderia oferecer isso**, pois além de não ser vitimada de forma direta pelas epidemias, localizava-se em uma região geograficamente distinta do local onde ficava a cidade de Santos até aquele momento (SILVA JR, 2009, p. 45 e 46, grifo nosso).

Ao refletirmos sobre essa ocorrência historicamente significativa para a saúde pública estadual e nacional, levantamos aqui uma situação mascarada de domínio político, econômico e social entre Santos e São Vicente não registrado nos documentos oficiais, mas representado diretamente nas fotografias (Figura: 87).

Figura 87: Santos - A Cidade Rica Cidade Portuária do Café



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos e Páginas de Sites – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) (2024)

Vejamos: Santos, uma cidade rica com políticos comerciantes, habitantes que movimentam a economia local, estadual e nacional, que não colocariam em risco de saúde seus familiares em um local epidêmico; no entanto precisavam estar próximos geograficamente desse local para as relações comerciais de exportação do café. São Vicente, pobre, carente de escolas representativas socialmente, mas geograficamente uma cidade praiana longe da efervescência populacional portuária, poucos habitantes tornando-a com ambiente saudável para se morar (Figura: 88).

Figura 88: Paisagem natural do município de São Vicente



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

As diferenças socioeconômicas apresentadas nas imagens a seguir retratam as relações de lazer e tratamento de saúde que a elite cafeeira teve com o mar;

diferentemente das relações do caiçara com o seu lugar de origem, utilizando-o como recurso de sobrevivência para alimentação e trabalho (Figura: 89).

Figura 89: Contraste - Sociedade Burguesa - Banho de Mar (adultos e crianças) – Comunidade Caiçara – Pesca de Arrastão



Fonte: Sergio Fraga e Eduardo Fernandes (2025)

Esses políticos e comerciantes com o domínio econômico regional e estadual ocupam para moradia temporária o território do município de São Vicente, trazendo seus familiares, incluindo as crianças para esse local pobre de dinheiro e de instrução; essas crianças não são quantificadas como alunos matriculados no município como o relato do autor Silva Jr (2009).

Entendemos que essas crianças matriculadas nas escolas de Santos representam para a cidade e o estado o crescimento almejado na educação pública, gerando mais receita para o município (quanto mais crianças matriculadas, mais recursos o governo estadual destinava ao município), conforme evidenciado nos relatórios anuais do estado de São Paulo.

A necessidade em divulgar a escola como cumpridora do seu papel social no município era de imensa importância, pois todos os letrados e cultos da região tinham acesso a jornais, revistas e documentos de interesses da elite vicentina. Faria F<sup>o</sup> (2014) apresenta esse contexto social republicano.

Mesmo considerando que há uma grande diferença entre o número de crianças matriculadas e aquelas que frequentam regularmente a escola, sem dúvida estas constituem um total mais elevado. Ao contrário do que alardeavam as elites em geral e os profissionais e teóricos da educação em particular, parece ter havido um grande interesse da população pobre pela educação popular (FARIA F<sup>o</sup>, 2014, p. 65).

O que o autor chama de população pobre, nessa análise por se tratar da comunidade caiçara, podemos dizer que as “crianças caiçaras” não frequentavam as escolas, mesmo que tal situação fosse mascarada pelos interessados em promover a educação popular.

### 6.2.3. Panorama excludente das crianças caiçaras no processo de escolarização

Verificamos que existe um panorama excludente nas propostas de escolarização que a “criança caiçara” não se identificava; entendemos que a escolarização ocorre muito antes das práticas do ensino instaurado pela república,

ressaltando ainda que o processo de transição entre um tipo de ensino para outro, não ocorreu abruptamente como relatado em alguns documentos oficiais e alguns aportes teóricos como vimos de Souza (1998).

A impossibilidade de os inspetores manterem um controle constante sobre as escolas graduadas e não graduadas concorreu ainda mais para a substituição da orientação direta pela burocracia documental. O estabelecimento de uma hierarquia centralizada de poder no interior da escola, incorporado pelo cargo de diretor, criou problemas e tensões. Especialmente nos primeiros anos após a implantação da escola graduada, a inexistência de normas rígida para o desenvolvimento de atividades e competência foi ponto de estrangulamento. A necessidade de um regimento interno foi assinalada pelos inspetores visando regulamentar as relações internas, às vezes tensas e problemáticas (SOUZA, 1998, p. 84 e 85).

Não apenas os relatórios dos inspetores, mas também os relatórios de professores nos apresentam registros significativos para análise, trazendo outras compreensões desses momentos históricos que foram relatados apenas por um lado da história – a “história dos vencedores”. Pelo espectro de Walter Benjamin (1994), ao falar de modernidade ou progresso, precisamos entender que existe uma linha tênue entre os vencedores (burguesia vicentina) e os derrotados (comunidade caiçara).

A burguesia vicentina como oportunistas sociais e a comunidade caiçara como indignados e resistentes, com registros documentais apenas sobre a história dos vencedores em detrimento dos derrotados, por isso estamos refletindo e analisando situações que pareciam irrelevantes, dando nesse momento a devida importância e, assim, reconstituir uma parte da história do ensino na educação em São Vicente no Período Republicano, como acreditamos através das investigações desta tese.

Vejamos as implicações sociais da sociedade burguesa vicentina ao tornar o Edifício Escolar – Escola do Povo – 1º Grupo Escolar de São Vicente como uma materialização do ideário republicano que buscou imprimir no imaginário da comunidade caiçara os símbolos, alegorias, mitos e rituais escolarizadores.

O **imaginário social** é constituído e se **expressa por ideologias e utopias**, sem dúvida [...] por **símbolos, alegorias, rituais, mitos**. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, **tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos**. Na medida em que tenham **êxito em atingir o imaginário**, podem também **plasmear visões de mundo e modelar condutas** (CARVALHO, 1990, p. 10 e 11, grifo nosso).

Já relatado anteriormente, lembramos que houve uma inquietação sobre uma temática significativa que nos levou ao questionamento sobre como a comunidade caiçara reagiu quando a elite cafeeira buscou implantar o modelo escolar republicano. Tal questionamento teve início a partir dos levantamentos e das leituras iconográficas da dissertação de mestrado, deixando um enorme desejo em trabalhar essa temática especificamente no doutorado.

### **6.3. Denúncia através dos registros da Escola do Povo – Grupo escolar de São Vicente (1893-1913)**

Duas fotos que foram apresentadas no projeto de qualificação e dissertação do mestrado (Figura: 90), retratam igualmente uma hierarquia da cultura escolar, já investigada e apresentada por muitos pesquisadores. Mas dentro dessa leitura da cultura escolar hierárquica, viemos ainda, realçar as vestimentas e os calçados.



Figura 90: Hierarquia Social no Espaço Escolar (disposição entre alunos e professor no edifício escolar) e econômica (representado por roupas e calçados)



Fonte: Profª Cida Franco e Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) (2018)

É necessário estabelecer conexões aparentemente imperceptíveis e considerar o devido valor ao que antes parecia sem importância. Incentivar a análise de relações entre diferentes espaços, interligando presente, passado e futuro, utilizando como ferramentas da memória e da rememoração. Investir na emergência de narrativas não-oficiais, fazendo emergir de suas vivências imagens dialéticas que podem ser atualizadas a cada nova interpretação.

As imagens de pessoas em fotografias geralmente, são agregadas à um cenário natural ou construído. Nesse contexto **a cena** apresentada desses **meninos com características muito simples**, em sua **vestimenta sem calçados**, transmite uma **sensação de descuido em higiene ou salubridade**, mas não deixa de **evidenciar o edifício escolar em sua**

**magnitude**, pois a disposição dos **meninos na foto é apresentada de maneira escalonada valorizando a escadaria do monumento escolar**. [...] **O ambiente parece ser salubre e higiênico, provido de água potável, pois nota-se um bebedouro de cerâmica no corredor atrás do gradil de ferro**; os **meninos** aparentam idades muito próximas, com o **mesmo padrão de vestimenta, cabelos penteados meias e calçados**. Vale aí uma **ressalva**, os **meninos** que se apresentam **em pé na última fileira parecem bastante inadequados ao quadro pretendido**; suas **roupas destoam dos meninos da primeira e segunda fileira**, são mais escuras e **não parecem pertencer aos mesmos**. Não parece ser uma questão de ordem social econômica entre eles, mas sim uma **junção de meninos de outras classes, apresentando um número maior de alunos do que o real** (BRAGA, 2019, p. 152 e 153, grifo nosso).

Nas duas fotografias acima apresentadas, podemos verificar que mesmo depois dos anos 20, as condições de desigualdade estão impressas “implicitamente”, nesses registros, e em outros investigados nesta pesquisa.

Os movimentos sociais, em conjunto ao Edifício Escolar, foram constantes e incessantes, os elementos de comemorações em que a frase “Escola do Povo”, “1º Grupo Escolar de São Vicente” e “Grupão”, foram elementos simbólicos e resistentes na História da Educação em São Vicente. Esses elementos simbólicos afetam o mundo emocional da criança, como apresentado por Escolano (2018).

La inmersión escolar es un hecho que afecta al mundo emocional. Desde la salida del nicho ecológico de la familia, y a lo largo de todo el proceso de la segunda socialización que ofrece la escuela, el niño - que se metamorfosea en ella convirtiéndose en alumno - se ve sometido al juego que sobre él ejercen los diversos climas y dispositivos de control afectivo que pone en acción el biopoder pedagógico que comportan los mecanismos de la formación: la ergonomía de los nuevos espacios y enseres muebles; los biorritmos de los cronos institucionales que se superponen a los domésticos; los códigos de la urbanidad, la disciplina y el ritualismo que rigen la gobernanza en la educación; las sutilezas del pudor, de la seducción y del humor que acompañan a los lenguajes educativos; las estructuras textuales de los manuales y las reglas de la escritura; los mensajes de la iconografía con que se inundan los ámbitos de la institución... Todos los elementos que definen el régimen escolar comportan, cada uno por separado y como conjunto, una semántica que ejerce sobre toda la infancia una educación sentimental bien definida y de influencia duradera, que con



el pasar del tiempo reaparece en los recuerdos de los adultos (ESOCLANO, 2018, p. 393).

Os registros sobre as duas denominações implantadas durante todo período republicano no município “Escola do Povo” e Primeiro Grupo Escolar de São Vicente” – “Grupão”, se tornaram tão significativos para a sociedade vicentina, que se fazem presentes em todos os discursos, pesquisas, apresentações e registros históricos, documentais e iconográficos.

#### 6.3.1. Idealização e Implantação da Escola do Povo (1893-1898) - Registro: documentais oficiais e jornais impressos - interesse da Elite Burguesa Vicentina

Desde a implantação da escola, processo de transição para o Edifício Escolar próprio, ampliação para grupo escolar, e todas as sucessivas mudanças das denominações e estrutura arquitetônica do Edifício Escolar, até os dias atuais, os nomes “Escola do Povo” e “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente” – “Grupão” são presentes na vida social, cultural e histórica do município de São Vicente, tendo o Edifício Escolar tombado numa esfera municipal e estadual.

Primeiro Momento na implantação da Escola do Povo (em um edifício improvisado), os registros apresentados são discursos carregados de solenidade e amabilidade, destacando aquela ação como um elemento importante de transformação para a vida da sociedade vicentina (Figura: 91).

Figura 91: Comunicados Jornais sobre as Aulas Inaugurais da Escola do Povo – 1893

A fonte encontrada foi a imprensa do Jornal Diário de Santos, que tinha como proprietário H. PEIXOTO & C. e Redactor Chefe - Alberto Veiga com a reportagem no dia domingo, 18 de junho de 1893. Edição Anno 21 N. 198.

<< Escola do Povo >>

Conforme havíamos noticiado, teve lugar ante-hontem, em S. Vicente, a inauguração das aulas da sociedade de instrução Escola do Povo.

A's 7 horas da noite, perante grande concurso de senhoras e cavalheiros, o sr. tenente-coronel José Lopes dos Santos, presidente da sociedade abriu a sessão e \_\_\_\_\_ os \_\_\_\_\_ pedindo para associação nascente o auxilio do publico, a quem ella aproveitava, e a coadjuvação da câmara municipal, ali representada por alguns dos seus membros.

Em seguida deu a palavra ao orador official, dr. Rubim Cezar, que. Com a eloquência costumada, produziu um brilhante discurso, que foi muito applaudido.

Orou depois o redactor-chefe desta folha, que salientou os serviços que a Escola do Povo vinha prestar á infancia daquella villa e concitndo os que tomaram sobre os hombros tão pesado encargo a irem por diante, resolutos e abnegados, porque não lhes faltariam as animações e os aplausos de todos os que se interessam pelo progresso desta terra.

Seguiu-se o sr. Manoel Henrique de Lima, 1º secretario, agradecendo em seu nome e no dos seus colegas de directoria a presença das senhoras e cavalheiros que ali estavam, prometendo que a Escola do Povo envidaria todos os esforços para corresponder ás esperanças dos seus societarios.

Encerrada a sessão, e lida a acta especial que foi assignada pela mesa e por todos os presentes, inclusive as senhoras, passaram os convidados para outra sala, onde estava servida uma mesa de doces.

---

Temos lembrança dos seguintes brindes:

Do sr. dr. Rubim Cezar, ás senhoras, cuja presença ali era um estímulo e uma recompensa;

Do sr. tenente coronel José Lopes dos Santos, aos seus collegas de directoria, cujos esforços se tornavam dignos de francos e sinceros louvores;

Do sr. dr. Rubim Cezar, á imprensa, representada alli na pessoa do nosso chefe e amigo dr. Heitor Peixoto;

Deste, agradecendo e brindando à prosperidade e ao futuro da Escola do Povo;

Do sr. Lopes dos Santos, ao redactor-chefe desta folha, (ausente nessa occasião por achar-se incomodado.)

Durante o acto tocou uma banda de musica, reinando a maior alegria e a mais franca cordialidade.

Repetimos aqui os votos sinceros que fazemos pe'o desenvolvimento da Escola do Povo e oxalá que os resultados correspondam aos nobres fins que a inspiraram e lhe deram origem.

Diario de Santos --- Anno 21 - - N. 549 - Quinta-feira 31 de Agosto de 1893

Escola do Povo - Domingo próximo deve ter lugar a inauguração das aulas da Escola do Povo, em S. Vicente.

Diario de Santos --- Anno 21 - N. 253 - Terça-feira 5 de Setembro de 1893

<< Escola do Povo >> Hoje, ás 6 ½ horas da tarde, realiza-se a inauguração das aulas da << Escola do Povo, >> em S. Vicente.

SANTOS COMMERCIAL Anno 2 - Redactor: Eurico Saldanha - ORGAM REPUBLICANO - DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 1895

- Hoje, ás 3 horas da tarde, em S. Vicente, haverá assembléa extraordinaria da Escola do Povo.

Fonte: Acervo Pessoal – Transcrição de Jornais (2018)

Verificamos nesses registros a importância de divulgação das ações na implantação da Escola do Povo; vimos nessa reportagem a presença de agentes importantes da elite como: políticos, comerciantes e jornalistas e ilustres convidados

(homens e mulheres), com uma digna solenidade municipal com o intuito de apresentar não apenas à comunidade vicentina, o grau de importância que esses ilustres personagens davam a instrução popular.

Muitas atividades sociais que ocorreram desde a implantação da Escola do Povo, foram registradas pelos jornais locais, regionais, estaduais e nacionais, o que evidencia a importância para a elite local em divulgar suas ações em benefício a Instrução Popular (Figura: 92).

Figura 92: Reportagem jornalística – Pedra Fundamental do Edifício Escolar

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 9 de agosto de 1897-<br/>         BRAZIL - Hontem, realizou-se á 1 hora da tarde, na praça<br/>         Coronel Lopes, a inauguração da pedra fundamental da Escola<br/>         do Povo, onde além da aula de meninos, funcçionará uma aula<br/>         de meninas. - A's 10 ½ horas da manhã devia ter chegado</p> | <p>áquella cidade a banda do 3º batalhão policial do Estado,<br/>         graciosamente cedida pelo Illustre sr. dr. Campos Salles, a qual<br/>         depois de dirigir-se ao edificio escolar, percorreria diversas ruas.<br/>         O orador official da festa era o dr. Rubim Cesar.</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Acervo Pessoal – Transcrição (2018)

Pela reportagem acima, entendemos que a elite vicentina preparou um grande evento de inauguração da pedra fundamental para construção do edifício escolar no dia 08.08.1897, aguardando a presença do governador, algum representante estadual ou até mesmo a banda militar estadual. No entanto nenhum desses agentes vieram prestigiar o evento municipal que deveria ter o início às 10h30, mas se iniciou às 13h00, devido a tão esperada chegada desses representantes.

Mesmo que ocorressem algumas divergências ou empates políticos entre o município e o governo estadual, os idealizadores da construção do edifício escolar não deixaram de investir nessa ação de interesse social (Figura: 93).

Figura 93: Início das Obras do Edifício Escolar

A Nação – Quarta-feira, 13 de outubro de 1897 pag. 02 DE SANTOS - ESCOLA DO POVO

Conforme noticieei hontem, começaram hoje as obras da construção do novo edifício da Escola do Povo, em S. Vicente. O local está festivamente enfeitado, tocando nelle a banda de musica da Sociedade Humanitaria. Esta funcçionando, tambem, uma tombola, que dá muito realce á festa. As prendas em exposição são, em grande parte, ricas e bonitas, e aconcorrencia de famílias é grande.

Fonte: Acervo Pessoal – Transcrição (2018)

Ainda que saibamos que cada jornal tem uma tendência sociocultural, política e econômica, nesta pesquisa não vamos adentrar nesse quesito, tendo em vista que para esse tipo de abordagem consideramos que seria uma pesquisa só para essa temática.

No entanto, levantamos aqui que achamos muito interessante quando verificamos muitas diferenças nos tipos de reportagens, entre os diferentes jornais (municipais, regionais, estaduais e nacionais) - (Figura: 94); em algumas reportagens verificamos apenas o ocorrido, o fato em si; já em outras, evidenciam os fatos com riqueza de detalhes (evento na integra, enaltecem os participantes e sempre com uma escrita altruísta).

Figura 94: Reportagem – Auxílio do Governo Estadual para Escola do Povo – (Denúncia – Falsificação de Documentos, Contratos)

CORREIO PAULISTANO – S. PAULO - Sexta-feira, 29 de julho de 1898. BRAZIL Pag. 02 - MALA DO INTERIOR – Santos - Escrevemo-nos:

No projecto de orçamento, apresentado em discussão na Camara dos Deputados do Estado, entre outras supressões vem incluídas as subvenções ao Asylo de Orphaos desta cidade e a Escola do Povo de S. Vicente. [...] O Asylo e a Escola do Povo necessitam e são dignas de continuarem a receber o auxilio do governo; mas, para isso não é preciso falsificar a historia, e tornar responsável o governo por aquilo que os mais culpado são a câmara municipal e o Diario aplaudindo, informando mal o

poder executivo estadual, concitando encampações e reformas de contractos impossiveis. [...] Notamos esta contradição e a salientamos para demonstrar que argumentamos de boa fé e porque, parece, que o ultimo período foi escripto propositalmente para demonstrar que o governo já havia suprimido o auxilio. [...] Felizmente a supressão das verbas parao Asylo e Escola do Povo de S. Vicente ainda não foram votadase estamos certos que o poder legislativo attenderá o pedido dosdr. Cesario Bastos e Antonio Martins Fontes, filhos desta terra eque saberão pugnar pelos interesses dela, pedindo, como é de justiça, a manutenção dos respectivos auxílios.

Fonte: Acervo Pessoal – Transcrição (2018)

O teor da reportagem do jornal “Correio Paulistano” é instigante para nossa pesquisa, tendo em vista que ela denuncia a falsificação de documentos para o município receber auxílio financeiro do governo estadual e todo esse ocorrido é encoberto pela câmara municipal e o jornal Diário de Santos.

### 6.3.2. Característica Estética e Simbólica do Edifício Escolar - Projeto Arquitetônico Original ou Pastiche do Ideário Republicano?

Percebemos um frenesi entre os sujeitos e as ações registradas por documentos dos órgãos oficiais, pelas reportagens jornalísticas de enaltecimento, denúncia ou encoberta daquele momento histórico municipal e estadual, para realizar a construção do Edifício Escolar – Escola do Povo no município de São Vicente. Braga (2019) relata seu entendimento através das investigações da dissertação sobre o processo histórico do edifício escolar.

Curioso é quanto a “arquitetura” nesse período chama atenção da sociedade; o convite para a comunidade apreciar o Edifício vem através do anúncio na imprensa apresentando que “um desenho bonito do edifício” está em exposição. Pode dizer que todo esse trajeto é uma contemplação a materialização da educação no município.

Lavoura e Commercio – Julho - 1898. Santos, 30 - Está exposto no Salão da Associação Commercial um desenho do bonito edifício da Escola do Povo, que está sendo construído em S. Vicente (BRAGA, 2019, p. 108).

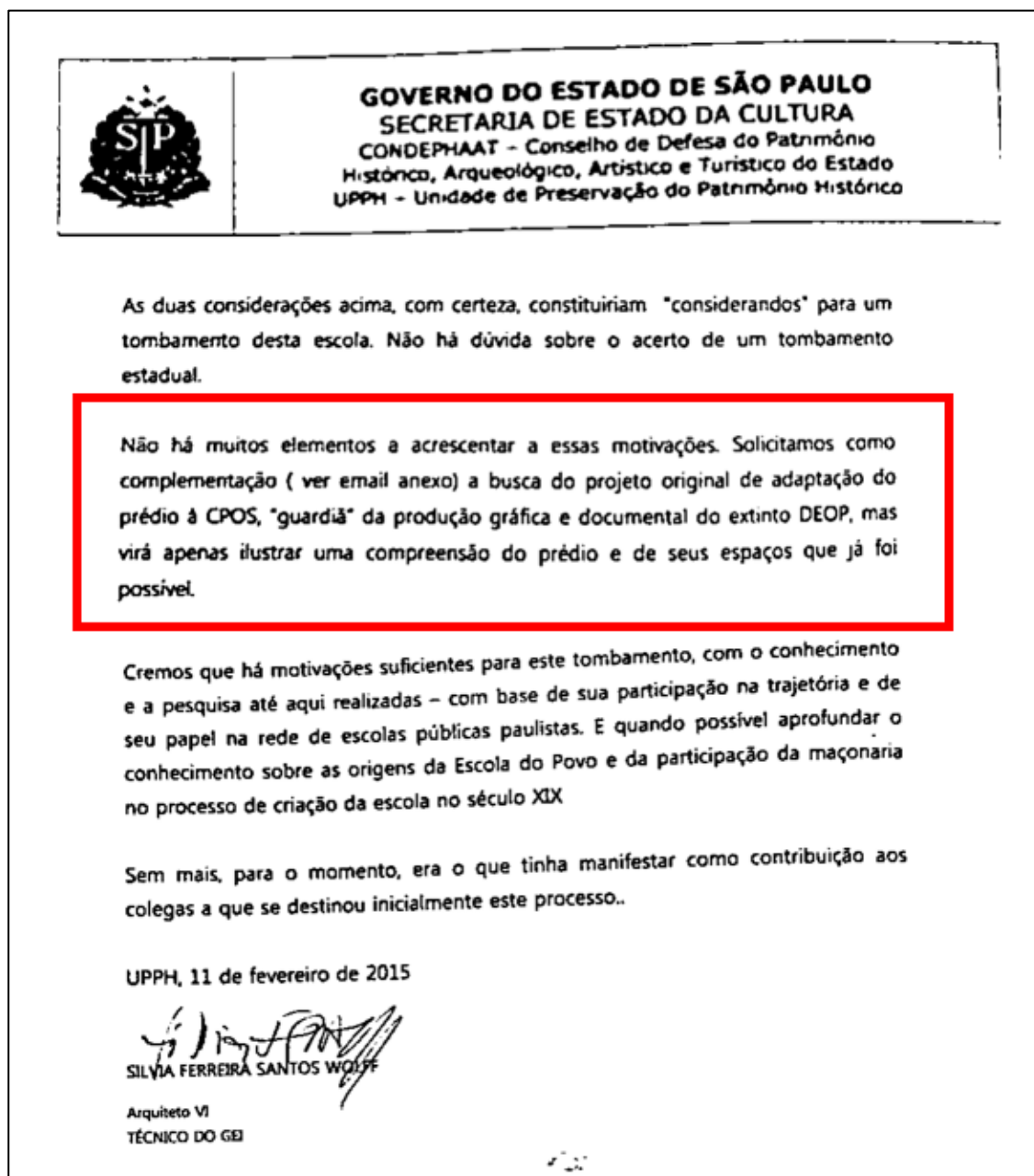
Essa reportagem como um novo elemento para análise dessa pesquisa torna-se de grande importância. Verificamos até o presente muitas tensões entre agentes: elites municipais e regionais, políticos, jornalistas. Todos esses representantes das instituições públicas ou privadas, buscando sempre implantar seus interesses pessoais políticos e econômicos.

Mas o que ainda não conseguimos verificar foi a presença do construtor, engenheiro, arquiteto ou desenhista desse tão importante projeto para a materialização da instrução popular no município de São Vicente através do Edifício Escolar próprio para a Escola do Povo.

Ainda que nesse mesmo período havia profissionais contratados pelo governo estadual para desenvolver esse tipo de trabalho junto às escolas estaduais, profissionais como: Ramos de Azevedo, Victor Dubugras, José van Humbeeck, Manuel Sabater dentre outros, não encontramos registros de documentos escritos e ou iconográficos sobre autor (es) de projeto e nem acompanhamento da obra do Edifício Escolar da Escola do Povo em São Vicente.

De acordo com o relatório técnico de tombamento da Escola do Povo, emitido pela Arq. Silvia Ferreira Santos Wolff, pesquisadora das escolas públicas paulistas republicanas, não é relatado autor do projeto, apenas que a escola foi idealizada por um grupo de maçons (Figura: 95).

Figura 95: Recortes do Relatório Técnico para Tombamento do Edifício Escolar



Fonte: CONDEPHAAT – Proc. 75385/2015 (2024)

Como muito bem observado pela pesquisadora e redatora do relatório técnico para tombamento do Edifício Escolar, é necessária “a busca do projeto original de adaptação do prédio à CPOS, “guardiã” da produção gráfica e documental do extinto DEOP”.

Mesmo assim, os movimentos de divulgação desse novo acréscimo no espaço escolar da Escola do Povo, transformado em Grupo Escolar, foi um elemento de tensões entre governo municipal, estadual e fundadores da associação Escola do Povo; foi mantido o primeiro nome dado pelos idealizadores e implantadores da escola no primeiro momento, como relatado na reportagem abaixo (Figura: 96).

Figura 96: Reportagem da unificação das escolas do município no edifício Escola do Povo

CORREIO PAULISTANO - Quarta-feira, 22 de julho de 1910 – Santos - ESCOLAS DE S. VICENTE - Santos, 21. – Vão ser reunidas no edifício da Escola do Povo, de S. Vicente, todas as escolas existentes naquela cidade.

Fonte: Acervo Pessoal – Transcrição (2018)

Para que houvesse os acréscimos construtivos no edifício escolar e denominação desejada, a associação da Escola do Povo doa o edifício escolar e o terreno para implantar o Grupo Escolar, conforme relatado na reportagem.

THE BRAZILIAN REVIEW - 13 de Setembro de 1910. - PÁG. 859 - Associação a Escola do Povo de São Vicente, Santos, doou o prédio e o terreno situado na Praça Coronel Lopes, no valor de 60 contos réis, para a fundação de um novo Grupo Escolar, a se chamar Escola do Povo (BRAGA, 2018, p. 137).



O anuário de 1913 – registra e apresenta pela primeira vez o nome “Grupo Escolar de São Vicente, reconhecendo a escola como parte integrante de todos os outros grupos escolares existem no estado (Figura: 97).

Figura 97: Reconhecimento do Grupo Escolar de São Vicente pelo Governo Estadual

S. VICENTE - Grupo Escolar de S. Vicente - Installado em 1912 - Funciona em 1 periodo, com 8 classes - Matricula em 1913: 365 alumnos. Frequencia média: 169>> Director: Antonio de Mello Cotrim, normalista. ADJUNTOS: Domitilla da S. Menezes, normalista. Amelia P. do Valle Moura, normalista. Ozorio Bella, normalista. Carlos Borba, complementarista. Aracy Nogueira Wutker, normalista. Idalina Viegas, complementarista. Maria A. Q. Moreira, normalista. Lucia Bressane, normalista. (Sem regência de classe) Ducilia C. Mattos Dias. Anezia Salles.

Fonte: Acervo pessoal – Transcrição (2018)

Estabelecida formalmente a estrutura (física e denominacional) de um Grupo Escolar no município, esse vem representar uma ferramenta fundamental para as relações políticas com o estado. Dessa forma, São Vicente se colocava em evidência como todos os outros municípios do interior e do litoral que buscavam implantar e manter os seus Edifícios Escolares – Grupos Escolares e, assim, mantinham status no fator político e econômico estadual.

### 6.3.3. Registros diversos - divulgação e difusão dos Valores Estéticos e Simbólicos para Cultura Escolar

Constatamos ainda que as décadas seguintes, a elite vicentina, buscou registrar e divulgar incessantemente esse símbolo republicano materializado pelo Grupo Escolar. As características estéticas desse período foram tão significativas para a elite vicentina, que buscavam retratar e representar hegemonicamente professores (as) alunos e alunas que compunham aquele espaço escolar (Figuras: 98 e 99).

Figura 98: Certificado de Conclusão do 4º Ano – Grupo Escolar de São Vicente - em 20.12.1926 - aluno Silvério Pandozzi Júnior



Fonte: Página de site – (verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Os registros apresentados relatam a importância dos alunos (as) concluírem o 4º ano primário. Tal elemento denota o quão significativo foi para o município estabelecer o Edifício Escolar como um elemento de segregação social.

Figura 99: Profa. Dona Marietta (1º Ano) e Profª Dona Alzirah Becker – (3º e 4º Ano) (1937-1938) - Certificado de Conclusão do 4º Ano – Grupo Escolar de São Vicente - em novembro/1938 – aluna Neyde Tadeu



Fonte: Página de Site – (Verificar Referências Bibliográficas - Figuras) - (2024)

Os diplomas moldurados com os símbolos republicanos, são elementos estéticos que perpetuaram até os nossos dias. Eles representam as conquistas acadêmicas que os cidadãos obtiveram através de seus esforços.

Esses registros (Figuras: 100, 101 e 102) dos vencedores e dos contribuintes com o progresso do município de São Vicente, com o estado e com o país são utilizados como referenciais da educação vicentina.

Figura 100: Reportagens do Jornal “A Tribuna” – Diferentes Décadas – 04.08.1963 (Edison T. Azevedo) – 13.06.1989 (Adamastor Amado Stoffel) – 26.07.2004 (Luiz Gomes Otero)



Fonte: Hemeroteca – Biblioteca da Universidade Católica de Santos (2018)

Houve sucessivas mudanças nas denominações e na estrutura física escolar: em 1947, passou a ser chamado “GESC Capitão-mor Gonçalo Monteiro”; em 1949, “GESC de São Vicente”; em 1979, “Escola Estadual de Primeiro Grau Profª Zina de Castro Bicudo” (implantando-se também o Segundo Grau, em 1985); em 2001, foi desativado como Unidade Escolar, sendo ocupado pela Diretoria Regional de Ensino; em 2004, efetuou-se uma obra de restauração; em 2008, recebeu a Escola Técnica Estadual do Centro Paula Souza; em 2011.

Dessa forma, os olhares para o Edifício Escolar vêm carregado com outros tipos de especulação que é a valorização do Patrimônio Histórico, tão defendido e divulgado por estudiosos, defensores da história e da memória nacional, estadual e municipal. As ações dos idealizadores só conseguem ser cumpridas com o apoio do

Poder Público. Dá-se aí um novo tipo de especulação do patrimônio cultural<sup>68</sup> - da cultura (bem) material-imaterial e tal movimento refletiu na História do Edifício Escolar – Escola do Povo, como podemos verificar algumas ações abaixo.

Figura 101: Registros (Reportagens) anexados – solicitação de tombamento em 17.08.2004 – IHGSV (Fernando Martins Licht)



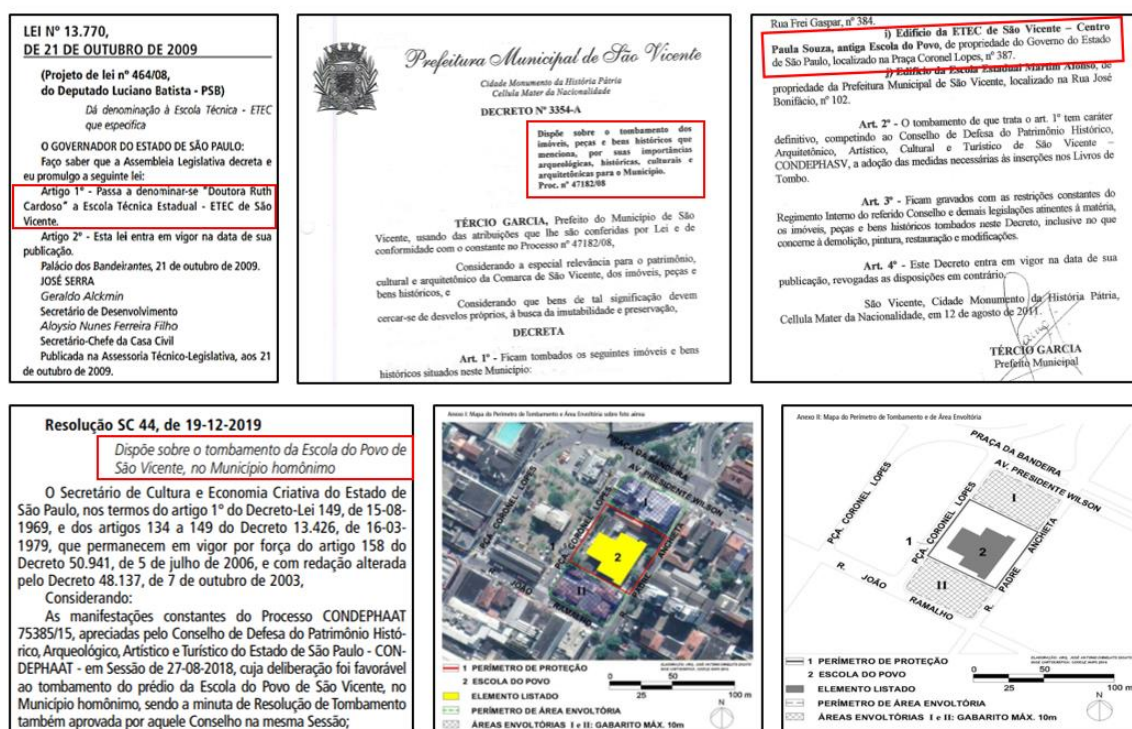
Fonte: CONDEPHAAT – Proc.74385/2015 (2024)

<sup>68</sup> A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, conceitua **patrimônio cultural** como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. [...] estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...] Os **bens** tombados de **natureza material** podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. [...] Os **bens** culturais de **natureza imaterial** dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). [...] A Constituição estabelece ainda a parceria entre o **poder público** e as **comunidades** para a **promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro**, no entanto mantém a **gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública**. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>, Acesso: 14.03.2023.



Observamos que tais movimentos de interesses sociais e culturais municipais que ocorrem em relação ao Edifício Escolar caracterizam a vontade política e de uma sociedade que se encontra distante da comunidade vicentina. Esse é um reflexo das ações das políticas sociais e educacionais desenvolvidas desde o período republicano.

Figura 102: Implantação da Etec Dra. Ruth Cardoso, Tombamento Municipal e Estadual do Edifício Escolar



Fonte: Etec Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso, CONDEPHASV e CONDEPHAAT (2024)

Todo esse aparato da estética escolar republicana, repercutiu na sociedade da elite vicentina. No entanto a valorização do Edifício Escolar como elemento

representativo da Instrução Pública em São Vicente no período republicano não busca exercitar com a comunidade vicentina o que realmente esse edifício escolar representou para a maioria da população pobre, mas busca sim enaltecer como um elemento que caracterizou o progresso educacional municipal.

#### **6.4. O edifício escolar – elementos simbólicos e estéticos – exercício nas sensibilidades e afetos na criança/aluno no período republicano**

Dessa forma o texto de Escolano (2017) em conjunto com os nossos levantamentos, nos leva a entender que os elementos simbólicos e estéticos da vida escolar buscavam exercitar sensibilidades e afeições nas crianças da comunidade caixara para absorver o ideário republicano. Marcílio (2014) complementa o nosso entendimento apresentando-nos o papel do edifício escolar para a sociedade daquela época.

O prédio escolar não cumpria apenas um desiderato estético, de identificação da escola no meio urbano e de força política; cumpria um objetivo educativo de real importância nessa época, para o êxito da educação [...] além dos aspectos exteriores, a sã pedagogia “exige o conforto, a elegância e até a arte para criar uma atmosfera de bem-estar, de alegria e de beleza, que predisponha a criança ao trabalho, e ao estudo, encantando-lhe o coração e deitando-lhe o espírito. A escola que não reunir esses predicados não será certamente estimada pelos bons pedagogos” (MARCÍLIO, 2014, p. 178).

Tais características estéticas que os edifícios escolares apresentavam para a sociedade estavam impressos nos símbolos dos ideais republicanos idealizados pelos formadores intelectuais, políticos e grupos de elites.

O edifício escolar Escola do Povo contribuiu para firmar uma cultura escolar na criança de disciplina, dedicação, higiene, civilidade, admiração ao regime, investimento do tempo para o estudo e para o trabalho e ainda como elemento divulgador do progresso através da educação e participante patriótico nacional.

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda essa semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. [...] o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos (FRAGO e ESCOLANO, 2001, p. 26).

Com o texto de Frago e Escolano (2001), entendemos que o ambiente escolar vai além de uma estrutura física projetada para satisfazer as demandas da escola; deve ser entendido como um elemento cultural. O contexto escolar republicano pode ser interpretado como um espaço de controle comportamental, formando corpos e mentes através de sua estrutura espacial.

O espaço escolar remete os alunos a outros espaços de convívio. Nesse contexto abordado, verificamos que na Escola do Povo os movimentos educacionais além de ter a capacidade de replicar práticas destinadas a “disciplinar” o aluno, relacionando a postura e comportamentos, também tinham a finalidade de interação social com uma sociedade elitista vicentina, que se automeavam construtoras da cultura republicana.



DIARIO DE SANTOS – QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1903 - S. Vicente - ESCOLA DO POVO

Teve lugar no dia 12 do corrente, na vizinha cidade de S. Vicente a inauguração do Theatrinho Infantil da Escola do Povo, por iniciativa dos srs. Alexandre Santos e Antonio Militão de Azevedo. O espectáculo constou de uma drama em três actos O Anjo da Paz, uma comedia O Mestre Escola e da cançoneta A Vendedora de Flores. Tomaram parte no espectáculo as meninas Waldomira, Alzira e Orieta de Azevedo, Silvia Robim Cezar e Maria V. Araujo, bem como os inteligentes meninos Manoelito Silva, João Toledo e Olympio Azevedo. Todas as peças que foram levadas á scena, são em versos, escriptos expecialmente para o Grupo Infantil pelo sr. Alexandre Santos, que foi também o ensaiador. O espectáculo agradou imensamente e o salão esteve repleto de espectadores, que não regatearam ap\_ ntosomado á scena. **O teatrinho é devéras elegante e panno de boca e parte do scenario foi pintado pelo distincto pintor B. Calixto** e por seu inteligente filho Sezinande Calixto que foram também chamados a scena e entusiastamente applaudidos (Diário de Santos, 1903, p. [--], grifo nosso).

As representações sociais nos eventos são de muita importância. Verifiquemos as famílias ali representadas como promotoras da instrução popular, são famílias da elite vicentina, onde verificamos a presença de Benedito Calixto, um personagem reconhecido pelos seus quadros e pinturas.

#### 6.4.1. Manter o Ideário Republicano - Investimento do Governo Municipal e Estadual

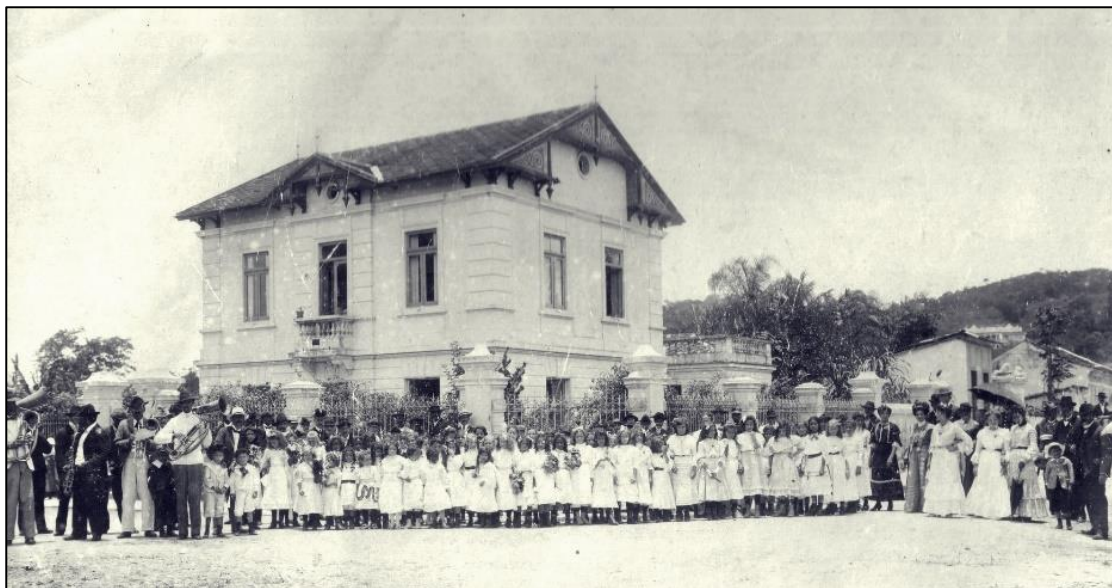
Ainda que o cotidiano escolar não apresentasse uma frequência regular dos alunos, isto aconteceria nos encontros de encerramento anual; pensamos que os professores e alunos eram convocados para aquele momento e, assim, uniam todas as escolas do município aumentando o número de alunos.

CORREIO PAULISTANO - Sabbado, 10 de Dezembro de 1904. Escola do Povo

Com a maior solennidade realizou-se hontem em S. Vicente a distribuição de prêmios aos alumnos da Escola do Povo. Foi orador o sr. dr. Alberto Loeffgre, director do Horto Botanico dessacapital, o qual discorreu sobre diversos pontos da historia natural. Tambem usou da palavra o sr. professor Stockler de Lima (Correio Paulistano, 1904, p. [--]).

O encontro expressa a importância da instrução pública para o governo municipal e estadual buscando transmitir, pela imagem, que é um evento festivo com crianças instruídas, saudáveis, higienizadas e consequentemente civilizadas, valores estéticos e simbólicos para os ideais republicanos (Figura: 103).

Figura 103: Encerramento do ano letivo das escolas públicas de São Vicente, em 10.12.1904, na esquina da rua XV de Novembro com rua Jacob Emmerich - Intendente Salvador Leal e o Inspetor Literário Militão Azevedo



Fonte: Polianteia Vicentina (2018)

Vale realçar a importância dessa imagem para os registros documentais para serem utilizados como elementos modelos de instrução pública, tal registro de interesse político e econômico municipal e estadual é apresentado no Anuário do Estado.

**Escolas Isoladas** A legislação escolar vigente sobre estes institutos de ensino: compreende: [...] Segundo o Regulamento de 30 de Setembro de 1904, as escolas isoladas classificam-se – escolas ambulantes, escolas situadas em bairros ou sedes de districto de paz e escolas situadas em sede de município. Da primeira categoria não existe nenhuma escola provida. O numero total de escolas providas das duas outras categorias é, em todo o Estado, de 1.276, sendo 1.139 no interior e 137 no município da Capital. Não estão incluídos neste computo os cursos nocturnos providos, que são em numero de 22, sendo 20 no interior e 2 na capital. **Escolas Isoladas do Interior** - Relação das cadeiras providas e vagas em 31 de Março de 1908. S. Vicente - **ESCOLAS PROVIDAS** = Sexo masculino - Cidade, 1ª – Pedro de Jesus, intermédio; 2ª – Ataliba Antonio de Oliveira, normalista, Praia Grande, 1ª – Leonidas Belle- garde, complementarista. - Sexo feminino - Cidade, 1ª – D. Amelia P. do Valle Moura. Normalista; 2ª – D. Idalina Viegas, complementarista Praia Grande, 1ª – D. Christina Pia, normalista. **ESCOLAS VAGAS** - Masculina: - Praia Grande, 2ª. Feminina: - Praia Grande, 2ª. **ESTABELECIMENTOS SUBVENCIONADOS.** Existem em S. Paulo 42 instituições de ensino privado subvencionadas pelo Estado, sendo 18 na Capital e 24 no interior. Com taes auxílios despende a Fazenda Pública Rs. 435:300\$000 (Anuário do Estado SP, 1907 a 1913).

Observamos mais um elemento importante para a relação política e econômica entre a Escola do Povo representada pelo município de São Vicente e o Governo do Estado de São Paulo.

[...] a **Escola do Povo**, nesse momento **não pertencia ao Governo Estadual**, ela era considerada com uma **Instituição Particular Subsidiada pelo Estado**. O interessante dessa percepção é analisar **até que ponto valeria para o Estado manter uma Instituição sem ser o seu responsável**. Os dois quadros abaixo, apresentarão alguns valores de verbas subsidiadas pelo Estado no período correspondente (BRAGA, 2019, p. 129).

Apresentamos a (Tabela: 4): municípios, instituições e as verbas subsidiadas pelo governo estadual de acordo com a lei nº 1.114 de 27 de dezembro de 1907.

Tabela 4: Municípios, Instituições e Verbas - 1907

| MUNICIPIO   | INSTITUIÇÃO                 | VERBA        | TOTAL POR MUNICIPIO |
|-------------|-----------------------------|--------------|---------------------|
| São Paulo   | 18 Instituições Diversas    | 306:600\$000 | 306:600\$000        |
| Santos      | Asylo da Infancia Desvalida | 24:000\$000  | 52:600\$000         |
|             | Auxiliadora da Instrução    | 3:600\$000   |                     |
|             | Escola do Commercio         | 25:000\$000  |                     |
| São Vicente | Escola do Povo              | 5:000\$000   | 5:000\$000          |

Fonte: Acervo Pessoal - Elaborado pelo Autor (Anuário do Estado SP) (2025)

Apresentamos a (Tabela: 5): municípios, instituições e as verbas subsidiadas pelo governo estadual de acordo com a lei nº 1.160 de 29 de dezembro de 1908.

Tabela 5: Municípios, Instituições e Verbas - 1908

| MUNICIPIO    | INSTITUIÇÃO                  | VERBA        | TOTAL POR MUNICIPIO |
|--------------|------------------------------|--------------|---------------------|
| São Paulo    | 18 Instituições Diversas     | 100:000\$000 | 100:000\$000        |
| Santos       | Asylo da Infancia Desvalida  | 24:000\$000  | 52:600\$000         |
|              | Auxiliadora da Instrução     | 3:600\$000   |                     |
|              | Escola do Commercio          | 25:000\$000  |                     |
| São Vicente* | Escola do Povo de S. Vicente | 5:000\$000   | 5:000\$000          |

Obs.: \* São Vicente está vinculado à Santos como município nessa tabela.

Fonte: Acervo Pessoal - Elaborado pelo Autor (Anuário do Estado SP) (2025)

As relações do poder público, políticos e a elite local, são claramente percebidas pelos cargos e nomeações apresentadas nos registros documentais e nas reportagens jornalísticas do período histórico.

Apresentamos nossa transcrição de uma reportagem no Jornal “A Vanguarda – Diário da Manhã”, Independente - Santos, intitulada: “São Vicente”, no dia 06 de fevereiro de 1909 (sábado):

Em assembleia geral ante-hontem realizada foi eleita e empossada a **directoria seguinte** da **Escola do Povo**, para o **corrente anno**: Presidente. **Dr. Persio de Souza Queiroz**; V. Presidente, **Luiz Ianckens**; 1º Secretario, **Alexandre Santos**; 2º Secretario, **João W. Emmerick**; Tesoureiro, **Jeronymo Moura**; Conselheiros: **Joaquim Duarte da Silva**, Heinrich Whill e Antonio Militão de Azevedo. Comissão de contas: **Verano Pontes**, **Guilherme Johns**, **Horacio Lopes dos Santos** (Diário da Manhã, 1909, p. [-], grifo nosso).

Apresentamos também a nossa transcrição de uma outra reportagem de um outro Jornal “Correio Paulistano” (Interior - Santos), intitulada: “Escola do Povo – nova diretoria”, no dia 01 de janeiro de 1910 (sábado):

Na assembléa geral, realizada na **Escola do Povo**, de São Vicente, foi eleita a **seguinte directoria** para o **ano próximo**: Presidente, **dr. Persio de Sousa Queiroz**, vice-presidente, **Luiz Yankens**, primeiro-secretario, **Alexandre Santos**; segundo secretario. **João W. Emmerich**; tesoureiro, **Jeronymo Moura**; conselheiros: **Joaquim Duarte da Silva**, Henrique Witte e Quirino Motta; comissão de contas, **Guilherme Johns**, **Horacio Lopes dos Santos** e **Verano Pontes** (Correio Paulistano, 1910, p. 02, grifo nosso).

Verificamos também, que os nomes das pessoas envolvidas nos cargos e nomeações para a Escola do Povo, ainda que mudasse de ano em ano, só passariam de um cargo para outro, sem deixar de se envolver nas ações da instrução local, o que evidencia um controle constante sobre a população.

Um outro elemento que levantamos, também muito significativo de encontros sociais representativos no entorno do Edifício Escolar, foi registrado no jornal “O Paiz” no dia 13 de maio de 1910 (sexta-feira).

[...] - Além das **soleminidades** promovidas pela Federação dos Homens de Côr, em S. Paulo, a passagem da gloriosa data será festejada por diversas comissões populares em Santos e em S.Vicente. [...] às 5 horas da tarde, **concerto** na praça Coronel José Lopes pela **banca Colonial**; e às 8 horas da noite, **conferencia publica** na **Escola do Povo** pelo conhecido **orador** Dr.Rufino Tavares (O Paiz, 1910, p. 3, grifo nosso).

Em uma outra reportagem de um jornal americano, verificamos que a “associação” doa um terreno para fundar um “novo” Grupo Escolar – se chamaria “Escola do Povo”.

**Associação a Escola do Povo de São Vicente**, Santos, **doou o prédio e o terreno situado na Praça Coronel Lopes**, no valor de 60 contos réis, para a fundação de um **novo Grupo Escolar**, a **se chamar Escola do Povo**. Para **ajudar a Associação na construção de uma sala para estudo de música**, e para executar outros itens do programa, **o Governo do Estado contribuiu com a soma de 15 contos de reis**. Dr. Persio de Souza Queiroz, presidente assinou a escritura em nome da Associação, e Dr. Luiz Arthur Varella procurador, em nome do Governo (The brazilian review, 1913, p. 859, grifo nosso).

Percebemos na reportagem acima que, como forma de incentivo ao desenvolvimento e aprendizagem musical para as crianças e levando em conta também os interesses sociopolíticos para apresentar a escola como elemento escolarizador da sociedade, o governo estadual investiu financeiramente na construção de uma sala de música na Escola do Povo, para continuar a realizar solenidades, programações, celebrações cívicas e nacionalistas.

Verificamos no livro “Vultos Vicentinos – Subsídios para a história de São Vicente” que havia um professor chamado Antônio Pedro de Jesus (educador, poeta e musicista) irmão de Benedito Calixto (famoso pintor e ilustrador do cotidiano vicentino), de família burguesa e influente no município de São Vicente.

São Vicente possuiu **numeroso conjunto musical infantil**, denominado **Banda de Música Infantil “Escola do Povo”**. Fundada em 1904, era mantida pela **Sociedade Cívica** e foram seus diretores os srs. Alexandre Lopes dos Santos e Jerônimo dos Santos Moura. O instrumental foi adquirido em São Paulo, por meio de subscrição entre o público vicentino (AZEVEDO, 1972, p. 246).

Azevedo (1972) relata a importância da Banda de Música Infantil “Escola do Povo” e apresenta todo o percurso: a fundação em 1904, apresentações “compostas de **25 executantes e uniformizados** e com **apreciável afinação**, apresentou-se em **numerosos concertos**”. O autor acrescenta que, em eventos, ela se apresentava “muitas vezes a bandinha era **solicitada a abrilhantar festividades cívicas, religiosas ou esportivas**” de acordo com Figura: 104. (grifo nosso).

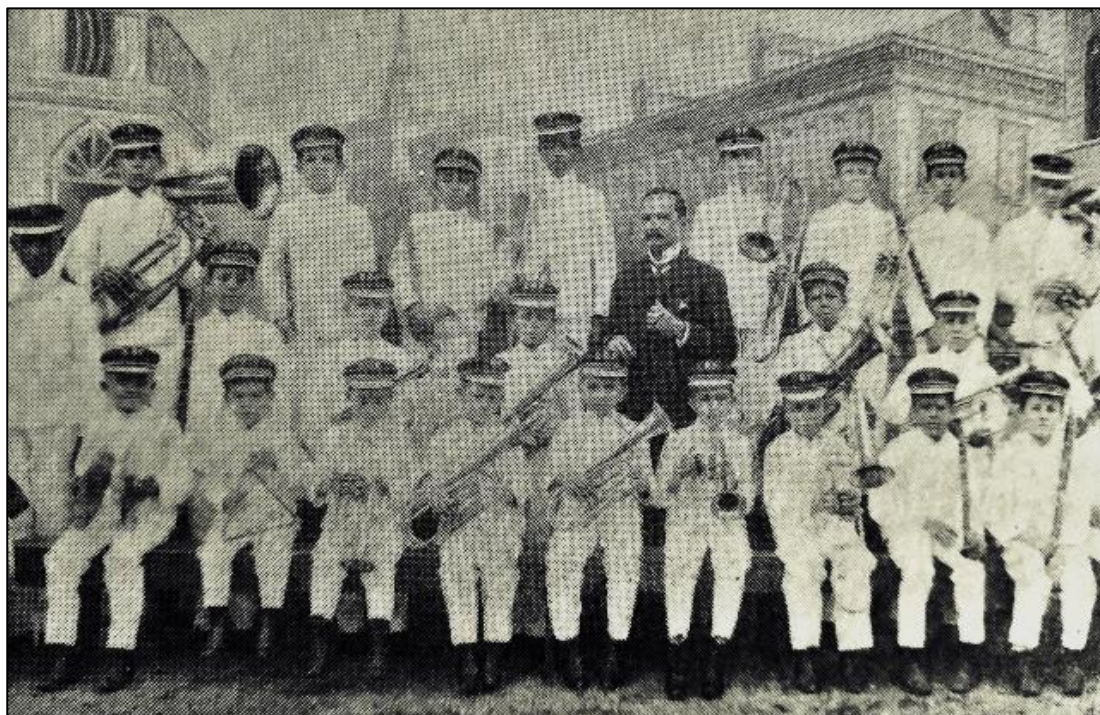
E, ainda, relata a participação numa **competição de bandas promovida pelo governo estadual** na cidade de São Paulo nos **dias 05 e 07 de setembro de 1909**, enfatizando que a banda “de São Vicente era a **única infantil, classificando-se como vice-campeã**”; como forma de **reconhecimento estadual e municipal** “A



Banda Infantil “Escola do Povo” foi **premiada** com **diploma** e **medalha de prata**, sendo **festivamente recebida** no seu **regresso a São Vicente**” (grifo nosso).

Entendemos que todos esses esforços aplicados desde a constituição, investimento em instrumentos, uniformes, apresentações, prêmios e reconhecimento da Banda Infantil “Escola do Povo” no município e estado, representa o interesse da elite vicentina em arrecadar verba financeira do governo estadual para o município, em contrapartida o governo estadual investir na escolarização da sociedade através das solenidades e festividades cívicas no município e região.

Figura 104: Professor e Maestro Antônio Pedro de Jesus - Banda Infantil da Escola do Povo



Fonte: Edson Telles de Azevedo - Jornal “A Tribuna” 1963 – (2018)



Pensar a importância da banda musical para o município, é pensar no valor social de escolarização regional e estadual, idealizada pelo poder público e pela elite local. Ela está sempre presente em todas as celebrações e festividades municipais, regionais e estaduais.

#### 6.4.2. Processo de Escolarização Republicana - Sensibilidades e Afetos nas Comemorações Cívicas e Festividades Sociais (criança/aluno)

As festividades cívicas são elementos simbólicos e estéticos da valorização do nacionalismo que também estaria sendo implantado durante o período histórico. Esses eventos estão sempre ligados com apresentações musicais, poesias e discurso de políticos e da sociedade burguesa. Dessa forma os convites a todos os tipos de associações reconhecidas socialmente existentes no município e estado fortalecem a difusão do ideário republicano.

DIÁRIO DE SANTOS (FUNDADO EM 1872) - **Sabbado, 8 de Dezembro de 1906** - Escola do Povo - Diário de Santos

Hoje, às 7 horas da noite, realisam-se as **cerimonias do encerramento do anno lectivo e distribuição dos prêmios, aos alunos** da Escola do Povo de S. Vicente, sendo convidados pela directoria os sócios e suas exmas. Famílias. A banda infantil, pertencente á mesma Escola, tomará partes nas solenidades, executando varias peças (Diário de Santos, 1906, p. [--]).

As duas reportagens, acima e abaixo, retratam as celebrações que marcaram parte da trajetória da Escola do Povo. O objetivo dessas matérias é apresentar à sociedade vicentina desde sua inauguração, aniversário, início e término do ano

letivo, destacando a escola como um componente relevante na sociedade republicana.

Diario de Santos - Escola do Povo de S. Vicente - **Terça-feira 11 de Dezembro de 1906**. - Escola do Povo

Com assistência de numerosas famílias e cavalheiros, effectuou-se **sábado á noite**, na vizinha cidade de S. Vicente a **solenidade do encerramento das aulas da Escola do Povo, sendo distribuídos prêmios aos alumnos** que pelo seu comportamento e applicação mais se distinguiram. Terminado esses actos a alumna Emilia Vianna cantou as cançonetas A Creada e Manoel Corisco, e o alumno João Toledo disse o monologo A Familia. Tocou durante a festa da banda infantil damesma escola, sendo muito applaudida nas peças interpretadas. Aos presentes a directoria dispensou captivas atenções (Diário de Santos, 1906, p. [--]).

Manter constantemente essa estrutura social republicana tornou-se um fator desafiador para o poder público e as elites locais, como vimos nas duas reportagens que se repetem (primeira no dia do evento e a outra relatando como foi o evento – acrescentando algumas palavras e verbos).

Vimos que as crianças já são tratadas como alunos: uma uniformização de produto social republicano. Faria Fº (2014) desenvolve o processo de transformação da criança em aluno.

A produção de uma representação da escola como uma instituição separada do lugar da casa e da rua, que se apropriou de e reconstituiu uma temporalidade própria, que organizou e buscou ensinar conhecimentos, sensibilidades, valores específicos, enfim, que implicou na construção e imposição de uma nova cultura escolar, teve também como resultado dos mais duradouros a transformação escolar da criança em aluno (a) (FARIA Fº, 2014, p. 187).

Existem vários movimentos para impactar a população local sobre a importância e relevância da escola dentro do município. Buscam conexões entre os familiares através das crianças (alunos), com distribuição de prêmios e evento musical, ao ponto de repetir a mesma reportagem três dias após evento. Tudo isso sempre acompanhado da banda musical da Escola do Povo.

Diario de Santos - Domingo, 21 de Abril de 1907 - NOTA DE RODAPÉ - PARQUE BALNEARIO – Hoje - Concerto todas as noites - Hoje – Entrada franca – AO PARQUE – Entrada franca

Festival dos alunos da banda de musica infantil da Escola do Povo-de S.Vicente, com variado programma (Diário de Santos, 1907, p. [-]).

Esse artefato cívico educacional apresenta em seus símbolos, os valores estéticos republicanos. Não são elementos imóveis; pois circulam de município em município, realizando competições “implícitas”, de controle dos corpos, higiene e civilidade através da música.

Verificamos ainda um furo de reportagem, se assim podemos expressar: a reportagem relata que por “ordem disciplinar” as aulas de música da escola foram suspensas.

DIARIO DE SANTOS – Sabbado, 24 de Março de 1906 - Aula de musica - Recebemos a seguinte carta: Cidadão Redactor.

Carece de fundamento a noticia do vosso correspondente, publicada, sobre a **aula de musica da Escola do Povo**. Por motivos de **ordem disciplinar** foi **suspensa** essa aula em 31 de Janeiro pp. Mas desde 15 do corrente

que voltou a funcionar. **Não foi** portanto a **falta de professor** que determinou a suspensão, nem o tempo decorrido a de 5 meses mais ou menos. A **suspensão durou mez e meio**, e isto mesmo duvido anão poder a directoria em exercicio tomar deliberações que competirão à sua sucessora, cuja eleição dependia de assembléa geral convocada. Subscrevo-me com respeito. Att'IV.C. A. Santos, Inspector das aulas. S. Vicente, 24 – Março – 1906 (Diário de Santos, 1906, p. [--], grifo nosso).

No entanto a reportagem está muito vaga, incompleta e sem fundamentação segundo o redator do jornal. Dessa forma, a reportagem encontra-se obtusa aos leitores do jornal; tal fato impresso no jornal local daquele período nos incita a questionar sobre as relações e as intenções dos jornalistas ou do diretor do jornal junto a sociedade burguesa vicentina, onde deveriam verificar o que pode ou não ser relatado no jornal.

Ainda que fossem muito adversas essas situações, os momentos de eventos estéticos cívicos nacionalistas percorriam todo o município através de apresentações, dentro e fora do Edifício Escolar (Figuras: 105, 106 e 107).

Figura 105: Evento Social Escolar Período Republicano



Fonte: Jornal a Fita (2018)

Percebemos nessa comemoração escolar: a solenidade, a homogeneização da vestimenta (uniformes), a organização das crianças em fila, disciplina e controle dos corpos, e o patriotismo simbolizado pela Bandeira Nacional, cantos e hinos.

A festividades foram elementos fundamentais para a difusão do pensamento republicano, ocorriam dentro e fora da escola em datas comemorativas, desfiles e apresentações à sociedade local, regional e estadual, enaltecendo o patriotismo e o nacionalismo, em detrimento das culturas das comunidades que nasceram. Toro-Blanco (2021), descreve esses eventos estéticos patrióticos que tem por finalidade exercitar as emoções, e o controle sobre os corpos.

Ahora bien, si la estética escolar participante en las ceremonias oficiales se manifestó como performance con rasgos castrenses, en la que el hieratismo de la postura y la simultaneidad y coordinación de los movimientos fueron los indicadores del mensaje que se buscaba transmitir a través del cuerpo colectivo de las y los estudiantes, cabe preguntarse si hubo otros componentes que, asociados a las festividades, dieran cuenta de propósitos formativos dirigidos hacia la sensibilidad del alumnado. Ello puede ser explorado a través de otros dispositivos afectivos como, por ejemplo, el sonido y la música (TORO-BLANCO, 2021, p. 15).

Entendemos que Faria F<sup>o</sup> (2014) e Toro-Blanco (2021), tratando-se das festividades e celebrações escolares, comungam das mesmas ideias; o que nos ajuda a compreender melhor todo o processo de escolarização da civilidade, disciplina e controle dos corpos das crianças. Levantamos uma questão pela própria cultura do caíçara, devemos considerar que o processo de aprendizagem e absorção das “crianças caiçaras” sobre disciplina e controle dos corpos são diferenciados das crianças de famílias das elites cafeeiras.

Com certeza, o canto, mas também as comemorações, as festas, as “aulas de urbanidade”, os espetáculos foram, ao longo da primeira república (e mais ainda nos períodos autoritários posteriores), utilizados como poderes mecanismos de educação e conformação de corpos e mentes. (Faria Fº, 2014, p. 117).

A escolarização da sociedade ocorre através dos desfiles escolares, das encenações e das bandas musicais. Essas representações são enaltecidas pelas solenidades, festividades, celebrações e comemorações cívicas. Nessas atividades estéticas são esboçadas de forma velada, quais os trajetos que os alunos escolarizados devem percorrer e, assim, interiorizar a retórica republicana, imaginando que faz parte no progresso da nação e, como resultado desse processo simbólico ele atua no seu modo de pensar, ver, agir e sentir como uma sociedade civilizada requer dele.

[...] el Estado dejaba ver la preocupación por unificar una sonoridad educativa, atendiendo a que la performance musical tenía el doble efecto de moralizar y nacionalizar mediante el fraseo y la construcción de sentido presentes en las letras de las canciones como también de generar atmósferas sensibles, gracias a la ejecución compartida del canto escolar, en las aulas [...]. Tanto respecto a las ceremonias de congregación masiva como respecto al uso de la música para fines de promoción del patriotismo, vale la pena considerar de modo matizado los grados de eficacia que alcanzaron y su capacidad de atraer, convocar e involucrar a los distintos actores (TORO-BLANCO, 2021, p. 16).

As comemorações são representadas por metáforas dentro de uma estrutura estetizante para a construção do sensível; ou seja, é descrito como um instrumento que gera experiências poderosas e eficientes, moldando as maneiras de perceber, sentir e compreender os sujeitos que as vivenciam.

Figura 106: Comemoração dentro do Edifício Escolar – Composição das professoras com as alunas escolarizadas com os ornamentos e estéticas simbólicos do Ideário Republicano



Fonte: Almanaque – A Fita – 1915 (2018)

A articulação entre a política, economia, educação e arquitetura organizaram a criação de artefatos de ilustrações e uma Cenografia Escolar onde se formalizou uma estrutura de construir a Nação; definindo a estética e a iconografia patriótica, com bom gosto e valores simbólicos, utilizando a arquitetura e a localização edifícios escolares urbanos como marcas de papel e de identidade civilizatória.

Figura 107: Comemoração dentro do Edifício Escolar – Composição dos Alunos Escolarizados com os Ornamentos e estéticas simbólicos do Ideário Republicano



Fonte: Almanaque – A Fita – 1915 (2018)

Em todos esses elementos apresentados, verificamos que a presença da criança caiçara ou a infância caiçara, não se fez presente em nenhum processo de escolarização no período republicano no município de São Vicente. As crianças (alunos) apresentadas nesses relatos não representavam as crianças caiçaras, mas sim, crianças que já haviam passado por um processo de escolarização familiar elitista, longe dos movimentos populares, como apresentado por Faria F<sup>o</sup> (2014).

[...] nas primeira décadas do século passado, a criança, enquanto sujeito sócio-histórico, isto é, enquanto sujeito participante e portador de uma cultura, de sensibilidades e valores próprios, possuidor e continuador de uma tradição e/ou sujeito de desejo e busca estruturar seu mundo, seu conhecimento e suas relações sociais em função não de uma agencia de ensino (escola), mas no



sentido de sua própria vida, passa a ser cada vez mais destituído de sentido e qualidade, dando lugar a apenas um sujeito que conhece, ou melhor, que aprende a conhecer (FARIA Fº, 2014, p. 189).

Buscando revelar as múltiplas nuances das temáticas investigadas, ao apresentar o desenvolvimento histórico das operações estéticas pelo ideário republicano, vimos que a instituição escolar através do Edifício Escolar e das práticas escolares contribuíram para gerar, espalhar e consolidar sensibilidades de civilidade e patriotismo, buscando destituir a criança caçara, em detrimento da construção do aluno republicano.

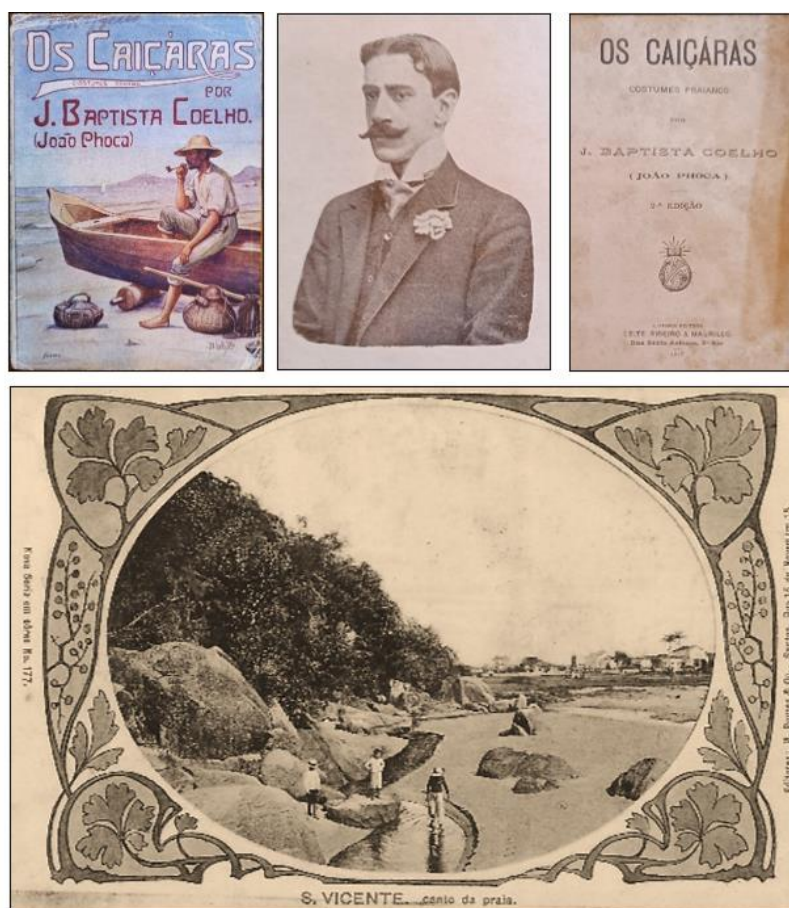
Ao destituir a criança como sujeito no interior da escola e, no mesmo movimento, instituir o aluno como categoria básica do sistema de ensino, o que está ocorrendo, como estamos vendo, não é apenas uma mudança de natureza semântica. Muito mais importante que isso, esse movimento denota força de uma das principais características da cultura escolar, qual seja, a de buscar destituir de sentido e valor todos os outros processos de formação humana que se dão no interior das práticas populares não escolares (FARIA Fº, 2014, p. 189).

Entendemos que num grito de resistência e pertencimento a sua comunidade, as crianças demonstram de forma lúdica que aprenderam a honrar o chão que pisam, o mar que nadam, a natureza que as alimentam; celebram os seus ancestrais com seus familiares, transmitem pelos seus atos a riqueza cultural do seu povo. Elas brincam, cantam, dançam desconsiderando o marco temporal, dessa forma manifestam a sua resistência ao processo de escolarização.

## 6.5. Grito de resistência da comunidade caiçara (crianças) para o ideário republicano implantado no litoral paulista

Apresentamos diversas justificativas para nossa defesa nas temáticas anteriores, relacionadas à inadaptação das crianças da comunidade caiçara ao processo de escolarização durante o período republicano. Em conjunto com essas justificativas, optamos por analisar o livro "Os caiçaras - trajes praianos", escrito por J. Batista Coelho (João Phoca) (1917) (Figura: 108).

Figura 108: Cultura Caiçara – Representação Iconograficamente de Forma Pitoresca



Fonte: Acervo Pessoal e IHGSV (2024)

Acreditamos que este livro retrata a vida comunitária do caiçara durante o período republicano, embora os textos sejam de autoria de alguém que não tenha sido segregado pelo ideário republicano, é possível obter uma perspectiva pitoresca da comunidade retratada pelo autor, necessitando ainda de uma análise mais crítica e analítica dos relatos apresentados.

#### 6.5.1. Cultura Caiçara - característica física, relações sociais, modos de morar, meio ambiente, trabalho comunitário e subsistência

Vejamos a seguir as características físicas, comportamentais e sentimentais do caiçara, descrito por João Phoca.

Aquelle rapaz alto, espadaúdo, musculoso, na força, na pujança de uns vinte annos robustos e sadios, valente, destemido, ousado até, despachado como ninguem para dizer duas verdades e meia, mesmo nas bochechas do mais pintado; aquelle pedaço de homem que, sentado á pôpa da sua esguia e fragil canôinha de guaperuvú, a que dera em mente o nome querido e protector de Rosinha, desafiava o temporal furioso, o rijo vento e o mar bravio, affrontando-os impavido e sereno, sem tremer, sem empallidecer sequer - aquelle caiçára forte e franco, rude e bello, em presença da mulher amada, tornava-se um medroso, um tímido (COELHO, 1917, p. 107).

Vimos que características físicas dos caiçaras são também resultado do meio em que vivem pois eles utilizam os recursos naturais ao seu redor, isso pode ser comprovado numa conexão profunda deles com o meio ambiente.

Trabalhador como poucos, a casa, desde que para ella entrara, prosperava: tinham a sua roçazinha de mandioca que lhes dava os seus vinte e cinco alqueires; elle lenhava e ia vender á cidade, o mangue e mais legumes e verduras (COELHO, 1917, p. 56).

Em contato direto com a transformação do meio ambiente para sua subsistência, a comunidade caiçara, apresentava um conhecimento e domínio dos fenômenos naturais e físicos, por fazer parte do meio em que vivem.

No entanto, a vida continuava a mesma de antes; encontravam-se sempre juntos, no trabalho, como outrora nos brinquedos.

Lidavam na mesma roça, no mesmo engenho, no tempo da farinha, e, pelas tainhas, puxavam a mesma rede. Depois, a gente daquelles vinte ranchos, que tantos haveria no semi-circulo de areia e matto, encurralado entre o Morro Pelado e a Ponta Grossa constituia como que uma só família (COELHO, 1917, p. 108).

O conhecimento sobre os fenômenos naturais e físicos do caiçara, gera interesse a especulação e conseqüentemente a ocupação da sociedade burguesa sobre os assentamentos dos caiçaras; pois entendiam que não necessitavam desses conhecimentos genuínos da comunidade local, mas sim da terra em que habitavam.

As regiões litorâneas, como praias e enseadas, são de acesso complicado. As pequenas comunidades pesqueiras, localizadas entre o mar e a floresta, sempre buscaram preservar seus valores coletivos. Nesse contexto, as práticas sociais se formavam desde o nascimento e se intensificavam com o tempo de convívio pessoal.

Isto de velha amizade é um modo de dizer, que, afinal, elles tinham dez annos feitos, um, outro dez annos por fazer.

A amizade não era, pois, velha; tinha a mesma idade que elles.

Nascidos na mesma praia, em casas vizinhas, filhos de pescadores amigos, irmãos de leite, foram creados juntos e juntos iam crescendo, socios em todos os brinquedos, em todas as peraltagens, sempre unidos (COELHO, 1917, p. 151).

Está nessa descrição de Coelho (1917) a base das relações sociais entre as crianças caiçaras, que se segue nas relações com os adultos, com as famílias da comunidade que trocam suas experiências, transmitem e constroem os saberes, desenvolvendo a cultura caiçara. (Figura: 109).

Figura 109: Cultura Caiçara: aprendizagem das crianças com adultos – diversos espaços geográficos da região (pesca, pecuária, agricultura...)



Fonte: IHGSV (2018)

Apresentamos aqui uma ressalva, que nessa análise não estamos incentivando o trabalho infantil, pelo contrário, entendemos que as relações das crianças com os adultos ocorrem dentro do ambiente familiar, na produção dos

fazeres, sem a institucionalização do trabalho, dessa forma construíam suas moradias, e demarcavam espaços para plantio.

#### 6.5.2. Segregação Social - Elite Burguesa Vicentina - Apropriação, Exploração e Transformação do Ambiente Litorâneo para Ambiente Urbano

No período em estudo identificamos também a participação de famílias ricas, que proporcionavam encontros festivos para diversão as crianças da comunidade caiçara.

Estava na praia, a passeio, hospedada em casa do patrão da rêde, uma família de ricos da cidade.

No dia do glorioso santo, o tal rico mandou armar um pão de sebo, tendo ao alto um premio que pertenceria a quem de lá o tirasse.

Só meninos poderiam disputar o premio e meninos appareceram em quantidade, não só dessa, como das vizinhas praias.

Havia grande movimento no terreiro, em frente á casa do patrão da rêde. (COELHO, 1917, p. 102 e 153).

Ao longo do nosso estudo, percebemos que esses eventos promovidos por essas famílias abastadas da cidade em questão visavam conquistar a comunidade por meio das crianças, apropriando-se do ambiente onde residem. Apresentamos nas imagens a seguir, as consequências dessas relações de conquista e apropriação do território litorâneo (Figura: 110).



Figura 110: Primeiros processos de exploração da Cultura Caiçara – participação da criança no processo de segregação infantil e Vida Urbana – Infância juntos aos conflitos de segregação social e urbana



Fonte: IHGSV (2018)

Para as crianças caiçaras, o mobiliário dentro de um edifício urbano, é de total estranheza porque, para elas, esses elementos dispostos dentro do espaço são apenas objetos estéticos, sem função alguma. Como podemos verificar no capítulo “O ladrão – a Alberto Souza” no livro de João Phoca (1917), uma situação em que uma criança vai até um local comercial e se depara com todos aqueles elementos.

- Eu espero.
- Vá então lá para a frente, que eu vou abrir a porta.

O Jango entrou e sentou-se no banco de espera.

Póz-se a olhar, admirado, aquella variedade de frascos, vasilhas, boiões enfileirados nas prateleiras envidraçadas da armação. Junto delle, dividindo a sala, uma grade envernizada; por traz, um balcão, tendo em cima uma balança de braços e conchas douradas e dous enormes frascos, um azul, outro vermelho. Sobre a porta do fundo um relógio (COELHO, 1917, p. 46).

Entendemos que para a criança caiçara, os artefatos urbanos encontram-se distantes da realidade da vida cotidiana delas e, assim, esses objetos tornam-se inúteis, pois no entendimento dessas, os utensílios domésticos e de trabalho devem ter alguma utilidade. Dessa forma, elas só entendem que esses artefatos como elementos meramente estéticos.

#### 6.5.3. Conflitos e contrastes sociais na cultura caiçara: luta pela vida, ambiguidade moral e (in) justiça

Quando há alguma necessidade (saúde, habitação, nutrição...) na comunidade ou na família caiçara, normalmente ocorrem movimentos e envolvimento comunitário em favor do necessitado. Embora as crianças sejam imaturas, elas desenvolvem um comportamento de solidariedade. Muitas vezes, por iniciativa própria, ao presenciarem o desespero dos adultos, elas se oferecem para auxiliar da maneira mais genuína possível.

Para entender nosso comentário, apresentamos um caso em especial do capítulo “O ladrão – a Alberto Souza” no livro de João Phoca (1917), que consideramos relevante para compreender o comportamento solidário da criança caiçara junto a sua comunidade.



O relato a seguir refere-se a uma criança enferma que precisa de um medicamento para lidar com a situação em que se encontra. Os seus pais não possuíam condições físicas e emocionais para buscar o medicamento. Como resultado, seu irmãozinho se propôs a buscar o remédio e, assim, sair da área rural em direção a cidade para buscar o medicamento, mas, infelizmente, por falta de atenção durante o percurso, ele perde o dinheiro.

O menino levou a mão ao bolso da camiseta e não encontrou o dinheiro. Curvou a cabeça, abriu o bolso e espreitou.

Nada Procurou no outro: nada também! Remexeu as algibeiras das calças; examinou o chão em volta. Ainda nada! Não encontrava a maldita nota que o pai lhe dera!

Empallideceu; o queixo foi-se-lhe franzindo aos poucos; as palpebras encheram-se d'água e, levando o braço aos olhos, desatou a chorar.

- Per...di... o... dinhei...ro... soluçou, arquejando.

- Hom'essa! muito bonito! Veja lá nos bolsos... Não está? Vá então procurar alli ao lado, em baixo da janella... Ande, mexa-se, homem!... Quem sabe se cahio quando você tirou a receita... Vá, vá; deixe-se de choro.

Foi, apesar de lhe parecer baldado aquillo...

- Qual, cahira no caminho!... Que fazer agora?

Pedir ao homem que dêsse o remedio, promettendo pagar depois?... Mas elle não o dava, com certeza...

E, se dêsse, como pagaria?... Pedir o dinheiro a alguém, na villa?... A quem?... Não conhecia ninguém... Não o levar? E se a Bitinha morresse por falta delle?...

Essa lembrança negra, agoireira, fel-o tremer horrorizado...

Sempre a chorar, voltou à pharmacia; estava deserta, o homem anda lá por dentro, a lidar...

Sobre o balcão, embrulhada em papel azul, a caixinha, a caixinha em que estava a salvação, a vida da irmã adorada...

Acudio-lhe uma idéa: repellio a envergonhado só de a ter concebido.

Ella, porém, voltou insistente, persuasiva...

- Tirar sem o boticario ver... Mas era um furto!...

Pelos olhos passou-lhe uma nuvem escura... Vio a irmã na cama, pallida, sem forças, a morrer; à porta o pai, numa afflicção, num desespero, a olhar o caminho, a esperal-o; a mái, ao pé da cama a chorar e a rezar...

Era um furto, era... mas era também a vida da Ritinha...

Não hesitou mais. Os cabellos eriçados, os olhos esbugalhados, a tremer, encolhendo-se, passou entre dous páos da grade, rojou-se pelo chão, como uma cobra, sustendo a respiração. Tomou a caixinha de sobre o balcão. Veio fastando até à grade, passou-a outra vez. Nisto ouvio bulha dentro. De um salto alcançou a rua. O chapéo ficara sobre o banco; não fez caso. Largou a correr com quanta força tinha. Parecia-lhe que o perseguiam; faltava-lhe animo de olhar para traz.

Sempre à disparada, offegante, suando de cansaço e de medo, atravessou o atalho e as praias (COELHO, 1917, p. 75).

Ao analisarmos o relato acima, temos a tendência de julgar a ação do garoto, podendo até mesmo considerar sua ação como um delito e que essa criança precisa ser penalizada. Contudo, entendemos que a conduta dessa criança caíçara foi de furto famélico<sup>69</sup>.

Dessa forma, verificamos o desespero dessa criança, ao buscar desesperadamente salvar sua irmãzinha, levando para sua casa o remédio que tanto ela necessitava. Então não via outra solução a não ser cometer algo que ela mesma, apresar criança, considerava que estava errado fazendo-a se sentir culpada por tal ato.

---

<sup>69</sup> Furto famélico: ocorre quando alguém furta para saciar uma necessidade urgente e relevante. É a pessoa que furta para comer pois, se não furtasse, morreria de fome. Mas o furto famélicos não existe apenas para saciar a fome. Alguém que a furta um remédio essencial para sua saúde, um cobertor em uma noite de frio, ou roupas mínimas para se vestir, também pode estar comentendo furto famélico. O furto famélico não é crime porque a pessoa age em estado de necessidade: para proteger um bem jurídico mais valioso – sua vida ou a vida de alguém – a pessoa agride um bem jurídico menos valioso – a propriedade de uma outra pessoa. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-direito-penal-brasileiro-e-o-furto-famelico/814043102>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

#### 6.5.4. Cultura Caiçara (miscigenação) - Festas religiosas e Folguedos

Também constatamos, no capítulo "São-João - A Julião Machado" no livro de João Phoca (1917), que a cultura caiçara foi influenciada pela miscigenação ocorrida durante o período colonial e imperial, através das culturas indígenas, europeias e africanas. Isso pode ser visto através dos rituais religiosos e festivos da comunidade.

Sobre os dous moitões havia dous copos, um de fundo largo, grosso, e outro de pé torneado, com uma beija trincada. Foi-se ao primeiro a moça, desceu-o com mil cautelas, do alto poiso onde estivera algumas horas, e espreitou.

Na agua que elle continha, até meio, boiava um ovo, ovo com que ella atravessara tres vezes a fogueira, á meia-noite justa, murmurando devotamente:

"Em louvor de S. João". Aquelle ovo ia dizer a sua sorte.

Olhou para dentro do copo, examinou. O ovo estava como ella o collocara, partindo a casca, deixando-o cahir na agua; não tivera modificação alguma: clara e gemma permaneciam juntas, emboladas, não se haviam desagregado. A sua sorte, pois, não mudaria, continuaria aquelle mesmo inferno de vida (COELHO, 1917, p. 64).

A participação das crianças junto à comunidade nos festejos caracteriza o desenvolvimento social e a identidade cultural dos caiçaras.

Formou-se, pelo carreiro orvalhado, a procissão.

A' frente a criança, aos saltos, depois os violeiros, depois, numa bandeja, sobre uma alva toalha de crivo, uma imagem de S. João, com o seu cajado e a ovelhinha deitada aos pés; atraz um mundo de gente, a responder á ladainha que tia Ignacia puxava na sua voz fanhosa. (Coelho, 1917, p. 65).

Vejamos como uma cultura tão específica e representativa como a comunidade caiçara conseguiria se adaptar a uma cultura predominantemente desenvolvida por uma elite que não os representava.

#### 6.5.5. Processo de Aprendizagem da Criança Caiçara

A relação da “criança caiçara” com a aprendizagem é um fator muito natural entre a vida infantil e a vida adulta. O conhecimento é transmitido pela experiência com o meio e no meio ambiente em que vivem, repassando as experiências observando como os outros a vivem e significam.

[...] a preferil-a a todas as outras, de criança, quando ainda andavam ambos de libita, aos pinchos e aos tombos, virando de pernas para o ar toda aquella redondeza. Em todas as suas peraltagens, a Rosinha viva como uma cambaxilra, valente como um rapaz, levada de mil diabos – era a sua companheira predilecta e inseparavel (COELHO, 1917, p. 106).

A aprendizagem das crianças caiçaras se desenvolve nas relações sociais das brincadeiras e das descobertas do ambiente natural onde nascem. Mas também o aprendizado da população caiçara acontece naturalmente pela transmissão do conhecimento dos adultos repassados para os mais novos.

Em casa Chiquinho foi logo indagar do pai qual a melhor espera de pássaros do meio.

O velho Laurinho, caçador matriculado, vaqueano daquela mattaria, indicou-lh’a:

- “Você toma aqui pela fonte; entra na várzea até aquelle lugar onde a gente foi tirar as jissáras. Muito que bem! Obra de suas vinte, vinte e cinco braças para a diante, á mão esquerda, de quem vai, tem uma picada que começa num nhacatirão de bom porte. Você segue com essa picada; vai indo, vai indo, passa por um pântano que tem e, logo na frente, esbarra nuns ingazeiros altos. E’ ahi. Anda passarinho que nem cisco. Aquillo é maitaca, saripóca, papagaio, araponga, que é uma desgraça. E’ de um christão se aborrecer de atirar. A cousa é a gente não se afressurar. Se eles voarem, é esperar, que elles voltam: a fruta está ahi!...”

O rapaz gravou bem na memória as informações e recolheu-se (COELHO, 1917, p. 75).

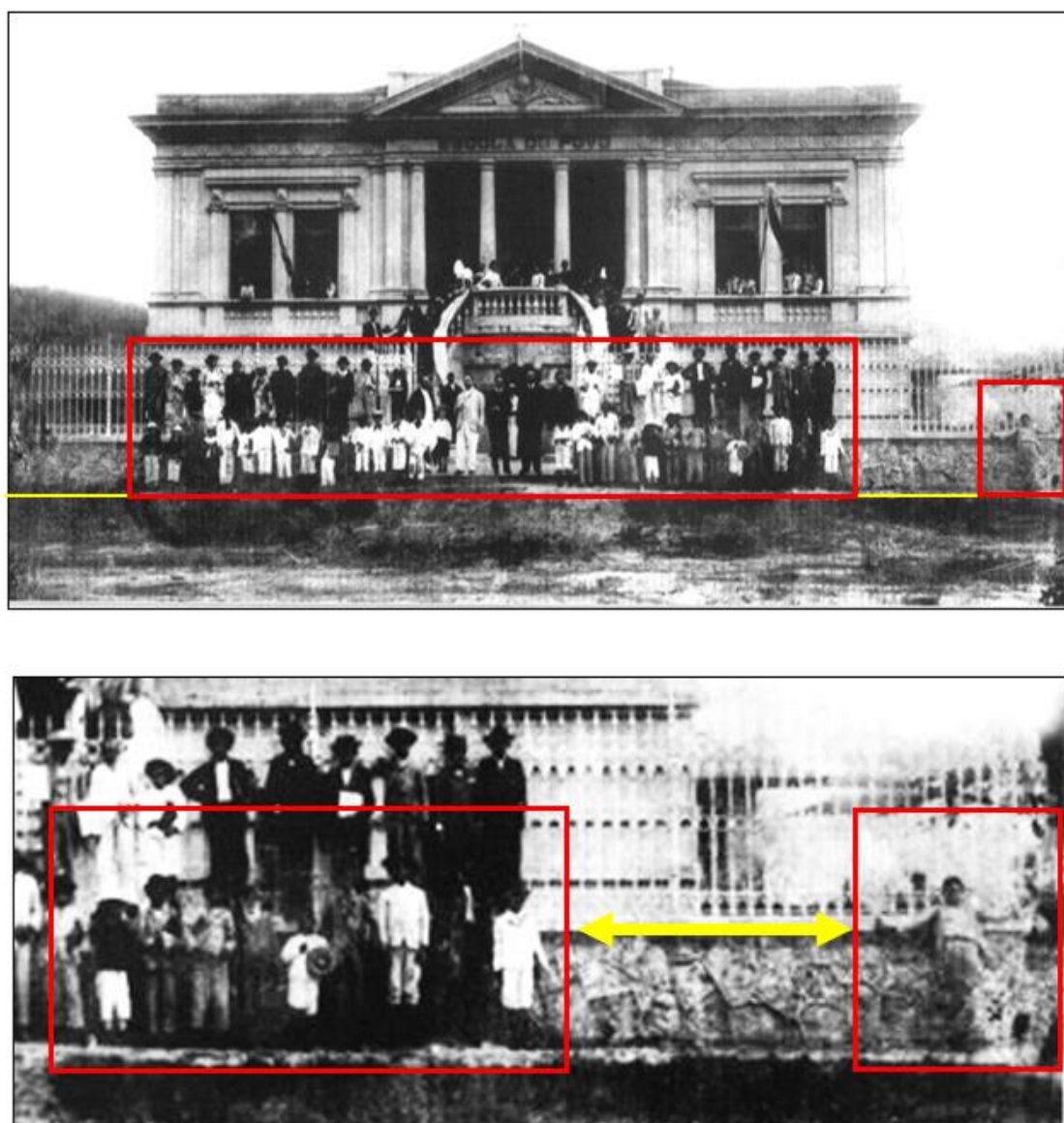
Percebemos que o caiçara adquire conhecimento sobre um fenômeno da natureza pela transmissão do saber pela experiência do pai para o filho, que é uma prática recorrente na vida social da comunidade. O que nos leva a questionar, qual a identificação com o processo de escolarização essa comunidade poderia ter com a construção do saber republicano.

#### 6.5.6. Denúncia - Exclusão da Criança Caiçara do Ambiente Escolar Republicano

Depois de analisar as imagens apresentadas e analisadas durante este estudo, percebemos que deveríamos incluir uma imagem que anteriormente não notamos a sua relevância para auxiliar na análise e defesa desta temática.

Verificamos que a imagem em questão, na sua totalidade, representa a inauguração da Escola do Povo, mas também o contraste social entre a sociedade burguesa vicentina, representada por adultos e crianças organizadas e devidamente trajadas de acordo com os preceitos da sociedade republicana.

Figura 111: Exclusão Escolar



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente – 1905 (2018)

Contudo, se observarmos à direita, há uma criança que está distante fisicamente de todo o grupo daquele meio social; não podemos afirmar que essa atitude de afastamento físico tenha ocorrido por rebeldia dela, sendo que tal atitude acarretaria consequências de castigo.

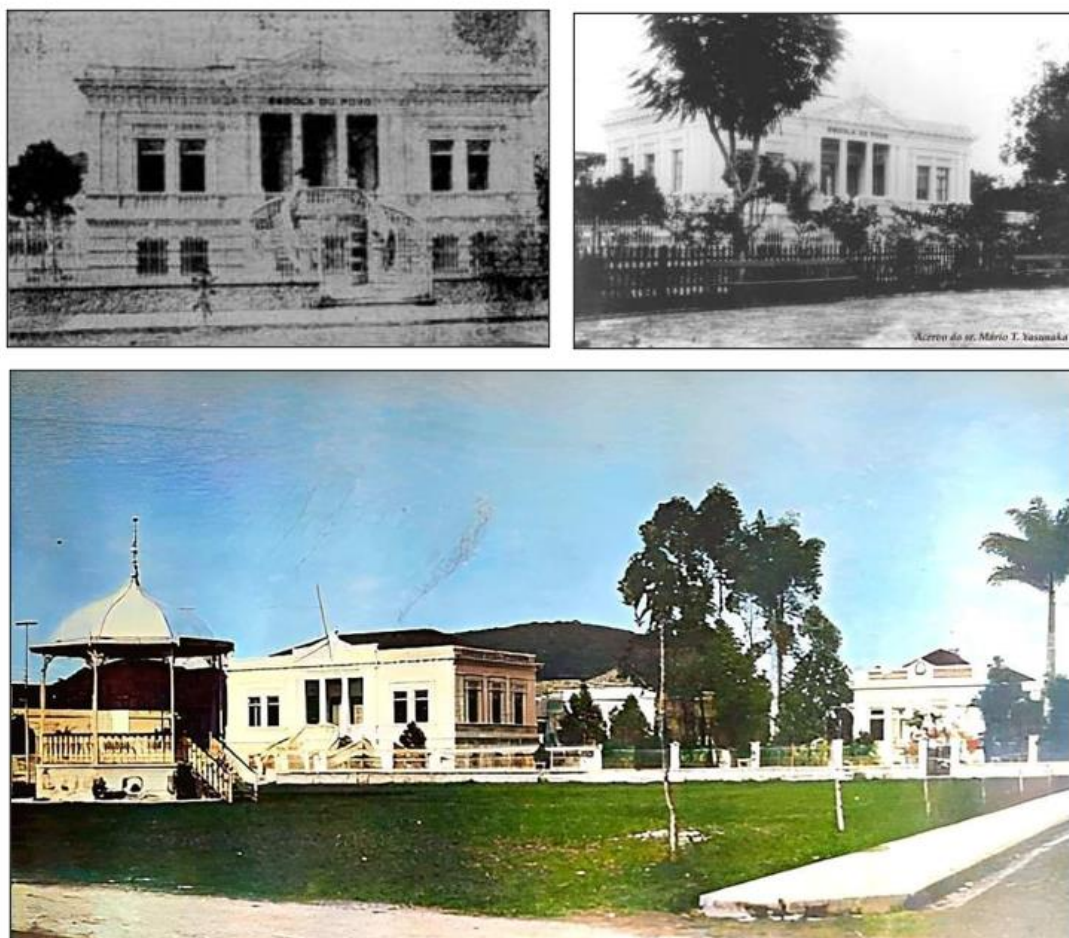
Constatamos que a criança não se enquadra naquela representação idealizada pela sociedade vicentina republicana, mas tivemos a “sorte” de perceber essa criança surge na fotografia de maneira inesperada, denunciando a exclusão social da criança caiçara naquele período retratado.

Esse elemento simbolicamente representado com os valores estéticos da Arquitetura Escolar Republicana, não aparece apenas imagetivamente na fotografia acima, ele é apresentado em muitos outros elementos como estudado nesta pesquisa. Em compensação, Ponce e Saul (2012) refletem e apresentam, qual a ideal contribuição da estética na relação com os cidadãos de uma sociedade.

Cabe optar por uma estética que não exclua, que não discrimine e não oprima, que estimule a crítica e a mudança; que permita aos sujeitos expressar, com liberdade, os pensamentos, os anseios, os desejos e os medos que são, também, condições para uma vida com alegria e beleza (PONCE e SAUL, 2012, p. 14),

Dessa forma, entendemos que muitos fatores contribuíram para o afastamento das crianças caiçaras no processo de escolarização no período republicano, desde a escola isolada até o grupo escolar, como estudamos nesta investigação um desses fatores foi a Arquitetura Escolar daquele período (Figura: 112).

Figura 112: Edifício Escolar – 1º Grupo Escolar de São Vicente (Grupão) – Antiga Escola do Povo



Fonte: Correio Paulistano – 1918 (2018)

Buffa e Pinto (2002) investigou a arquitetura e a educação no estado de São Paulo, onde os autores concluíram quais os fatores que impulsionaram o processo de exclusão das crianças do ensino primário.

[...] o percurso do ensino primário em nosso estado (São Paulo): nas suas origens, os grupos escolares eram pedagogicamente competentes, arquitetonicamente impotentes, socialmente prestigiados e objeto de grande atenção dos políticos republicanos, ainda que atendessem a uma parcela restrita da população. [...] o resultado dessa assimetria foi a



exclusão da escola primária de uma grande parte das crianças paulistas BUFFA e PINTO, 2002, p. 158 e 159).

Dessa forma entendemos que esse mesmo processo de exclusão relatado pelos autores repercutiu no litoral paulista influenciando diretamente no município de São Vicente. Identificamos ainda que o processo de exclusão aconteceu e não foi apenas pelo número de escolas insuficientes para atender a demanda naquela época.

Compreendemos que a elite cafeeira, segundo os seus interesses, buscava imprimir seus valores republicanos nos vários eventos nacionais que proporcionavam para a comunidade caiçara; e assim acreditavam que a comunidade seria escolarizada pelo convívio social (Figura: 113).

Figura 113: A criança e o aluno: características visivelmente excludentes - vestimenta e acessórios da criança caiçara e do aluno escolarizado



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

Verificamos que o Edifício Escolar escolariza pela materialidade as formas de olhar e sentir, esse elemento simbólico contribui com os movimentos estético-didáticos que inventaram e deram sentido a nação escolarizada.

A reconstituição do desenvolvimento do Edifício Escolar e quem o utilizava (ou não) foi um exercício necessário para nossa compreensão e defesa desta tese, apresentando os diferentes momentos com o mesmo ideário escolarizador. (Figuras: 114, 115 e 116).

Figura 114: Reconstituição: Escola do Povo (1893) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

Figura 115: Reconstituição: Escola do Povo (1898) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

Figura 116: Reconstituição: Grupo Escolar de São Vicente (1911) – a exclusão da criança caiçara e a inserção social do aluno escolarizado



Fonte: Acervo Pessoal – Produção do Autor (2025)

Buscamos não findar nossa Análise Crítico - Reflexiva, mas realçar as inquietações existentes antes e durante do desenvolvimento desta tese. Tais inquietações eram referentes o papel social da escola. Essa escola que, historicamente, vem escolarizando a sociedade, que também está subordinada ao poder político e econômico.

Mas ainda assim, ela se apresenta como a expressão de vanguarda, dita formas e formatos de idealização para a sociedade. E busca se expressar na materialidade, através de signos e símbolos, fortalecendo laços, sentidos, sensibilidades e afetos da sociedade. Trouxemos Oliveira (2012), para contribuir em nossa inquietação a respeito dessa palavra tão fortemente citada na sociedade ocidental.

[...] escola continua a nos desafiar como um momento e um lugar do processo de esclarecimento geral, seja como impostura ou como forma acabada do que se entende por moderno. Ou ainda, apenas como um legado a mais das promessas civilizatórias. Entre as teorias que atualizam as críticas e os apelos à desescolarização da sociedade, aquelas que entendem a escola como expressão do que há de melhor no âmbito da transmissão da cultura, muito ainda é preciso fazer para entendermos o que a utopia reformadora pretendeu para a escola e outras formas de educação social, e que legado deixou nas formas atuais assumidas pela sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2012, p. 89).

A escolha para esse tipo de análise reflexiva, tem como objetivo levar em conta aspectos qualitativos da memória e cultura escolar, panorama educacional republicano brasileiro, arquitetura escolar republicana, comunidade caiçara, sentidos afetos e sensibilidades. Considerando que os temas discutidos e examinados nesta tese estão intrinsecamente ligados à qualidade arquitetônica em geral, pode-se dizer que essa qualidade surge da combinação de diferentes elementos qualitativos.

Esses elementos, conectados, não só auxiliam na funcionalidade e estética, como também se espelham nas interações intrincadas entre espaço, cultura e contexto.

Uma constatação que se impõe é o valor estético e simbólico do edifício escolar “Escola do Povo” e “Grupão”, que evidentemente é um modelo clássico da arquitetura escolar republicana paulista. E assim, o edifício escolar não é menos significativo que as demais escolas projetadas e construídas no período republicano do Estado de São Paulo.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos as nossas considerações com um sentimento de inconclusivo, diante da possibilidade e incentivo para abordar uma temática de interesse pessoal e profissional o que se justificou a tese e ainda nos direcionou ao objetivo, agregado a essa realização permitimo-nos desenvolver investigação prazerosa “sem fim” com grandes descobertas e inquietações, que nos levou a escolha do método qualitativo, proporcionando-nos: coletar, classificar, refletir, analisar, correlacionar, reconstituir o processo historiográfico e apresentar.

Diante tanto trabalho para elaborar, desenvolver e escrever esta tese, vamos considera-la inconclusiva, porque a escolha dos assuntos apresentados levantou muitas outras possibilidades de descobertas, análises, reflexões e futuras reconstituições do processo historiográfico para Arquitetura Escolar Republicana, Cultura Caiçara e Ensino na República.

Em relação a Arquitetura Escolar Republicana, os levantamentos nas pesquisas de autores conceituados nessa temática tornaram-se fundamentais, no entanto para o nosso objeto de pesquisa, foi necessária a reconstituição das possibilidades de organização espacial, de alguns momentos históricos que não havia nos registros iconográficos a assim recorremos a outros aportes documentais e bibliográficos. O exercício desencadeou outras formas de métodos qualitativos e quantitativos (esse último não abordado nessa tese) que podem ser utilizados, desenvolvidos e reformulados em outras pesquisas nas áreas sociais e humanas.

Estudar a Cultura Caiçara foi de grande valia para a temática desta tese, aprendizado e conhecimento de autores renomados que nos apresentaram pesquisas e investigações dentro do contexto histórico desde a origem até os dias atuais da comunidade caiçara. Além de uma identificação pessoal e direta com a temática, precisamos nos afastar para compreender as relações política, econômica, social e cultural da comunidade junto a sociedade republicana. Quais as intenções,

tensões, resistências e embates dessas duas culturas, já que uma sobrepôs a outra naquele período histórico investigado e apresentado nesta tese.

Em um mundo que ainda abriga a crença na educação pela razão e que, ao mesmo tempo, vem oferecendo resistência à transmissão cultural de valores herdados; que sob a aparência de oferecer um eterno e falso novo, não melhora a qualidade da vida; é fundamental a retomada do papel da educação escolar assim como a busca de um currículo que contemple a formação humana em todas suas dimensões (PONCE e SAUL, 2012, p. 08).

Verificamos a escola como um elemento de difusão do conhecimento para desenvolvimento social e cultural naquele período histórico, mas também verificamos a influência da escola, como o elemento agregador aos interesses políticos e econômicos ditados pelo ideário republicano que reflete atualmente e, ainda, um elemento segregador, quando se tratava da implantação e racionalização da educação em detrimento as culturas externas como a cultura caiçara abordada nesta pesquisa.

Buscamos também apresentar nesta pesquisa, a relação da comunidade caiçara em específico com o ambiente escolar, tendo em vista encontrar poucas pesquisas com temáticas que tratam os processos educacionais republicanos junto à comunidade caiçara. Tal colocação, não busca apresentar nenhuma forma de crítica ou denuncia, pelo contrário, nos permitiu desenvolver várias possibilidades de investigações e aplicabilidade de métodos, tornando o processo de estudo muito mais atraente, pelas descobertas, sentimento agradável a todo pesquisador.

Dessa forma entendemos que todas essas temáticas se tornam inconcluídas, pelas possibilidades de investigação, método, abordagem, leitura, análise e abrangência dessas temáticas tão instigantes e necessárias para a reconstituição da



historiográfica da educação no litoral paulista, contribuindo assim para a historiografia da educação paulista e brasileira.

Neste contexto, vimos necessário delimitar a pesquisa, fizemos um recorte e buscamos agregar documentos, aportes bibliográficos, reconstituição e análise e assim apresentar o início de um trabalho revela parte de uma historiografia da educação que anteriormente encontravam-se distribuídas entre outras temáticas e assuntos.

Denominamos esta tese como inconclusiva, pois é claro que o processo historiográfico desta investigação não se encerrou, por entendermos que as reflexões e as análises historiográficas que fizemos e apresentamos, não necessariamente significam conhecer “tal como de fato foi” em sua completude, mas recortes de momentos, acontecimentos e personagens; tal entendimento tem como base as obras de Walter Benjamin (1994).

Dessa forma buscamos abrir espaço para novos caminhos a serem explorados por outros investigadores como também deixamos o convite para que mais pesquisadores estejam interessados em colaborar, com o objetivo de desvendar cada vez mais o que ainda permanece oculto na História da Educação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Teses, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso:

BRAGA, Gilson. **Um monumento para a educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913**. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2019.

\_\_\_\_\_. **Primeira Igreja Batista de Santos**. 2004. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização - Patrimônio Arquitetônico Preservação e Restauro) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2004.

MENEZES, Roni Cleber Dias de. **O grupo do Almanaque Literário de São Paulo: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos da propaganda (1876-1885)**. 2006, 238 f. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP, 2006.

SANTOS, Gabriela Cordeiro. **A importância dos arquivos e museus escolares: o Liame (Laboratório de informação, arquivo e memória da educação)**. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2019.

SILVA Jr., Alcides Caetano da. **Instrução pública na segunda metade do século XIX: as escolas e os professores de primeiras letras da Vila de São Vicente (1851 - 1887)**. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2009.

VENTURA, Magda Fernandes Garcia. **A educação em Santos, através do jornal A Tribuna (1930 – 1931)**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2013.

### Livros:

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. (tradução: Pier Luigi Cabra) – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, Edison Telles de. **Vultos Vicentinos – Subsídios para a história de São Vicente**. Empresa Gráfica das Revistas dos Tribunais – S.A. São Paulo – SP, 1972.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas, Rua de mão única – Volume 2**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. (tradução: Maria Paula V. Zurawski, J. Ginsburg, Sérgio Coelho e Clovis Garcia). São Paulo: Perspectiva, 2001.

BUFFA, Ester; PINTO, Gerson de Almeida. **Arquitetura e Educação: organização do espaço propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos-SP: EdUFSCar, INEP, 2002.

BURKE, Peter. **A Escrita da história novas perspectivas**. Magda Lopes (tradução). São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. 3. Ed. – São Paulo: Moderna, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil** – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**, 1ª. Edição, São Paulo, Editoria Brasiliense, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. 1. ed. brasileira. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; \*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, J. Batista Coelho (João Phoca). **Os caiçaras - costumes praianos**, 2ª edição, Livraria Editora – Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **A construção do sentido na arquitetura**. 2ª. Edição. Coleção Debates – Arquitetura - Editora Perspectiva, 1984.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. Edart – São Paulo Livraria editora Ltda, 1ª edição, 1972.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão. **Arquitetura escolar paulista: 1890-1920**. São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços, 1991. 172p.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. (ilustração: Renato Silva). Companhia Editora Nacional, São Paulo/SP, 1971.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. (tradução: Fatima Murad). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARIA Fº, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918)**. 2ª edição, Uberlândia - EDUFU, 2014.

FERREIRA, Avany De Francisco, CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão e MELLO, Mirela Geiger de (organizadoras). **Arquitetura Escolar Paulista: Restauo**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação - FDE. Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 1998.

GERODETTI, João Emilio; CORNEJO, Carlos. **Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** (tradução: Lais Teles Benoir). Editora Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 2013.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. (tradução: Neide Luiza de Rezende), 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. Edição. Revista: Ateliê Editorial, 2001. Pag. 61 a 95.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1979.

\_\_\_\_\_. **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LICHT, Fernando Martins. **Polianteia Vicentina - 450 anos de brasilidade (1532 – 1982)**, São Vicente – SP – Editora Caudex Ltda, 1982.

\_\_\_\_\_. **MORPION – Memória Fotográfica de São Vicente**, São Vicente - SP, 2007.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara: Terra e População: Estudo de Demografia Histórica e História Social de Ubatuba**. 1.ed. Edusp, 2006. 280 p.

\_\_\_\_\_. **História da escola em São Paulo**. 2.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernando Braudel de Economia Mundial, 2014. 496 p.il.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça – O lado noturno das luzes**. Campinas-SP, Ed. Unicamp, 1999.

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta Maria Chagas de - **Historiografia da Educação e Fontes**. Texto encomendado para a XV Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1992.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história**. Curitiba, Ed. UFPR, 2012.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850 – 1900**. São Paulo: Alameda, 2005.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo teoria e prática**. Revista e Ampliada. 3ª. Edição Editora: Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004.

PASTRO, Claudio. **A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço**. São Paulo, Paulus, 2010.

REIS Fº, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. (Uspiana-Brasil 500 anos). Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, São Paulo, 2000.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos Caminhos da Educação Popular 1870-1920**. Edições Loyola, São Paulo – SP, 1996.

PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**, São Paulo, Contexto, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. tradução de Lilian do Valle, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo/SP, Editora Perspectiva, 1972.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Marli Nunes de; ALVES, Caleb Faria e CHIARELLI, Tadeu. **Benedito Calixto: um pintor à beira-mar**. Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto – Libras Terminais. Santos/SP, 2002.

SOUZA, Milton. **ABC dos significados maçônicos**. Academia Goiana Maçônica de Letras, Goiânia, 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. Fundação Editora da UNESP, São Paulo/SP, 1998.

TARDY, Michael. **O professor e as imagens**; tradução de Frederico Pessoa de Barros, São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade – a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. 2ª edição - Rio de Janeiro DP&A, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares e reforma**. Tradução: Manuel Alberto Vieira. Mangualde - Portugal, Edições Pedagogo Lda, 2007.

VITRÚVIO. **Tratado de Architectura**. Tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel; ilustrações de Thomas Noble Howe. Lisboa: IST Press, 2006.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Escolas para a República: Os Primeiros Passos da Arquitetura das Escolas Públicas Paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução: Maria Isabel Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1978.

### Artigos de periódicos:

ARCE, Alessandra. *et al.* Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. *In: Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Editora Autores Associados. Maio/ Jun./ Jul./ Ago 2002 Nº 20. p. 107- 155. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/skcRGkVSS8m4dByb8F6ZbQn/?format=pdf>.

BELLOTTTO, Heloisa Liberalli. *et al.* Objetos, princípios e rumos. (Associação de Arquivistas de São Paulo). *In: Arquivística*. p. 22 e 23, 2002.

BONTEMPI JR., Bruno. *et al.* O pedagogo prático e seu método em perene construção: J. H. Pestalozzi (1746-1827). *In: BOTO, C. Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados*. Uberlândia: EDUFU, 2019. História, Pensamento, Educação. Novas Investigações series, vol. 9, p. 71-87. ISBN: 978-65-5824-027-3. Disponível: <http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-05.pdf>.

CHALOBA, Rosa Fátima de Souza e PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *et al.* “Memórias e representações da inspeção escolar nos álbuns de fotografia de Luiz Damasco Penna (São Paulo, 1928-1959)” - **Cadernos de História da Educação**, v.18, n.3, p.846-877, set.-dez. 2019.

CHARLE, Christophe. *et al.* Nascimento dos intelectuais contemporâneos. *In: História da Educação*, ASPEHE/FaE/UFPel. Pelotas, n. 14, p. 141-156, set. 2003.

CORRÊA, Paulo Celso Liberato. *et al.* República em documentos: “Pátria”. *In: Documentos Museológicos – 3*. - Rio de Janeiro: Museu da República, 2019.

ESCOLANO, Augustin Benito. *et al.* El giro afectivo em la historia de la formación humana, memoria de la escuela y emociones. *In: Historia y Memoria de la Educación*, nº 7, p. 391-422, 2018.

FARIA Fº, Luciano Mendes de & VIDAL, Diana Gonçalves. *et al.* Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *In: Revista Brasileira de Educação* Nº 14, Mai/Jun/Jul/Ago, 2000.

JULIA, Dominique. *et al.* A Cultura Escolar como objeto histórico. *In: Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, nº1, p.9-43, jan./jun., 2001.

KÖNIG, Alice; TAVERNOR, Robert. *et al.* Vitruvio. *In: BBC Radio 4 - "In Our Time"*. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-62401831>. Acesso em: Acesso em 31 de julho de 2023.

KUHLMANN Jr, Moysés; LEONARDI, Paula. *et al.* História da educação no quadro das relações sociais. *In: História da Educação*, Santa Maria, v. 21, n. 51, p. 207-227, abr., 2017. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-34592017000100207&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592017000100207&lng=pt&nrm=iso).

LAURENTINO, Eliana, *et al.* “*Memória e história: potências e tensões nos usos de acervos privados*”. *In: Revista Acervo - Arquivo Nacional*. Disponível: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo>. Acesso em 31 de julho de 2023.

MAGALHÃES, Fernando da Silva. Maçonaria e educação (1889-1930): contribuições para o ideário republicano, p. 303, 2013.

MENEZES, Maria Cristina; SILVA, Eva Cristina Leite da; e TEIXEIRA Jr, Oscar. *et al.* O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história. *In: Horizontes*. v. 23, n. 1, p. 67-76, jan./jun., 2005.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ZAIA, Iomar Barbosa e VENDRAMETO, Maria Cristina. *et al.* Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. *In: Pro-Posições*. v. 16, n. 1 (46) - jan./abr., 2005.

PINEAU, Pablo. *et al.* Historiografia educativa sobre estéticas y sensibilidades em América Latina: Um balance (que se sabe) incompleto. *In: Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Editora Autores Associados v. 18, 2018.

PONCE, Branca Jurema e SAUL, Alexandre. *et al.* A necessidade da estética e da ética no currículo escolar do século XXI. *In: Psicologia da Educação* São Paulo, 34, 1º sem. de 2012, pp. 6-19.

[...]. *et al.* Programa de Preservação de Patrimônio Histórico Urbano (Monumenta) - (1999-2010). *In: MinC – IPHAN*. Disponível: <https://www.heritageanddevelopment.org/files/Article13.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2023.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. *et al.* Gestão de documentos eletrônicos nos arquivos públicos brasileiros. *In Cenário Arquivístico* – (Debates ao 20 de outubro

– Dia do Arquivista) – **Revista da Associação Brasileira de Arquivologia**. Brasília/DF, volume 1, nº 1 janeiro/junho, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. *et al.* Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. *In: Cadernos Cedes*, ano XX, nº 51, novembro/2000. p. 09-28.

THERRIEN, Sílvia Maria Nobrega e THERRIEN, Jacques. *et al.* Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológica. *In: Estudos em Avaliação Educacional*, v. 15, n. 30, jul./dez., 2004.

TORO-BLANCO, Pablo. *et al.* Estética Escolar y Regímenes Emocionales en el Centenario de la Independencia (Chile, 1910). *In: Revista História da Educação* (Online), 2021, v. 25: e106196 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/106196>.

WILLIAMS, Sérgio e PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *et al.* Educação – *In: Almanaque Santista*, Instituto Histórico e Geográfico de Santos – IHGS, Santos/SP, [20--].

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *et al.* As Escolas Públicas Paulistas da Primeira República e seus Arquitetos, *In: Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo n.4 p. 91-106 dez 1993.

### Capítulos de livro:

ALMEIDA, Antônio Paulino de. *et al.* Documentos Históricos - Usos e Costumes Praianos. *In: DIEGUES, Antônio Carlos. Enciclopédia Caiçara, v.4: História e Memória Caiçara*. São Paulo: Hucitec – Nupaub, 2005. p. 47-60.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *et al.* A Evolução do Centro de Santos através de mapas. *In: Arquitetura do Brasil – nº 19 – Patrimônio 1 – 1988-1991*, Petrópolis, RJ. Editora Gráfica Serrana, 1992.

ARAUJO, Alceu Mainard, e LANZELLOTTI, José. *et al.* São Paulo - Os paulistas caiçaras. *In: Brasil: histórias, costumes e lendas*. Editora Três, 1980. p. 56–86.

BACELLAR, Carlos. *et al.* Uso e mau uso dos arquivos. *In: PINSKY, Carla (org.). Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

CASIMIRO, Luís Alberto Esteves dos Santos. *et al.* O método iconográfico e sua aplicação na análise da fachada da Igreja da Madre de Deus em Macau. *In: HERNÁNDEZ, Maria Herminia Olivera Hernández, LINS Eugênio de Ávila (org.)*.

**Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais. Arquitetura e Design.** Salvador :EDUFBA ,2016. Número de série: 978-85-232-1492-0 – **CITCEM**. Porto – Portugal. p. 20 e 21.

GONDRA, José. *et. al.* No repouso dos arquivos: o “ensino público” na escrita Dr. Pinheiro Guimarães. *In:* \_\_\_\_\_. **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o império e a república.** Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco, 2001.

JANOTTTI, Maria de Lourdes. *et. al.* O livro Fontes históricas como fonte, *In:* PINSKY, Carla (org.). *In:* **Fontes Históricas**, São Paulo, Contexto, 2005.

MACIEL, M. Justino. *et al.* Introdução ao Tratado de Arquitetura. *In:* VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura.** Trad. M Justino Maciel. São Paulo: Martins, 2007.

MAUAD, Ana Maria e LOPES, Marcos Felipe de Brum. *et al.* História e Fotografia. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *et al.* História e imagem: iconografia/iconologia e além. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

MONARCHA, Carlos. *et al.* Do Governo Provisório republicano à virada do século. *In:* MONARCHA, Carlos. **A instrução pública nas vozes dos portadores de futuros (Brasil - séculos XIX e XX).** [recurso eletrônico]. - Uberlândia: EDUFU, 2019. 424 p.: il. - (Coleção História, Pensamento, Educação. Série Novas Investigações, v. 8), 2019. p. 129 - 166.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. *et al.* Pesquisas sobre educação dos sentidos e das sensibilidades na história a educação: algumas indicações teórico-metodológicas. *In:* VEIGA, Cynthia Greive; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas.** - 1. ed. - Belo Horizonte MG: Fino Traço, 296 p, 2019, p. 102-147.

ORTEGOSA, Sandra Mara. *et al.* O Urbano e a Modernidade no Brasil. *In:* SECOMANDI, Elcio Rogério. **Arquitetura: memória e crítica.** Leopoldianum (Revista de Estudos e Comunicações da UniSantos), Vol. XXIII - nº 64, Santos - SP, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. *et al.* As elites culturais. *In:* RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-279.

SOUZA, Rosa Fátima, *et al.* Prefácio. *In:* BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo, Cortez, 2005.



TORO-BLANCO, Pablo. *et al.* Vetustos edificios, rincones opacos: los liceos como espacios afectivos. Chile, c.1870-c.1910. *In*: ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; TORO-BLANCO, Pablo. **Infância, juventude e emoções na história da educação**. 1ª. Edição. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2022, p. 93-119.

VEIGA, Cynthia Greive. *et al.* Educação estética para o povo. *In*: TEIXEIRA, Eliane Marta; FARIA Fº, Luciano Mendes de e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos da educação no Brasil**. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 397-422.

#### Anais:

BRAGA, Gilson; KUHLMANN Jr, Moyses. *et al.* Da “Escola do Povo” ao “Grupo Escolar” processo de transformação do edifício escolar privado para o edifício público (1893- 1913). *In*: **CIHELA - XIV CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, Lisboa, Anais [...], 2021.

#### Vídeos:

D’ALESSIO, Vito. *et al.* Dias de Caiçara. *In*. **Dialeto Documentários**, 26.12.2017. 1 vídeo (45 min 00s). Publicado pelo canal: Realização: Dialeto Latin American Documentary – Ministério da Cultura (Lei de Incentivo a Cultura) – FUNDART (Prefeitura de Ubatuba). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0AcEBBIUQ6Q>. Acesso em 31 de julho de 2023.

BARGMANN, Luiz. *et al.* Vida Caiçara. *In*: **LG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP**, 2000. 1 vídeo (26 min. 39s). Publicado pelo Canal. Universidade de São Paulo. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=-C33M\\_DWA\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=-C33M_DWA_w). Acesso em 31 de julho de 2023.

CHIQUINHO, Cleber Rocha. *et al.* Saberes Caiçaras – a reinvenção da cultura caiçara no município de Cananéia – SP. *In*: **Coletivo Jovem Caiçara**, agosto - 2008. 1 vídeo (33 min. 14s). Publicado pelo Canal: Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Estado de São Paulo. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=k6BuOAndhvY>. Acesso em 31 de julho de 2023.

#### Músicas:

GIL, Gilberto e VIANNA, Hebert. *et al.* A Novidade. *In: Selvagem?*, 1986. 1 álbum: Os Paralamas do Sucesso (3 min 09s) - EMI Music Brasil Ltda Released on: 1986-01-06 Producer: Liminha. Publicado pelo canal: YouTube by Universal Music Group - Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_R3oubpwWhI](https://www.youtube.com/watch?v=_R3oubpwWhI). Acesso em 31 de julho de 2023.

### Notícia de jornal (impressos e virtuais)

AGOSTINI, Angelo. *et al.* Armazem. *In: Don Quixote – Jornal Ilustrado*. Ano 3º - Rio de Janeiro – 1897 – nº 80, 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

AZEVEDO, Edison Telles de. *et al.* Vultos vicentinos. *In: A Tribuna*, Santos/SP, ano 1965, n. [--], 1965. p. [--]. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca da UniSantos. Acesso: 2018.

[...]. *et al.* Grupo Escolar de São Vicente. *In: A Baixada Santista* (1915 - 1920). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al.* Grupo Escolar de São Vicente. *In: A Fita* (1912 – 1913 - 1915). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al.* Grupo Escolar de São Vicente. *In: A Gazeta* (SP) – (1914). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al.* Escola do Povo. *In: Almanak Laemmert* (1891 – 1940). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al.* Grupo Escolar de São Vicente. *In: A Notícia* (1913). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al.* Escola do Povo – Grupo Escolar de São Vicente. *In: A Tribuna*. 1994.

[...]. *et al.* O Grupo Escolar de S. Vicente é hoje inaugurado oficialmente. *In: A Tribuna*, Santos/SP, 1913, n.--], 15/11/1913, p, 4. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029b.htm>. Acesso: 2018.

[...]. *et al*: Escola do Povo. *In*: **Cidade de Santos**. 1906. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: A República. *In*: **Correio do Povo**. 1889. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo. *In*: **Correio Paulistano**. (SP) – (1900-1919). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo *In*: **Correio Paulistano**, São Paulo (SP) Ano 1890 / Edição 10009 (1). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

BRANCO, Ailton Pinto de Trindade. *et al*: As três luzes da loja. *In*: **Oficina de restauração do REAA (Rito Escocês Antigo Aceito)**. Novembro/2014. Disponível em: [www.oficina-reea.org.br](http://www.oficina-reea.org.br). <https://www.oficina-reea.org.br/as-tres-luzes-da-loja.html>. Acesso em 31 de julho de 2023.

FRAGA, Sergio. *et al*: Santos de outrora. *In*: **Rede Social Facebook**. Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/141757799932869/user/100002352117799?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/groups/141757799932869/user/100002352117799?locale=pt_BR). Acesso em: 13 de março de 2024.

JORGE, Wagner. *et al*: Fotos Antigas de Santos e São Vicente. *In*: **Rede Social Facebook**. Disponível em: [https://www.facebook.com/wagner.jorge.oliveira?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/wagner.jorge.oliveira?locale=pt_BR). Acesso em: 13 de março de 2024.

MANTOVANI, Maria Ignez e GUARITA, Sonia. *et al*. Litoral norte / ontem-hoje / registros. *In*: Projeto: **EXPOMUS – Exposições, Museus, Projetos, Assessoria e Com. Ltda**. Sobloco Construtora S/A. [---].

[...]. *et al*: Escola do Povo – Grupo Escolar de São Vicente *In*: **Exploração do Litoral**. 1920. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo – Grupo Escolar de São Vicente. *In*: **Jornal do Commercio**. 1922. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo. *In*: **Revista da Semana**. 1902. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: Acesso em: 25 de setembro de 2017.

STOFFEL, Adamastor Amado. *et al*: Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica no século XIX. *In: A Tribuna*, Santos/SP, ano 1989, n [--], 13.06.1989. p. [--]. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca da UniSantos. Acesso: 2018.

OTTERO, Luiz Gomes. *et al*: Patrimônio – Grupão tem sua história resgatada. *In: A Tribuna*, Santos/SP, ano [--], n. [--], 20 jul. 2004. Cidades – São Vicente, A12 p [--]. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca da UniSantos. Acesso: 2018.

VEIGA, Alberto (Redator chefe). *et al*: Pela Instrução. *In: Diário de Santos* (H. Peixoto & C.). Santos, Anno 21, n. 249. 31.08.1893. Disponível em: Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio de Santos. Acesso: 2018.

VEIGA, Alberto (Redator chefe). *et al*: Pela Instrução. *In: Diário de Santos* (H. Peixoto & C.). Santos, Anno XXVII, n. 227. 26.06.1899. Disponível em: Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio de Santos. Acesso: 2018.

SANTOS, Dalmo Duque dos. *et al*: São Vicente - República. *In: blogspot.com*. Disponível em: <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/cronologia-o-porto-das-industrias-e-das.html>. Acesso em: 13 de março de 2024.

SOBRINHO, J. L. da Costa; VEIGA, Alberto (Redator chefe). *et al*: Sociedade Comemoradora do 4º Centenario do Descobrimento do Brasil (S. Vicente). *In: Diário de Santos* (H. Peixoto & C.). Santos, Anno XXVII, n. \_\_\_\_\_. 23.07.1899. Disponível em: Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio de Santos. Acesso: 2018.

SOBRINHO, J. L. da Costa; VEIGA, Alberto (Redator chefe). *et al*: Escola do Povo. *In: Diário de Santos* (H. Peixoto & C.). Santos, Anno XXVII, n. 215. 08.07.1899. Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio de Santos. Acesso: 2018.

STERQUE, Claudio. *et al*: Fotos Antigas de São Vicente. *In: Rede Social Facebook*. Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR). Acesso em: 13 de março de 2024.

[...]. *et al*: Escola do Povo - Grupo Escolar de São Vicente. *In: The Brazilian Review*. (RJ) – (1913). 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo. *In: Vicentino*. 1899. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. *et al*: Escola do Povo. *In: Vicentino*. 1900. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Cidade de São Vicente.** Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_sao\\_vicente-cidade\\_de.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_sao_vicente-cidade_de.htm#_ftn1). Acesso em: 30 de julho de 2018.

[...]. **Cultura.** Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Cultura Escolar e Memória Escolar.** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

RUEDA, Waldir. **Da Escola do Povo ao Grupão.** Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Educação.** Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Escola do Povo.** Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

Arquivo do Estado - Centro Paula Souza. **Escola Técnica Estadual.** Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Espaço Escolar.** Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com>. Acesso em 31 de julho de 2023

[...]. **Espaço Escolar.** Disponível em: <https://br.freepik.com>. Acesso em 31 de julho de 2023

[...]. **Espaço Religioso.** Disponível em: <https://pt.slideshare.net/pastoralbreno>. Acesso em 31 de julho de 2023

[...]. **Espaço Teatral.** Disponível em: <https://questoes.grancursosonline.com.br>. Acesso em 31 de julho de 2023.

RUEDA, Waldir. **Histórias e Lendas de Santos – Clubes – Clube dos Ingleses (1)** - Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0171c.htm#escola>. Acesso em 31 de julho de 2018.

RUEDA, Waldir. **Histórias e Lendas de S. Vicente – Biblioteca NM – 1532 + 460 anos de S. Vicente (L)** - Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh075l.htm>. Acesso em 31 de julho de 2018.

RUEDA, Waldir. **Histórias e Lendas de S. Vicente – Da Escola do Povo ao Grupão (1)** – Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>. Acesso em 31 de julho de 2018.

RUEDA, Waldir. **Histórias e Lendas de S. Vicente – Da Escola do Povo ao Grupão (2)** – Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029b.htm>. Acesso em 31 de julho de 2018.

[...]. **Memórias e Histórias da Educação Profissional**. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Patrimônio Histórico Estadual**. Disponível em: <http://www.condephaat.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Patrimônio Histórico Federal**. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Patrimônio Histórico Municipal**. Disponível em: <https://www.saovicente.sp.gov.br/semana-do-patrimonio-historico>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

[...]. **Patrimônio Mundial**: fundamentos para seu reconhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: Iphan, 2008.

SÃO PAULO. **Manual de trabalho em arquivos escolares** / Secretaria da Educação; elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. - São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.

## Figuras

1. **Vida Social - Iguape**. Acervo Pessoal e outros indicados na figura.
2. **Vida Escolar - Iguape**. Acervo Pessoal e outros indicados na figura.
3. **Vida Social - Iguape**. Acervo Pessoal e outros. indicados na figura.
4. **Escola Espiritualista Ordem e Progresso (Santos/SP)**. Disponível em: <https://www.escolaop.com.br/historia/>; **EEPG “Visconde de São Leopoldo**. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0250z.htm>; **Ônibus “Trólebus”**. Disponível em: <https://nossotransportepublico.wordpress.com>; **Cine Caiçara**. Disponível em: <https://www.agem.sp.gov.br>; **Cinemas no Litoral Cine Caiçara e Iporanga em Santos/SP**. Disponível em: <https://www.cinemasdesp2.com.br/2023/01/caicara-santos-sp.html> e **Memoria Santista, Lindas imagens antigas de Santos - século XX**. Disponível em: [www.SkyscraperCity.com](http://www.SkyscraperCity.com). Acesso em: 31 de julho de 2023.
5. **Desenho** – Cazuza. Indicado na figura.
6. **Escola Olavo Bilac – Santos/SP**. Disponível em: [www.novomilenio.inf.br/santos](http://www.novomilenio.inf.br/santos) e **Escola Estadual “Marques de São Vicente**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2017>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
7. **Sociedade Visconde de São Leopoldo**. Disponível em: <https://www.resjeroteirosbaixadasantista.prceu.usp.br/sitio/predio-da-sociedade-de-sao-leopoldo> e **Colégio do Carmo**. Disponível em: [www.carmo.com.br](http://www.carmo.com.br). Acesso em: 31 de julho de 2023.

8. **Faculdade - FAUS - Santos.** Disponível em: <https://pt.foursquare.com/guipandini> e <https://www.unisantos.br/boletim/boletim088/bol088m3.html>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
9. **Etec Adolpho Berezin.** Disponível em: <http://radiomongagua.blogspot.com> e **Etec Aristóteles Ferreira.** Disponível em: <https://revistadoestudante.com.br/tudo-sobre-a-etec-aristoteles-ferreira/>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
10. **Esquema das Temáticas da Tese** - Acervo Pessoal, indicado na figura.
11. **Espaço Religioso.** Disponível em: <https://pt.slideshare.net/pastoralbreno>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
12. **Espaço Teatral.** Disponível em: <https://questoes.grancursosonline.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
13. **Espaço Escolar.** Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com> e <https://br.freepik.com>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
14. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo.** Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/#2> e **Tombamento a Etec Dra. Ruth Cardoso - Diário Oficial do Estado de São Paulo:** Disponível em: <https://doe.sp.gov.br/>. Acesso em: 31 de julho de 2023.
15. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
16. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
17. **Escola do Povo.** Indicado na figura.
18. **Escola do Povo - Armazém Secos e Molhados.** Indicado na figura.
19. **Painéis Cronológico da Escola.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
20. **Paisagens de São Vicente Sec. XIX.** Indicado na figura.
21. **Cultura Caiçara.** Disponível em: <https://lupaternalostro.com/tipos-tradicionais-brasileiros-o-caicara-lu-paternalostro/> e <https://tribunalivrejornal.com.br/exposicao-angra-cultura-caicara/>. Acesso em: 31 de julho de 2024.
22. **Iconografia gráfica impressa.** Indicado na figura.
23. **Planta de São Vicente – 1876.** Indicado na figura.
24. **Mapas de Santos e São Vicente Sec. XIX.** Indicado na figura.
25. **Mapas de São Vicente –** Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/sv/svmapa.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2018. os demais indicados na figura.
26. **Edifícios Escolares SP – Séc. XIX - Planta** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
27. **Edifícios Escolares SP – Séc. XIX – Elevação** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
28. **Edifícios Escolares SP – Séc. XIX - Corte** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
29. **Planta do Grupo Escolar de São Vicente** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
30. **Reconstituição da Escola do Povo 1893** – Acervo Pessoal e indicado na figura.

31. **Reconstituição da Escola do Povo 1898** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
32. **Reconstituição da Grupo Escolar de São Vicente - 1911** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
33. **Representação do Conjunto Arquitetônico da Escola – Séc. XX** – Acervo Pessoal e indicado na figura.
34. **Localização Geográfica do Município de São Vicente**. Indicado na figura.
35. **Mapas de Santos - Jules Martin – 1878**. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa08g.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.
36. **Vila de São Vicente Séc. XVIII**. Indicado na figura.
37. **São Vicente – 1903**. Indicado na figura.
38. **São Vicente – Séc. XIX**. Indicado na figura.
39. **São Vicente – Séc. XIX**. Indicado na figura.
40. **Escola do Povo – Armazém Secos e Molhados**. Acervo Pessoal e indicado na figura.
41. **Escola do Povo e Igreja da Matriz**. Disponível em: <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html> e <https://plenarinho.leg.br/index.php/2018/07/sao-vicente-berco-da-democracia/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
42. **Escola do Povo e Igreja da Matriz**. Indicado na figura.
43. **Ata de Constituição da Escola do Povo - 1893**. Indicação na figura.
44. **Armazém de Secos e Molhados séc. XIX e XX**. Indicação na figura.
45. **Reconstituição da adaptação no Armazém para implantação da Escola do Povo**. Acervo Pessoal e indicação na figura.
46. **Primeiros Edifícios Escolares em Santos**. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/440977>, e <https://memoriasantista.com.br/o-escholastica-rosa-e-o-testamento-de-joao-octavio-dos-santos/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
47. **Escola do Povo em Campinas**. Disponível em: [https://www.ipatrimonio.org/campinas-escola-do-povo-ferreira-penteado/escola-do-povo-ferreira-penteado\\_02/](https://www.ipatrimonio.org/campinas-escola-do-povo-ferreira-penteado/escola-do-povo-ferreira-penteado_02/). Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
48. **Fachada do Edifício Escolar – “Escola do Povo”**. Acervo pessoal e indicação na figura.
49. **Fachada do Edifício Escolar – “Escola do Povo”**. Acervo pessoal e indicação na figura.
50. **Arquitetura Grega**. Disponível em: <https://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/tag/templo+grego> e <https://aartemodernaeanantesedepois.blogspot.com/2005/11/as-ordens-arquitect243nicas-do.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
51. **Loja Maçônica “A Pioneira” – 1873**. Disponível em: <https://redacolmeia.com.br/2020/05/13/loja-amizade-no-141-a-pioneira-fundada-aos-13-dias-de-maio-de-1832-comemora-188-anos/>. **Academia de Belas Artes**. Disponível em:



- <https://www.projetou.com.br/posts/arquitetura-neoclassica/>, **Museu Nacional**. Disponível em: <https://diariodorio.com/museu-nacional-pode-interromper-obras-devido-a-falta-de-recursos-sem-esse-valor-a-paralisacao-sera-inevitavel/>, e [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canal\\_atendimento/imprensa/copy\\_of\\_noticias/18-de-maio-dia-internacional-dos-museus](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canal_atendimento/imprensa/copy_of_noticias/18-de-maio-dia-internacional-dos-museus), **Museu do Ipiranga**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/uso-politico-do-museu-do-ipuranga-nao-vai-pegar-bem-diz-vice-diretor-da-instituicao.shtml>. Acesso em: 05 de dezembro de 2025.
52. **Frontão**. Disponível em: <https://www.jgrarchitect.com/2024/05/how-to-layout-pediment-350-years-of.html>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.
53. **Etec. Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso**. Disponível em: <https://revistadoestudante.com.br/tudo-sobre-a-etec-dra-ruth-cardoso-%F0%9F%A9%BA/> e <https://etecdrc.com.br/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.
54. **Grupo Escolar de Itatiba**. Disponível em: [https://viajantesemfim.com.br/o-que-ver-e-fazer-em-itatiba-sp/#google\\_vignette](https://viajantesemfim.com.br/o-que-ver-e-fazer-em-itatiba-sp/#google_vignette), **Grupo Escolar Vaz Caminha em Iguape**. Disponível em: <https://www.facebook.com/cidadeiguape/posts/vaz-caminhaesse-grupo-escolar-foi-instalado-em-7-de-janeiro-de-1894-pelo-inspeto/1399007653509088/>; **EEPG Barão de Monte Santo**. Disponível em: <https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/InternaNoticias.aspx?codNoticia=6202&codigoMenu=49&AspxAutoDetectCookieSupport=1> e **EEPSG Cardoso de Almeida**. Disponível em: <https://acontecebotucatu.com.br/educacao/escolas-estaduais-retornam-as-aulas-nesta-quinta-feira-15/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
55. **Schloss Solitude Stuttgart**. Disponível em: <https://www.locationscout.net/germany/1004-schloss-solitude-stuttgart>, e Disponível em: <https://tour-de-kultur.de/2018/07/04/schlossgenuss-in-baden-wuerttemberg-eine-reisevorbereitung/schloss-solitude-stuttgart-ak-1911/>; **Palácio da Guanabara - Rio de Janeiro (1853-1865)**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3227623204234541&set=pcb.3227623750901153> ; **Santa Casa - Salvador**. Disponível em: <https://newsba.com.br/2020/02/04/faculdade-santa-casa-sera-lancada-em-salvador-na-quinta-feira/>, e **Sociedade Visconde de São Leopoldo**. Disponível em: <https://www.resjeroteirosbaixadasantista.prceu.usp.br/sitio/predio-da-sociedade-de-sao-leopoldo>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
56. **Telhas e Telhados**. Acervo Pessoal e indicado na figura.
57. **1ª Reconstituição da Planta da Escola 1898**. Acervo Pessoal e indicado na figura.
58. **2ª Reconstituição da Planta da Escola 1898**. Acervo Pessoal e indicado na figura.
59. **Plantas de Edifícios Escolares – Séc. XIX**. Indicado na figura.
60. **Plantas de Edifícios Escolares – Séc. XIX**. Indicado na figura.

61. **Planta do Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
62. **1ª Reconstituição da Planta da Escola 1911.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
63. **2ª Reconstituição da Planta da Escola 1911.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
64. **Planta, Facha e Perspectiva do Edifício Escolar (1898 e 1911).** Acervo Pessoal e indicado na figura.
65. Cultura Caiçara séc. XX - Disponível em: <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
66. **Pintura Republicana.** Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/> e **Escola Republicana.** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/top.php?t=004>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.
67. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt_BR;);; **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
68. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt_BR;);; **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
69. **Escravos na República.** Disponível em: <https://www.museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/legislacao-brasileira-controle-e-embranquecimento-do-mercado-de-trabalho-livre>. Acesso: 15 de dezembro de 2024.
70. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt_BR;);; **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
71. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadedeSantos/?locale=pt_BR;);; **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em:

- [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
72. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt_BR); **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
73. **Enterros e Comemorações em Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
74. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
75. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
76. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt_BR); **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
77. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
78. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
79. **Santos e São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
80. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
81. **São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
82. **Santos no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
83. **Santos no Séc. XIX e XX – Escolástica Rosa.** Indicado na Figura.
84. **Recebedoria da Fazenda em Santos (República).** Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.
85. **Santos no Séc. XIX e XX.** Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br> e **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR). Acesso em: 15 de outubro de 2018.
86. **São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
87. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt_BR); **Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR); **Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e

<https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.

88. **Praia de São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na Figura.
89. **Fotos Antigas de Santos.** Disponível em: [https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotosantigosdaCidadeDeSantos/?locale=pt_BR;);;
- Fotos Antigas da Praia Grande.** Disponível em: [https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/historiadePG?locale=pt_BR);
- Fotos Antigas de São Vicente.** Disponível em: [https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSaoVicente/?locale=pt_BR) e <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
90. **Grupo Escolar de São Vicente.** Disponível em: [http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129). Acesso em: 20 de novembro de 2018.
91. **Aulas Inaugurais – Escola do Povo.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
92. **Pedra Fundamental – Escola do Povo.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
93. **Construção do Edifício Escolar – Escola do Povo.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
94. **Auxílio Financeiro do Governo Estadual – Escola do Povo.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
95. **Relatório Técnico de Tombamento do Edifício Escolar.** Indicado na figura.
96. **Unificação das Escolas de São Vicente - 1910.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
97. **Governo Estadual reconhece Grupo Escolar de São Vicente - 1913.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
98. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Disponível em: <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.
99. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Disponível em: <https://peabirucalunga.blogspot.com/2019/07/bairros-vicentinos-area-insular.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
100. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
101. **Tombamento do Edifício Escolar.** Indicado na figura.
102. **Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
103. **Grupo Escolar de São Vicente – Banda Infantil.** Indicado na figura.
104. **Grupo Escolar de São Vicente – Comemorações.** Indicado na figura.
105. **Grupo Escolar de São Vicente – Comemorações.** Indicado na figura.
106. **Escola do Povo e Grupo Escolar de São Vicente.** Indicado na figura.
107. **Os Caiçaras.** Acervo Pessoal e indicado na figura.
108. **São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na figura.
109. **São Vicente no Séc. XIX e XX.** Indicado na figura.
110. **Escola do Povo.** Indicado na figura.
111. **Grupo Escolar de São Vicente.** Indicação na figura.
112. **Criança e Aluno.** Acervo Pessoal e indicação na figura.

- 113. **Escola do Povo 1893.** Acervo Pessoal e indicação na figura.
- 114. **Escola do Povo 1898.** Acervo Pessoal e indicação na figura.
- 115. **Grupo Escolar de São Vicente 1911.** Acervo Pessoal e indicação na figura.

#### **Leis/Resoluções/Decretos etc.:**

BRASIL. Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. **Constituição da República Federativa do Brasil - 1988.** D.O.U de 05/10/1988, pág. nº 1, Brasília, DF, 05 de outubro de 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 31 de julho de 2023.

SÃO PAULO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – 1907-1908. Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

SÃO PAULO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – 1908-1909. Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

SÃO PAULO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – 1913. Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

SÃO PAULO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – 1920-1921. Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo, Centro Paula Souza, Cetec - **Plano de Curso – Habilitação Profissional de Técnico em Edificações** nº 185 (Infraestrutura) – 2011.

SÃO PAULO. Resolução SC 44, de 19-12-2019. Processo nº 75385/15. Dispõe sobre o tombamento da Escola do Povo de São Vicente, no Município homônimo. **Diário Oficial Poder Executivo do Estado de São Paulo:** seção I São Paulo, 129 (242) – 79. São Paulo, SP. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/escola-do-povo-de-sao-vicente/>. Acesso em 31 de julho de 2023.